SINVAL MARTINS DE SOUSA FILHO

Aspectos Morfossintáticos da Língua Akwẽ-Xerente (Jê)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
2007

SINVAL MARTINS DE SOUSA FILHO

Aspectos Morfossintáticos da Língua Akwẽ-Xerente (Jê)

Orientadora
Profa. Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio

Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Goiás
2007

SINVAL MARTINS DE SOUSA FILHO

Aspectos Morfossintáticos da Língua Akwẽ-Xerente (Jê)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Goiás/Faculdade de Letras como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia L. B. Braggio.

Goiânia

2007

Sousa Filho, Sinval Martins de.

Aspectos Morfossintáticos da Língua Akwẽ-Xerente (Jê) / Sinval Martins de Sousa Filho; Orientadora Silvia Lucia Bigonjal Braggio. Goiânia, 2007.

p. 331

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, 2007.

1. Aspectos Morfossintáticos da Língua Akwẽ-Xerente (Jê). I. Título.

Aspectos Morfossintáticos da Língua Akwẽ-Xerente (Jê)

Sinval Martins de Sousa Filho

Tese defendida e aprovada no dia 18 de abril de 2007.

Banca Examinadora:

_____

Profa. Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio – UFG
(Orientadora)

_____

Profa. Dra. Maria Suelí de Aguiar – UFG

_____

Profa. Dra. Maria do Socorro Pimentel da Silva – UFG

_____

Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier – UnB

_____

Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido – UEG

_____

Profa. Dra. Heloísa Augusta Brito de Mello – UFG
(Suplente interno)

_____

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori – Unicamp
(Suplente externo)

Ao povo Akwẽ-Xerente,

com admiração, respeito e

eterna gratidão.

Este trabalho foi realizado com auxílio-bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) / Bolsa de Doutorado – Universidade Federal de Goiás (UFG), processo n. 142053/2003-1. Também, contou com bolsa de Doutorado-Sanduíche no País (SWP), UFG-Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), processo n. 308314/2004-2.

Ao CNPq meus sinceros agradecimentos.

AGRADECIMENTOS

"Em tudo daí graças" (I TESS. 5, 18). Obrigado Senhor por manter em mim a chama do seu "amor que tudo sofre, tudo crê, tudo espera e tudo suporta. O amor que nunca falha" (I COR. 13, 7-8).

"Todos os dias é um vai e vem. A vida se repete na estação. Tem gente que chega pra ficar, tem gente que vai pra nunca mais" (Milton Nascimento).
Aos que se foram para sempre:
Meu pai, Sinval Martins († 07/2003),
meus tios: Antônio Queirós († 08/2003), Lourival Leão († 03/2004), Luísa Leão Leite († 02/2005) e Manoel Leite († 08/2006), agradeço-lhes imensamente o legado herdado.
Também, ĩsiwaikẽ, Ainãhrâ Xerente († 02/2005), pelos sorrisos espontâneos e a sinceridade implacável de criança.

Aos Akwẽ-Xerente, por me permitirem as mais agradáveis estadas em seu meio; por me mostrarem um novo homem num mundo outro, possível e real; e por me apresentar o que dizer da sua comunidade de fala, de sua língua(gem). Especialmente aos meus auxiliares de pesquisas: Edite Smikidi, Noemi Wakrtadi, Ilda Nãmnãdi, Diana Kêti, Antônio Samũru, Jeová Sirnãrê, Antônio Siwẽ e Marcelino Kasuwamrĩ.

Aos professores indígenas Tapuio do Carretão (GO), que me fazem descobrir novos sentidos para a descrição e análise da Língua Akwẽ; aos professores Karajá de Aruanã (GO), que me dão força e incentivo em continuar trabalhando com educação escolar indígena e aos professores que trabalham com os indígenas Avá – Canoeiro (GO), Helena e Eunice, e com os Kalunga, Enivam, pelas discussões acerca de educação escolar para a diversidade de povos.

Na medida em que nos tornamos capazes de transformar o mundo, de dar nomes às coisas, de perceber, de inteligir, de decidir, de escolher, de valorizar, de, finalmente, *eticizar* o mundo, o nosso mover-nos nele e na história vem envolvendo necessariamente *sonhos* por cuja realização nos batemos" (FREIRE, 2000 p. 32-3).
A todos que caminharam comigo rumo a uma formação útil a um sonho coletivo, os funcionários da Pós-Graduação da Faculdade de Letras/UFG: Cristina Dalacorte, Francisco Quaresma, Consuelo de Lourdes e Bruno Raphael;
meus professores na FL/UFG: Mary Fátima, Regina Celeste, Heloísa Augusta,

Agostinho Potenciano, Fernando Gil, Magda Shirley, Vera Tietzmann, Dulce Mindlin,
Vera Queiroz, Manoel Sousa, Giuseppe Bertazzo, Rogério Santana, Rosane Rocha,
Aparecida Sebba, Alexandre Badim, Kátia Menezes e Margareth Nunes;
amigos da área de etnolingüística: Eduardo Rivail, Mônica Borges,
Christianne Cunha, Áurea, Ema, Emerson, Silvia Neves e Ednéia;
meus colegas do Programa de Pós-Graduação: André, Leosmar, James Jean,
Fernanda Fernandes, Márcia, Adriana, Carla Janaína, Neuda, Barbra Sabota,
Rodrigo Mesquita e Paulo Henrique;

minhas amigas na UCG:
Annunziata Custódia, Rita de Cássia, Helen Amorim e Cristina Reinato;

Às professoras Dra. Zaira Turchi, Dra. Marilúcia Mendes
e ao professor Dr. Jorge Santana,
pelas torcidas e incentivos constantes e por me lembrarem da
minha ligação direta com a Literatura;

Ao professor Dr. Aryon Rodrigues, por toda atenção e receptividade dispensadas
durante o curso Tópicos de Lingüística Histórica (LALI/UnB-2/2003) e por toda
contribuição aos estudos das línguas brasileiras;
Meus companheiros de curso no LALI/UnB: Zoraide, Dioney, Leia, Jéferson,
Eurípedes e Adriana Viana (*in memorian*);

À professora Dra. Lucy Seki, por me orientar
no curso de Doutorado Sanduíche no País – SWP e
pelos momentos profícuos que realizamos no IEL/Unicamp-1/2005;
Meus companheiros de curso na Unicamp:Wiliiam, Raynice, Antônia e Valéria;

À profa. Dra. Daniele Grannier,
por me aceitar no Laboratório de Morfologia B (LIV/UnB-1/2006) e
por todas as discussões pontuais sobre morfossintaxe Xerente;
Aos meus amigos do curso de Morfologia/LIV:
Shelton Lima, Rodrigo, Edineide Silva, Janete Alves, Virgínia Meirelles
por tudo o que me ensinaram de Lingüística;

Aos meus amigos da SEDUC-TO: Dora, Soraya, Joana Euda,
Aldeli, Cleide, Alice, Nelder, Orcidália, Washiy Karajá e Marilene;

Ao amigo Francisco Edviges Albuquerque, pelos cultos intelectuais que desenvolvemos
em Tocantinópolis, Tocantínia, Miracema e no Paraíso, sem os quais seria difícil
compreender a Academia;

Aos Pastores Rinaldo de Mattos e Carlos G. Krieger, por todo conhecimento partilhado, por suas genorisidades e por toda doação aos assuntos relacionados aos Akwẽ.

Aos amigos do Coral Vozes & Cores da UCG, em especial a Elene Tipple, Alessandra Plaza, Linda Cavalcante,
Rafael Chedid, Gleiton Eddy, Tales de Oliveira e J.J. Júnior.

Aos amigos Ramon Campos e Renato Gomide, por tornarem meus dias mais Acústicos, por arranjar comigo canções que dão sentido à vida, por me deixarem à frente do vocal da banda Acoustic Metal e por toda ajuda no desenvolvimento desta tese.

As amigas Eliane Almeida, Mariana Garcia, Maria Inácia, Eliane Marquez, Deise Nancy, Franci(mária) Bergamo e Cristina Braga, pela disposição em me ouvir e por toda discussão acerca de vários aspectos das sociedades indígenas e não-indígenas.

Aos amigos Tiago Ribeiro e Edward Luz, por todas as discussões sobre sociedades e linguagens.

Aos Profs. Drs. Norvin Richards (MIT/USA) e Viveiros de Castro (UFRJ/BRA), por todas as sugestões e discussões on-line.

Por fim, agradeço a toda minha família por tudo:
a Minha querida mãe, Sebastiana Rita de Sousa, meus irmãos, Adilson Martins e Ademar Martins, minhas irmãs, Luzia de Fátima, Rita de Sousa, Almeri Martins, Leide Martins e os sobrinhos Tâmara, Marcos, Jordan, Felipe, Moisés, José Alberto e Ana Laura, agradeço-lhes o amor sem medida que a cada dia nos move.

A minha família em Campinas – SP: Tia Altamira, Tio Anderson, Júnior, Rita, Marcos, Sandra, Wagner, Kiko, Nilson, Rose, Tânia, Gabriela, Bruno, Anderson Neto, Larissa e Vinícius, agradeço-lhes a hospitalidade e os cuidados amorosos que me dispensaram.

Aos familiares, legais, Alex, Itelma, Adriana, Jerônimo, Getúlio e Francisco, obrigado pela torcida por êxito.

Aos não citados, mas não esquecidos, meu muito obrigado por todas as palavras e gestos que vieram acrescer minha vida de coisas boas.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

À minha orientadora Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio, pelos anos de convívio em diversos trabalhos na UFG e no Projeto LIBA, pela orientação construtiva e segura e, ainda, pelos exemplos de probidade, carinho e paciência.

À professora Doutora Daniele Marcelle Grannier, pela forma humana e hábil de saber resolver comigo tantos probleminhas de descrição e análise lingüísticas, respeitando minhas limitações, valorizando-me e me estimulando.

Às professoras Doutoras Vânia Casseb Galvão, Maria Suelí de Aguiar, Maria do Socorro Pimentel da Silva, Gláucia Vieira Cândido, Heloísa Augusta Brito de Mello e Ao professor Doutor Angel Humberto Corbera Mori, que leram esta tese e de forma crítica, positiva e amiga colaboraram com sugestões pertinentes.

Aos professores indígenas do Estado do Tocantins – Karajá, Javaé, Xambioá, Apinajé, Krahô e Xerente – com quem tenho convivido desde 1998 e tenho aprendido que aquele que planta e o que rega são um; mas cada um recebe a sua recompensa segundo o seu trabalho.

Purple gold and blue
living colors every hue
flowers in the garden of the gods
no one can ever know
if you never saw them grow
but this darkness is really full of light
(Bruce Dickinson – Navigate the seas of the sun)

LISTA DE TABELAS

Quadro n. 1 - Fonemas consonantais 73
Quadro n. 2 - Fonemas vocálicos 74
Quadro n. 3 - Pronomes pessoais livres 120
Quadro n. 4 - Marcadores e prefixos pessoais 130
Quadro n. 5 - Pronomes demonstrativos em Xerente 134
Quadro n. 6 - Expressão TAMP em Akwẽ-Xerente (Jê) 158
Quadro n. 7 - Conjunções Xerente 177
Quadro n. 8 - Posposições da língua Akwẽ 181
Quadro n. 9 - Prefixos Relacionais usados nos nomes 254
Quadro n. 10 - Predicados verbais e o uso de Prefixos Relacionais 254
Quadro n. 11 - Alomorfia do Prefixo Relacional z- 257
Quadro n. 12 – Pronomes Pessoais Livres 277
Quadro n. 13 - Prefixos Pessoais (marcadores absolutivos) 279
Quadro n. 14 - Marcadores TAMP ou marcadores pessoais nominativos 279
Quadro n. 15 - Casos gramaticais da língua Xerente 293

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Mapa de localização de Tocantínia – Tocantins – Brasil 44
Figura 02 - As metades e clãs Xerente na linguagem corporal 58
Figura 03 - Plano de aldeia proposto por Kurt Nimuendaju 65
Figura 04 - O plano de ferradura aplicado à organização Xerente de 2006 66

ABREVIATURAS

A	=	Sujeito de verbo transitivo.
ABES	=	Abessivo.
ABLA	=	Ablativo.
ADES	=	Adessivo.
ADT	=	Advertência.
ADV	=	Advérbio.
ALA	=	Alativo.
ARG	=	Argumento.
BEN	=	Benefactivo.
CAUSA	=	Posposição que indica causa.
CF	=	Comunidade de Fala.
cf.	=	Conforme, conferir em.
CIT	=	Citacional (partícula).
CL	=	Consoante de ligação.
CLAS	=	Classificador.
COM	=	Comitativo.
CONCL	=	Conclusivo (terminativo).
CONJ	=	Conjunção.
COP	=	Cópula.
CPTV	=	Completivo.
DAT	=	Dativo.
DEM	=	Demonstrativo.
DESPR	=	Desprovimento.
DIM	=	Diminutivo.
DIR	=	Diretiva (partícula).
DU	=	Dual.
DUBID	=	Dubidativo.
ELA	=	Elativo.
ENF	=	Enfático.
ERG	=	Ergativo.

EXORT = Exortativo.
EXP. IDIOM = Expressão Idiomática.
Ev. = Evidencial (evidenciativo).
EVID = Entrada lexical evidencial.
FRUST = Frustrativo.
FUNAI = Fundação Nacional do Índio.
FUT = Futuro (tempo).
FUT.E.Ev. = Futuro enfático Evidencial.
FUT.I.Ev. = Futuro Imediato Evidencial.
GER = Gerúndio.
HAB = Habitual (tempo).
HON = Honorífico.
HORT = Hortativo.
ILA = Ilativo.
I = Imediato
IMP = Imperfectivo (aspecto).
INCOA = Incoativo (aspecto).
INES = Inessivo.
INST = Instrumento, instrumental.
INTERJ = Interjetiva (partícula).
INTS = Intensificador.
IPA = Alfabeto Internacional de Fonética.
IPTVO = Imperativo.
IRRE = *Irrealis* (modo).
L1 = Primeira língua.
L2 = Segunda língua.
LIBA = Projeto Línguas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (análise e descrição) e Tipologias Sociolingüísticas.
lit. = Literalmente (tradução literal).
MAL = Malefactivo.
MED = Voz média.
N = Nome.
N-cp = Nome-conceito de propriedade.

NEG = Negação.
NMZ = Nominalizador.
N.Pes = Nome pessoal ou nome próprio.
NGR = Nome Genérico Relacional.
NSG = Não singular (corresponde ao dual/plural).
O = Objeto de verbo transitivo.
PARTC = Partícula.
PARTT = Partitivo (caso).
PAS = Passado (tempo).
PES = Pessoal (nome pessoal ou próprio).
PIH = Prefixo de Indeterminação Humana.
PP = Posposição Possessiva.
P.REM = Passado Remoto (tempo).
PERF = Perfectivo (aspecto).
PL = Plural.
POSP = Posposição.
Pr = Processo.
PRED = Predicativo.
PROG = Progressivo (tempo).
Pron.Ind. = Pronome Indefinido ou Indeterminado.
Pron.Int. = Pronome interrogativo.
PRPS = Propósito.
ps = Pessoa.
R = Prefixo Relacional (R1, R2, R3 e R4).
REAL = *Realis* (modo).
RECP = Recíproco.
REF = Reflexiva (partícula).
REPTI = Repetição (repetidamente).
S = Sujeito de predicados/sentenças intransitivas.
SG = Singular.
SIL = Instituto Lingüístico de Verão.
SUBJTV = Subjuntivo.
TRANSF = Transformação, processo.

TAM = Tempo, aspecto e modo.
TAMP = Tempo, aspecto, modo e pessoa.
TM = Tempo e modo.
UEG = Universidade Estadual de Goiás.
UFG = Universidade Federal de Goiás.
UnB = Universidade de Brasília.
Unicamp = Universidade Estadual de Campinas.
V = Verbo.
VL = Vogal de ligação.
VOC = Vocativo.
1 = Primeira pessoa do singular.
2 = Segunda pessoa do singular.
3 = Terceira pessoa do singular.
1DU = Primeira pessoa do dual.
2DU = Segunda pessoa do dual.
3DU = Terceira pessoal do plural.
1pl = Primeira pessoa plural.
2pl = Segunda pessoa plural.
3pl = Terceira pessoa do plural.
+ = Adição de dois elementos.

Exemplos de usos de abreviaturas em bloco:

FUT.IMP.IRRE = Futuro (tempo) imperfectivo (aspecto) *irrealis* (modo).
FUT.E.Ev.IRRE = Futuro enfático evidencial *irrealis*.
FUT.I.Ev.IRRE = Futuro imediato evidencial *irrealis*.
HAB.IMP.IRRE = Habitual imperfectivo *irrealis*.
IPTVO.ADT = Imperativo de advertência.
IPTVO.NEG = Imperativo negativo.
PARTC INTERJ = Partícula interjetiva.
PAS.INT = Passado interrogativo.
PAS.PERF.REAL = Passado perfectivo *realis*.
PAS.PERF.REAL.Ev. = Passado perfectivo *realis* evidencial.

PROG.IMP.REAL	=	Progressivo imperfectivo *realis*.
Pron. Int. Pl	=	Pronome interrogativo plural.
1 ps sg/DU/pl	=	Primeira pessoa do singular ou do dual ou do plural.

RESUMO

Embora o Brasil tenha mais de 180 línguas indígenas (Rodrigues, 1986), a documentação (descrição e análise) dessas línguas ainda é uma tarefa a se cumprir. Durante os 20 últimos anos, lingüistas do mundo todo têm assinalado a dramática situação de perda de línguas minoritárias em um curto período de tempo. Dado o seu significado para o conhecimento científico das línguas do mundo, este estudo pretende ser uma contribuição à Lingüística e aos indígenas que falam a língua Akwẽ-Xerente. Conseqüentemente, esta tese é a primeira descrição detalhada da língua Akwẽ-Xerente, língua do Brasil Central, filiada à família lingüística Jê (Rodrigues, 1986), falada por ± 3.100 indivíduos. Como várias línguas indígenas, a língua Akwẽ-Xerente se encontra ameaçada de extinção (Braggio, 2002). Este estudo preenche uma lacuna nos estudos sobre línguas indígenas do Brasil. Assim, por um lado, fornece informações sobre a gramática da língua Akwẽ-Xerente, contribuindo, dessa forma, com os estudos da ciência Lingüística e, por outro lado, reduz o número de línguas que não foram descritas. Nesse sentido, os objetivos desta tese são: a) tornar conhecida uma língua indígena do território brasileiro; b) contribuir com os estudos lingüístico-comparativos da família Jê; e c) propiciar aos falantes de uma língua ameaçada de extinção condições para a elaboração de materiais didáticos na língua indígena e, com isso, de propor ações de vitalização da língua Akwẽ-Xerente. Para tanto, o estudo está dividido em quatro capítulos. No capítulo 1 é apresentada a situação de contato do povo Xerente com os não-indígenas e alguns aspectos da organização social dos Akwẽ. Do capítulo 2 ao 4, são descritos e analisados aspectos fonológicos e morfossintáticos da referida língua. Como a língua Akwẽ-Xerente não conta com trabalhos anteriores de descrição lingüística, buscou-se nesta tese explicar detalhadamente tantos os morfemas quanto as palavras que compõem a morfologia da língua. Na descrição da sintaxe, destacaram-se aspectos relacionados à constituição das sentenças simples. Finalmente, o estudo da língua Akwẽ-Xerente é parte de um projeto de pesquisa maior, o LIBA (Línguas Indígenas Ameaçadas: documentação (análise e descrição) e tipologias sociolingüísticas) que descreve e analisa aspectos gramaticais e sociolingüísticos das línguas Akwẽ-Xerente e Terena visando a contribuir com a educação escolar desses povos e nas políticas de vitalização das referidas línguas.

Palavras-chaves: Lingüística; Línguas ameaçadas de extinção; Língua Indígena; Akwẽ-Xerente (Jê); Gramática; Morfossintaxe.

ABSTRACT

Although Brazil has more than 180 indigenous native languages (Rodrigues, 1986) the studies documenting (describing and analyzing) those languages are still few. During the last 20 years many linguists all over the world have signaled the dramatic loss of many of those languages in a short period of time. Given their significance to the scientific knowledge of the languages of the world our work intend to be a contribution to the field and to the native indigenous language speakers. In this sense, this study is the first comprehensive description of the grammatical structure of Akwẽ-Xerente, a language of Central Brazil, and a member of the Jê language family. Spoken by some 3,100 people, Akwẽ-Xerente is at present potentially, though not severely, endangered. This grammar fills a lacuna as it provides an extensive account of the structure of Akwẽ-Xerente by the description of the language in order: a) to divulge an indigenous language from Brazil; b) to contribute to a Jê comparative grammar; and c) to document an endangered language, especially the ones of the Brazilian country. The work is composed by four chapters. Chapter one presents the Akwẽ-Xerente people situation and some aspects of their social organization. From chapter two to four, we describe the phonological and morphosyntactic aspects of the Akwẽ-Xerente language. As any other researchers have not described this particular language, we describe its morphology in a most expanded way, by explaining the function of each morpheme into each grammatical class. In addition, we comment general aspects of the syntax. Finally, the study of the Akwẽ-Xerente language is part of a research that has the objectives to describe the phonological, morphological and syntactic aspects of indigenous native languages as well as to enlarge the knowledge of the sociolinguistic situations, mainly of the Akwẽ-Xerente and Terena Languages, known as the Project LIBA (Línguas Indígenas Ameaçadas: documentação (análise e descrição) e tipologias sociolingüísticas).

Keywords: Linguistics; Endangered language; Indigenous language; Akwẽ-Xerente language; Grammar; Morphosyntactic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 26

Metodologia 31

O Projeto Línguas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (Análise e Descrição) e Tipologias Sociolingüísticas (LIBA) 34

Formato da tese 35

CAPÍTULO 1 - ROMWASKU KTURÊKI – NOTAS BREVES 38

1.1 Akwẽ-Xerente (Jê): a história noticiada 38

1.2 Aspectos Antropológicos 45

1.3 A questão dos nomes próprios ou pessoais no âmbito acadêmico 50

1.3.1 Os nomes próprios ou pessoais em Akwẽ-Xerente 52

1.3.2 A teoria da referência e os nomes em Akwẽ - aproximação 56

CAPÍTULO 2 - A LÍNGUA AKWE EM SUA CONDIÇÃO MINORITÁRIA 71

2.1 Estudos sobre a língua Xerente (Jê) 71

2.1.1 Inventário de fones e fonemas da língua Xerente 73

2.1.1.1 Fones e fonemas consonantais e vocálicos 73

2.2 Conflito diglóssico: desvelador de conflitos de ordens várias 75

CAPÍTULO 3 - DELIMITAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DAS CLASSES DE PALAVRAS EM AKWE-XERENTE (JÊ) 82

3.1 Nomes em Xerente 84

3.1.1 Morfossintaxe do nome em Xerente 85

3.1.1.1 Formas de marcar a pluralização no Nome Xerente 89

3.1.2 Marcação de gênero em Xerente 93

3.1.3 Morfologia Avaliativa ou marcação de graus nos nomes da Língua Akwẽ 98

3.1.4 O marcador de ênfase 101

3.1.5 Formação de nomes em Xerente 102
3.1.5.1 Os nominalizadores -zɛ e -kwa 102
3.1.6 Nomes compostos 105
3.1.7 O nome marcado pela categoria de caso 108
3.1.8 O nome no caso genitivo-possessivo 109
3.1.9 Classificadores em Xerente 112
3.1.10 Termos de classe 113
3.1.11 Nomes de conceitos de propriedade ou N-cp 115
3.2 Pronomes em Akwẽ-Xerente 116
3.2.1 Pronomes pessoais livres 117
3.2.1.1 Prefixos pessoais 123
3.2.1.2 Marcadores específicos de 3as. pessoas 127
3.2.1.3 Marcadores pessoa-aspectuais 128
3.2.1.4 Akwẽ-Xerente: língua pro-drop 132
3.2.1.5 Pronomes demonstrativos 133
3.2.1.6 Pronomes reflexivos 134
3.2.1.7 Pronome recíproco 135
3.2.1.8 Pronomes indefinidos 136
3.2.1.9 Pronomes interrogativos 137
3.3 O Verbo em Xerente – Considerações Preliminares 139
3.3.1 A expressão de TAMP em Akwẽ 145
3.3.1.1 O modo *realis* em Xerente 147
3.3.1.2 O morfema *realis* {t} e as distinções tempo-aspectuais Xerente 148
3.3.1.3 O presente progressivo neutro e o evidencial 150
3.3.1.4 O modo *irrealis* em Xerente 153
3.3.1.5 O modo Imperativo 159
3.3.1.6 O exortativo 163
3.3.1.7 O particípio 163
3.3.1.8 O gerúndio 164
3.4 Advérbios 166
3.4.1 Tipos de advérbios em Xerente 166

3.4.1.2 Advérbios de modo 167
3.4.1.3 Advérbios de lugar 168
3.4.1.4 Advérbios de tempo 169
3.4.1.5 Advérbios de negação 170
3.4.1.6 Advérbio de dúvida 171
3.4.1.7 Advérbios de intensidade 172
3.4.1.8 Advérbios de afirmação 172
3.4.1.9 Locuções adverbiais 173
3. 5 Conjunção 174
3.6 Posposições 178
3.7 Partículas 182
3.7.1 Subgrupos de partículas 183
3.7.1.1 Partículas flutuantes 183
3.7.1.2 Partículas que precedem verbos e nomes 186
3.7.1.3 Partículas de primeira posição 186
3.7.1.4 Partículas de segunda (terceira) posição 187
3.7.1.5 Partículas finais 191
3.7.1.6 Partículas interjeitivas 194

CAPÍTULO 4 - ASPECTOS DA SINTAXE 197
4.1 Sintagmas da língua Akwẽ 198
4.1.1 Sintagmas nominais 198
4.1.1.1 Valência no sintagma nominal possessivo 202
4.1.1.2 O nome nas construções possessivas da língua Xerente 203
4.1.1.3 Nomes bivalentes 204
4.1.1.4 Nomes monovalentes 204
4.1.1.5 Posposição possessiva em Xerente 205
4.1.1.6 Nomes que expressam Conceitos de Propriedade (Sintagmas com N-cp) 206
4.1.2 Sintagmas verbais 207
4.1.3 Sintagmas adverbiais 209
4.1.4 Sintagmas posposicionais 210
4.2 Predicados em Xerente 211

4.2.1 Predicado nominal da língua Xerente 212
4.2.1.1 Predicados eqüativos 213
4.2.1.2 Predicados existenciais 215
4.2.1.3 Predicados possessivos 217
4.2.1.4 Predicados locativos 217
4.2.1.5 Predicados atributivos ou predicativos (estativo – predicativo) 218
4.2.2 Predicados verbais 228
4.3 Voz gramatical 232
4.3.1 A voz reflexiva 233
4.3.2 Voz recíproca 235
4.3.3 Voz média 236
4.4 Condicionamento sintático de formas verbais 236
4.4.1 Formas supletivas 237
4.4.2 Verbos com duas formas 242
4.5 Aspectos morfossintáticos e semânticos – estrutura da sentença 246
4.5.1 Prefixos relacionais da língua Akwẽ-Xerente (Jê) 246
4.5.1.1 Funções desempenhadas pelos prefixos relacionais da língua Akwẽ 248
4.5.1.2 O uso dos prefixos relacionais nos sintagmas e predicados nominais 248
4.5.1.3 Prefixos relacionais nos sintagmas nominais possessivos 249
4.5.1.4 Atribuição e prefixos 251
4.5.1.5 Predicados nominais com prefixo relacional 251
4.5.2 Predicados verbais e o uso de prefixos relacionais 254
4.5.3 Alomorfia do prefixo relacional 256
4.5.4 Indícios históricos da morfologia flexional 261
4.5.5 Funções desempenhadas pelos prefixos relacionais 262
4.6 Sistema de casos da língua 265
4.6.1 O nome no caso genitivo-possessivo 266
4.6.2 O caso genitivo ou possessivo realizado pela posposição possessiva *te* 268
4.6.3 Predicados nominais e os casos da língua 269
4.6.4 Casos e posposições 270

4.6.5 Casos Gramaticais: *nominativo/ergativo/partitivo e absolutivo* – casos do sujeito e do objeto 277
4.6.6 O ergativo-absolutivo e os predicados intransitivos 288
4.6.6.1 Ergatividade e tempos verbais (contexto de ocorrência) 289
4.6.6.2 Posposição *te:* casos ergativo e genitivo 292
4.6.7 O caso partitivo – princípios de análise 293
4.7 Reflexão acerca da ordem dos constituintes em Xerente - aspectos preliminares 295
4.7.1 A ordem das palavras na Gramática Funcional 295
4.7.2 A língua Xerente e a ordem dos constituintes 298
4.7.3 A ordem SOV em Xerente 300
4.7.3.1 Ordem nas orações intransitivas 301
4.7.3.2 Adposição e ordem vocabular 302
4.7.3.3 Adjetivação e genitivos: modificadores nominais e ordem dos constituintes Xerente 302
4.7.3.4 Modificadores e o núcleo O-V 303
4.7.3.5 Possessivos na ordem 304

CONSIDERAÇÕES FINAIS 306

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 309

ANEXOS

Anexo 1 - Trecho da narrativa sobre o surgimento do fogo (1ª. parte) 322
Anexo 2 - Padi waskuzɛ ‘a história do tamanduá’ 325

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Em 1993, iniciamos uma jornada de formação universitária que culmina neste trabalho final do curso de Doutorado em Letras e Lingüística – Área de Estudos Lingüísticos – da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Não caberia neste espaço a resenha de toda a história acadêmica construída ao longo de 11 anos de estudo, 04 anos para a graduação, 03 para o mestrado e outros 04 para o doutorado. No entanto, sentimo-nos tentados a traçar partes do percurso que nos levaram a enveredar nos caminhos da Lingüística Antropológica ou Indígena.

No final do ano de 1996, concluída a licenciatura em Língua Portuguesa do curso de Letras da Universidade Federal de Goiás, decidimos que trabalharíamos com educação escolar na Rede Pública do Estado de Goiás, mas o desejo de estudar uma outra língua ainda persistia em nossa mente. Assim, em 1997, voltamos ao curso de Letras para continuar o estudo da Língua Inglesa, interrompido na 4ª. série para "adiantar" o recebimento do diploma e poder trabalhar, inserirmo-nos no mercado de trabalho. Na volta aos estudos, o desejo de conhecer novas estruturas gramaticais de outras línguas cresceu. Tivemos conhecimento dos estudos lingüísticos direcionados às línguas indígenas dos Estados de Goiás e Tocantins. Uma possibilidade de estagiar no Museu Antropológico da UFG se aventou e não perdemos a oportunidade de ingressar naquele centro de pesquisa.

No Museu, um mundo novo veio ao nosso encontro. Seis sociedades indígenas freqüentavam os espaços que ocupávamos. O setor de Etnolingüística, encarregado pelas pesquisas em línguas indígenas, contava como integrantes de seu corpo docente as professoras Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio, coordenadora, Dra. Marita Pôrto Cavalcante, Dra. Raquel A. F. Teixeira, Dra. Maria Suelí de Aguiar e MSc Lydia Poleck. A Dra. Braggio nos convidou para as reuniões de Educação Escolar Indígena e, a partir do momento que ingressamos no grupo, o nosso interesse pela educação escolar indígena foi aguçado mas não alçou vôo.

No ano seguinte, 1998, elaboramos um projeto para o ingresso no mestrado em Letras e Lingüística da Faculdade de Letras da UFG. A pesquisa prevista no projeto tratava de questões relacionadas à interdependência dos processos de escrita e leitura e se inseria na Lingüística Textual. O projeto, visivelmente, tinha o objetivo de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem da disciplina Língua Portuguesa, ministrada nas escolas de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Oficial da cidade de Goiânia - Goiás.

Mais uma vez, a professora Braggio nos ofereceu oportunidades para enxergar a modalidade de educação direcionada às sociedades indígenas do Brasil, a educação escolar indígena. Em julho de 1998, fomos para a 1ª. Etapa do Curso de Formação dos Professores Indígenas do Estado do Tocantins como ouvinte do curso que Braggio ministrou na referida etapa. No curso, chamou-nos atenção a situação dos professores Xerente. Víamos o quanto estavam sedentos em preservar suas 'leis' e viam na escola uma ferramenta a mais para a tarefa de preservação de suas atividades culturais e de seus modos de categorizar e classificar o mundo, o homem e a linguagem. Visível também era a falta de estudos sobre a língua Akwẽ e a falta de pessoas dispostas a realizar tais estudos, ao passo que as outras etnias do Tocantins, Karajá (Javaé, Xambioá e Karajá) Apinajé e Krahô, contavam com estudos sobre suas línguas e com um bom número de estudiosos freqüentando suas áreas territoriais.

Após a etapa do curso de formação, fomos para a Aldeia Xambioá, no município de Santa Fé – Tocantins, para o II Encontro de professores Javaé, Karajá e Xambioá. Naquele local, encontramos muitos dos desafios que nos esperavam no caminho da travessia ao título de mestre em Lingüística Antropológica. Contudo, elaboramos um novo projeto de pesquisa para estudar a aquisição do português oral pela criança Xerente e iniciamos um contato com os Akwẽ-Xerente. De 1998 a 2000, estivemos estudando como a criança Xerente adquire a língua portuguesa na aldeia Salto-Kripré (Sousa Filho, 2000). Sempre fomos recepcionados com muita alegria e expectativa pelos Xerente da aldeia Salto ou Kripré. Sentimo-nos em casa logo nos primeiros dias de estada na área indígena. Como os sujeitos principais da pesquisa eram as 120 crianças que viviam na aldeia, logo fomos identificados como o amigo das crianças e também, por atuar como consultor nas etapas do curso de formação, já éramos conhecidos na aldeia como o professor Sinval. Em diversas ocasiões, distribuímos cópias das fotos que foram tiradas nas etapas do curso. Conseqüentemente, há fotos nossas em todas as aldeias Xerente. Assim, ainda que haja alguma aldeia que não visitamos, somos conhecidos em toda área Akwẽ. Prova disso são as constantes interpelações que os Xerente nos fazem quando estamos na cidade de Tocantínia. Os indígenas se aproximam de nós e nos contam sobre as fotos e sobre as notícias que receberam a nosso respeito. Toda a estratégia de criação de vínculos de nossa parte para com os professores e suas escolas (suas aldeias) ainda incluem cartas, cartazes confeccionados e Cd's de músicas diversas.

Assim, estivemos estudando um fato sociopsicolingüístico por exatos três anos. Os resultados desse período trouxeram muitos benefícios à nossa formação acadêmica e pessoal e ainda nos proporcionaram uma efetiva contribuição de nossa parte ao processo de educação escolar indígena dos Xerente. No período em que estivemos tratando de estudos sobre aquisição de línguas também estávamos tratando de aprendizagem de línguas, processos distintos segundo Mclaughlin (1978) (cf. Sousa Filho, 2000). Assim, mediante o Curso de Formação de professores Indígenas do Estado do Tocantins, pudemos trabalhar com 39 professores Xerente. No trabalho, tínhamos como eixo de ação e reflexão do fazer pedagógico as disciplinas Língua Portuguesa, Língua Xerente e Metodologia do Ensino de Línguas em Contexto Bilíngüe. Também nos foi possível, em 1999, desenvolver um trabalho de alfabetização de adultos Xerente para que estes pudessem dar aulas nas escolas das aldeias Akwẽ.

Após o mestrado, ainda continuamos o trabalho como consultor do Curso de Formação durante o primeiro semestre de 2001. Naquele ano, foram certificados com o diploma do Ensino Médio/Magistério os primeiros alunos do curso de formação, entre eles dois orientandos nossos: Bonfim Sirnãrê Xerente e Cláudio Kumrĩsdazê Xerente. De agosto de 2001 a dezembro de 2002, temporariamente deixamos a educação escolar indígena e nos voltamos ao processo de alfabetização de adultos elaborado pelo Ministério da Educação. Nesse período, exercendo a função de formador de professores de diversas cidades brasileiras, pudemos compreender que formação inicial e formação continuada são interdependentes e determinantes para o sucesso ou fracasso da educação escolar.

Em 2003, com a abertura do curso de Doutorado em Letras e Lingüística na Faculdade de Letras da UFG, decidimos voltar aos estudos acadêmicos. Nessa etapa, tendíamo-nos à descrição do sistema lingüístico da Língua Akwẽ-Xerente, uma vez que essa atividade nos possibilitaria continuar contribuindo com o processo de educação escolar indígena Xerente, sobretudo mediante a assessoria aos indígenas nos momentos possíveis de elaboração de materiais didáticos para as escolas das aldeias. Desde julho de 2003, temos feito o trabalho de consultoria e assessoria aos professores Xerente que já elaboraram alguns materiais didáticos para as atividades de ensino-aprendizagem das línguas Xerente e Portuguesa. Quando tiverem verbas suficientes, confeccionarão o material e o utilizarão nas escolas das aldeias.

Intimamente, pretendíamos nos (re)encontrar com o mundo Xerente e poder falar desse mundo para os próprios indígenas, para a academia e para um sem número de pessoas. Nesse encontro de mão dupla nos palavreamos n(d)o mundo Akwẽ e demos espaços às palavras-crianças do idioma Akwẽ-Xerente (Jê). Palavras são como crianças, quando mais cuidamos delas, mais exigem de nós. Exigem respeito com os seres humanos que as falam. Para Bakthin (2003), a língua é a consciência real e prática do ser social. Esse ser assume crescente consciência de suas necessidades históricas também através do crescente reconhecimento da determinação histórica e social de sua voz. Esse reconhecimento é fruto de diálogos. Conseqüentemente, nosso trabalho de documentação, descrição e análise da língua Xerente se constitui como um pequeno recorte da comunidade de fala (Hymes, 1994) a que pertence o ser Akwẽ. Assim, preocupa-nos sobremaneira o que dizer dessa língua e o como dizer.

Falamos de eventos de fala dos Akwẽ-Xerente e escolhemos como forma para falar desses eventos o quadro teórico da abordagem tipológico-funcional, o qual, segundo Comrie (1981), procura sistematizar as estruturas que expressam a mesma função em diversas línguas, ou seja, vê, entre outros aspectos, as similaridades de classes prototípicas e seus usos em diversas línguas estudadas. Trabalha a partir do diálogo possível entre visões teóricas aplicadas à línguas diversas. Com isso, entendemos que o resultado de algumas pesquisas pode servir como guia para novas. Também, a aplicação de hipóteses gerais sobre as propriedades da linguagem pode proporcionar uma maior objetividade ao trabalho de campo. Conseqüentemente, o que temos a dizer da língua Xerente não se restringe ao que ocorre na língua Akwẽ mas no que essa língua tem em comum com outras línguas do mundo. Claro que partimos de estudos comparativos das línguas que figuram no tronco Macro-Jê e na família Jê, uma vez que a língua Akwẽ não conta com muitos estudos descritivos. Empenhamo-nos em dizer como a gramática da língua Akwẽ é usada no atual momento histórico desse povo, o qual, a “duras penas”, procura manter seu bem maior frente ao mundo globalizado, a identidade Akwẽ.

Dessa forma, num primeiro plano, cabe-nos considerar que há muito que dizer da língua e do povo Akwẽ, muito ainda está e ficará por ser dito. Sabemos que apenas iniciamos um possível recorte da Comunidade de Fala Akwẽ e, ainda assim, tal tarefa não se furta de desvios ou erros de ordens várias, particularmente porque acreditamos, como

acredita Seki (2000b, p. 21), que "nenhum modelo particular é capaz de tratar, de modo abrangente, os fatos/fenômenos das línguas, principalmente as não-indoeuropéias". Assim, podemos afirmar que esta tese traz um conjunto de considerações sobre aspectos da língua Xerente, o qual se caracteriza como exercício em andamento e não de uma 'tese' definitiva e, desta feita, serve-se não só de uma teoria particular, mas de noções bem assentadas na lingüística recente. Tais noções encontram ancoragem em abordagens descritivas habituais que podem ser remontadas a Boas ([1940]2004) e Sapir (1971), atualmente representadas em trabalhos de lingüistas como Anderson (1985, 1988, 1992) Comrie (1981, 1989), Dixon (1979, 1994, 1999) Givón (1984), entre outros.

Para Crystal (2000, p. 63-4), "o vocabulário, a gramática e a fonologia têm sido a dimensão principal de perguntas quando os lingüistas tentam identificar a extensão, a complexidade e as limitações da faculdade humana da linguagem". Diz o cientista que, se queremos conhecer respostas para essas questões, temos que levar em consideração também os discursos produzidos, as escolhas pragmáticas e a variação de estilo que estruturam as línguas, isto é, devemos levar em conta os eventos de fala (Hymes, 1994).

Não abarcamos a língua Akwẽ ou Xerente em sua totalidade, o que é quase impossível em um curto período de pesquisa. Particularizamos nossos objetivos. Contudo, procuramos não perder de vista quais são as relações que se estabelecem entre as partes que compõem a língua, ou seja, desenvolvemos um estudo com a preocupação de instaurar um movimento de ida e volta do específico para o global, sem perder de vista o foco de atenção central. Em consonância com as referidas preocupações, o objetivo deste trabalho é analisar e descrever aspectos fundamentais da morfossintaxe da língua Xerente que permitam um razoável conhecimento da sua gramática e possam propiciar as bases para trabalhos futuros sobre a língua Akwẽ e também condições para estudos comparativos com línguas da mesma família lingüística. Também, pretende-se que esta análise possa fundamentar a abordagem de aspectos pontuais da gramática, ainda não contemplados em estudos sobre Xerente, e de tópicos que, embora aqui descritos, careçam de um maior aprofundamento. E para alcançar esse objetivo, de acordo com o nosso enfoque, necessitamos descrever alguns processos morfofonológicos e semântico-pragmáticos que possivelmente atuam na formação das categorias lingüísticas que compõem a referida língua. Assim, esperamos alcançar, com esse objetivo, parâmetros para o estabelecimento dos limites do vocábulo mórfico e demonstrar como são expressas as formas e as categorias lingüísticas na língua Xerente.

Para a Sociedade Lingüística da América (LSA), de acordo com Crystal (2000), a documentação e análise de línguas vivas, principalmente das que estão ameaçadas de extinção, é a maior prioridade da lingüística, pois a descrição delas representa uma fundamental e permanente contribuição para a fundação da Lingüística. Por conseguinte, temos como objetivo dar nossa parcela de contribuição para a consolidação da Lingüística como ciência, uma vez que colocamos à disposição das academias a descrição de mais uma língua indígena, a qual, como tantas outras, se encontra ameaçada de extinção, vive um processo de bilingüismo diglóssico com os falantes da língua portuguesa.

Por fim, esperamos contribuir com um processo de afirmação da língua Xerente, o que pode ser desencadeado por vários fatores, entre eles, a documentação da língua e o processo de educação escolar. Esperamos, finalmente, que os resultados obtidos com a pesquisa sirvam à sociedade Xerente, isto é, pretendemos que os professores indígenas se apropriem dos resultados da pesquisa, de modo a utilizá-los na preparação e execução do seu trabalho docente.

Metodologia

A pesquisa de campo para realização do projeto **Aspectos Morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê)** foi realizada na sociedade Xerente, ou Akwẽ, da família lingüística Jê dos Postos Indígenas Xerente e Funil, no município de Tocantínia, TO, em períodos distintos: de julho de 2003 a setembro de 2003 preparamos e realizamos nossas pesquisas sem a ajuda dos componentes do grupo de pesquisa em Xerente. Nesses períodos, coletamos dados com quatro auxiliares, dois homens e duas mulheres. Nos períodos subseqüentes, abril/ 2004, dezembro/2004, julho/2005, julho/2006 e dezembro/2006, a professora Doutora Silvia L. B. B. Braggio havia formado o grupo de pesquisa do LIBA para estudar aspectos sociolingüísticos e lingüísticos da comunidade de fala Xerente. Assim, pudemos contar com o apoio de todo o grupo para o preparo das coletas e, em algumas ocasiões, com a presença de alguns componentes do projeto nas idas ao campo. Desta feita, já a partir de agosto de 2003, o projeto de tese Aspectos Morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê) passou a incorporar o projeto de pesquisa LIBA–Línguas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (Análise e Descrição) e Tipologias

Sociolingüísticas, CNPq, processo 501337/2003-7, o qual tratamos em Metodologia.

Procuramos trabalhar com auxiliares de pesquisa de diferentes sexos, todos de uma mesma geração, para documentar a língua Xerente. De acordo com Braggio (2005b) para fins de pesquisas lingüísticas, pode-se convencionar para os Xerente três gerações, a saber:

i) de 12 a 20 anos (+jovens);
ii) de 21 a 49 anos (+ - jovens); e
iii) de 50 anos em diante (velhos).

Para Braggio (2005b, p. 251), essa "divisão é bastante adequada ao fator 'estudar na cidade'", uma vez que a migração traz conseqüências relevantes para a manutenção e vitalização lingüística em meio à sociedade Xerente. Optamos por realizar a pesquisa com a geração + - jovens, pois entendemos que são os integrantes dessa geração que estão no meio do conflito que existe entre os mais velhos e os mais jovens sobre qual língua usar e legitimar como língua Xerente na modalidade escrita. Segundo Braggio (2005b), essas duas gerações consideram que o povo Akwẽ possui duas línguas: uma dos velhos e outra dos jovens. Daí, decorre que os +-jovens conhecem as duas variedades, pois as queixas são dos velhos para os +jovens e vice-versa. Os +-jovens observam esse conflito, principalmente os professores, e estão começando a discuti-lo. Estudos de Braggio (2003a em diante) tendem a averiguar essa questão.

Os trabalhos de campo envolveram método de coleta sistemática de dados lingüísticos a partir da aplicação de questionários previamente elaborados, em um primeiro momento, e, posteriormente, mediante observações e trabalhos com auxiliares de pesquisa para gravar eventos de fala durante a realização de cerimônias e eventos sociais. Também, na medida do necessário, procuramos observar alguns grupos em situações de interlocução, em meio a Comunidade de Fala. Nessa perspectiva, utilizamos, para a coleta de dados, gravações em áudio de eventos de fala diversos e adotamos uma postura etnográfica durante a pesquisa de campo.

A pesquisa etnográfica tem como fundamentação teórica a chamada perspectiva "ecológica", segundo a qual o contexto social exerce poderosa influência no comportamento. Ademais, permeia-lhe ainda a noção de que, para tentar compreender a forma de agir de um determinado grupo social, faz-se imprescindível que se compreenda, também o "quadro referencial dentro do qual os indivíduos

interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações" (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 15). É nessa perspectiva contextualizada e emoldurada pelos valores sociais, culturais e religiosos de uma comunidade que o etnógrafo procura desenvolver suas observações. Por conseguinte, este tipo de pesquisa é explanatório, já que, além de não incluir verificação de hipóteses, a decisão sobre os aspectos a serem estudados, tomados anteriormente à entrada de campo, pode ser redefinida durante a realização do estudo. Além disso, não se opera aqui com categorias pré-estabelecidas, visto que a teorização é calcada nos dados.

Entretanto, após terem hipóteses traçadas, nosso enfoque recaiu na resolução dos problemas. Deste modo, as últimas viagens foram, em grande parte, uma oportunidade para elicitar dados, resolver pequenas pendências de transcrição e formular novas generalizações acerca dos dados da língua.

De uma forma ou de outra, todos os indivíduos das aldeias Salto, Porteira, Boa Vista, Boa Fé, Traíra e Aldeinha colaboraram com a pesquisa, já que eram alvos de nossas observações e sempre se mostraram dispostos a discutir assuntos relacionados à língua e à cultura Xerente. Contudo, participaram de forma efetiva na realização das gravações quatro representantes de cada sexo: Edite Smikidi, 37, Noemi Wakrtadi, 46, Ilda Namnãdi, 33, e Diana Keti, 27; e Antônio Samũru, 34 anos, Jeová Sirnãrê, 50, Antônio Siwẽ, 31, e Marcelino Kasuwamr̃i, 27.

Ao todo contamos com 32 fitas cassete contendo registros de expressões orais, formas de diálogos espontâneos, narrativas de mitos, músicas, discursos formais e questionários aplicados para elicitar dados. Todos os dados foram elicitados e transcritos fonética e fonologicamente com base na convenção da Associação Internacional de Fonética com os símbolos do IPA – International Phonetic Alphabet. Há, entre os professores Xerente, a prática de grafar as variações fonéticas de formas diversas. Esse foi um dos meios encontrados por essa classe de líderes para lidar com a questão do conflito entre as gerações anteriormente mencionadas. Assim, também de nossa parte, em alguns contextos preferimos transcrever as formas em variação (uma ao lado da outra) e não privilegiar apenas uma delas. Nos nomes em português que aparecem nos dados, utilizamos a ortografia estabelecida pela NGB e os destacamos em itálico.

O Projeto Línguas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (Análise e Descrição) e Tipologias Sociolingüísticas (LIBA)

Braggio (2003a, 2003b e 2003c), com base em autores diversos, afirma que a extinção e morte das línguas indígenas é uma constatação e que a velocidade com que as línguas vêm desaparecendo nesses últimos anos é sem precedentes. Em vista dessa situação, lingüistas de todo mundo estão trabalhando em projetos de (re)vitalização e (re)afirmação com os povos indígenas, uma vez que todos consideram que a morte de uma língua significa uma perda irrecuperável para toda humanidade. As razões para o desaparecimento das línguas são várias, as quais Braggio (2000 e 2002) discute com bastante propriedade.

Inserindo-se entre os lingüistas que se preocupam com o desaparecimento das línguas indígenas brasileiras, Braggio (2003a) elaborou o Projeto Línguas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (Análise e Descrição) e Tipologias Sociolingüísticas – LIBA. Este visa (i) documentar, descrever e analisar línguas ameaçadas e (ii) desvelar as situações sociolingüísticas para contribuir com ações educacionais e outras que permitam a (re)afirmação e (re)vitalização das línguas que estão no Projeto. Em seu início constavam no projeto as seguintes línguas: Xerente, Jabuti, Chiquitano e Baikairi. No momento estão sendo elaborados trabalhos com as línguas Xerente e Terena. O objetivo geral do LIBA desdobra-se em: i) contribuição para área da lingüística indígena; ii) busca de caminhos para projetos e ações de afirmação das línguas inseridas no projeto. A metodologia é de base qualitativa, a qual, em seu refinamento inclui dados quantitativos, de análise de conteúdo e de coleta de dados lingüísticos pelo SAILDP e outros, e de eventos comunicativos de fala (Hymes, 1994). Para as análises sociolingüísticas a tipologia adotada é de Edwards (1992) e Grenoble & Whaley (1998). Como resultados esperados podemos apontar: três teses de doutorado, oito dissertações de mestrado, quatro monografias e artigos vários e participação efetiva dos componentes do Projeto no processo de educação escolar dos povos indígenas que falam as línguas mencionadas anteriormente. Vários resultados já foram alcançados.

Vê-se que há grupos de línguas de famílias diferentes envolvidos no projeto, grupos que estudam Chiquitano, Jabuti, Bakairi, Terena e Xerente. No grupo da língua Xerente, há uma articulação interinstitucional entre UFG/UnB. No subgrupo sediado na UFG/Goiânia estão a Profa. Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio, coordenadora geral do Projeto, com o

subprojeto Tipologias Sociolingüísticas dos Xerente. Braggio (2003a) está elaborando a descrição e análise da situação sociolingüística do povo indígena Xerente, da terra indígena Xerente, TO, no período de agosto de 2003 a fevereiro de 2007, através das tipologias de Edwards (1992) e Grenoble & Whaley (1998) para contribuir com a área de estudos da lingüística indígena e nos programas educacionais. Os outros componentes do subgrupo Xerente em Goiânia são os alunos da Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras/UFG: Sinval Martins de Sousa Filho, Raquel Peixoto Ferreira Vieira, Rodrigo Mesquita, Paulo Henrique Gomes de Andrade e Kênia M. F. Siqueira.

No subgrupo Xerente UnB/Brasília estão a professora Dra. Daniele Marcelle Grannier e o aluno de Pós-Graduação em Letras/UnB Shelton Lima de Souza. Ambos estão analisando os vários aspectos fonético-fonológicos da língua Xerente com vistas à elaboração de materiais didáticos na referida língua, contribuindo para uma revisão geral dessa língua para que ações futuras de (re)afirmação e (re)vitalização possam concretizar-se. Alguns trabalhos do grupo de estudos já foram realizados e publicados (Braggio, 2003 b e c e 2005, Grannier, 2005, Mesquita, 2006, Siqueira, 2006, Sousa Filho, 2003, 2004a, b, e c e 2005, Souza, 2005, e Vieira, 2005).

Com base nos resultados obtidos com os estudos do subgrupo de pesquisa Akwẽ-Xerente (Jê), podemos afirmar que as línguas Xerente e Portuguesa são faladas por todos os indígenas que moram nas duas áreas reservadas à sociedade Akwẽ.

Formato da tese

Na organização desta tese, distribuiu-se os temas em quatro capítulos, a saber: *Capítulo 1 – Romwasku kturêki – Notas breves*, mostramos, em linhas gerais, fatos relacionados à história Xerente, à sua organização social, a alguns aspectos da cosmovisão Akwẽ, ao seu momento atual e aos estudos que focam a língua Akwẽ.

Capítulo 2 – A língua Akwẽ em sua condição minoritária, descrevemos alguns aspectos da situação sociolingüística dos Akwẽ e propusemos o quadro fonológico da língua Xerente utilizado nesta tese.

Capítulo 3 – Delimitação morfossintática das classes de palavras em Akwẽ-Xerente (Jê), apresentamos uma proposta de categorização das palavras em classes e sub-

classes, mediante as propriedades estruturais e distribucionais das formas lingüísticas.

Capítulo 4 – Aspectos da Sintaxe Akwẽ, apresentamos temas relacionados com a sintaxe da língua, ou seja, características distribucionais apresentadas no uso efetivo da língua, procurando descrever as sentenças simples da língua; e a Conclusão, onde resumimos os aspectos relevantes da língua Xerente.

Como é de praxe, seguem ao corpo do texto as referências bibliográficas e os anexos e o antecedem o resumo e o sumário.

CAPÍTULO 1

ROMWASKU KTURÊKI – NOTAS BREVES

CAPÍTULO 1 - ROMWASKU KTURÊKI – NOTAS BREVES

As fontes documentais sobre aspectos da história dos grupos indígenas do Brasil são esparsas e ainda precisam ser analisadas. Em se tratando dos índios Xerente, ou Akwẽ como eles se autodenominam, a documentação que se tem é, em grande parte, resultado das investidas das bandeiras de exploração no sertão da mesopotâmia Araguaia-Tocantins (cf. Ataídes, 2001), isto é, foram produzidas em primeira mão para dar notícias das bandeiras e/ou organizar novas expedições rumo ao extermínio e carnificina dos povos indígenas que "entravavam" o progresso do Brasil nascente. Mediante essas fontes, esboçamos um quadro dos aspectos relevantes da sociedade Akwẽ-Xerente para que possamos traçar um contexto para a comunidade de fala da referida sociedade.

1.1 Akwẽ-Xerente (Jê): a história noticiada

Das fontes advindas das bandeiras e outras mais, não há uma definição de como as sociedades Xerente e Xavante estabeleciam relações no passado remoto. Todavia, o que é recorrente nesses documentos é que as duas sociedades formavam em um tempo incerto um só povo. Esta afirmação ganha força quando se trata das proximidades lingüísticas e culturais que as duas sociedades partilham (cf. Maybury-Lewis, 1984 e 1990). Também outros povos recebem tratamento histórico (ou análise de registros históricos) similar. Tenha-se por exemplo o termo Timbira que é aplicado para agrupar as sociedades Apãniekrá, Ramkokamekrá, Krahô, Parkatejê, Pykobyê, Krêjê e Krĩkatí. Importa acentuar que para os Timbira, há, inclusive, uma proposta de ortografia unificada para grafar as línguas do grupo (Alves, 2004). Não procuramos adentrar na história da união ou divisão Xerente e Xavante. Porém, ainda que seja para realçar a presença da sociedade Akwẽ-Xerente é necessário mencionar a sociedade A'wẽ-Xavante.

Artiaga (1947, p. 95), estudando os povos indígenas que habitavam o Estado de Goiás antes de sua divisão em Goiás e Tocantins, afirma que os Xerente são "conhecidos por *akuem*, isto é, o mais notável, o que está acima". Hoje, entendemos que o termo akwẽ designa o povo Xerente, o qual, como outros povos, se supõe acima dos seres irracionais

ou dos demais grupos humanos, ou seja, a definição descrita por Artiaga revela o orgulho de um povo por sua identidade étnica, a qual os diferencia dos demais povos do mundo.

Os registros escritos sobre a história dos Xerente, como frisamos, estão, em grande parte, associados diretamente aos registros históricos dos Xavante. Estudos vários (Ribeiro, 1982, Campêlo, 1957, Martius, 1947 apud Artiaga, 1947, Nimuendaju, 1942, Maybury-Lewis, 1965 e outros) sugerem que as duas sociedades formavam outrora uma só nação, um só povo. Também, há estudos que afirmam que os Xerente e outros povos formavam no passado o povo Jê (Urban, 1992, Davis, 1966, Rodrigues, 1986 e outros). E, ainda, há afirmações de que os Xerente, juntamente com os demais Jê e outros povos, possivelmente em um passado remoto, faziam parte de uma nação maior que falava uma língua (ou protolíngua[1]) denominada de Macro-Jê (Câmara Jr., 1959, Davis, 1966, Rodrigues, 1986 e 2004, Urban, 1992 e outros).

Desta forma, postula-se a origem dessa língua comum e hipotetiza-se um lugar onde o povo que a usava vivia. Segundo Urban (1992, p. 91), ocorreu, historicamente,

> uma tal concentração de línguas Macro-Jê na parte leste do Brasil, desde o Rio de Janeiro até a Bahia. Essa poderia ser a zona de origem do Macro-Jê, uma especulação que poderia ser iluminada por reconstruções das relações internas entre as famílias Macro-Jê nessa área (Maxakali, Botocudo, Puri e Kamamkã). Se forem apenas remotamente relacionadas umas às outras, esta seria uma área de grande diversidade lingüística para o grupo Jê e, assim, um possível local de dispersão ocorrida há 5 ou 6 mil anos.

Se considerarmos essa hipótese de Urban, temos que admitir que os Xerente foram do Leste, às margens do mar, para o Nordeste e de lá vieram fixar-se no Brasil Central, no Tocantins. Por outro lado, de acordo com Queiroz (1976)[2], em trabalho realizado na década de 40, os Xerente foram do Nordeste para o Centro-Oeste, onde estão instalados até hoje, ou seja, não há para Queiroz (1976) um episódio que vincule os Xerente ao mar. De fato, a direção da dispersão que a autora aponta para os Xerente é a mesma que encontramos em um dos mitos de origem Xerente *Sruru – A história do Sete Estrelo* (Cimi, 1992). Em contrapartida, temos a hipótese de Rodrigues (2004, p. 117): "os Jê centrais (Xavante, Xerente, Xakriabá, Akroá) viviam antigamente na região de campos cerrados ao Sul do Piauí e do Maranhão, no noroeste da Bahia e norte de Goiás (hoje

[1] A proto-língua é uma língua hipotética produzida a partir das semelhanças entre línguas de uma mesma família. Assim, a proto-língua é a explicação para uma origem comum entre as línguas de uma família. (Rodrigues, 1986).

[2] Uma primeira versão do trabalho de Queiroz (1976) foi publicada na **Revista de Antropologia**, v. I, São Paulo, 1953, p. 99-108.

Tocantins)". Assim, a hipótese de Rodrigues explica que havia um corredor formado pelas migrações dos Jê Centrais. Esse corredor engloba ao mesmo tempo as hipóteses de concentração geográfica de Urban e de Queiroz e nos dá uma idéia da sociedade Xerente como nômades e coletores.

É óbvio que uma questão como esta se coloca no plano da história oral, inclusive pelas tradições dos povos indígenas do Brasil que não contavam com uma prática de registros escritos (em escrita alfabética, nos moldes que a sociedade ocidental a tem utilizado historicamente) sobre suas atividades ou momentos históricos. Há algumas décadas, iniciativas para que a escrita alfabética se torne uma prática entre os povos indígenas brasileiros vêm sendo tomadas por órgãos públicos e por organizações não-governamentais (ONG).

Em se tratando de registros mais recentes, Farias (1990, p. 14) afirma que "a história dos Xerente, durante os séculos XVI e XVII, confunde-se com a história da região formada pela mesopotâmia Araguaia-Tocantins e banda oriental deste". Artiaga (1947) afirma que em 1755 os Xerente foram aldeados, para serem catequizados, juntamente com os Krahô, no aldeamento São José. Ainda segundo Artiaga, uma vez que o aldeamento São José fracassou, em 1824 foi formado somente com os Xerente o aldeamento Formiga.

De acordo com Ribeiro (1982), os Akwẽ que habitavam a região do Tocantins estiveram em constantes situações de contato interétnico com não-indígenas, precisamente desde 1785. Dessas situações resultou a divisão desse povo em Xavante e Xerente. O termo Xavante identificou um grupo que decidiu – em 1824 – isolar-se, migrando da bacia do Tocantins para os campos do Rio das Mortes, em Mato Grosso. E os Xerente, os Akwẽ que se fixaram na margem direita do Tocantins, os quais "revelaram maior disposição para conviver com os civilizados" (RIBEIRO, 1982, p. 66). Para Artiaga (1947, p. 95), "Xerente e Xavante são denominações estranhas, pois os primeiros conhecidos por *akuem*, isto é, o mais notável, o que está acima, e os segundos por *sacrequa* (serrados)". Já Campêlo (1957, p. 161) afirma que os índios Xerente "são uma fração dos Xavantes", pois, acrescenta o autor, eles eram um só povo e viveram juntos "nos planaltos entre os rios Tocantins e Araguaia" até o início do século XVIII. Segundo Martius, apud Artiaga, (1947, p. 149), "os Xavante falavam um dialeto da língua Xerente" e para Sena, em Artiaga, (1947, p. 151), os índios Xerente e Xavante "são a mesma coisa, sendo os primeiros mais acessíveis ao trato com os civilizados".

Farias (1990, p. 36) faz uma afirmação que comprova a tese de que os Xerente eram mais propensos ao convívio com os "civilizados": "em 1824 Cunha Matos deu início

a um processo de aldeamento entre os Xerente, na Aldeia Graciosa. A população dessa aldeia atingiu o máximo de 800 pessoas de todas as idades e sexo. O local escolhido foi a confluência dos rios Taquarassu e Tocantins".

Com relação ao referido aldeamento, Farias (1990, p. 36) destaca alguns artigos do pacto contratual realizado entre os Xerente e o governador:

> Art. 1º. – que os Xerente iriam estabelecer-se em uma ou mais aldeias na margem esquerda do rio Taquarassu, junto a confluência dele com o rio Tocantins, no sítio denominado Barra Vermelha, l2 léguas de Porto Real.
> Art. 2º. – que obedeceriam ao governo das províncias e serviriam de carreira contra quaisquer bárbaros que pretendessem atacar os habitantes da aldeia.
> Art. 3º. – que abandonariam o bárbaro costume de se venderem como escravos.

Também, o quadro sobre os Xerente, mostrado por Ribeiro (1982), mediante estudos diversos[3], revela-nos um grupo que desde 1824 sofreu uma redução drástica da população: em 1824 eram quatro mil; em 1900, mil trezentos e sessenta; em 1929, oitocentos; e em 1957, trezentos e cinqüenta. E, ainda, que esses índios viveram na região do Tocantins sob constantes ameaças de uma população sertaneja que invadia lentamente com seus rebanhos os campos de caça dessa sociedade indígena. E sob essas e outras ameaças viveram os Xerente até a demarcação de suas terras.

Segundo Guimarães (1996), a primeira área, denominada Terra Indígena Xerente, foi demarcada em 1972, com 167.542 hectares e a segunda, contígua à primeira, denominada Terra Indígena do Funil, foi demarcada somente em 1988, com 16.000 hectares.

Na demarcação de territórios de posse, as áreas indígenas, de acordo com o inciso XI do artigo 20, da Constituição Federal de 1988, continuam sendo bens da União, ou seja, é concedido aos grupos ou sociedades indígenas somente o direito ao usufruto da terra e não a propriedade plena dos bens imóveis. As terras Xerente estão situadas em Tocantínia-TO. Este município, situado à direita do Rio Tocantins, dista 70 quilômetros ao norte de Palmas-TO. Contígua a Tocantínia está a cidade de Miracema-TO, situada à esquerda do Rio Tocantins. Tocantínia é mais antiga, fundada em 1860, e tem sua história imbricada à dos Xerente. Miracema, fundada em 1922, caracteriza-se como a princesinha do Tocantins e tem hoje uma população de 24.444 pessoas (IBGE, 2000). Tocantínia possui, de acordo com o censo do IBGE, uma população total – rural e urbana - de 5.788 pessoas. Miracema

[3] Cunha Matos (1874), Viana (1928), SPI (1929) e Ribeiro (1957) apud Ribeiro (1982).

é mais prestigiada do que Tocantínia, até porque Miracema foi a primeira capital do Estado do Tocantins durante o período de 01 de janeiro a 31 de dezembro de 1989. Os dois municípios têm como base econômica a agropecuária. Como só o rio separa as duas cidades, os Xerente transitam constantemente entre Tocantínia e Miracema, uma vez que precisam 'atravessar' para Miracema a fim de comprar mercadorias que faltam em Tocantínia ou mesmo ir aos bancos que só possuem agência em Miracema. A travessia é feita por balsas de empresas particulares, conveniadas com o governo, as quais não cobram para atravessar os Xerente. Para chegar a Tocantínia, os Xerente vão a pé, de bicicleta ou em ônibus interurbanos que cruzam as áreas indígenas.

Farias (1990, p. 20) afirma que toda a história da antiga região norte do Estado de Goiás esteve *povoada* pelos Xerente e que desde a criação da nova capital do Estado do Tocantins esse povo está bem próximo "às esferas de decisão no plano estadual. Até pela proximidade física com a sua capital, é impossível reconhecer o Estado de Tocantins sem a presença dos Xerente em seu território". Essa presença é acentuada no Hino Oficial do Estado:

HINO DO ESTADO DO TOCANTINS

(Liberato Povoa/Abiezer Alves da Rocha)

O sonho secular já se realizou
Mais um astro brilha dos céus aos confins
Este povo forte
Do sofrido Norte
Teve melhor sorte
Nasce o Tocantins!

Levanta altaneiro, contempla o futuro
Caminha seguro, persegue teus fins
Por tua beleza, por tuas riquezas,
És o Tocantins!

Do bravo Ouvidor a saga não parou
Contra a oligarquia o povo se voltou,
Somos brava gente,
Simples mas valente,
Povo consciente
Sem medo e temor.

De Segurado a Siqueira o ideal seguiu
Contra tudo e contra todos firme e forte,
Contra a tirania
Da oligarquia,
O povo queria
Libertar o Norte!
Teus rios, tuas matas, tua imensidão,
Teu belo Araguaia lembram o paraíso.
Tua rica história
Guarda na memória,
Pela tua glória
Morro, se preciso!

Pulsa no peito o orgulho da luta de Palmas
Feita com a alma que a beleza irradia,
Vejo tua gente,
Tua alma Xerente,
Teu povo valente,
Que venceu um dia!

(TOCANTINS, 2005).

Sobre as terras tocantinenses, então, encontramos as diversas aldeias dos Xerente. São hoje 43 aldeias distribuídas nas duas áreas demarcadas em 1972 e 1988, respectivamente, com uma população de aproximadamente 3100 pessoas[4]. Em sua última etapa de pesquisa para a dissertação de mestrado em 1987, Farias (1990) encontrou 09 aldeias nas áreas Xerente, Braggio (1992) afirma que havia na área Xerente em 1988 um total de 09 aldeias e uma população de 756 pessoas e Lunardi (1997) relata que visitou as 22 aldeias existentes em 1995. Já Guimarães (1996) em 1996, a partir de dados da FUNAI, afirma que havia 29 aldeias com uma população de 1.675 pessoas e Sousa Filho (2000) descreve que em 2000 havia uma população de 1800 pessoas que viviam em 37 aldeias.

As terras onde se localizam as áreas indígenas dos Xerente também servem de vias de acesso entre municípios do Estado. A área indígena do PI Xerente é cortada pela estrada de rodagem intermunicipal que liga Tocantínia a Rio Sono e a do PI Funil é cortada pela estrada que liga Tocantínia a Palmas. Essas estradas têm um tráfego relativamente intenso. Diariamente transitam de 3 a 5 ônibus que fazem as linhas Palmas-Rio Sono e

[4] Dados obtidos em 2006 na AIX – Associação Indígena Xerente, a qual está sediada em Tocantínia-TO.

Palmas-Pedro Afonso e um número considerável de caminhões e carros de passeio. Os ônibus constituem o meio de transporte da maioria dos Xerente, os quais vão freqüentemente ao centro da cidade de Tocantínia.

Há, por parte das autoridades dos municípios interligados por essas vias, uma forte pressão para que os indígenas aceitem a pavimentação das estradas que cortam o território Xerente. De acordo com Braggio (1999, p. 4), o argumento usado para justificar a situação, é que as terras Xerente "encontram-se exatamente no caminho da expansão do Tocantins".

Abaixo, no mapa, encontra-se localizado o município de Tocantínia, onde se situam as terras indígenas Funil e Xerente.

Figura 01 - Mapa de localização de Tocantínia – Tocantins – Brasil

1. Localização do município de Tocantínia - TO. (WIKIPEDIA, 2007)

1.2 Aspectos Antropológicos

Sobre os Akwẽ-Xerente podemos destacar ainda, mediante os estudos do lingüista Rodrigues (1986), que a língua Akwẽ pertence ao tronco lingüístico Macro-Jê e à família Jê. De acordo com Farias (1990), esse povo se organiza em duas metades exogâmicas regidas por um sistema de clãs patrilineares e que, sendo assim, classifica-se como uma sociedade com princípio da dualidade, ou seja, tem como critério ordenador a antítese ou a oposição mediada. Conforme Farias (1990), as metades são denominadas de Wahirê e Doí e os clãs patrilineares distribuem-se da seguinte forma: Wahirê (ou Wairê), Krozakeisaptore (ou Krozakekrarê, Krozoketmoprumrê, Krozakeisrurê ou Krozake), Krozaketopa (ou Itopa ou Krozakeaured) e Kremprehi vinculam-se à metade Wahirê. Vinculados à metade Doí estão os clãs Kuzâ (ou Kunmã), Kbazí (ou Isrõ) e Isibdu (ou Krito). Como os filhos pertencem ao mesmo clã e à mesma metade do pai, cada pessoa já nasce fazendo parte de um clã e de uma metade. Assim, ao longo de sua vida, ela sabe quais nomes pode ter, que adornos pode usar e com quem pode se casar.

Encontramos em Nimuendaju (1942) uma descrição de como se localizavam as metades e os clãs nas aldeias Xerente. Afirma o autor que até o ano de 1900 as metades se localizavam respectivamente a norte e sul da aldeia, em forma de ferradura, cujos clãs se localizavam espacialmente um diante do outro e que havia no centro da aldeia uma casa para os solteiros cumprirem um ritual de iniciação na vida adulta e, a partir daí, estarem aptos ao casamento. Concordando com Farias (1990), percebemos as diferenças referentes aos aspectos apontados por Nimuendaju quanto à organização espacial dos Xerente. Segundo este autor, os Xerente hoje se organizam em linhas ou em círculos e não há mais uma casa reservada para o ritual dos rapazes. Podemos notar, ainda, de acordo com Fausto (1999), que os Xerente, assim como os demais Jê, desenvolvem uma organização social complexa, que contrasta com a grande simplicidade de sua tecnologia de subsistência. Ao se referir à organização dos Jê, Fausto (1999, p. 44) afirma que

> apesar de possuírem aldeias grandes, os grupos Jê são muitos móveis, pois passam parte do ano em longas excursões de caça. Não são ceramistas e possuem uma cultura material bem elementar. Sua agricultura é relativamente simples, quando comparada com a de povos amazônicos como os Ka'apor, os Jívaro ou os Kayabi.

Segundo Fausto (1999), entre os Jê, de um modo geral, não há transmissão

hereditária de chefia. De acordo com Farias (1990), entre os Xerente o cargo de chefia não é vitalício e nem hereditário. A chefia fica nas mãos do líder que tiver mais partidários ou que for bastante habilidoso para aproveitar em seu favor a rivalidade entre os clãs. Segundo Lunardi (1997, p. 25), os clãs do grupo Xerente "permanecem com vitalidade porque atuam nos contextos políticos como facções". Assim, para o autor é comum entre os Xerente que o chefe seja sempre o líder da facção mais poderosa na aldeia. Melatti (1972) afirma que os Xerente comparavam suas facções clânicas aos partidos políticos dos não-indígenas. Com base em Farias (1990) e Lunardi (1997) e por acreditarmos que essa idéia continua presente entre os Xerente, transcrevemos o trecho que Maybury-Lewis (1990, p. 72) cita para ilustrar a afirmação que legitima a comparação proposta:

> O velho falava mal Português. Ele tossiu com esforço e disse de modo breve: "Nós tivemos facções, partidos tais como os civilizados têm. Eles têm partidos que estão sempre lutando. Assim, nos velhos tempos, os Xerente estavam divididos em *Kuze e Kremprehi*, em *krozake* e *wairi.* Eles estavam sempre lutando, tal como os civilizados. Mas tudo isso acabou agora".
> Sizapi, que se orgulhava de seu conhecimento do mundo exterior, continuou as palavras do velho.
> "Havia os partidos bons, tal como o partido democrático de vocês, e havia os partidos maus, como os seus Kemunis (comunistas)".

São vários os rituais desenvolvidos pelos Xerente. Estes são muitos bem descritos e analisados por Farias (1990). Cabe-nos, portanto, apontar, sucintamente, alguns desses rituais que servem de mecanismos de organização social desse povo. O ritual de nominação (ou nomeação) feminina está associado às classes de idade que compõem as metades cerimoniais (Ver detalhes do sistema de classes de idade em Farias, 1990). Conseqüentemente, as meninas recebem os nomes de acordo com sua filiação às classes de idade. Para realização desse ritual, temos o princípio dual operante, ou seja, são nomeadas duas meninas de cada vez, sendo uma de cada metade exogâmica.

Farias (1990, p. 111), assim descreve esse ritual:

> A classe de idade responsável pela nominação acompanha as meninas, de casa em casa, sempre em fila indiana, por toda a aldeia. A fila inicia-se em frente à casa de uma das meninas – idealmente seria no pátio da classe de idade - e percorre todas as casas da aldeia, até chegar a casa do tio materno de cada menina, ou a casa onde ele se encontra. Assim é concluída a nominação.

Podemos acrescentar que cada nome feminino possui uma cantiga própria e, normalmente, se refere a um animal. A menina, tradicionalmente, é nomeada a partir do

terceiro ano de vida, basta participar das festividades que acontecem a cada ano.

O ritual de nominação masculina difere do de nominação feminina. O primeiro aspecto é que a data do evento e a escolha das pessoas encarregadas de organizá-lo é fruto de uma decisão coletiva entre as diversas aldeias. O segundo diz respeito à seleção dos nomes a serem dados. Estes são escolhidos pelos wawẽ (anciãos), os quais organizam uma lista dos nomes existentes em cada clã para evitar que haja homonímia. Até receberem seu primeiro nome, os meninos Xerente têm um apelido. O primeiro nome é dado ao menino quando ele ter a idade entre 10 e 14 anos. Os nomes dados pertencem aos clãs e cabe, assim, ao pai da criança, relembrar os nomes de seu clã, os quais podem ser retomados de geração em geração. No momento da festa, cada clã deve iniciar a nomeação de seus componentes a partir de um nome específico. Esse nome torna pública a filiação ao clã X ou Y, como descreve Farias (1990, p. 134):

> Quando chega o momento de se dirigirem para a aldeia, os homens se organizam em duas filas, uma para cada metade exogâmica e vão do mato para o pátio. Nessa formação são seguidos pelos casais cerimoniais. Ao chegarem no pátio da aldeia, os dois casais assumem um lugar de destaque, com os homens à frente e as mulheres logo atrás. Inicia-se uma dança ritual, executada pelos homens a serem nominados e, em seguida processa-se o ato de nominar que, entre os Xerente, tem o significado de tornar público um nome que pertence aos clãs e é transmitido por via patrilinear. Os homens, divididos de acordo com suas metades exogâmicas, vão sendo encaminhados à frente do casal que pertence à sua metade.

Segundo Farias (1990), o ritual envolve vários dias de preparação e, durante esse período, pode-se presenciar uma união entre as aldeias, a corrida de toras, a pintura corporal e, em decorrência desses fatores, a reorganização dos sistemas de metades e clãs. E é por isso que dentre os rituais realizados pelos Xerente esse é destacado, pois é a partir dele que os nomes e as pessoas são distribuídos entre clãs patrilineares e metades exogâmicas. Há toda uma forma particular de distribuição dos nomes pessoais Xerente. A distribuição tem, entre outras, a função de situar os indivíduos frente às tarefas que cada clã deve desenvolver para manter o equilíbrio entre homens e natureza e entre os seis clãs que formam o povo Xerente (tratamos desse assunto no item 1.3.2, adiante).

Concordamos com a proposta de Farias (1990) de que para se compreender a sociedade Xerente contemporânea deve-se elaborar um estudo que englobe o conjunto de articulações sociais, políticas e cerimoniais que são estabelecidas entre as diversas aldeias das áreas Xerente, pois, para o autor, a sociedade Xerente não está contida no âmbito de uma só aldeia. E, nessa direção, devemos partir da premissa de que a estruturação da

sociedade Xerente na atualidade está alicerçada sobre dois parâmetros: o sistema clânico e o ritual de nominação masculina. Como frisamos, para o antropólogo, os Xerente operam seu sistema clânico e sua divisão em metades exogâmicas de uma forma muito clara no ritual de nominação masculina. Daí partem as evidências da importância desses dois referenciais para a compreensão antropológica da sociedade Akwẽ-Xerente.

Em se tratando da composição clânica atual, dois fatos nos intrigam sobremaneira: a 'pseudofusão' Krãiprehi-Wahirê e os segredos clânicos. Entendemos que é de importância fundamental para a compreensão dos clãs Xerente saber por que há uma afirmação de que o clã Krãiprehi tenha se fundido com o clã Wahirê. Essa afirmação, parece-nos, tem validade somente dentro de um quadro geral ou externo, uma vez que os indivíduos filiados ao Krãiprehi se assumem enquanto membros deste clã e não de outros. Também, os segredos clânicos podem atuar como elementos que sustentam a dualidade e, ao mesmo tempo, a coesão interna dos clãs 'separadamente'. Essas questões ficam em aberto à espera de estudos futuros para que se tenha claro como se estrutura a organização social dos Xerente no século XXI.

Atualmente, é grande o envolvimento dos Xerente com as cidades de Tocantínia e Miracema do Tocantins. Não só pelos constantes jogos de futebol entre os times das aldeias e os das cidades, pelos tratamentos de saúde e pelos recebimentos de vencimentos das aposentadorias dos wawẽ, mas, sobretudo, pela atividade política dos Xerente nesses dois espaços. Essa atividade se mostra presente na venda de artesanatos, na participação dos jovens indígenas na vida escolar dos municípios, no exercício de cargos públicos e como representantes eleitos. Entre o período de 1992 a 1996, os Xerente tiveram um vereador na câmara Municipal de Tocantínia, no período de 2000 a 2004, dois vereadores e foram eleitos para o pleito de 2005 a 2008 outros dois vereadores.

Há associações indígenas Xerente sediadas na cidade de Tocantínia, as quais são ligadas ao PROCAMBIX – Programa de Compensação Ambiental Xerente/FUNAI e à FUNASA- Fundação Nacional de Saúde, a AIA – Associação Indígena Akwẽ e a AIX- Associação Indígena Xerente, respectivamente. Essas associações foram criadas para gerenciar junto aos órgãos oficiais as ações a ser desenvolvidas pela FUNAI e FUNASA.

O programa PROCAMBIX foi instituído pela FUNAI em 2002 a partir de uma ação judicial que determinou que a INVESTICO, empresa responsável pela construção da Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães, no Rio Tocantins, no município de Lajeado – TO,

indenizasse os Xerente pelas perdas ocasionadas a partir da construção da usina. Assim, a AIA é responsável pela coordenação e desenvolvimento de ações da PROCAMBIX, a fim de suprir de bens os Xerente. Nesse sentido, até o momento, foram desenvolvidas ações como: implantação de granja caipira, criação de peixes em tanques, criação de gado, roça mecanizada, etc.

Já a FUNASA cuida de elaborar programas direcionados à prevenção de doenças e, sobretudo, de tratamento de saúde dos indígenas. A AIX é responsável, entre outras atividades, por selecionar os Agentes de Saúde de cada aldeia e de monitorar de perto o tratamento na Saúde Pública que vem sendo oferecido aos Xerente.

A atividade política também se dá nos encontros entre as lideranças das diversas aldeias. Esses encontros são realizados, preferencialmente, na praça municipal de Tocantínia, a qual significa, como observa Farias, o espaço de coesão Xerente na atual conjuntura desse povo. Nas palavras de Farias (1990, p. 121),

> é lá que todos os grupos se encontram e atuam unidos, seja porque a oposição *Xerente* - não-*Xerente* apresenta-se de forma mais contundente e sistemática, seja porque, na verdade Tocantínia apresenta-se como um grande *warã* (pátio), onde todos de todas as aldeias têm oportunidade de se encontrar.

Assim, Tocantínia passa a ser para os Xerente um local de reunião extremamente ativo. "Um local de presença coletiva e de deliberação e ação conjunta" (FARIAS, 1990, p. 121). Esse deslocamento do local de deliberações se deve ao fato de que em Tocantínia, com o encontro de várias aldeias, pode ser construída mais uma via de comunicação, a qual, acreditamos, soma-se aos rádios amadores que já estão presentes em quase todas as aldeias. Pelo que sabemos, há mais de 30 aldeias que já possuem esses rádios que funcionam por baterias ou por energia solar.

É oportuno também considerar algumas características atuais da composição familiar Xerente. Se fizermos isso com base em Melatti (1972), vemos que os Xerente passaram, após o contato com não-indígenas, a adotar a noção de família elementar, ou seja, de família formada por um homem, uma mulher e seus filhos. E, assim, como acrescenta Melatti (1972, p. 77), "não raro o grupo doméstico, além da família elementar, abrange também um ou mais agregados: o pai, a mãe, uma irmã, um sobrinho ou um parente qualquer de um dos cônjuges". Como percebemos, a regra de residência uxorilocal passou a ser operada no que diz respeito à aldeia escolhida para morar. Não raro, o genro deve morar na aldeia do sogro. E, também, não é mais tão rara, a ocorrência de casamentos

interclânicos e interétnicos entre os Xerente.

São muitos os aspectos que envolvem a cultura Xerente, especialmente as atividades que mantêm a sociedade akwẽ como uma população brava e guerreira frente às investidas de extermínio ou de integração à sociedade majoritária. Não está entre nossos objetivos tratar de tais atividades nesta tese. Todavia, estudos abordando a questão do contato Xerente x não-xerente e as mudanças sociais operadas na complexa organização social akwẽ estão aparecendo (Braggio, 2000 e 2005).

Na seção seguinte, tratamos do nome pessoal Xerente e nos ocupamos, sobremaneira, na instauração de um diálogo possível entre Lingüística e Antropologia (ou Antropologia e Lingüística), entendendo que tanto a Lingüística Antropológica quanto a Lingüística Indígena são áreas que procuram compreender a funcionalidade que a língua opera dentro de seus padrões para que a mensagem possa configurar-se (ou emergir) como "unidade" sistêmica e evento de interação, como afirmam lingüistas que lidam com Gramática Funcional (Halliday (1973), Givón (1984) e Dik (1989), entre outros).

1.3 A questão dos nomes próprios ou pessoais no âmbito acadêmico

Em Xerente, nomes próprios, isto é, nomes usados para se referir às pessoas, ou para identificar lugares ou personagens culturalmente significantes são, na maioria, nomes comuns, simples ou compostos, mas se distinguem destes por não se submeterem à maioria dos processos morfológicos e sintáticos, como marcação de número, relativização ou clivagem, incorporação etc. Entretanto, há um centro de elaboração conceitual que se revela na regência dos nomes pessoais Xerente. Mostramos resumidamente como se dá a distribuição dos nomes dos indivíduos da sociedade akwẽ.

Lyons (1977) situa a onomástica como um ramo da semântica que lida com a etimologia dos nomes institucionalizados de pessoas e lugares em diversas línguas. Para ele, os estudos sobre nomes próprios ou pessoais seguem duas grandes tendências. A primeira postula que os nomes próprios são providos de referência e desprovidos de sentido. A segunda afirma que os nomes próprios são portadores de sentido. A controversa questão que há entre as duas posições coloca os nomes próprios na pauta de discussões filosóficas, sociológicas (antropológicas) e lingüísticas há muito tempo. De acordo com

Brito (2003), a divisão do tema nesses dois pólos se dá desde Platão. Para Brito, a discussão entre os personagens platônicos, Hermógenes e Sócrates, revela duas tendências que são seguidas até hoje: ou o fundamento do uso dos nomes é convencional e fruto de acordos ou ele nos dá uma indicação da própria natureza das coisas, ou seja, a questão central é saber se o sentido é inerente às coisas ou adquirido socialmente. Para Brito (2003), na verdade, essa questão nos coloca frente a uma maior indagação, a da relação da linguagem com a realidade objetiva, com o mundo ou com a realidade extralingüística. Consideramos importante a solução que Brito desenvolve para lidar com a questão dos nomes próprios da língua portuguesa sem esgotar – ou sem se deter somente em - o campo da relação linguagem x mundo. Para o autor, aos nomes é conferida "uma privilegiada vinculação aos objetos, que poderíamos expressar inicialmente na seguinte definição: os nomes estão, nas sentenças, por objetos" (BRITO, 2003, p. 20). É esse estar por objetos que Brito discute. Também é por esse *estar por* que assumimos a tarefa de discutir os nomes pessoais da língua Akwẽ-Xerente. A vertente filosófica para abordagem dos nomes próprios pode ser facilmente apreendida mediante a leitura do livro de Brito (2003). Adiantamos, todavia, que as considerações a que Brito chega sobre as teorias descritivistas (a partir de Frege (1892)) e a causal (de Kripke (1972) em diante) são similares as que apresentamos. Segundo Brito (2003, p. 149), nem a teoria descritivista nem a casual "está em condições de sozinha dar conta de todos os casos de usos bem-sucedidos de nomes próprios". Brito sugere que um novo modelo deve emergir e isso pode ser conseguido mediante o confronto das duas teorias supracitadas. A esse novo modelo emergente, o filósofo dá o nome de teoria da referência.

Acreditamos que os estudos contemporâneos sobre referenciação tendem a elucidar questões relacionadas à referência e o sentido dos nomes próprios. Para Dubois e Mondana (apud Ciulla et all (2003), quando falamos em referenciação estamos considerando que a referência, assim como a categorização, advém mais de práticas simbólicas do que de uma ontologia dada. Conseqüentemente, a referenciação engloba o descritivismo e a teoria causal, ou melhor, as posições semânticas e ontológicas que lidam com a questão do nome próprio ou pessoal.

De acordo com Benveniste (1989, p. 22), "tudo o que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistema de valores. São estes valores que se imprimem na língua". Relembrando a conhecida hipótese de Sapir-Whorf de que é a língua de uma determinada comunidade que organiza a cultura (Duranti, 1997), afirmamos que a referida

hipótese nos leva, com seus dois eixos basilares, a acreditar que:

a) somente podemos ver, ouvir e experimentar a realidade que nos cerca através das línguas com suas categorias e distinções próprias; e
b) estas categorias e distinções são únicas em cada língua, ou seja, são parte de um sistema particular.

Nettle & Romaine (2000), retomando a hipótese de Sapir-Whorf, afirmam que os conceitos e pensamentos de uma comunidade se estabelecem de acordo com as características de sua língua e, por isso, comunidades lingüísticas diferentes percebem o mundo de maneira própria. A diferença de língua tem, portanto, uma estruturação intelectual e afetiva diferente. Contudo, há muitas distinções e categorias que podem ser comparadas entre os sistemas lingüísticos e, inclusive, podem ser semelhantes. Esta atividade de comparação é um dos pontos fortes da Lingüística Histórica ou Diacrônica e da Tipologia Lingüística ou Estudos Tipológico-funcionais.

1.3.1 Os nomes próprios ou pessoais em Akwẽ-Xerente

No que diz respeito aos nomes pessoais Xerente, ao situá-los na Lingüística Antropológica, na Onomástica, na Referenciação e na Lingüística Tipológico-funcional, o que temos a apresentar ainda são hipóteses preliminares, as quais são passíveis de comprovação. Conseqüentemente, o caráter das postulações sobre este assunto é explanatório no que concerne ao estabelecimento de um centro de elaboração conceitual Akwẽ-Xerente.

Segundo Allan (1977), os sistemas de classificação das línguas humanas são derivados da percepção que os homens têm das entidades do mundo - ou seja, os classificadores são considerados como correlatos lingüísticos da percepção. Entendemos que podemos encontrar no sistema de classificação pistas para a descrição de um dado sistema de referenciação, de centros conceituais. Para Nettle & Romaine (2000), se quisermos perceber quais são os agrupamentos perceptuais que os classificadores refletem temos que ampliar nossa visão científica. Para essa ampliação, afirmam os autores, devemos manter com outras ciências uma estreita relação. Um dos nossos objetivos nessa

seção é estabelecer uma interface com a Antropologia, mantendo, assim, a idéia de que a Lingüística Antropológica ou Indígena não pode se desvincular das suas ciências de base, a Lingüística e a Antropologia. Também, pretendemos, ainda que de maneira geral, estabelecer possíveis relações entre a Lingüística, a Filosofia e a Matemática (Geometria). Procuramos, mediante o estabelecimento dessas relações, refletir sobre as classes de nomes e classificadores em Xerente.

De acordo com os estudos sobre os Xerente (Nimuendaju (1942), Maybury-Lewis (1965, 1984 e 1990) e Farias, (1990)), a prática simbólica mais significativa dessa sociedade é a de nomeação ou ritual de nominação dos indivíduos. Nesse ritual, segundo Farias (1990), a sociedade Xerente reativa todas as atividades que sustentam a cosmovisão secular que mantém a identidade desse povo. Para Farias (1990, p. 74), o que permite ao ritual esse "up-grade" na sociedade é o sistema dual de metades exogâmicas, uma vez que é "a partir da filiação às metades exogâmicas e, conseqüentemente, aos seus respectivos clãs patrilineares [que] os Xerente constroem a base da sua sociedade". A partir dessa constatação, temos procurado compreender como esse sistema dual opera na base lingüística, já que em nossas incursões pela sociedade Xerente temos nos deparado com aspectos lingüísticos que nos remetem à questão da organização dual. Tratamos, então, das questões relacionadas aos nomes próprios, procurando alcançar um pouco do mecanismo social – o mundo dual – operante na sociedade Akwẽ-Xerente (Jê).

Para Gonçalves (1993), o nome em grande parte das sociedades estudadas tem servido de fio condutor para evocar um discurso sobre o cosmos, e que, notadamente, os nomes pessoais parecem ser uma chave para se articular um sentido, uma amarração possível das idéias sociais e cosmológicas. Segundo Nimuendaju (1946) apud Maybury-Lewis (1984), o princípio de ordenação dos indivíduos da sociedade Timbira Oriental (Jê) é dado pelo nome próprio ou pessoal. "A filiação à maior parte dos grupos mais importantes da sociedade Timbira Oriental se dava através do nome. Por intermédio desses nomes é que ficava estabelecida a filiação de cada indivíduo aos grupos"(NIMUENDAJU, 1946 EM MAYBURY-LEWIS, 1984, P. 368).

De acordo com Viveiros de Castro (1986, p. 125), para os Jê, a categoria Pessoa é construída a partir de uma "dialética 'hilemórfica' do corpo e do nome, do indivíduo e da personagem etc.". Assim, compreender o nome pessoal Xerente (Jê) pode também nos proporcionar condições para entender a categoria Pessoa e muitos aspectos da cosmologia do referido povo indígena.

A primeira questão que nos colocamos sobre os nomes pessoais em Xerente versava sobre a aparente sinonímia entre estes e alguns nomes de animais. Assim, ao encontrarmos o nome **sibaka** para 'garça' pretendíamos encontrar explicações para o nome próprio **sibaka-di** 'garça-PRED/NMZ(?)' = Nome próprio Xerente'. Por que uma pessoa tem um nome correlato ao de um animal? Como o sistema de nomeação opera em Xerente para materializar essa correlação? O que ela de fato evoca?

Uma primeira explicação recaiu sobre como os próprios Xerente vêem essa situação. Para alguns falantes, essa correlação pode ser explicada por um processo de contigüidade ou afinidade: "o **-di**[5] quer dizer que a pessoa está cheia do animal que lhe dá nome[6]", ou seja, o sufixo indica mudança na categoria do nome, de nome comum – ou nome de espécie (Brito, 2003) - a nome próprio. Contudo, as duas categorias mantêm entre si uma relação de referência partilhada, uma vez que o radical dos nomes é o mesmo. Assim, pareceu-nos que a explicação seria, sem dúvida, essa mesma.

Todavia, contamos com outros aspectos. Os nomes femininos são marcados pelos sufixos **-di, -ti** ou **-ki** dependendo do clã a que pertencem. Para os nomes masculinos, as marcas de "contigüidade" com o animal ou filiação clânica são os sufixos: -ø, **-kwa** e **-mẽkwa.**

Percebe-se que explicar o que é aparentemente fácil torna-se difícil ao adentrarmos o campo da referenciação. No nível da palavra resolveríamos a situação dizendo que -ø, **-di**, **-ti, -ki**, **-kwa** e **-mẽkwa** podem ser considerados como afixos identificados como morfemas presos, os quais são usados para mudar o significado de uma raiz ou como faz Ribeiro (1996), ao estudar o Karajá, dizer que identificam o sujeito da sentença.

Entretanto, os estudos sobre os Xerente (cf. Farias, 1990) apontam que as metades exogâmicas e seus respectivos clãs localizam (situam/classificam) o indivíduo no plano mais amplo da sociedade como um todo. Maybury-Lewis (1984, p. 373) afirma que há entre os Xerente "uma consciência muito clara a respeito da antítese entre os termos de uma oposição que reiteradamente envolve Ego e os seus (Nós), de um lado, contra os demais (Eles, Vocês), de outro". Ainda, todo o esquema de antíteses Xerente se relaciona às suas metades exogâmicas.

---

[5] Segundo Ribeiro (1996), há em Karajá (Macro-Jê) uma situação parecida. De acordo com suas conclusões, os Karajá usam o sufixo **–du** aos nomes pessoais para indicar quem é o sujeito do verbo. A esse fenômeno, Ribeiro chama de "Nomes de Sujeito". Em Xerente, o sufixo –**di** é responsável principalmente pela predicação de sentenças nominais.

[6] Depoimento de alguns Xerente.

O nome é uma das formas, se não a forma – na sociedade Xerente, de filiar o indivíduo ao clã. Dizemos se não a forma porque os nomes, em condições específicas e especiais, podem, nessa sociedade, ser intercambiados entre os clãs. De acordo com Nimuendaju (1942), os clãs Xerente detêm o seu próprio conjunto de nomes pessoais e a nominação é usada como recurso para estabelecer ou alterar filiação clânica.

A pergunta que nos surge é como se opera essa filiação a partir do nome e de que forma ela se mantém como articuladora da cosmovisão Xerente? A hipótese que temos é que a relação homem/natureza é o ponto forte de articulação desse modo de referenciação. De acordo com Carboni e Maestri (2003, p. 67), o americano nativo, o tupi, "era, sobretudo, um morador, um produtor aldeão, portanto, um ser eminentemente social. [...] O ato produtivo consciente era o principal mediador de suas relações com a natureza e com seus semelhantes". Segundo Queiroz (1976), o arcaísmo Xerente só pode ser visto mediante a mobilização do modo de vida Akwẽ, que inclui, essencialmente, sua visão cosmológica, profundamente marcada por sua relação com elementos da natureza. Para Viveiros de Castro (1986), os Jê apresentam uma intricada relação dialética de Natureza e Cultura, Ser e Não-ser que torna visível boa parte da organização social desses povos.

Para chegarmos à hipótese de que a relação homem/natureza é o ponto forte de articulação do modo de referenciação Xerente percorremos o seguinte caminho:

O nome **akwẽ** pode ser traduzido para o português como "o que está acima de todas as coisas", "o mais notável", "o que é humano, gente". Ao **akwẽ** está reservada a tarefa de organizar o mundo, inclusive o gramatical sistêmico que tem a base conceptual operada metonimicamente por cada clã. E ele opera essa organização dualisticamente a partir de dois grandes sistemas sociais que se opõem medianamente para dar conta de oferecer equilíbrio ao cosmos. O mundo é construído sob a lua e o sol (sdakrã ou wahire = Lua; e sptatɔ ou dɔi = Sol) pelo que tem autorização dessas entidades (ou divindades) para ser o senhor do mundo, o **akwẽ**. As metades **wahire** e **dɔi** se subdividem em clãs abarcando toda a complexidade do mundo natural.

Para os Xerente, se quisermos saber qual o papel do indivíduo no mundo, temos que encontrar o seu **ĩkrda**, ou seja, aquele que tem acesso à permissão do Sol ou da Lua para o indivíduo ser alguém que tem algo a fazer no mundo, uma pessoa que terá uma classe para

reger, a qual é indicada pelo seu nome seguido de **-ø, -ti, –di, -ki, -kwa e -mẽkwa;** temos que encontrar seu motivo "fundante", o qual é conhecido pelo **ĩ-krda** '3-raiz = a raiz, o antigo'**.** Certamente um deverbal que indica aquele que conhece/coloca/recomenda os seus ancestrais, suas raízes (ĩ-snɔ̃krda '3- anterior, antigo, velho, raiz= a raiz ou o que inicia a raiz, o clã'). Segundo Nimuendaju (1942, p. 20), "um clã é designado por ĩsnãkrda ou wannãkrda que denota 'seu/meu-nosso clã'. Literalmente, o termo significa 'origem': wudẽnnãkrda, 'tronco-da-árvore'", onde se pode notar: wude- 'árvore, tronco, pau' –n- 'R3' –nɔ̃krda 'raiz, antigo'.

Com isso, encontramos nas raízes dos nomes emblemáticos de cada clã a função que esse conjunto tem a exercer no cotidiano da vida Xerente. A regra primeira de raiz é o pertencimento à Lua ou ao Sol. Para Farias (1990: 139), "os nomes devem obedecer ao caráter ditado pela matriz dual". De acordo com Maybury-Lewis (1984, p. 354),

> os mitos Xerente relativos a Waptokwa, o sol humanizado, e Wahire, a lua antropomórfica, constituem elementos centrais de sua visão de mundo. Essas figuras não só são vistas como fundadores e, em certo sentido, como os patronos das metades exogâmicas mas também todas as histórias demonstram suas características antitéticas e complementares.

1.3.2 A teoria da referência e os nomes em Akwẽ - aproximação

Mais uma vez, frisamos que a noção de dualismo revela "o modo pelo qual as sociedades duais, como Xavante e Xerente, pensam. Essas sociedades concebem a maior parte de suas atividades cruciais – rituais ou técnicas – em termos da dicotomia entre nós e eles" (MAYBURY-LEWIS, 1984, P. 6). Assim, os Xerente reconhecem seus companheiros de clã como sendo, de alguma forma, "a minha gente", o "meu pessoal", em oposição às pessoas que não pertencem ao mesmo clã e que são "os outros". "Todo o esquema de antítese Xerente relaciona-se às suas metades exogâmicas" (MAYBURY-LEWIS, 1984, P. 366).

A tripartição das metades em clãs oferecida por Nimuendaju e revista por Farias é a que adaptamos em (01):

(01) **sdakɾɜ̃ ou wahiɾe** >>> **ɪ̃sɾuɾie ou wahiɾe**

(Lua) >>> **ɪ̃sauɾɛ ou ɪ̃sakɛ/kɾɔzakɛ**

>>> **kɾɜ̃ipɾɛhi ou kɾɛ̃pɾɛhi**

sptatɔ ou Dɔhi/Dɔi >>> **kuze ou kuzɨ**

(Sol) >>> **kbazi**

>>> **pɾasɛ ou kɾitɔ**

Esses clãs são identificados pela escrita tradicional Xerente que se realiza através de grafismos, como observa Braggio (1999). A escrita, mediante grafismo, se dá em Xerente, sobretudo, nos corpos de cada ser. De acordo com Lopes da Silva e Farias (2000, p. 98), "há dois motivos básicos na pintura clânica dos Acuen-Xerente: o traço (*wahirê*) e o círculo (*dói*). Esses motivos são hoje, como sempre, uma das referências básicas, aos olhos dos próprios Xerente, para a identificação de suas metades patrilineares exogâmicas tradicionais". Segundo Ramos (1986), a pintura corporal entre os Xikrín (Jê) também retrata o simbolismo cósmico desse povo. Afirma Ramos (1986, p. 86): "o sistema cosmológico de uma sociedade indígena é uma combinação de vários tipos de conhecimentos". Para Viveiros de Castro (1986, p. 125), é preciso entender os grafismos ou os idiomas "corporais" (como o antropólogo os denomina) para compreender "uma lógica das qualidades sensíveis que, partindo de uma codificação dos sentidos, dos processos de comunicação entre corpo e mundo, articulam proposições cosmológicas". Dessa forma, aponta Viveiros de Castro, faz-se necessário considerar que os grafismos são centrais para a compreensão de formas de constituição do todo social dos povos que fazem usos dos idiomas corporais.

Entendemos que há em Xerente um imbricamento de linguagens para distribuir as atividades sociais que devem ser desempenhadas pelos indivíduos. Essas atividades são indicadas ou sinalizadas pelos grafismos e pelos nomes dos clãs e de seus afiliados, isto é, a junção entre as linguagens visual (gráfica) e verbal (oral) remete o indivíduo ao seu fazer, situa-o. Conseqüentemente, também podemos afirmar que há nessa relação entre linguagens muito dos princípios da Geometria, uma vez que os desenhos dos clãs obedecem a padrões geométricos, isto é, as subdivisões do sistema social são visualizadas mediante padrões geométricos relacionados à cada clã e às metades exogâmicas.

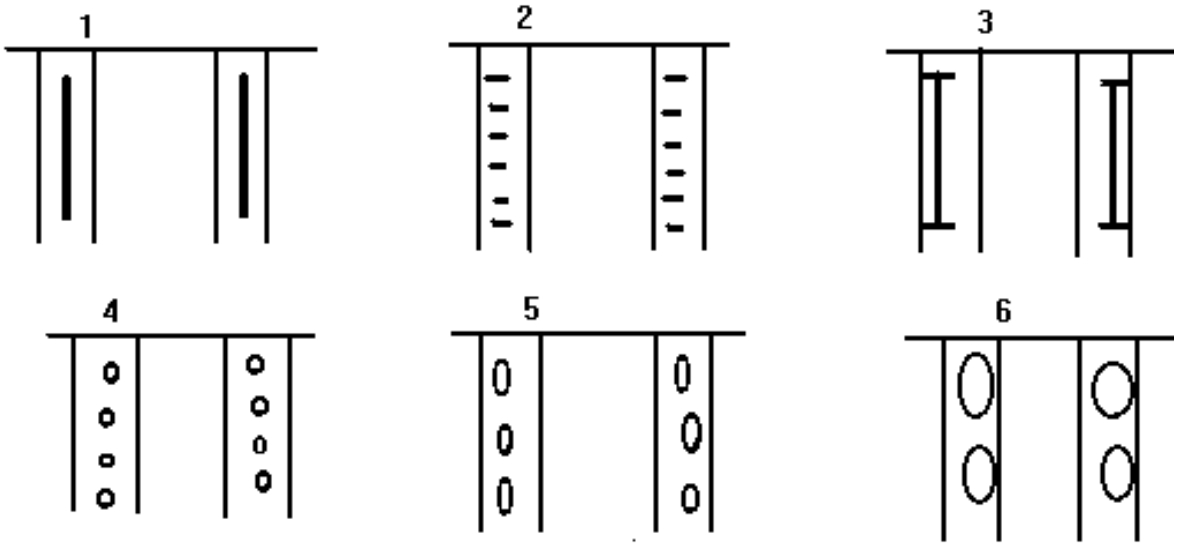
Um estudo sobre as relações da Geometria e o pensamento social pode elucidar várias questões ligadas à cosmologia e à organização social dos Xerente. De acordo com Bustamante (1989), o conjunto universo da Geometria é o espaço e todas as entidades que podemos supor existirem no referido espaço, inclusive no espaço conceitual. A relação entre Geometria e Lingüística, até onde sabemos, é pouco aplicada aos estudos sobre os povos indígenas do Brasil. Contudo, não tratamos da referida relação por questão de tempo e espaço, ficando, dessa forma, esse tema para estudos futuros.

Assim, representam-se os clãs nos corpos de cada indivíduo Xerente, como ilustram os exemplos em (02):

(02) Figura 02 - As metades e clãs Xerente na linguagem corporal:

A Lua (wahiɾe (1), kɾɔzakɛ (2) e kɾẽpɾɛhi (3))

e o Sol (kuzɨ (4), kbazi (5) e kɾitɔ (6)).



Cada um desses clãs ou partidos que compõem as metades exogâmicas tem, no rol dos nomes dos indivíduos filiados, um nome que figura como o primeiro, o demarcador de fronteiras, como observa Farias (1990, p. 140):

> Cada clã deve iniciar a nominação de seus componentes a partir de um nome específico. Ao gritar esses nomes, o *dakumãhurukwá* estará fazendo a todos entender que se inicia a nominação de um determinado clã. Assim vai, até gritar o nome de outro clã, que carrega este mesmo sentido de demarcar fronteiras clânicas.

Com isso, entendemos que os nomes de fronteiras são os primeiros nomes de cada clã, isto é, a nominação de um clã se inicia a partir desse nome específico, o qual determina que se encerrou a nominação de um clã para começar a de outro. Os nomes de fronteiras puxam os outros nomes de seus respectivos clãs. Entretanto, apesar desses nomes possuírem relevância conhecida, eles não conferem status diferenciado aos seus possuidores. De acordo com Nimuendaju (1942), os portadores desses nomes deveriam usar ornamentos específicos de cada clã. Parece não haver atualmente o uso de tais adornos diferenciadores ou demarcadores, servindo de demarcador somente um dos nomes de cada clã.

Em sua pesquisa, Farias (1990) não obteve o nome de fronteira do clã kɾ̃ipɾɛhi e também há divergências quanto aos nomes de fronteira dos clãs wahire, kɾɔzakɛ e kuzɨ- grafados por Farias como pɔnkudɨ, seɾempõɛ e wawẽkuɾe – em relação aos que encontramos em nossa pesquisa. Também Farias (1990) assinala diferenças entre os nomes que encontrou e os que Nimuendaju (1942) registrou. Para Farias (1990, p. 141), isso acontece em anotações etnológicas e o desvio ou diferença "é perfeitamente compreensível em anotações dessa natureza". Acrescentamos o nome que faltava à lista de Farias e fizemos alguns ajustes de transcrição. São assim distribuídos os nomes de fronteiras dos clãs:

(03) nomes de fronteiras dos clãs Xerente:

Nome de fronteira	clã
pn̄ikudɨ	**wahiɾe**
wawẽkɾuɾe	**ĩsakɛ/kɾɔzakɛ**
rɔmtepɾɛ	**kɾ̃ipɾɛhi**
sɛɾemtowe	**kuzɨ**
kumnɜ̃sẽ	**kbazi**
pɾasɛ	**kɾitɔ**

Consideramos que os estudos sobre nomes próprios ou pessoais seguem duas grandes tendências. A primeira postula que os nomes próprios são providos de referência e desprovidos de sentido. A segunda, afirma que os nomes próprios são portadores de

sentido. Contudo, adotamos a referenciação (Dubois e Mondana, apud Ciulla et all (2003)) para abordar os nomes Xerente. Nessa vertente, os nomes pessoais são tão providos de referência quanto de sentido. Assim, compreendemos que os nomes Xerente identificam o indivíduo e fazem referências às atividades que ele deve desempenhar na sociedade como um todo. Entretanto, esses nomes são propriedades dos clãs e não dos indivíduos. Desta feita, os nomes destinam-se menos a identificar o indivíduo e muito mais a distribuir as tarefas que seu clã deve desempenhar para manter o equilíbrio social. Por outro lado, os nomes Xerente constituem-se num sistema classificatório partilhado pelos clãs, isto é, o sistema classificatório não tem autonomia absoluta, pois devem estar em oposição ou em complementação aos clãs diferentes e todos os clãs devem obedecer às metades exogâmicas.

Em resumo, os nomes pessoais Xerente carregam consigo sentidos e referências suficientes para nomear a sociedade como um todo, para ser uma espécie de fio condutor que evoca um discurso sobre o cosmos, o qual pode ser uma chave para se articular um sentido, uma amarração possível das idéias sociais e cosmológicas Akwẽ e, sobretudo, do sistema lingüístico-conceptual dessa sociedade. Os nomes são produtos da sociedade como um todo e podem, por isso, ser intercambiados e intrinsecamente relacionados entre metades e clãs.

Estamos interessados em demonstrar uma leitura possível dos nomes pessoais tendo em vista o objetivo de descrever esse hipotético fio condutor que evoca um cosmos discursivo, isto é, pretendemos refletir sobre a posição enunciativa do discurso cosmológico (Viveiros de Castro, 1986) de um povo Jê, os Akwẽ-Xerente, a partir do nome pessoal.

Adiante, encontram-se as referências e sentidos que os nomes pessoais enunciam, particularmente, tendo os nomes de fronteira como emblemas das variadas enunciações.

Ao primeiro nome **pnĩkudɨ-mẽkwa** ‘aquele que esconde (protege) os mais novos ou se esconde entre os pequenos; faz o inimigo errar/perder o alvo; o perdedor de alvos’, vinculam-se os animais pequenos que se escondem no meio do mato e as árvores pequenas, como exemplificados em (04):

(04) **pɔnẽ** ‘veado-mateiro’, **pɔnkẽkmõpɔɾe** ‘carneiro, ovelha’, **pɔnkẽɾe** ‘bode, cabra, veado-catingueiro’ e **pɔnĩshu/pɔnĩsuku** ‘canela-de-ema (arbusto)’, **pnĩnãnhu** ‘pinhé, gavião-carrapateiro’, **ku** ‘lobo guará’.

O segundo nome, **wawẽkɾuɾɛ** ‘grande/comprido e ágil/escorregadio/liso’, traz consigo os animais que são compridos, ágeis e escorregadios, sendo que estes apresentam em seu corpo algo saliente, como chifre ou saliência **/ku/** ou ferrão **/kɾu/**, como ilustram os exemplos em (05):

(05) **kɾu** ‘rato’, **kɾubɨ** ‘rato grande do mato’, **kɾukɾaɾe** ‘camundongo’, **kɾuĩkɾabi** ‘marimbondo grande’, **kɾuktabi** ‘preá’, **ktɨ** ‘anta’, **ktaitiɾe** ‘espécie de gavião’, **ku** ‘lobo guará’, **kuhɨ** ‘porco’, **kupi** ‘peixe elétrico’, **kuti** ‘sapo’, **kuihɨ/kwihɨ** ‘jacaré’.

Ao terceiro nome, **rɔmtepɾɛ** ‘aquele que olha bem o novo, o que possui novo e aguçado olhar para as coisas’, se relacionam os nomes exemplificados em (06):

(06) **ɾɔ** ‘coisa’, **ɾɔkɔ** ‘fazer fogo, acender’, **ɾɔkwakrutu** ‘atrapalhar’, **ɾɔmə̃dɨkɨ** ‘olhar em coisa, zelar por coisa’ **ɾɔmhɨ** ‘coisa de fora, longe’, **ɾɔmhɨimbaikõ** ‘coisa distante sem matéria, fantasma, ser sem corpo’, **ɾɔmhuri** ‘pegar coisa; mexer, malinar’, **ɾɔmkurɛ** ‘coisa lisa, coisa escorregadia’ **ɾɔmkwa** ‘coisa que espeta como o dente, espinho’ **ɾɔmn̄isizɛ** ‘o nome das coisas, nome, substantivo’.

O nome **sɛɾemtowẽ-mẽkwa** ‘aquele que cuida dos animais que voam’ traz consigo os nomes exemplificados como (07):

(07) **sɛ** ‘pássaro martim-pescador’, **sɛpsde** ‘pica-pau do campo’, **shõn̄i** ‘curiango’, **si** ‘pássaro pequeno’, **sibaka** ‘garça’, **sihikuwa** ‘frango d’água azul’, **sika** ‘galinha’, **sikwataka** ‘araponga’.

kumnansẽ ‘o que pensa certo, o que clareia as ações’, distribui os nomes nas ações humanas (cognitivo-afetivas e físicas) e animais ligados (próximos) aos homens, como demonstram os exemplos em (08):

(08) **kumdɨ** ‘capivara’, **kumdɨiti** ‘paquinha (inseto)’, **kumnɨ̃ɾe** ‘aleluia (inseto)’, **kumnə̃si** ‘modo de pensar’, **kumnə̃ste** ‘ação impensada (não-planejada)’, **kumte** ‘tomar banho’, **bdɨ** ‘sol’, **bdɨdiɾe** ‘trilho (trieiro), estradinha’, **bdɨdi** ‘caminho’.

‘Aquele que veio dos vales, das montanhas, que tem outras visões’ **pɾasɛ** é o nome que oferece uma lista de coisas trazidas para os índios, como as que estão em (09):

(09) **kɾi** ‘casa’, **kɾitɔ** ‘bola’, **kɾiɾesu** ‘palha de coco piaçaba’, **pɾa** ‘pé/rastro’, **pɾahɨ** ‘cipó-imbé’, **pɾaba** ‘modo de dançar’, **bɾu** ‘roça’, **bɾudu** ‘pau-brasil’.

O quadro apresentado nos permite levantar algumas hipóteses:

1) Vinculados à metade da Lua temos:

a) Junto aos **wahiɾe** todas as classes de animais e árvores que estão à vista, estão nas proximidades da visão mas que podem ser camufladas, ser escondidas ou abandonadas. O que reforça essa hipótese é a presença de uma extensa classe de vegetais que é classificada pelo termo de classe **wde**. Essa classe provavelmente segue o nome **wde-mẽkwa** ‘aquele que cuida das árvores grandes’. Também, esse clã tem como motivo para a pintura corporal traços verticais fortes e unitários (“como uma tora”, dizem os Xerente) que são pintados no tronco e nas costas dos seus filiados. Há uma vasta lista de árvores que possuem o termo **wde**, que ora aparece iniciando palavras, ora finalizando.

Observa Farias (1990) que a pintura corporal pode indicar-nos o modo de organização de cada clã. O motivo do partido **wahiɾe**, como dissemos, é um traço forte na vertical. É assim que eles se referem às árvores que possuem **wde**: “elas têm um tronco que as sustenta em pé”.

Por extensão, podemos dizer que os peixes são vistos nessa linha de verticalização. A classe que seguiria ‘aquele que cuida/é dos peixes’ **tpe-mẽkwa** seria também uma extensa classe formada a partir do termo de classe **tpe,** o qual também aparece no início ou no final da palavra[7].

[7] De acordo com o **Sruru** “Sete Estrelo”, um dos mitos de origem dos Xerente, a água nasceu quando o akwẽ enfiou o **wde** “pau vertical” no fundo da terra, no chão. A água então jorrou e formou o mar. (Cimi GO/TO, 1992).

b) O clã **ĩsakɛ ou kɾɔzakɛ** traz consigo objetos (animais e coisas) que estão longe, fora do alcance do homem, são vistos no horizonte distante. Se confirmarmos essa hipótese, podemos ter aqui entidades como **wa** 'papagaio, efeito de clarear ou lua', **wasi** 'estrela', **wahi** 'cascavel' e muitas entidades que têm nomes formados pelo termo **wa.** Coisas que podem ser vistas, como dissemos, no horizonte, já que o motivo dos krɔzakɛ são seqüências de linhas horizontais.

c) Segundo Farias (1990), o motivo dos **kɾɔ̃ipɾɛhi ~ kɾɛ̃pɾɛhi** é uma linha vertical pintada no lado do corpo, ao passo que os **wahiɾe** têm uma linha vertical pintada no tronco e nas costas dos indivíduos. De acordo com um dos integrantes desse clã, Darerê Xerente, 35 anos, há, encerrando a linha vertical, traços horizontais, como se vê na figura do exemplo número (02). Esse fato nos faz supor que os krɔ̃iprɛhi são responsáveis pelo que não se mostra aparentemente mas pode ser pensado, criado, ensinado, construído de acordo com a ordem das coisas naturais do mundo.

2) vinculados ao Sol temos:

a) No clã **kuzɨ**, aves não comestíveis, animais pequenos que voam e que precisam da proteção do homem. Protegendo-os, os Xerente não podem fazer dessa classe fonte de alimentação. De fato, ao procurarmos quais animais são comestíveis, os Xerente não incluem os das classes formadas pelos termos **se/si, sbi**, pássaros pequenos[8] e insetos considerados por eles como asquerosos[9], respectivamente. Ao que tudo indica, tais animais servem para anunciar as mudanças climáticas, para trazer boas novas aos índios e para protegê-los de perigos possíveis.

O motivo para a pintura corporal dos **kuzɨ** são os menores círculos que se pode fazer no corpo de uma pessoa.

b) Os **kbazi** trazem círculos médios como pintura corporal. É como se desenhassem diversos astros solares médios para indicar o caráter desse clã. De acordo com nossa hipótese, isso se justifica para mostrar que eles são os responsáveis pela ação de

[8] Segundo o mito **Brupahi** "andorinha", os Xerente se transformam em aves pequenas. (Cimi GO/TO, 1994) e de acordo com o mito **Kunmã watbroze –** "o aparecimento do fogo", uma ave deu o fogo (kuzɨ) aos Xerente.

[9] As formigas são consideradas ótimos petiscos e são muito apreciadas na culinária Xerente, isto é, nem todos os insetos são considerados asquerosos e só os Akwẽ sabem nos informar quais são comestíveis e quais não o são.

pensar para o grupo, de articular, de equilibrar a liderança, de mediar razões que desencadeiam ações.

Também, podemos supor que uma enorme lista de nomes que se formam a partir de **kɾɔ̃** e/ou **kɾa** está associada aos **kbazi**, como: **kɾɔ̃ihɨiwamtɾo** ‘chapéu’, **kɾɔ̃ikdɨ** ‘enganação, cabeça virada’, **kɾawa** ‘paca’, **kɾawanõ** ‘paqueiro (árvore onde ficam as pacas)’, **kɾaɾa** ‘uma das quatro associações masculinas Xerente’ e assim por diante.

c) Já para os **kɾitɔ**, temos os maiores círculos pintados nos Xerente. Tal situação nos leva a crer que, por isso, esse clã acopla coisas dos **kuzɨ** e dos **kbazi** e acresce o que é novo, o que veio de fora. Coisas que não estão muito distantes, mas que não foram pensadas pelos Xerente, o campo das possibilidades, do que é novo. Como, por exemplo, a idéia de cunhado que acarreta mudança de mentalidade e mudança física, pois a partir daí tem-se novas relações de parentesco firmadas com a outra metade exogâmica e/ou com outros povos; ou a adoção de um filho alheio (**ĩsdikumkwa** ‘cunhado (referência)’ e **ĩsmĩwamzu** ‘filho de criação’).

Se pudermos de fato considerar todos os pressupostos desenvolvidos, podemos sintetizar a organização dual dos Xerente por dois caminhos. Primeiro, há dois grandes campos de visão **akwẽ** sobre o mundo que se organiza a partir da oposição (ou divisão) mediada pelos partidos. São os clãs que dão conta da visão do que é grande e do que é pequeno, isto é, são os clãs os responsáveis por todas as tarefas que o indivíduo deve realizar, sejam elas fáceis ou difíceis. São eles que enxergam o todo circular, vertical ou horizontalmente. Assim, os clãs cuidam das visões que a Lua e o Sol, com suas luzes, possibilitam-lhes nos cursos das noites e dos dias. Os clãs **wahiɾe** e **kɾitɔ** são responsáveis pela visão de tudo que é grande, pela grande visão, do que se mostra aparentemente, quer seja das entidades existentes no momento, quer seja das que existem em potencial; os clãs **kɾɔzakɛ** e **kuzɨ** cuidam das coisas pequenas, ou da visão pequena, detalhada; e entrecortando os dois campos dessa antítese teríamos as visões mediadoras dos clãs **kɾẽpɾɛhi** e **kbazi**, lembrando que os maiores círculos podem acoplar tantos os pequenos quantos os médios e que, na pintura dos krɔ̃iprɛhi, os traços horizontais e os verticais já estão imbricados uns aos outros. Assim, é possível considerar que essas antíteses se tornam uma síntese em que todos os clãs participam para formar o mundo Akwẽ.

Se considerarmos o sistema de confrontação de clãs apresentado por Nimuendaju (1942, p. 17), abaixo reproduzido com adaptações, veremos que o referido autor descreve essa confrontação – ou correspondência direta dos clãs no sistema de metades – como sendo simétrica e linear, ou seja, cada clã faz par - no sistema social - com o que está disposto geograficamente à sua frente (como ilustram as setas acrescentadas à figura de Nimuendaju).

Figura 03 - Plano de aldeia proposto por Kurt Nimuendaju.

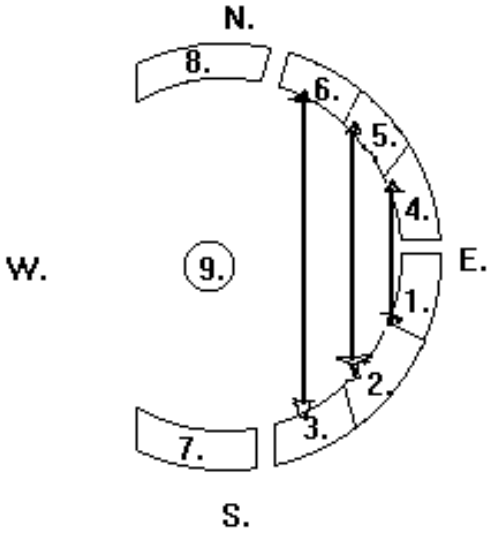


Figura - Plano da aldeia

A.-Clãs da metade Siptató (SOL):	B.-Clãs da metade Sdakrã (LUA):	C.-Tribos incorporadas:
1. Kuzé’	4. Krẽprehi’	7. Prasé’
2. Ɪsibdu’	5. Ɪsaure’	8. Krɔzake’
3. kbazipre’	6. Ɪsruri’e	

9. Warã (pátio de reuniões)

(NIMUENDAJU, 1942, p. 17 – adaptado).

Segundo Nimuendaju (1942, p. 19), “cada clã tem um lugar distinto na aldeia: Kuze’ e Krẽprehi’ à direita e à esquerda da saída Leste; Ɪsibdu’ e Ɪsaure’ no centro; e o Kbazipre’e Ɪsruri’e no Oeste”. Sendo que, afirma Nimuendaju, estão frente a frente, numa

correspondência social direta e linear.

De acordo com nosso estudo sobre os nomes pessoais, a linearidade de correspondência apontada por Nimuendaju só existe geograficamente e não em termos de funções dos clãs ou das visões pelas quais eles são responsáveis. Os indícios de nosso estudo sugerem que a confrontação dos clãs, levando em conta os sistema de "ferradura" (acima representado), não é tão linear. Ainda que haja simetria, esta não se restringe à distribuição geográfico-espacial, mas de acordo com a função social que cada clã deve desempenhar na sociedade Akwẽ. Atualmente, podemos ver que a sociedade Xerente não organiza suas aldeias num espaço em forma de ferradura e nem por isso os indígenas deixaram de saber quais são as correspondências que cada par de clãs tem no sistema de metades exogâmicas. Abaixo, esquematizamos uma possível confrontação ou correspondências dos clãs (utilizamos o esquema de ferradura proposto por Nimuendaju (1942)).

Figura 04 - O plano de ferradura aplicado à organização Xerente de 2006.

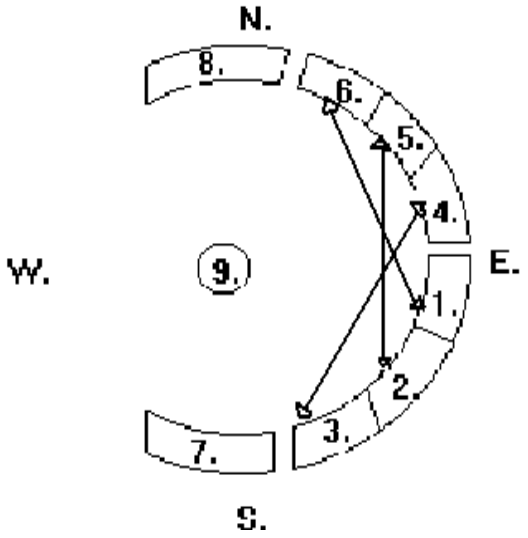


Figura - Plano da aldeia em 2006.

A.-Clãs da metade dɔhi ~ dɔi (SOL):	B.-Clãs da metade wahire (LUA):
1. kuzɨ	4. kɾ̃ipɾɛhi
2. kɾitɔ	5. wahiɾe
3. kbazi	6. kɾɔzakɛ

9. Waɾ̃ (pátio de reuniões)

As mudanças ocorridas ao longo do tempo explicam as fusões de clãs e o retorno ao sistema de seis "partidos" às metades Xerente. O percurso e as razões para tais transformações são discutidos por Farias (1990).

De acordo com nossa figura em forma de ferradura, os clãs wahire e kritɔ, responsáveis pela grande visão, estão alinhados no mesmo plano ou nível, confrontam-se em um sistema de oposição mediada, estando no centro da organização dual, talvez protegidos pelos outros clãs "menores". Estruturam relações simétricas (verticais, como ilustra a seta da figura) e dialéticas (circulares). Já tanto os clãs kɾẽpɾɛhi e kbazi quanto os clãs kɾɔzakɛ e kuzɨ cortam a dualidade que estrutura o sistema social e proporcionam a essa organização fluxo e defluxo para que o sistema não se desequilibre frente às adversidades ou imprevistos que vierem a aparecer, isto é, garantem a vitalidade da organização.

O segundo caminho para a explicação do sistema dual mediante os nomes pessoais exige mais pesquisas e maior aprofundamento da questão, já que seria necessária a proposição de um inventário mais analítico para os sistemas. Nesse sentido, teríamos seis grandes classes de organização da referenciação Xerente, as quais se enquadram nas metades. Para **a LUA** ficariam as classes i) dos que podem ser vistos na vertical: na terra (em sua parte superficial e na profunda) e na água (superficial e profundamente). Coisas da **terra** e da **água**; ii) O que está no horizonte, longe mas visível e perceptível: coisas do **ar** e iii) das ações que visam o amadurecimento de idéias para o equilíbrio entre homens e entre estes e a natureza[10], os **sentimentos**; para o **SOL** ficariam as classes iv) dos animais pequenos que voam, transitam entre o **ar** e a **terra**; v) das idéias ou atividades mentais (afetivo-cognitivas): **o fazer humano**; e vi) das mudanças provocadas por atividades físicas e cognitvo-afetivas: **o conhecimento**.

Há, como vimos, toda uma lógica de distribuição do indivíduo em relação à natureza, inclusive no que se refere à natureza humana. É essa lógica que podemos descrever e comprovar quando tiver inventariado toda a classificação dos nomes em seus respectivos clãs. Segundo Viveiros de Castro (1992, p. 133), há "sociedades indígenas brasileiras onde os nomes marcam posições sociais e papéis cerimoniais, chegando quase a

[10] Esta terceira classe seria a classe regida pelo clã krə̃iprɛhi ~ krẽprɛhi. Esse pressuposto pode ser levantado, inclusive, observando-se a forma de composição do nome do clã. O exemplo abaixo ilustra como o nome krə̃iprɛhi é formado:
a) krə̃ 'cabeça' –i- 'VL' -prɛ 'madura' -hi 'osso, esqueleto' lit. 'Gente de cabeça amadurecida (boa).'

terem função de títulos". Para nós, essa parece ser a função dos nomes próprios da sociedade Xerente, isto é, cada indivíduo recebe em seu nome um título que o obriga a cuidar de uma determinada atividade social e vital. Se todas as nossas hipóteses puderem ser confirmadas, podemos dizer que a sociedade Xerente vê a natureza como extensão do homem e vice-versa, o que pode ser, até certo ponto, confirmado pelos mitos publicados por esse povo (Cimi GO/TO, 1991, 1992, 1994 e 1995).

Atualmente, infelizmente, parece-nos que os Xerente, pelos menos os mais jovens, não têm consciência de toda a estrutura lingüística organizada para nomeação dos indivíduos da sociedade e toda gama de relações que ela evoca. Também, normalmente, o falante não se atém ao sistema da língua procurando explicá-lo, como já verificou Kibrik (1977) em seus estudos. Ou seja, não são os falantes os melhores auxiliares para elucidar questões relacionadas a sistematizações científico-acadêmicas sobre sua comunidade de fala, sobre sua língua(gem). Todavia, mitos como o da **bɾupahi** 'andorinha' e outros continuam sendo contados e fazendo parte do imaginário de cada ser que compõe a sociedade Xerente e, a partir daí, estabelecendo modos de conduta. Sabe-se, por exemplo, que não é possível fazer da carne de andorinha alimentação, uma vez que elas, em princípio, eram meninas akwẽ. Segundo Benveniste (1989, p. 22), "a língua carrega uma série de dados herdados. A língua não se transforma automaticamente à medida que a cultura se transforma". Assim, afirmamos que de alguma forma os nomes pessoais induzem o indivíduo a pensar na correlação que existe entre homem e natureza, o que, de certa maneira, no mínimo, o faz afeiçoar-se à coisa que lhe deu nome. No que nos diz respeito, ganhamos o nome de **wɾẽwẽ** 'anu bonito' do clã kbazi e, a partir da explicação que tivemos do quanto o anu é especial para a sociedade Xerente, passamos a nos afeiçoar a esse pássaro que até aquele momento não nos era bem visto e nem nos despertava interesse. Enfim, segundo Brito (2003, p. 37), "nomes próprios se ligam a seus portadores específicos, mesmo a despeito do contexto" em que foram produzidos e, pela nomeação, "um certo vínculo é estabelecido entre um nome e o objeto que ele nomeia, tal que, a partir de então, o nome esteja na sentença pelo objeto". (BRITO, 2003, p. 25).

Também, Maybury-Lewis (1990, p. 112), considerando a importância do nome pessoal para a sociedade Xerente, afirma que ao atribuir um nome à sua esposa, Pia, os Akwẽ "a colocaram formalmente numa relação social correta com o restante dos moradores". Nas palavras de dbakrɔ, Maybury-Lewis traduz o novo nome de sua esposa:

"'– Agora ela se chama tpedi, ele disse'. O nome queria dizer peixe em Xerente" (MAYBURY-LEWIS, 1990, p. 113). O autor ainda acrescenta:

> Tradicionalmente, as meninas eram [são] nomeadas pelas associações masculinas. Cada associação tem seu próprio conjunto de nomes e os transfere cerimonialmente a pares escolhidos de meninas pequenas, uma de cada metade, sempre que seus pais lhe pedem que o façam (MAYBURY-LEWIS, 1990, p. 112).

Por fim, afirmamos que há, por parte dos Xerente, uma mobilização no resgate das "leis"[11] que estão se modificando, enfraquecendo. Essa atividade parece vir se fortalecendo desde a década de quarenta. Naquela época, Wakuke, um dos líderes Xerente e auxiliar de Maybury-Lewis, declara que

> "Nós, os velhos, lembramos e tentamos ensinar os jovens. Se eles não aprenderem a viver, os Xerente morrerão. As crianças agora ficam sem nome e se não lhes dermos nome, o povo vai esquecer como se fazem essas coisas" (WAKUKE, EM MAYBURY-LEWIS, 1990, P. 117).

Vê-se que essa questão, ainda que não esgotada, permite uma possibilidade de explicação para os modos de referenciação Xerente.

No próximo capítulo estudamos alguns aspectos sociolingüísticos do provo Akwẽ e propusemos o quadro fonológico da língua Akwẽ, o qual utilizamos neste estudo.

[11] As "leis" Xerente dizem respeito ao conjunto de atividades culturais desenvolvidas por essa sociedade através de várias gerações.

CAPÍTULO 2

A LÍNGUA AKWẼ EM SUA CONDIÇÃO MINORITÁRIA

CAPÍTULO 2 - A LÍNGUA AKWẼ EM SUA CONDIÇÃO MINORITÁRIA

Neste capítulo, focalizamos a língua mediante considerações sociolingüísticas e refletimos sobre questões relacionadas à manutenção e vitalidade da língua Xerente. Também, propomos um quadro fonológico para a referida língua, o qual utilizamos neste estudo.

2.1 Estudos sobre a língua Akwẽ-Xerente (Jê)

Os estudos lingüísticos propriamente ditos – acerca da língua Xerente – foram iniciados em 1965, época da chegada do Pastor Rinaldo Mattos, lingüista filiado ao SIL (Summer Institute of Linguistics), à aldeia Porteira. O Pastor descreveu a fonologia da língua (Mattos, 1973), estabelecendo a ortografia que vem sendo utilizada na alfabetização dos índios e na tradução da Bíblia. Além disso, também escreveu uma série de trabalhos didáticos na língua Xerente, todos não publicados.

No início de nossos estudos, em 2003, o levantamento fonológico feito pelo lingüista era o único trabalho publicado sobre descrição da língua Xerente e devemos assinalar que se trata de um trabalho que não retrata alguns aspectos da situação atual da língua Akwẽ. Também o dicionário escolar: Xerente-Português-Xerente de autoria de Carlos G. Krieger e Wanda B. Krieger, editado pela Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, em 1994 (Krieger & Krieger, 1994) dá uma visão parcial de elementos gramaticais da língua. Ainda, contávamos com dois estudos sobre o nome em Xerente, a dissertação de mestrado de Kênia M. F. Siqueira, intitulada *O substantivo Xerente*, defendida em 2003 na Faculdade de Letras da UFG (Siqueira, 2003) e o estudo *Morfologia do substantivo Xerente*, de Santos (2001), disponível em sítio on-line (Santos, 2001). Tanto Siqueira quanto Santos tratam da formação dos casos genitivos do sintagma nominal de forma geral e de alguns processos de derivação flexional dos nomes em Xerente.

A maior quantidade de estudos lingüísticos realizados nas aldeias Xerente antes de 2003 fica por conta de Braggio, que desde 1988 vem pesquisando a língua numa perspectiva sociolingüística e trabalhando a educação escolar Xerente. Dentre os vários estudos,

destacamos os seguintes: “Contato entre línguas: subsídios para a educação escolar indígena” (Braggio, 1998), “Sociedades indígenas: a escrita alfabética e o grafismo” (Braggio, 1999a) e “A instauração da Escrita entre os Xerente: conflitos e resistências” (Braggio, 1999b).

Também contávamos com o nosso estudo feito em 2000 (Sousa Filho, 2000). Nele tratamos da aquisição da língua portuguesa oral pela criança Xerente e retratamos, entre outros aspectos, a singularidade de um processo de aquisição do português em uma comunidade de fala bilíngüe.

A partir de 2003, mediante um projeto de pesquisa interinstitucional UFG – Universidade Federal de Goiás/UnB- Universidade de Brasília, aprovado pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, um grupo composto por oito pessoas vem desenvolvendo estudos sobre a língua Akwẽ. Compõem o grupo: Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio/UFG, coordenadora, Dra. Daniele Marcelle Grannier/UnB, Sinval Martins de Sousa Filho/UFG, Raquel Peixoto Vieira/UFG, Rodrigo Messquita/UFG, Paulo Henrique Gomes de Andrade/UFG, Kênia M. F. Siqueira/UFG e Shelton Lima de Souza/UnB. Conseqüentemente, contamos com estudos sobre fonética/fonologia em que as diferenças de fala entre gerações são tema de discussão (Braggio, 2005), estudos que visam uma revisão da fonologia elaborada por Mattos (Souza, 2005), estudos que tratam de classificação e casos nominais (Sousa Filho, 2003, 2004, 2005) e estudos que tratam da aquisição da escrita entre as crianças Xerente (Vieira, 2005).

Ademais, contamos com listas de palavras coletadas por etnólogos, como as de Martius (1867), apud Maybury-Lewis, (1965/66), Nimuendaju (1942) e Maybury-Lewis (1965/66). As referidas listas têm sido de grande utilidade em estudos comparativos que Braggio está desenvolvendo.

Desta forma, podemos afirmar que estudos descritivos sobre a língua Xerente ainda são incipientes. Conseqüentemente, descrever a referida língua é uma tarefa árdua e urgente. Nesse sentido, propomo-nos a documentar, analisar e descrever alguns aspectos morfossintáticos da língua Xerente. A descrição e análise contidas nesta tese são resultados do trabalho de campo que realizamos no período de maio de 2003 a dezembro de 2006.

A seguir, apresentamos os resultados dos estudos fonológicos de Braggio (2005b), Mattos (1973) e Souza (2005) e, mediante tais resultados, sistematizamos os quadros fonológicos utilizados nesta tese.

2.1.1 Inventário de fones e fonemas da língua Xerente

Para as análises neste e nos demais capítulos, recorremos aos inventários fonéticos e fonológicos da língua Akwẽ-Xerente, propostos com base nas descrições apresentadas por Mattos (1973), Braggio (2005b), Souza (2005) e apoiados em nossos dados. Na seqüência, apresentamos os quadros dos sons da referida língua:

2.1.1.1 Fones e fonemas consonantais e vocálicos

Na análise de Souza (2005), foram encontrados 26 (vinte e seis) fones consonantais: [p], [^{p}], [b], [^{b}], [^{m}b], [t], [^{t}], [^{n}t], [d], [k], [k^{w}], [g], [g^{w}], [f], [v], [s], [z], [^{n}z], [ʃ], [x], [h], [m], [^{m}], [n], [l] e [ɾ] e 03 (três) aproximantes: [y], [ỹ] e [w].

De acordo com Souza, os sons vocálicos totalizam 20 (vinte) fones: [i], [ĭ], [ɪ], [ɨ], [u], [ũ], [ʊ], [e], [ẽ], [ɛ], [ɛ̃], [ə], [ə̃], [o], [õ], [ɔ], [ɔ̃], [ʌ], [a] e [ã]. A esse inventário de sons, acrescemos o vocálico [ʉ], o qual figura em nossos dados, em palavras como **z~~ʉ~~z~~ʉ~~** ‘gafanhoto’ e outras.

Como já afirmamos, considerando os estudos de Mattos (1973), Braggio (2005b), Souza (2005) e nossos próprios dados, propomos os seguintes quadros fonológicos da língua Xerente, os quais utilizamos nesta tese:

Quadro n. 1 - Fonemas consonantais

		Bilabial	alveolar	Velar	glotal
oclusiva	surdas	p	t	k	
	sonoras	b	d		
Nasal		m	n		
Flap			ɾ		
fricativa	surdas		s		h
	sonoras		z		
aproximante		w			

Quadro n. 2 - Fonemas vocálicos

		anterior		Central		Posterior	
		não-arredondada	arre-dondada	não-arredondada	arre-dondada	não-arredondada	arre-dondada
Alta	fechada	i ĩ		ɨ			u ũ
Média	fechada	e ẽ		ə̃			o õ
	aberta	ɛ					ɔ
Baixa	fechada			a			

As diferenças existentes entre os quadros apresentados por Souza (2005) e Mattos (1973) são pequenas, mas relevantes. Mattos considera que /b/ e /d/ possuem dois alofones cada: [b] e [m] sendo alofones de /b/ e [d] e [n], de /d/. Souza considera que são fonemas distintos, portanto /b/, /d/, /m/ e /n/. Já no que diz respeito aos fonemas vocálicos, as diferenças se dão nos graus de nasalização. Souza (2005) considera que as vogais média aberta anterior não-arredondada e a média aberta posterior arredondada podem ser nasalizadas, [ɛ̃] e [ɔ̃], respectivamente. Mattos (1973) não apresenta essas vogais com nasalidades.

Neste sentido, concordamos com o quadro de consoantes apresentados por Souza (2005) e o adotamos neste trabalho. Já, no que diz respeito às vogais, acreditamos que as vogais médias abertas não são nasalizadas e, portanto, as eliminamos. Eliminamos também, a vogal média fechada central não arredonda /ə/ por não encontrarmos evidência para seu *status* de fonema.

Os três autores acima referidos tratam dos padrões silábicos Xerente e processos morfofonológicos e de fonotática. Logo, não nos propomos a abordar tais questões. Dessa forma, podemos particularizar o subprojeto Aspectos Morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê) nos resultados que proporcionaram a escrita de aspectos gramaticais envolvendo morfossintaxe.

Na seção seguinte, apresentamos alguns aspectos da situação sociolingüística da comunidade de fala Akwẽ-Xerente. Para tanto, iniciamos uma análise sobre a diglossia instaurada na referida comunidade de fala.

2.2 Conflito diglóssico: desvelador de conflitos de ordens várias

O estudo de uma situação diglóssica é, em primeira instância, um tema relacionado a comunidades de fala bilíngües, não se excluindo, claro, as diversas variedades de fala de um mesmo idioma. A comunidade de fala (doravante CF) Akwẽ-Xerente (Jê) é bilíngüe em Xerente e Português. O bilingüismo, segundo Grosjean (1982), é caracterizado pelo uso regular de duas ou mais línguas por uma pessoa, ou grupo de pessoas. Os fatores que contribuem para que as pessoas se tornem bilíngües são vários. Entre eles, estão os movimentos migratórios, o nacionalismo exacerbado, o casamento entre etnias diferentes e a pluralidade de grupos lingüísticos dentro de uma mesma região. São, pois, circunstâncias sociais, políticas e históricas que promovem o bilingüismo que se origina do contato de indivíduos falantes de uma língua com falantes de outra(s).

Em toda história de contatos entre povos de culturas diferentes, verifica-se um período em que duas ou mais línguas são usadas em um mesmo espaço. Grosso modo, essa situação é chamada pela sociolingüística de diglossia. Segundo Hamel (1988), a noção de diglossia surge com Ferguson em 1953 e, logo em seguida, com Fishman, em 1959. Afirma o autor que para os dois estudiosos a diglossia é o estado em que coexistem duas variedades de uma língua em uma mesma comunidade de fala, cada uma desempenhando um papel definido, exercendo uma função estabelecida. De acordo com Hamel, esse quadro de distribuição harmoniosa das variedades lingüísticas também foi aplicado nos estudos sobre bilingüismo nas décadas posteriores aos estudos de Fishman e Ferguson.

Entretanto, Hamel (1988) afirma que é preciso redefinir o termo em questão e propõe que a diglossia é parte integrante de um conflito intercultural, cujos aspectos sociolingüísticos revelam uma situação assimétrica entre as línguas envolvidas no bilingüismo, isto é, ela acontece quando há uma relação entre uma língua dominante e outra dominada. A dissolução da diglossia pode resultar em diversas situações para a língua minoritária ou dominada: o deslocamento, o desaparecimento, a consolidação por meio da resistência e a normalização, o que permite o convívio dessa com a língua majoritária. Assim, o conflito lingüístico refere-se a uma luta entre grupos diferenciados e essa luta ocorre por fatores socioeconômicos, étnicos e/ou socioculturais. Dessa forma, Hamel afasta-se das definições de diglossia como uma situação de harmonia que faz parte da relação lingüística (Fishman, 1959, 1967, 1980 e Ferguson, 1953, citados por Hamel, 1988) e propõe que a diglossia diz respeito a uma relação de poder entre grupos sociais.

De acordo com Mori (1999), para as línguas e culturas indígenas, o resultado mais comum dessas relações é serem relegadas a um segundo plano. Segundo Romaine (1994), as sociedades em situações diglóssicas são marcadas não somente pela classificação das línguas como oficial e secundária, por exemplo, mas também por restrições ao acesso, isto é, em certas circunstâncias só se pode fazer uso da língua majoritária. Nessa linha de pensamento, afirma Mori (1999), quando povos diferentes se encontram em um mesmo território, de qualquer forma, ocorre uma imposição da língua falada pela sociedade majoritária, pois esta possui maiores poderes sócio-políticos e militar, ou seja, a língua do dominador torna-se oficial, de forma que todas as atividades regulares do Estado são feitas através dessa língua. Assim, resta à língua minoritária somente o espaço da aldeia, isto é, ela acaba servindo apenas para a interação familiar dentro da própria aldeia. Conseqüentemente, ocorre a associação de uma língua a um determinado domínio social. Segundo Braggio (1998b, p. 123), essa associação revela uma dependência da língua minoritária à majoritária estabelecida historicamente, uma "relação de dominante/dominado, superior/inferior, uma relação política por excelência".

Em face de toda situação diglóssica, de acordo com Hamel (1988), Mori (1999), Romaine (1994) e Braggio (1998b), diversas variáveis estarão atuando, em uma relação de interdependência, no sentido de desencadearem a manutenção ou a perda das línguas. São exemplos dessas variáveis: o tamanho do grupo, a mobilidade social, a concentração geográfica etc.. E junto a essas variáveis, a atitude do falante com relação ao uso das línguas da CF, representa um importante papel na definição da situação de diglossia (Braggio, 1998b).

Hamel (1988) afirma que uma das formas mais fidedignas para retratarmos uma situação sociolingüística de grupos bilíngües está na observação do processo de aquisição das línguas pelas crianças desses grupos, pois tal processo pode mostrar qual é a situação de uso da língua e como ela se estrutura lingüisticamente na CF, isto é, como se apresenta a situação de diglossia na comunidade em estudo. De acordo com Braggio (1997, p. 141), a criança, em contextos situacionais bilíngües, "não só adquire uma ou mais formas de falar sua língua como também ampliará seu repertório lingüístico com uma segunda língua". Assim, as crianças indígenas do Brasil, geralmente, têm seu repertório lingüístico aumentado com a língua portuguesa como segunda língua. Também, como a criança monolíngüe, acrescenta a autora, a criança bilíngüe "terá ampliado seu repertório lingüístico ao participar de atos e eventos de fala e de lecto-escrita, em várias situações naturais ou as chamadas não naturais (na escola, por exemplo)" (BRAGGIO, 1997, p. 141).

Goffman, apud Ribeiro (1998, p. 14), define situação social como um ambiente que proporciona "possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que o indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão 'presentes', e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante". Esse ambiente, de acordo com Gumperz (1968), pode ser entendido como um cenário que indica a forma como os habitantes locais classificam seu ambiente ecológico em espaços distintos. Dessa forma, então, uma situação social pode emergir a qualquer momento em uma CF. Portanto, entendemos que o contexto situacional exerce uma função relevante na aquisição das línguas pela criança em situação de bilingüismo, uma vez que é a partir dele que ela pode identificar seus interlocutores e saber qual língua deve usar para se comunicar em um determinado cenário.

Por três anos, estivemos estudando um aspecto da situação sociolingüística da sociedade Xerente, a aquisição da língua portuguesa oral pelas crianças de uma aldeia desse povo, a aldeia Salto (Sousa Filho, 2000). Essa tarefa nos proporcionou desvendar a situação sociolingüística de duas línguas em contato, a portuguesa e a akwẽ, o que nos possibilitou condições para descrever como elas realmente se encontram "distribuídas" na CF.

Ao longo de nosso convívio com os Xerente, de 1998 a 2000, pudemos compreender que é só a partir da observação do uso das línguas da CF que podemos afirmar qual é o tipo de relação entre elas e, conseqüentemente, fazer uma descrição da língua indígena na plenitude de sua realização, portanto, da sua " verdadeira" natureza. Entender esse fato significou alcançar o que representa a mudança na Lingüística, ocorrida a partir dos anos 60, para os estudos das línguas, sobretudo das línguas minoritárias. Entendemos as línguas como sistemas "abertos" que são, de certa forma, "delimitados" e "controlados" pela CF a que pertencem e percebemos que a CF é um campo dinâmico de ações em que as mudanças fonéticas, os empréstimos, as misturas de línguas e outros fenômenos lingüísticos ocorrem por causa de forças sociais.

Assim, compreendemos ser a política lingüística, juntamente com outros fatores sociohistóricos, a responsável pela manutenção ou perda da língua indígena e que a sociolingüística pode fornecer subsídios para a implantação de uma política de resistência para essa língua. Nesse sentido, afirmamos que é a partir dos estudos sociolingüísticos que podemos dizer qual língua é mais usada nas comunidades indígenas bilíngües e porque ela é mais usada. Junto ao uso está a aquisição. Em nosso estudo, observamos que há, nos

núcleos investigados, quatro situações de aquisição da língua portuguesa pelas crianças xerente da aldeia Salto. Na primeira situação, temos a aquisição monolíngüe de língua portuguesa. Na segunda, língua portuguesa como *Língua Um* ou primeira língua (ou simplesmente L1). Na terceira, língua portuguesa como *Língua Dois* ou segunda língua (L2). Na última situação, verificamos a aquisição simultânea de língua portuguesa e língua Xerente. Concluímos que esses tipos de aquisição de língua portuguesa por essas crianças são frutos das relações sociais que os Xerente estabelecem com os não-indígenas, isto é, do contato entre esses dois povos.

À primeira vista, segundo Guimarães (1996) e Lunardi (1997), as crianças Xerente vão chegar à idade escolar, por volta de 6 anos, falando apenas a língua Xerente. Todavia, na aldeia Salto, ao se estudar o uso das línguas da CF, percebemos que a aquisição da língua portuguesa ocorre antes de a criança completar 6 anos, basicamente, nas situações em que se pode verificar a presença de familiares não-indígenas. Assim, a criança adquire a língua portuguesa através de músicas ouvidas pelo rádio e repetidas por elas, de algumas conversas entre indígenas adultos e entre estes e não-indígenas na aldeia, pais não-indígenas, funcionários da FUNAI, missionários, enfermeiras, agente de saúde e quando vão à escola e à cidade.

Acreditamos que a escola contribui para que a aquisição da língua portuguesa ocorra antes de a criança completar 6 anos, uma vez que ela é levada para dentro das casas e, assim, amplia o campo lexical das crianças e incorpora, entre elas, atividades relacionadas ao mundo de "fala portuguesa", o da sociedade envolvente. A partir daí, elas vão conversar sobre o universo escolar, trocarão materiais escolares, enfim, vivenciarão, no cotidiano, a escola nos moldes da sociedade majoritária.

Ao constatar que muitas crianças da aldeia Salto adquirem a língua portuguesa antes de completarem 6 anos, percebemos que há um deslocamento da língua indígena pela portuguesa. Segundo Braggio (1999), esse deslocamento significa uma ameaça à língua minoritária. Essa ameaça, na maioria das vezes, não é tão perceptível quando se descreve uma língua indígena, uma vez que a descrição da língua em si e por si não consegue abarcar os fatores sociohistóricos que atuam nas situações de contato, as quais vão "sorrateiramente atuando nas próprias línguas indígenas através do uso que seus falantes fazem delas e de sua atitude com relação a elas" (BRAGGIO, 1999, p. 3).

Vimos que as atitudes e políticas adotadas pelos pais vão determinar o grau de necessidade de aquisição da língua portuguesa pelas crianças e de que forma devem

adquiri-la durante os primeiros anos de vida. Notamos que o deslocamento da língua indígena pela língua portuguesa é, entre os moradores da aldeia Salto, uma questão a ser resolvida. Os habitantes da referida aldeia procuram adotar uma política de aquisição sucessiva da língua portuguesa, em relação à língua Xerente. Porém, nos núcleos familiares investigados, percebemos que essa política não está sendo mantida ou aplicada. Dessa forma, concordamos com Gumperz (1994) e Romaine (1994) quando assumem que as diferenças existentes na CF podem chegar a ponto de se tornarem regras ou normas. E, sendo assim, a língua minoritária pode desaparecer paulatinamente.

Deduzimos que o tipo de aquisição de línguas, o de línguas misturadas (Romaine, 1995), que ocorre na sociedade Xerente é um tipo que revela a falta de referências para as funções que cada língua deve exercer na CF. Segundo Romaine (1995), o tipo de aquisição misturado ou de "confusão" normalmente revela que há um deslocamento forte das funções desempenhadas pelas línguas na sociedade. Sendo assim, podemos acreditar, com reservas, que, em decorrência dessa "confusão", não são as línguas que estão misturadas, mas sim as funções que elas exercem na CF que estão sendo deslocadas e, conseqüentemente, as próprias línguas. É o poder político da língua majoritária, referindo-se especificamente aos Xerente da aldeia Salto, que vai pouco a pouco sufocando a língua minoritária e fazendo com que os indígenas deixem de atribuir à sua língua nativa o valor de língua plena, até mesmo porque ela não "serve" para o desempenho de nenhuma tarefa na cidade.

Em resumo, a presença da sociedade envolvente - a partir das "invasões" das igrejas, das escolas, dos meios de comunicação, dos casamentos mistos – impõe uma política de aquisição de língua portuguesa que desloca a língua indígena. Resta-nos, como estudiosos dessa situação, a obrigação de proporcionar aos Xerente a visão da ameaça que paira sobre sua língua nativa para que eles possam, mediante a implementação de projetos diversos, vitalizar a língua Xerente.

O quadro sobre a aquisição de línguas na aldeia Salto se confirma em outras aldeias (Braggio, 2002, 2003a, 2003b, 2004 e 2005a) e pode ser generalizado ao povo Xerente. Apesar da situação diglóssica não ser nada otimista, não podemos deixar de reconhecer que as línguas estão sendo adquiridas. Entretanto, de acordo com Braggio (2005), os jovens falantes de Xerente observam constantemente que não entendem a língua dos mais velhos e os mais velhos afirmam que não é Xerente o que os jovens falam.

Para entender melhor essa questão, Braggio vem realizando um estudo de Tipologia Sociolingüística com os Xerente desde 2003 (Braggio, 2005b). No referido

estudo, a autora considera que os empréstimos e os processos fonológicos atuam ora como processos de vitalização da língua Xerente e ora como variáveis de obsolescência da língua indígena. Através dos empréstimos, a situação de conflito entre gerações, no que diz respeito ao uso que fazem da língua Xerente pode emergir e demonstrar que "há entre eles, no momento, uma discussão mais acirrada sobre qual variedade de fala é a 'verdadeira língua' e qual deve ser usada e adotada nos materiais escritos que eles próprios estão elaborando" (BRAGGIO, 2005b, p. 252). No que diz respeito ao modo como os falantes realizam os empréstimos, é muito clara a diferença entre os empréstimos de falantes mais jovens e os de falantes mais velhos. Os empréstimos de falantes mais jovens estão muito próximos da palavra emprestada do português, ocorrendo apenas adaptações fonológicas próprias da língua Xerente. Já os empréstimos dos mais velhos se aproximam mais dos processos de criação de palavras que pertencem à língua Xerente, o que afasta os empréstimos da forma base. "Enquanto a geração + velha emprestou novos termos criando-os a partir da própria língua, os +- jovens e os + jovens, adaptam esses termos à fonologia da língua, ou seja, as formas passam pelo filtro da língua, mas são bastante semelhantes ao português" (BRAGGIO, 2005b, p. 252).

Ao sistematizar suas considerações sobre os empréstimos, Braggio conclui que não há problemas de compreensão entre os falantes +-jovens e os +velhos, isto é, só há dificuldade de comunicação entre os +jovens e os +velhos. Os problemas entre as duas gerações de falantes se dão exatamente porque os +jovens utilizam no cotidiano os empréstimos mais próximos do português e as formas reduzidas. As formas reduzidas são produzidas por um processo, freqüente, de apagamento de consoantes e vogais, entre os falantes +-jovens e os + jovens. Braggio (2005b) arrola os processos fonológicos e suas implicações para a obsolescência da língua Xerente.

Por fim, a situação diglóssica dos Xerente pode desencadear duas situações definitivas para a língua Akwẽ. Segundo Braggio (2005b, p. 268), o destino da língua Xerente pode ser:

> (i) que os + jovens passem a usar a variedade dos +-jovens à medida que comecem a assumir papéis agora designados a estes em suas comunidades, chefia, por exemplo e, (ii) que os + jovens não transmitam a língua para a próxima geração ou que a transmitam de forma cada vez mais 'obsolescente', abalada pelo português, estrutural, funcional e significativamente.

A seguir, encontram-se os capítulos 3 e 4 que tratam de questões relacionadas à morfologia e à sintaxe da língua Xerente.

CAPÍTULO 3

DELIMITAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DAS CLASSES DE PALAVRAS EM AKWẼ-XERENTE (JÊ)

CAPÍTULO 3 - DELIMITAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DAS CLASSES DE PALAVRAS EM AKWẼ-XERENTE (JÊ)

Neste capítulo, descrevemos aspectos da gramática Xerente que dizem respeito às estruturas morfológicas encontradas na língua. Com isso, pretende-se nessa seção focar a Morfologia da língua. Nesse sentido, é oportuno resenhar, de maneira geral, alguns dos princípios teóricos que norteiam a análise que apresentamos a seguir.

São muitos os estudiosos que procuraram por caminhos diversos definir o que é Morfologia. Entretanto, diz Silva (1995), a Morfologia só veio a conhecer seus dias de glória como ciência na década 40 (século passado), período em que

> a Morfologia dominou a discussão estruturalista, nos trabalhos de Harris, Hockett, Nida, e outros. O modelo fonêmico é diretamente estendido para acomodar a análise morfológica. O objetivo era a análise gramatical feita da identificação e classificação de um conjunto de unidades mínimas e da descrição de padrões estruturais que envolvessem essas classes de elementos. Como as relações expressão/conteúdo não podem ser examinadas, para descrevê-las, deve-se recorrer, de uma parte, ao *sentido* (esse *vago e não-científico*) e, de outra, a *distribuição* (esta objetiva, mais facilmente observável). (SILVA, 1995, p. 55).

Dessa forma, desde essa época, os estudos morfológicos têm se centrado no que Nida (1994) definiu como ‘interface’ (limite, para Nida) entre morfologia e sintaxe. Para ele, a morfologia é o estudo dos morfemas e suas combinações para formar palavras e a sintaxe é parte da gramática que estuda a combinação de palavras em sintagmas ou sentenças. Assim, a Morfologia é o estudo da estrutura interna da palavra e/ou de suas variações de formas. Conseqüentemente, definir o que são morfemas e palavras era uma questão de delimitação das áreas em que se podia verificar o sistema lingüístico.

A definição que se tornou clássica, a de que morfemas são unidades mínimas do léxico, e de que existem morfemas constituídos por formas presas e livres, de Bloomfield (1933), por exemplo, encontra ancoragem nos estudos atuais. No Brasil, em especial, soma-se à definição que Câmara Jr. (1959) dá às formas dependentes, as quais, segundo o autor, são aquelas em que os morfemas nunca aparecem isolados, porém apresentam maior autonomia que as formas presas e menor que as formas livres (dependem). Com isso, o vocábulo se redefine como forma não presa mínima, considerando-se como vocábulos formais tantos formas livres quanto formas dependentes, tais como artigos, preposições, conjunções e pronomes clíticos.

O percurso percorrido desde então é grande e não nos detemos em traçá-lo. Importa, outrossim, dizer que estamos nos guiando por alguns dos procedimentos que se tornaram ferramentas de análise e descrição gramatical. Entre esses, podemos utilizar os critérios de delimitação de palavra, a saber: critério ortográfico, fonológico e gramatical (Bauer, 1988, Anderson, 1988, Burling, 1992, Spencer, 1991, entre outros) para compreender o que vem a ser palavra em Xerente.

Como mencionamos, a língua conta com estudos fonológicos (Mattos, 1973, Braggio, 2005b e Souza, 2005) e com diversos livros didáticos confeccionados por professores Xerente, o que, de certa forma, nos deixa mais à vontade quanto à delimitação da palavra mediante os dois primeiros critérios citados anteriormente. Resta-nos, pois, definir a palavra mediante o critério gramatical. Para se definir a palavra gramatical o que se tem observado são os processos morfológicos ou sintáticos, ou seja, as flexões e conjugações de nomes e verbos, na morfologia, ou a mobilidade de posição da palavra na sentença, na sintaxe, e outros tantos procedimentos que são aplicados no decorrer das análises realizadas a partir das classes de palavras, arroladas neste capítulo.

Estabelecer classes de palavras para uma determinada língua não é tarefa simples, ainda que seja essa uma das tarefas mais realizadas em estudos morfológicos. Lyons (1979) afirma que o princípio distribucional tem sido o guia dos gramáticos na execução dessa tarefa desde as primeiras descrições lingüísticas de que se têm notícias. No entanto, alerta o lingüista para o modo como os princípios distribucionais são utilizados nas descrições gramaticais. Para ele, os critérios utilizados não podem ser reduzidos aos nocionais – como faziam os gramáticos tradicionais – mas devem levar em conta critérios morfológicos, gramaticais e de outros níveis (tais como os modelos cognitivos de prototipicalidade), revelados pelos fatos da própria língua. Seki (2000b, p. 53) concorda com Lyons e acrescenta que “as categorias sintático-funcionais não ‘mapeiam’ as lexicais, embora permitam inferi-las”.

Assim, entendemos que para se chegar às propriedades estruturais das palavras temos que conhecer suas características configuracionais ou distribucionais e vice-versa. Conseqüentemente, é necessário deixar-se guiar tanto pelo critério distribucional quanto pelo estrutural para formular uma organização das classes de palavras de uma língua. Dessa forma, pode-se assumir a postura de que os níveis lingüísticos, sejam eles de que ordem forem (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático...) são interdependentes, ou seja, a funcionalidade da língua opera dentro de seus padrões para

que a mensagem possa configurar-se (ou emergir) como "unidade" sistêmica e evento de interação, como afirmam lingüistas que lidam com Gramática Funcional (Halliday (1973), Givón (1984) e Dik (1989), entre outros).

Ou, como afirma Seki (2000b, p. 53), é preciso ter em mente que

> "i) a determinação das classes não se constitui em um fim em si, mas um meio de operar a descrição; ii) as classes não são estabelecidas a priori, ou separadamente da gramática da língua, mas através de um processo contínuo de idas e vindas do todo para as partes e destas para o todo.

Tendo delineado parte dos postulados que nos norteiam, apresentamos, a seguir, uma proposta de descrição de classes de palavras em Xerente, as quais são distinguidas com base em critérios lingüísticos de ordem fonológica, morfológica, sintática e semântica, lembrando que esses níveis encontram-se constituindo a língua que se pretende descrever, isto é, de que os níveis se juntam para formar o "Macro-nível Língua", sendo, pois, importante salientar que os critérios de base para a descrição e análise da língua são dados pela própria língua, como afirma Seki (2000b).

Deixando-nos guiar pelos princípios mencionados anteriormente, descrevemos e analisamos sete classes de palavras da língua Xerente. Pode–se distinguir em Xerente as seguintes classes de palavras: nome, verbo, advérbio, pronome, posposição, conjunção e partícula. As classes de nome e verbo são classes maiores, e as demais menores.

Neste capítulo, nossa abordagem centra-se mais nas propriedades estruturais das classes ora propostas. Já as características distribucionais recebem maior cuidado no capítulo subseqüente. Lembrando que as duas propriedades ou eixos não podem ser dissociados, senão delimitados didaticamente para descrição e análise.

3.1 Nomes em Xerente

Podemos descrever o Nome em Xerente a partir de suas características gramaticais ou lingüísticas (fonológica, morfológica, sintática e semântica). Nomes formam uma das maiores classes de palavras da língua Xerente e são palavras que:

1) ocorrem como formas livres;
2) recebem prefixos pessoais subjetivos e prefixos relacionais;
3) podem ocorrer com o formativo –**nõrĩ** que efetua a marcação do número não-

singular nos nomes;

4) podem receber eventual marcação de gênero em casos específicos;
5) ocorrem com sufixo derivacional **–re**, de dimunitivo;
6) recebem o marcador enfático **–hə̃.**
7) podem ocorrer como formas derivadas de itens de outras classes de palavras, como verbo, mediante o acréscimo dos sufixos nominalizadores **-zɛ** e **–kwa**;
8) podem ser marcadas pela posposição ergativa **–te** ~ **-t**, isto é, são marcados pela categoria do caso ergativo;
9) exercem funções sintáticas argumentais de núcleo do sujeito ou de um objeto direto ou indireto;
10) apresentam valências 1 e 2 nos predicados genitivos em que ocorrem como núcleo;
11) podem ocorrer como predicados de orações não-verbais;
12) apresentam classificadores nominais, lexicalizados ou não;
13) do ponto de vista semântico, representam a nomenclatura referencial da língua Akwẽ, sendo responsáveis pela referenciação da CF dos Xerente, operando a referenciação em grande parcela a partir de termos de classe; e
14) ocorrem em uma subclasse de nomes que denominamos de nomes de conceitos de propriedades ou N-cp

3.1.1 Morfossintaxe do nome em Xerente

Nomes Xerente podem ocorrer sozinhos, como formas livres, quando desempenham a função de argumento de orações verbais ou nominais:

(10) sika mə̃t ø-diri[12]
(N)
galinha 3PAS.PERF.REAL 3-morrer
'A galinha morreu'.

[12] Estamos grafando o fonema /ɾ/ da língua Xerente com o símbolo {r} por economia na transcrição e registro dos dados.

(11) kuba mə̃t sika mnĩ du
(N) (N)
barco 3PAS.PERF.REAL galinha DIR carregar
‘O barco trouxe a galinha’. (*lit.:* ‘o barco carregou a galinha pra cá’).

(12) sika to wa-ĩ-te
(N)
Galinha COP 1-VL-PP
‘A galinha é minha’.

(13) tahə̃ kɨ-i-di
(N)
ele água-VL-PRED
‘Ele está molhado’.

Sintaticamente, os nomes ocorrem como núcleo de um sintagma nominal, ocupando a função de sujeito de uma sentença (argumento externo) ou a função de objeto (direto e indireto), situação em que é argumento interno de verbos transitivos. Em Akwẽ, o sujeito de uma sentença com verbo transitivo codifica o agente (A), em orações circunstanciais, marcado por **–te ~ -t** ‘caso ergativo’ e em oração não circunstancial pode ocorrer com marcador enfático **–hə̃** ou não ser marcado, indicando o sujeito de verbos intransitivos (S) ou de verbos transitivos (A). O objeto (O) de um verbo transitivo não recebe nenhuma marca. Os exemplos a seguir dão mostras das funções sintáticas dos nomes:

(14) keti mə̃to samũru kmə̃dɨkɨ
N.Pes 3PAS.PERF.REAL.Ev. N.Pes ver
‘Kêti viu Samũru’.

(15) keti-**te** samũru kmədɨk kõdi
N.Pes-ERG N.Pes ver NEG
'Kêti não viu Samũru'.

(16) keti-**hə̃** mə̃to samũru kmədɨkɨ
N.Pes-ENF 3PAS.PERF.REAL.Ev. N.Pes ver
'Kêti (sim, de fato ela) viu Samũru'.

(17) keti ø-za n-õtõ
N.Pes 3-FUT.IMP.IRRE R3-dormir
'Kêti vai dormir'.

Nesta língua, os nomes constituem uma classe lexical dotada de flexão. Uma das formas de realização dessa flexão se dá a partir do uso de prefixos flexionais (vistos em detalhes na seção 4.5.1) que marcam a dependência de um determinante em relação ao núcleo de uma construção sintática. O determinante de um nome é o seu possuidor, como se vê nos exemplos seguintes:

(18) 'ai-kra'
2-filho
'Seu filho'.

(19) ĩ-kwa ĩ-z-dawa-wa
1 dente 1-R1-boca-INES
'Meu dente está na minha boca'.

Há, ainda os prefixos relacionais que assinalam relações sintáticas entre os sintagmas que compõem argumentos, predicados e sentenças da língua:

(20) ambɨ n-ĩkbɔ
homem R3-unha
‘A unha dele’ / ‘a unha do homem’.

(21) waza ĩ-n-õtõ
1HAB.IMP.IRRE 1-R1-dormir
‘Eu durmo’.

(22) tɛza ai-s-õtõ
2HAB.IMP.IRRE 2-R2-dormir
‘Você dorme’.

(23) wa-nõrĩ wato ai-s-aihɨr-nĩ
1-PL 1PAS.PERF.REAL.Ev 2-R2-chamar-1NSG
‘Nós chamamos você’.

(24) toka bɨto wa-z-aihɨr
você 2PAS.PERF.REAL.Ev 1NSG-R1-chamar
‘Você nos chamou’.

Em Xerente, as marcações de número, gênero e graus são sufixais. A seguir, apresentamos, em linhas gerais, como se dá a marcação ou determinação de número na língua Akwẽ.

3.1.1.1 Formas de marcar a pluralização no Nome Xerente

A língua Xerente apresenta três números: o singular, o dual e o plural. Estes compõem um traço flexional da categoria verbo. Os números só se manifestam na flexão das formas verbais supletivas[13] (vistos em 4.4.1), ou seja, a flexão de número se restringe a uma subcategoria de verbos, já que nos verbos que não apresentam o fenômeno da supletividade parece não haver indicação de número. Conseqüentemente, nos nomes, a idéia de número que se marca é a de não-singular. Essa marcação não precisa aparecer nos nomes que servem de argumentos a verbos de raízes supletivas, como ilustram os seguintes exemplos:

(25) kuba mət ø-wara
barco 3PAS.PERF.REAL 3-partir (SG)
'O barco partiu'.

(26) kuba mət ti-ssamrõ
barco 3PAS.PERF.REAL 3-partir (DU)
'Os barcos (eles dois) partiram'.

(27) kuba mət ø-ssakre
barco 3PAS.PERF.REAL 3-partir (PL)
'Os barcos (todos) partiram'.

(28) tahə mət sika kmẽ wĩ
ele 3PAS.PERF.REAL galinha PARTT matar (SG)
'Ele matou a galinha'.

[13] O termo supletividade está sendo usado na acepção que Cavalcante (1987) utiliza para descrever fenômeno similar da língua Kaingang (Jê). De acordo Cavalcante, a supleção é um processo de pluralização verbal que se caracteriza pela alteração total da forma do verbo, não suscetível a reduzir-se a nenhuma regra fonológica, ou em que a alteração parcial observável é única na língua.

(29) tahə̃ mə̃t sika kmẽ pə̃
ele 3PAS.PERF.REAL galinha PARTT matar (DU)
'Ele matou (duas) galinhas'.

Em sentenças com verbos que não admitem supletividade, a idéia de número não-singular pode ser assinalada nos nomes ou argumentos verbais através do formativo **–nõrĩ**, o qual não tem um significado isoladamente. Esse só aparece preso a nomes ou pronomes para marcar a idéia de número não-singular, sendo considerado, portanto, um item gramatical. De acordo com Mathews (1974), um formativo é um elemento gramatical irredutível, formalmente identificável, usado nas construções de unidades lingüísticas maiores, como as palavras e as sentenças. Há os formativos flexionais que têm uso similar aos morfemas flexionais e os formativos lexicais, que efetivam a derivação de um item lexical a partir de outro.

Neste sentido, consideramos que a língua Xerente apresenta marcação ou determinação de número mediante o uso do formativo lexical **-nõrĩ**, isto é, a marca de número não-singular nos nomes não tem valor flexional mas derivacional, uma vez que não há um paradigma de flexão sistemática de número para os nomes. Desta forma, estamos interpretando o formativo **-nõrĩ** como um pluralizador e, conseqüentemente, as palavras marcadas pelo referido elemento como derivadas por sufixação. Os exemplos que seguem ilustram a marcação ou determinação de número nos nomes da língua Akwẽ:

(30) tahə̃ to akwẽ
ele COP gente
'Ele é gente'.

(31) wa wat akwẽ-**nõrĩ** kmə̃dɨkɨ
Eu 1PAS.PERF.REAL gente-NSG ver
'Eu vi o povo'. (*lit.:* 'Eu vi um grupo de gente'.)

(32) aiktɛ-**nõrĩ** hɨiwakrɔ z-awrɛ-di
criança-NSG febre R3-muito-PRED
'As crianças estão com muita febre'.

(33) ambɨ-**nõr̃ĩ** mət ponkwanẽ kwɨhɨ põn kɨzawrɛ-wa
homem-NSG 3PAS.PERF.REAL dois jacaré matar(DU) rio-INES
'Os homens mataram dois jacarés dentro do rio'.

(34) wa-z-ɛparkwa-i-**nõr̃ĩ**
1NSG-R1-mãe-VL-NSG
'Nossas mães'. (*lit.:* 'Um grupo de mães da gente, de nossas mães').

(35) arɛ wapsə̃-**nõri** mə̃t padi sə̃
CONJ cachorro-NSG 3PAS.PERF.REAL tamanduá ver
'Aí, os cachorros viram o tamanduá'. (*lit.:* "Aí a matilha (grupo de cachorros) viu a tamanduá (velha transformada em tamanduá)').

(36) kuba-**nõr̃ĩ** ø-za ø-ssakre
canoa-NSG 3-FUT.IMP.IRRE 3-fugir (PL)
'As canoas vão fugir'.

(37) ti-**nõr̃ĩ** hitɔ-i-mnõ-di
flecha-NSG reta-VL-PARTT-PRED
'As flechas são retas'.

(38) tahə̃ mət sika-**nõr̃ĩ** ka-du
Ele 3PAS.PERF.REAL galinha-NSG PARTT-carregar (PL)
'Ele comprou galinhas'.

(39) kwatbrɛmĩ-**nõr̃ĩ** mə̃t siktõ mnõ kɨ
menino-NSG 3PAS.PERF.REAL cofo PARTT pegar
'Os meninos pegaram os cofos'.

Quando o formativo não encerra a palavra, ele recebe a vogal de ligação **-i-**[14] para realizar a juntura de palavra e se realiza como **-nõrai**. Os exemplos seguintes ilustram a variação:

(40) ambɨ nə̃t aiktɛ-**nõra-i**-wi wakrowde kɨ
homem 3PAS.PERF.REAL criança-NSG-VL-MAL arco pegar
'O homem pegou o arco das crianças (sem o consentimento delas)'.

(41) ktɨwanõ kə̃to akwẽ-**nõrĩ** mə̃t akwẽ-wadi-**nõra-i**-mə̃ ksĩzari-kwa
branco CONJ índio-NSG 3PAS.PERF. índio-outro-NSG-VL-DAT pagar-3NSG REAL
'O homem branco e os Xerente deram presentes para outros índios'.
(*lit.:* O homem branco e os Xerente pagaram outros índios).

É possível dispensar o uso de **-nõrĩ** quando os pronomes quantificadores são acionados:

(42)a) hesu mnõ suihire-ki
folha todo (PARTT) fina –PRED
'As folhas são finas'.

(42)b) hesu-nõrĩ suihire-ki
folha-NSG fina-PRED
'As folhas são finas'.

(43) saktẽawrɛ pikõisikuzazɛ mə̃to t-si-he-wazu
Muitos (PARTT) vestido 3PAS.PERF.REAL.Ev 3-Ref-CLAS-rasgar
'Muitos vestidos rasgaram-se'.

[14] Estamos considerando como vogal de ligação (VL) ou consoante de ligação (CL, exemplo n. 59, adiante) o elemento fonológico, vogal ou consoante, que tem a função exclusiva de realizar juntura de morfemas ou palavras.

(44) smĩkemre kahɨ-di kə̃nmẽ
faca muitas (PARTT)-PRED aqui
‘Aqui tem muitas facas’ (*lit.*: ‘Faca muitas ‘ter’ aqui’).

Também, é possível dispensar o uso de **-nõrĩ** se houver na sentença o uso de numerais:

(45) tokə̃hə̃ ponkwanẽ aiktɛ pse-re
esta dois crianças bonita-DIM
‘Estas duas crianças lindinhas’.

(46) pokwanẽ aikdɛ hɨzɛ-ki
dois criança febre-PRED
‘Duas crianças estão com febre’.

(47) ta-nõrĩ ponkwanẽ ambɨ mə̃t kuw̃ĩde kmẽ shɨ
aquele-NSG dois homem 3PAS.PERF.REAL buriti PARTT cortar
‘Aqueles dois homens cortaram buriti’.

3.1.2 Marcação de gênero em Xerente

Elson e Pickett (1973, p. 36) afirmam que a “arbitrariedade nas classificações de gênero, no que diz respeito aos referentes do ‘mundo real’, varia de língua para língua”. Segundo Câmara Jr. (1972, p. 119), em se tratando do gênero em português, “o que convém à descrição gramatical é se concentrar no mecanismo de flexão que cria nos substantivos portugueses uma oposição de gênero”, uma vez que o critério semântico do sexo só é teoricamente aplicável aos substantivos referentes aos itens do reino animal, pois só há certa correspondência entre sexo e gênero, isto é, não há, necessariamente, correspondência entre gênero ‘natural’ e gênero ‘gramatical’.

Em Xerente, não há gênero gramatical. A distinção entre os sexos, quando necessária, traduz-se por palavras equivalentes a "macho" e "fêmea". Há, porém, palavras diferentes para distinguir as relações de parentesco Akwe[15]:

(48) -ptɔkwa 'pai' (49) -ɛparkwa 'mãe' (50) ture 'menino'

(51) tare 'menina' (52) ambɨ 'homem' (53) pikõ 'mulher'

Há duas formas usadas para indicar o sexo de animais, normalmente são acrescidos aos nomes os termos **kraprɛ** 'que dá luz, cria, é fêmea' e **krirɛ** 'macho' ou as locuções **sĩpikõ** 'tornar-se mulher/fêmea' e **sĩmambɨ** 'tornar-se homem/macho':

(54) sika-kraprɛ
ave (galináceo) acabou de criar
'Galinha'.

(55) sika-krirɛ
ave (galináceo) macho
'Galo'.

(56) krɔ-kraprɛ
macaco que cria
'Macaca'.

(57) krɔ-krirɛ
macaco macho
'Macaco'.

[15] Ver sistema de parentesco Akwẽ em Nimuendaju (1942).

(58) mə̃ku-sĩ̃-pikõ

pato-Pr-mulher/fêmea

pato transformado em mulher/fêmea

‘Pata’.

(59) mə̃ku-sĩ̃-m-ambɨ

pato-Pr-CL – homem/macho

pato transformado em homem/macho

‘Pato’.

O gênero de certas entidades, como sol, lua, ou mesmo animais, é inferido, nas narrativas, por exemplo, através de seu papel social (ser marido, guerreiro etc.) e pelo fato de exercerem atividades definidas culturalmente como sendo próprias de homem ou de mulher.

(60) *wa ‘lua’ e sdakrɔ ‘sol’* formam uma parelha masculina de heróis mitológicos.

Os nomes próprios (ou pessoais) mantêm correlações com animais, objetos e ações humanas (desencadeadas por sentimentos) que dão origem a esses nomes. Para indicar a nomeação de mulheres, usa-se os sufixos *-ø, –di, -ti* ou *–ki* e para os homens, *-ø, -mẽkwa* e *-kwa*.

(61) tpe-di

Peixe-NMZ

‘Nome próprio (ou pessoal) feminino’.

(62) ke-ti

mel-NMZ

‘Nome próprio feminino’.

(63) sibaka-di

garça-NMZ

‘Nome próprio feminino’.

(64) sipri-ki
abelha-NMZ
‘Nome próprio feminino’.

(65) brupahi-ø[16]
‘andorinha-NMZ’
‘Nome próprio feminino’.

(66) wrɛ-wẽ-ø
‘anu (pássaro) bonito-NMZ’
‘Nome próprio masculino’.

(67) ti-ĩ-kwa
flecha-VL-NMZ
‘Nome próprio masculino’.

(68) tpe-mẽkwa
peixe-NMZ
‘Nome próprio masculino’.

(69) simnə̃-ø
desconfiar, enciumar -NMZ
‘Nome próprio masculino’.

(70) sinə̃rĩ-ø
perguntar, indagar-NMZ
‘Nome próprio masculino’.

[16] Segundo informações dos Xerente, só informalmente se usa nome feminino sem os nominalizadores *–di, -ti, -ki,* ao contrário de nomes masculinos que devem ser usados com os nominalizadores *-ø, -mẽkwa*, e *–kwa*. Assim, o nome brupahi, a exemplo de *sekwahi-di ‘libélula-NMZ’*, deve ser escrito/falado *brupahi-di.* Esse fato explicaria a simetria na distribuição da ‘regra’ de nomeação de homens e mulheres Akwẽ.

Na seção 1.3.1, demonstramos que a base semântica para a classificação dos nomes próprios em Xerente não é somente marcada morfologicamente, mas depende de um contexto mais amplo que inclui fatores socioculturais da comunidade de fala dessa língua, ou seja, há uma forma toda especial de classificação dos nomes pessoais Xerente que mostra que a base semântica para a classificação dos nomes nessa língua é dependente do conhecimento de mitos e crenças culturais da comunidade de fala a que ela pertence. Apresentamos uma descrição da classificação nominal mediante uma análise de base semântica (campos semânticos) que levou em consideração a relação entre os classificadores e a sua forma de organização pelos Xerente, tendo em vista os aspectos cosmológicos e mitológicos da sociedade akwẽ. Essa forma, como apontamos na referida seção, permite uma classificação do nome pessoal em Xerente de forma a situar o indivíduo dentro das atividades que seu clã deve desempenhar na sociedade akwẽ.

Em se tratando da relação cosmológica apresentada, a de que há um fio condutor que equilibra as relações entre homem (cultura) e natureza, podemos dizer que os sufixos acrescidos aos "nomes de espécie"(Brito, 2003) os tornam em nomes próprios ou pessoais. Assim, é possível dizer que os nomes de espécie passam por uma modificação "adjetiva", isto é, passam a ser nomes com propriedades dos humanos (passam a [+humano]). Neste sentido, é correto afirmar que ao acrescentar *–di, -ti, -ki, -kwa* e *-mẽkwa* aos nomes de espécie, os Xerente estão aplicando a base dual da organização social no sistema de referência da língua Akwẽ. Desta forma, os nomes da natureza se transformam em nomes da cultura, da organização social Xerente, instaurando o princípio dialético composto por natureza e cultura (cf. seção 1.3.1). Essas características - social e lingüística – reforçam a afirmação de Viveiros de Castro (1986) sobre a intricada relação dialética da natureza e cultura que os Jê de modo geral exibem.

Por fim, ressalta-se que há registros de vestígios de linguagens diferentes usadas pelo homem e pela mulher. Entretanto, convém frisar, como faz Borges (1996) ao discutir o fenômeno de fala masculina *versus* fala feminina no Karajá, que não há necessidade de coincidência entre registros de fala e gênero gramatical. Os exemplos (71), (72), (73) e (74) ilustram as diferenças entre falas masculina e feminina em Xerente:

(71) ♀ aze
EXORT

‘Vamos! (fala feminina)’.

(72) ♂ are
EXORT
‘Vamos! (fala masculina)’.

(73) ♀ taha
Pron. Inter.
‘O que?!’.

(74) ♂ mãrĩ
Pron. Inter.
‘O que?!’.

É extremamente importante assinalar que a questão do gênero é complexa e bem abrangente e, por isso, merece por si só um estudo aprofundado e acurado, o que pretendemos fazer em estudos posteriores, ficando, portanto, aqui, uma espécie de súmula do tema abordado.

3.1.3 Morfologia Avaliativa ou marcação de graus nos nomes da Língua Akwẽ

De acordo com Cândido (2004), a formação de graus é tratada pela Morfologia Avaliativa. A referida área de estudos justifica que o tratamento das categorias de dimunitivo e aumentativo objetiva descrever e analisar o uso gradativo de uma palavra. Normalmente, a gradação das palavras é feita com “a intenção de diminuir ou aumentar sua significação em termos de tamanho ou, ainda, traduzir juízos de valor ao que está sendo referido” (CÂNDIDO, 2004, p. 89). No juízo de valor, salienta Cândido, as estratégias discursivas dos graus apontam para demonstração de desprezo, crítica, admiração, familiaridade, entre outros, nos momentos de interação entre os usuários de uma língua natural. Em Xerente, parece haver o uso dessas estratégias para expressar admiração e familiaridade (exemplos (75) e (80), adiante).

Os nomes Xerente passam por um processo de derivação para expressar o grau

diminutivo ou o atenuativo. Com o acréscimo do sufixo {**–re}** à palavra a ser atenuada, efetiva-se o referido processo, o qual indica tamanho pequeno (diminutivo), como ilustram os exemplos seguintes:

(75)	tɨkanə̃	wat	kɨwawẽ-wa	kuba-**re**	kmẽ	kmə̃dɨk
	hoje	1PAS.PERF. REAL	rio tocantins-INES	barco-DIM	PARTT	ver

‘Hoje eu vi um barquinho no rio Tocantins’.

(75) a) kuba ‘barco’ > kuba**re** ‘barquinho’

(76) kuba-**re**	s-rure-ki
braco-DIM	R2-pequeno-PRED

‘O barquinho é pequeno’.

(77) kuba-**re**	s-awrɛ-di
barco-DIM	R2-grande-PRED

‘O barquinho é grande’.

(78) kuba-**re**	warɛre-ki
barco-DIM	fino-PRED

‘O barquinho é fino’.

(79) kuba-**re**	saktõ-**re**-ki
barco-DIM	grosso-DIM-PRED

‘O barquinho é grossinho’.

(80) to-kə̃hə̃ tare-**re**	pse-**re**
CIT-esta menina-DIM	beleza-DIM

‘É esta menininha bonitinha’.

(80) a) tare ‘menina’ > tare**re** ‘menininha’
b) pse ‘beleza’ > pse**re** ‘belezinha’.

(81) wapsə̃-**re** mãt amkɛ sa
cachorro-DIM. 3PAS.PERF.REAL cobra morder
'O cachorrinho mordeu a cobra'.

(81) a) wapsə̃ 'cachorro' > wapsã**re** 'cachorrinho'

Também o grau aumentativo é feito a partir de um processo de derivação. No aumentativo, o nome **awrɛ** 'grande' é usado como um modificador, isto é, ele é justaposto a outro nome para formar um sintagma nominal, como se vê nos exemplos abaixo:

(82) rɔwakku z-**awrɛ**
vento R1-grande
'O vento está forte'.

(83) ktɨwankõ z-**awrɛ**-di
não-índio(branco) R1-muito-PRED
'Tem muito branco'.

(84) wa s-**awrɛ**-di
lua R2-grande-PRED
'A lua é grande'.

(85) kbadikre z-**awr**ɛ mə̃t t-si-wazuit
rede R1-grande 3PAS.PERF.REAL 3-REF- rasgar
'A rede grande rasgou-se'.

(86) wakrowde z-**awrɛ** we ĩ-m-duri
arco R1-grande DIR 1-DAT-carregar
'Traga o arcão para mim' (*lit.:* traga o arco, ele que é grande, para mim'.).

(87) kuba z-**awrɛ** mət mnĩ akwẽ-nõrĩ sõrɛ
canoa R1-grande 3PAS.PERF.REAL DIR xerente-NSG trazer (PL)
'O navio (canoa grande) trouxe os Xerente'.

(88) ambɨ-nõrĩ mət ponkwanẽ kwihɨ põn kɨ z-**awrɛ**-wa
homens-NSG 3PAS.PERF. REAL dois jacaré matar (DU) rio R1-grande-INES
'Os homens mataram dois jacarés dentro do rio grande'.

Em Xerente, não há o superlativo, como atestam os exemplos realizados a partir do nome **kahɨ** 'muito, grande' ou de **saktẽarɛ** 'muito, bastante':

(89) *Cercadinho*-wa wawẽ ĩstõ kahɨ-di
Cercadinho-INES velho ADV muito-PRED
'No Cercadinho, tinha muitíssimos velhos'.
(*lit.:* 'No cercadinho ultimamente tinha muitos velhos'.)

(90) wa wa-hə̃ rɔwakrɔ-ktabi-di saktẽarɛ
eu eu-ENF calor-INT-PRED muito
'Eu estou com muitíssimo calor mesmo (é verdade)'
(*lit.:* 'Eu estou quente muito muito').

3.1.4 O marcador de ênfase

O morfema **{-hə̃}**, marcador enfático, pode ocorrer com os nomes indicando o agente nominativo. Em Xavante, de acordo com Lachinitt (1988), há uma posposição **–hə̃** que indica o caso nominativo. Adiante, na seção 3.2, tratamos do uso do morfema –hə nos pronomes da língua e na 4.6.4, do caso nominativo em Xerente e discutimos o uso sintático-semântico de –hə̃. Abaixo, exemplos de usos de -hə̃ nos nomes Xerente:

(91) ahɨmre-hə̃ akwẽ to wdepanẽptizɛ-mə̃ t-kre-kahɨr-kwa
antigamente-ENF índios CIT galho-DAT 3- CONT-comer-3NSG
'No início, os antigos só comiam galho de pau'.

(92) ambɨnõra-i-mə̃ wat kmẽ kɨ rɔ-hə̃
homens-NSG-VL-BEN 1PAS.PERF.REAL PARTT pegar coisa-ENF
'Eu comprei presente para os homens hoje'.

(93) da-z-dawa-wa da-n-õĩtɔ-hə̃
3-R1-boca-INES 3-R3-língua-ENF
'A língua está na boca'.

Normalmente, há por parte dos falantes da língua Akwẽ uma ênfase na prosódia, a qual também pode, juntamente com o morfema -hə̃ ou sem o uso deste, ser tratada como elemento gramatical. Sabemos da importância que essa área de estudos tem nas descrições de línguas, porém, não nos detemos em estudos sobre prosódia da língua Xerente nesta tese.

3.1.5 Formação de nomes em Xerente

3.1.5.1 Os nominalizadores *-zɛ* e *-kwa*

Há na língua Xerente um processo de formação de nomes que inclui os sufixos nominalizadores **-zɛ** e **-kwa**, os quais quando sufixados aos verbos transformam a estrutura verbal em nominal. Por essa razão, estes sufixos são chamados de sufixos deverbais. Os exemplos abaixo ilustram a nominalização com **-zɛ:**

(94) nẽrẽ 'sepultar' > nrẽ**-zɛ** 'sepultamento'

(95) kunẽ "destruir' > kunẽ**-zɛ** 'destruição'

(96) rɔwahutu ‘ensinar’ > rɔwahtu-**zɛ** ‘ensinamento’

(97) hemba ‘existir’ > hemba-**zɛ** ‘existência’

(98)a) kanẽ ĩ-s-õkre-**zɛ**
assim 3-R2-cantar-NOMZ
‘Assim é o canto dela (da Wakɛ -recuperado pelo R2)’.

(98)b) s-õkre-zɛ
R2-cantar-NMZ
‘Canto’.

(99)a) nə̃to t-si-kmə̃dɨkɨ dasikmãdkɨ**zɛ**-nə̃
3PAS.PERF.REAL.Ev 3-REF-ver espelho – INES
‘Ele se viu no espelho’.

(99)b) da-si-kmə̃dkɨ-**zɛ**
3-REF-ver-NMZ
‘Espelho’. (*lit.:* ‘(Lugar, coisa) de ver gente ou ‘observador (*vedor*) de gente’.)

Segundo Santos (2001), o sufixo nominalizador **-zɛ** não tem semântica específica e funciona somente como nominalizador deverbal. Como podemos atestar pelos exemplos anteriores, os nomes deverbais conservam o mesmo significado dos verbos de que derivam.

Também é perceptível a formulação de um processo fonológico que decorre do acréscimo desse sufixo aos nomes. A regra é bem produtiva em Xerente e se estende a todos os processos de sufixação ou justaposição à direita do verbo ou nome. A referida regra se constitui da seguinte maneira. Verbos que possuem duas vogais idênticas de mesma qualidade perdem a penúltima dessas vogais ao receber o nominalizador **-zɛ**:

(100) n-e̠-r-ẽ > n-ø-r-ẽ > n-r-ẽ-**z-ɛ** ‘sepultamento’

Se as vogais forem diferentes, elas são conservadas no verbo mesmo após o acréscimo do nominalizador:

(101) k-u-n-ẽ > k-u-n-ẽ > k-u-n-ẽ-z-ɛ ‘destruição’.

Desta forma, podemos resumir a regra do referido processo fonológico: sempre que duas vogais são idênticas nas duas últimas sílabas de palavras em função de predicação, a penúltima vogal é apagada.

O sufixo derivacional **-kwa**, quando associado a um verbo, torna-o ou um agente, ou um instrumento ou um recipiente daquilo a que este se refere, ou seja, o nominalizador funciona como um deverbal agentivo. Este processo também é bastante produtivo na língua:

(102)a)	nmə̃-nõrĩ	da-kmədk**ɨ-kwa**	mə̃-p	t-sinə̃
	qual-NSG	PIH-ver-NMZ	3PAS.INT	3-chegar (PL)

‘Quais chefes chegaram?’.

(102)b) kmədi**kɨ** ‘ver, zelar’ > kmədk**ɨ-kwa** ‘zelador, chefe’

(103)a)	wa	wat	rɔwahtu-**kwa**	kmədɨk
	Eu	1PAS.PERF.REAL	ensinar-NMZ	ver

‘Eu vi o professor’.

(103)b) rɔwahutu ‘ensinar’ > rɔwahtu-**kwa** ‘ensinador, professor’

(104)a)	ture	mə̃t	rɔ	tmə̃	to	aipɨ	da-kunmõ-**kwa**	mrmẽ	prabɨ
	menino	3PAS.PERF.REAL	saudável	DAT	CIT	DIR	PIH-medicar-NMZ	falar	CONJ

‘O menino melhorou conforme o doutor falou’.
(*lit.*:‘O menino ficou com saúde novamente, conforme o médico falou’).

(104)b) kunõmõ ‘medicar’ > kunmõ-kwa ‘médico’

(105) sə̃mri ‘achar’ > sə̃mri-kwa ‘achador’

(106) pkẽhiri ‘libertar’ > pkẽhri-kwa ‘libertador’

(107) kuĩkre ‘escrever’ > kuĩkre-kwa ‘escritor’

Há em Xerente um acúmulo de funções da partícula –kwa, a qual, como vemos em 3.8, é usada para referir-se a pessoas diferentes da 1ª. e também para indicar relações de parentesco.

3.1.6 Nomes compostos

A classificação de nomes em compostos nem sempre é fácil de efetuar, pois a palavra composta para os falantes de uma dada língua é uma unidade significativa que serve, tanto quanto outras não-compostas, ao propósito da comunicação. Assim, a análise dos compostos visa demonstrar quais elementos se juntam para formar uma palavra que recebe um significado diferente das palavras simples que foram usadas na composição. Os critérios utilizados por alguns lingüistas para lidar com essa questão são de ordem prosódica (Bauer (1988), Anderson (1988)), formal (Bauer, 1988, Schachter, 1985) e semântica (Burling, 1992, Spencer, 1991). No que se refere ao acento, uma palavra composta é aquela que tem o padrão acentual de uma palavra simples em oposição ao de duas palavras. Em Xerente, o padrão acentual, como afirma Braggio (2005), recai sempre na última sílaba, sendo que em palavras simples este é o acento primário. Em se tratando do critério formal, a palavra composta ocupa a ordem usual das palavras simples na cadeia sintagmática e apresenta morfologia flexional característica de palavra simples. No que diz respeito ao critério semântico, no composto o significado é mais específico do que os significados combinados das palavras que o formam ou é diferente deles.

Como a língua é aglutinante, podemos encontrar designações representadas por palavras simples, compostas, frases descritivas e até orações inteiras. Esse fato dificulta sobremaneira a classificação de palavras compostas em Akwẽ. Consideramos, outrossim, que as compostas representam novas designações formadas a partir dos significados

remanescentes das palavras simples que as compõem, sendo que na nova palavra o significado é mais específico (Burling, 1992 e Spencer, 1991). Assim, em Xerente, observando o que afirmamos acima, encontramos compostos realizados mediante a justaposição ou aglutinação de nomes simples que apresentam possibilidades estruturais dentro da fórmula:

A + B = C

São as seguintes as possibilidades de composição:

a) Nome + Nome, que ocorre à semelhança de uma locução nominal:

(108) aiktɛprɛ ‘recém-nascido’

aiktɛ - (N) ‘criança’

-prɛ - (N) ‘maduro, vermelhidão’ (*lit.:* ‘criança madura’ (pronta, nascida))

(108) a) ponkwanẽ aiktɛprɛ mə̃to ø-dɨrɨ

dois recém-nascido 3PAS.PERF.REAL.Ev 3-morrer

‘Dois recém-nascidos morreram’.

(109) sikadkɨ ‘frango de granja’

sika- (N) ‘galinha’

-dkɨ(N) ‘morta’ (*lit*.: ‘Galinha (que já vem) morta’.)

(109) a) sikadkɨ n-ĩ z-eĩ-di

frango.de.granja R3-carne R1-gostar-PRED

‘O frango de granja é gostoso’. (*lit.: ‘*A carne do frango de granja é gostosa’).

b) Nome + Nome, que ocorre como uma construção genitiva:

(110) -hikrə̃iti ‘joelho’

-hi- (N) ‘osso, perna’

-krə̃- (N) ‘cabeça’

-i- (VL) ‘Vogal de ligação’

-ti (PRED) ‘Predicativo’ (*lit:*. ‘A perna tem cabeça (é a cabeça da perna)’.)

(110) a) wa ĩ-hikrə̃iti dɛpku

eu 1-joelho doer

‘Meu joelho dói’.

(111) arbɔpahi ‘guarda-chuva’

arbɔ- (N) ‘morcego’

-pahi (N) ‘asa’ (*lit:*. ‘Asa de morcego’.)

(111) a) wa wato arbɔpahi wẽkẽ

Eu 1PAS.PERF.REAL.Ev guarda-chuva quebrar

‘Eu quebrei o guarda-chuva’.

c) Nome + verbo + nominalizador:

(112) rɔm-hemba-wairbɛ-zɛ ‘ televisão’

rɔm- (Termo de Classe) ‘coisa’

-hemba- (V) ‘existir, ter corpo físico (imagem)’.

-wairbɛ- (V) ‘sair’

-zɛ (NMZ) ‘nominalizador’

(*lit.:* ‘Coisa existente que sai/ a imagem que sai’).

(112) a) wa wato rɔmhembawairbɛzɛ kmə̃dɨkɨ

Eu 1PAS.PERF.REAL.Ev televisão ver

‘Eu vi a televisão’.

d) Nome + posposição:

(113) tkaikrere ‘praia’

tka- (N) ‘areia’
-i-(VL) ‘Vogal de ligação’
-kre (INES) ‘dentro’
- re (DIM) ‘diminutivo’ (*lit.:* ‘Areia que se entra um pouco’).

(113)	a) tkaikrere	to	*Miracema*-wa
	praia	COP	N. Pes-INES
	‘A praia é em Miracema’.		

As formas de composição apresentadas acima são na verdade criação de novas palavras para o léxico da língua, ou seja, são empréstimos semânticos. Estes dizem respeito a novos termos criados a partir da própria língua e são muito comuns em situações de língua em contato. Ao que tudo indica, a grande fonte de composição de novas palavras em Xerente encontra-se nos termos de classe, seção 3.1.10, a seguir.

3.1.7 O nome marcado pela categoria de caso

Normalmente, afirma-se que o caso está relacionado a funções sintático-semânticas que os nomes podem exercer como elementos de construções sintáticas. Para Lyons (1979), as funções casuais (gramaticais ou locativas) podem realizar-se numa mesma língua, em parte pelas flexões dos casos que ocorrem na palavra por meio de sufixos ou prefixos – como o caso do genitivo Xerente, prefixal, visto em 4.5.1.3, adiante, ou por outros meios, mais comumente pelas posposições (ou preposições) ou pela ordem das palavras. Desta feita, o conceito de caso é mais sintático do que semântico. Afirma Lyons (1979, p. 305), ao tratar das classificações da gramática tradicional, que “a categoria do caso era, de qualquer forma, a mais peculiarmente gramatical de todas as categorias de flexão”.

Em Xerente, podemos listar como casos que são assinalados nos nomes nucleares as funções do sujeito – *ergativo* ou *nominativo* – e do objeto direto – *absolutivo* – os quais podem ou não ser marcadas por posposições. Tais casos são tema de estudo da seção 4.6.5. Todavia, abaixo, exemplificamos como o sujeito de sentenças de modo circunstancial é marcado para o caso ergativo. Para a indicação do caso ergativo nos referidos tipos de sentença, a língua aciona a posposição ergativa {**–te ~ -t}**:

(114) sika-te kũmdɨ kahɨr-wawẽ
galinha-ERG capivara bater -INTENS
'A galinha bicou muito a capivara'.

(115) wanõrĩ wat *Sinval* kmədɨk-di arɛ *Sinval*-**te** wa-kmədɨk kõdi
nós 1PAS.PERF. REAL N.Pes ver -PART CONJ N. Pes-ERG 1NSG-ver NEG
'Todos nós vimos o Sinval, mas ele não nos viu'.
(*lit.:* 'Nós tínhamos visto o Sinval, mas ele não nos viu'.)

A posposição **–te** também serve para marcar um dos tipos do caso genitivo, visto em 4.6.2. Os exemplos abaixo ilustram o uso da referida posposição no caso genitivo:

(116) wa-ĩ-te wapsə̃
1-VL-PP cahorro
'Meu cachorro' ou 'O cachorro é meu'.

(117) ai-te ti
2-PP flecha
'Tua flecha' ou 'A flecha é tua/A flecha é de você'.

3.1.8 O nome no caso genitivo-possessivo

"O genitivo é o caso da posse" (LYONS, 1979, p. 305). Como afirmamos anteriormente, com base em Lyons, a noção preponderante na definição de um caso é o seu traço sintático. Entretanto, há uma forte tendência na Lingüística recente à definição do caso genitivo em termos semânticos. Para a referida tendência, o que caracteriza o genitivo é o traço de distinção semanticamente relevante que polariza a relação em posse alienável e posse inalienável.

De acordo com Queixalós (2005), considerar somente a noção semântica para atribuição da função dos nomes no caso genitivo é desconsiderar o grau de predicatividade

que o nome apresenta. Sendo assim, teríamos de concordar que não há paralelos entre a estrutura de uma sentença e a de um sintagma nominal.

Em Xerente, o sintagma nominal apresenta correlações estruturais com a sentença, especialmente quando se trata dos traços valenciais. Sabe-se que valência refere-se ao número e ao tipo de laços que podem existir entre os elementos sintáticos e semânticos. Também é sabido que os argumentos, na teoria de valência, têm o mesmo valor, ou seja, são tratados como portadores de uma mesma natureza, a de ser argumento. A valência varia de acordo com os contextos, o que garante que um determinado elemento possa ter diferentes valências, condicionadas pelo uso contextualizado.

Tratamos do referido tema com maiores detalhes na seção 4.1.1.1. Nesta seção, esboçamos brevemente como a valência nominal pode ser um traço que caracteriza os nomes.

A relação de posse pode ser expressa por meio de sintagmas nominais e sentenças possessivas portadoras de valências diversas. Para Aikhenvald (2000), numa relação genitiva, nomes ligam-se a outros nomes por meio de uma locução genitiva, a qual é constituída de dois nomes: o núcleo (o nome possuído) e o modificador (o nome possuidor). Normalmente, a categoria de posse dos sintagmas nominais tem sido definida em função da distinção semântica entre posse alienável, posse inalienável e nomes não possuíveis, essas distinções revelam um quadro valencial expresso por nomes. Queixalós (2005) propõe uma reformulação de natureza sintática da referida definição tradicional por uma teoria da valência dos sintagmas nominais possessivos. Acreditamos ser tal reformulação válida e a adotamos neste trabalho (cf. seção 4.1.1.1, adiante).

Os nomes, a partir do caso genitivo, podem ser caracterizados como monovalentes ou bivalentes. Os nomes bivalentes em Xerente se combinam diretamente com seu argumento interno, isto porque os nomes bivalentes são altamente relacionais, como as posposições e os verbos intransitivos, ou seja, eles precisam ser preenchidos diretamente com um argumento para o qual há uma ‘vaga’ prevista. No caso dos nomes bivalentes Xerente, o argumento interno pode ser representado por outros nomes ou pelos prefixos pessoais:

(118) krkɔ- bɨ
macaco rabo
‘Rabo do macaco’.

(119) ai-ptu z-awrɛ
2-pescoço R1-grande
‘O teu pescoço é grande’.

Os nomes monovalentes em Xerente não podem ser possuídos diretamente. Eles requerem, como outras línguas do tronco Macro-Jê (cf. Ribeiro, 2002), a intermediação de um nome genérico que torna a relação de posse possível, isto é, eles precisam aumentar a valência para efetuar a predicação possessiva:

(120) ĩ- n-ĩm- kuba
1- R3-NGR- canoa
‘Minha canoa’.

(121) tahə̃ n-ĩm- sika
ele R3-NGR- galinha
‘Galinha dele’.

Há na língua Xerente um bom número de nomes, monovalentes e bivalentes, que podem ser núcleos de predicados possessivos. Também, há os nomes que designam qualidades ou estado, tais como tɔ ‘alegria’, ɛ ‘dor’, prɛ ‘vermelhidão’, pese ‘beleza’ etc. Eles apresentam o mesmo comportamento gramatical que os predicados que têm por núcleos os verbos intransitivos, como se pode ver nos exemplos seguintes:

(122) wa-nõrĩ wa-n-ĩm-sikuza
1-NSG 1NSG-R3-NGR-vestido
‘Nosso vestido’.

(123) wa waza ĩ-n-ĩpi
Eu 1FUT.IMP.IRRE 1-R3-trabalhar
‘Vou trabalhar’.

Os nomes que designam qualidades ou estado são detalhados na seção 3.1.11, adiante.

3.1.9 Classificadores em Xerente

Braggio (2000, p. 37) afirma que há em Xerente um inventário de classificadores para formato de plantas, partes de plantas que formam "um sistema de classificação do mundo vegetal típico da língua Xerente" e classificadores de gênero.

De acordo com a literatura que trata do tema, os classificadores são nomes derivados de termos de classe, em sua maioria, mas exibem baixa referencialidade. De acordo com Hopper & Thompson (1984), nomes que não referem apresentam um baixo grau de categorialidade. Mithun (1986) afirma que classificadores operam sobre uma base semântica, implicando certos traços característicos do referente do sintagma nominal, mas não certos traços lexicais de um nome particular. Encontramos em Xerente classificadores ocorrendo em co-referência com nomes. Os classificadores são clíticos que ocorrem fonologicamente apoiados em nomes ou em verbos. Nos nomes, eles podem ocorrer no meio da palvra ou seguindo o nome (infixo, ênclise) e no verbo ocorrem como proclíticos, antecedem o tema verbal. Na classificação, o alvo é o núcleo de um SN que ocupa a posição de **i)** sujeito de predicado nominal (124); **ii)** sujeito de verbo intransitivo (125); **iii)** objeto de verbo transitivo (126), (127) e (128):

(124) dasa-**ka**-mar-m-zɛ rə̃-di
comida-CLAS-Pron-Ind-DAT-NMZ branca-PRED
'A colher está limpa' (*lit.:* 'Coisa-côncava para dar comida'.)

(125) wde-krə̃ĩkuzɛ-**krə̃** mə̃t ø-waptə̃r
pé de laranja-CLAS 3PAS.PERF.REAL 3-cair
'A laranja caiu'. *(lit:'* Pé-laranja-fruta caiu'.)

(126) pikõ mə̃to hespɔ-**krə̃** kmẽ **su**-zɨ(ri)[17]

mulher 3PAS.PERF.REAL.Ev banana-CLAS PARTT CLAS-cortar

'Ela cortou o cacho de banana'.
(*lit.:* 'Ela cortou a fruta da bananeira em ramo (cacho)'.)

(127) wazum-**zɨ** wakdɨ waza we **ka**-kɨ

feijão-CLAS preto 1FUT.IMP.IRRE DIR CLAS-pegar

'Vou trazer feijão preto'.
(*lit.:* 'Feijão-semente preto eu pra cá coisa côncava-trazer'.)

(128) samũru are kakrə̃-i-**nõku** wa-zekrẽnẽ

N. Pes bacaba-VL-CLAS 1NSG-beber

'Samũru, vamos tomar suco de bacaba'.
(*lit.:* 'Samũru, vamos tomar bacaba-coisa sem consistência sólida'.)

3.1.10 Termos de classe

A língua Xerente apresenta uma série de raízes nominais que recorrentemente se combinam com outras raízes para formar palavras compostas, constituindo o núcleo desse novo item lexical. Esses formativos são conhecidos como 'termos de classe' e correspondem ao nível básico da categorização (Rosch, 1973). Para Rosch, os termos de nível básico de categorização são aqueles nomes que falantes utilizam para conceituar coisas do ponto de vista perceptual e funcional. Essas raízes de termos de nível básico classificam os nomes aos quais se agregam, e determina a formação de uma classe, como pode se observar nos exemplos abaixo:

(129) **wde**

kakrə̃+ wde	>	kakrə̃wde (bacaba+árvore) 'pé de bacaba'
hespɔ + wde	>	hespɔwde (banana+árvore)'pé de banana'
wde + kre	>	wdekre (árvore+buraco) 'pilão'
wde + prɔ	>	wdeprɔ (árvore+fogo.intenso) 'café'

[17] O uso do parênteses na forma verbal deste exemplo e em outros tantos indica que o tema verbal pode ocorrer tanto na forma longa quanto na forma curta. Na seção 4.4 tratamos do tema referente ao condicionamento morfossintático de formas verbais.

(130) **tpe**

tpe + bɨ	>	tpebɨ (peixe+rabo) ‘arraia’
tpe + z-awrɛ	>	tpezawrɛ (peixe+R1+grande) ‘filhote’
tpe + prɔ	>	tpeprɔ (peixe+comer.carne) ‘pirarara’
tpe + nõkwa	>	tpenõkwa (peixe+alguém) ‘pescador’
tpe + pə̃n+pre	>	tpepə̃npre (peixe+matar+bater) ‘gavião’

(131) **pkẽ**

pkẽ + hiri	>	pkẽhiri (coração+preparar) ‘salvar’
pkẽ + hiri + kwa	>	pkẽhrikwa (coração+preparar + NMZ) ‘ salvador’
pkẽ + nõmrõ	>	pkẽnõmrõ (coração+deitar) ‘sossegar’
pkẽ + wahɨ	>	pkẽwahɨ (coração+esfriar) ‘acalmar’
pkẽ + z + ɛ	>	pkẽzɛ (coração + R1+ ruim, dor) ‘saudade’

(132) **nĩrnə̃**

kbare + nĩrnə̃	>	kbarenĩrnə̃ (pequi+flor) ‘flor de pequi’
wdekraikwasa+nĩrnə̃	>	wdekraikwasa (oiti+flor) ‘flor de oiti’
kupapɔ + nĩrnə̃	>	kupazɔnĩrnə̃ (abóbora+flor) ‘flor de abóbora’
mõkõnĩ + nĩrnə̃	>	mõkõnĩnĩrnə̃ (inhame+flor) ‘flor de inhame’
rom + nĩrnə̃ + prɛ	>	romnĩrnə̃prɛ (coisa+flor+madura) ‘flor vermelha’

(133) **su**

kbare + su	>	kbaresu (pequi+folha) ‘folha de pequi’
kuzapɔ+su	>	kuzapɔsu (abóbora+folha) ‘folha de abóbora’
hespɔkrə̃+ ĩ + su	>	hespɔkrə̃ĩsu (banana+VL+folha) ‘folha de banana’
mõkoĩtɔrə̃ + su	>	mõkoĩtɔrə̃su (caju+folha) ‘folha de caju’
hɨ + i + su	>	hɨisu (pele+VL+folha) ‘folha, palha’

Os termos de classe organizam e classificam nomes, isto é, atuam na base dos campos semânticos responsáveis pela referenciação Xerente. Segundo Dubois e Mondana, apud Ciulla et all (2003), a referenciação diz respeito aos processos de descretização e de estabilização dos protótipos, isto é, representa a maneira de conceituar coisas do ponto de vista perceptual e funcional elaborada em uma comunidade de fala. Dizem as autoras que essa elaboração é que nos faz perceber que a categorização advém mais de práticas simbólicas do que de uma ontologia dada.

Com relação aos termos de classe em Xerente, podemos afirmar que, além dos exemplos acima, contamos ainda com uma lista que inclui, entre outros, os seguintes: **sbi** ‘aracnídeos’, **hɨ** ‘casca, pele (externo)’, **ke** ‘abelha’, **waku** ‘suco’, **nõ** ‘não sólido

(solidamente inconsistentes)', **kɨ** 'líquidos', **kpu** 'insetos que voam', **kru** 'ramos, grama', **ktɨ** 'mamíferos comestíveis', **ku** 'animais ferozes', **amkɛ** 'cobras', **rɔm~rɔ** 'coisas' e **tka** 'terra'. Também, os termos de classe têm uma posição de ocorrência mais livre do que os classificadores, no que diz respeito ao seu uso junto aos nomes. Eles podem ocorrer no início e no final do nome, isto é, podem ser proclíticos ou enclíticos. Já quando ocorrem apoiados aos verbos, eles são, como os classificadores, proclíticos.

3.1.11 Nomes de conceitos de propriedade ou N-cp

Não há na língua Xerente uma classe distinta para os adjetivos. Os conceitos de propriedades codificam na referida língua as funções desempenhadas por adjetivos em outras línguas. De acordo com Palancar (2006, p. 326), "os conceitos de propriedade são também conhecidos como conceitos adjetivais, porque eles são comumente expressos por adjetivos através das línguas".

Recentemente, Dixon (2004) propôs que os adjetivos são partes do discurso (classes/categorias de palavras) existentes em todas as línguas. De acordo com essa proposta, Dixon afirma que cada língua estabelece internamente como codificar lexicalmente os conceitos adjetivais ou de propriedade. Comumente, os itens lexicais que codificam os conceitos de propriedade são os adjetivos (no sentido tradicional do termo), os nomes e os verbos.

Para Palancar (2006), a definição tradicional de adjetivos é aquela que os considera como modificadores do nome. São partes independentes do discurso, ou seja, possuem uma classe distinta, como nomes e verbos.

Os exemplos abaixo dão mostras dos nomes Xerente que codificam os conceitos de propriedade:

(134) tahə̃ kɨ-i-ti
ele água-VL-PRED
'Ele está molhado'. (*lit.:* "Ele está com água/ Ele tem água/ Tem água nele'.)

(135) toka mrõ-di
você cônjuge-PRED
'Você é/está casado'.

(136) smĩka wakrɔ-ki
cinza quente-PRED
'As cinzas são quentes'.

(137) to-kəhə tare-re pse-re
CIT-esta menina-DIM beleza-DIM
'É esta menininha bonitinha'.

(138) ai-ptu z-awrɛ
2-pescoço R1-grande
'O teu pescoço é grande'.

Detalhamos os N-cp na seção 4.1.1.6., adiante.

Apresentamos nas seções anteriores algumas características gramaticais do nome em Xerente. A seguir, analisamos a classe dos pronomes da referida língua.

3.2 Pronomes em Akwẽ-Xerente

Nesta seção, pretendemos descrever as propriedades morfológicas, sintáticas e distribucionais dos pronomes, ou seja, suas propriedades morfossintáticas. De acordo com Schachter (1985), os pronomes geralmente formam uma classe de nomes que são pró-formas, já que são usados como substitutos de sintagmas nominais e podem modificar o nome. Para Lyons (1979, p. 181), tradicionalmente, o termo pronome é definido como "elemento gramatical de referência variável que substitui algum substantivo dado no contexto, explícita ou implicitamente". Essa característica pronominal, segundo Lyons, ilustra o fato de os pronomes apresentarem restrições distribucionais, o que faz com que eles se distingam, por exemplo, do nome. Além da restrição distribucional que diferencia

pronome de nome, em Xerente, os pronomes diferem do nome por apresentarem uma classe fechada e reduzida de itens lexicais, ou seja, o conjunto dos pronomes tem um número fixo e reduzido de elementos que são utilizados por todos os falantes da língua. O conjunto pronominal pode ser dividido nas subcategorias:

a) lexicais: pronomes pessoais, demonstrativos e indefinidos, e
b) uma classe limitada de itens gramaticais: prefixos pessoais e marcadores de pessoa.

3.2.1 Pronomes pessoais livres

Os pronomes pessoais em Xerente são livres, como ocorre em outras línguas Jê, e são usados para indicar sujeito de verbo transitivo (A) ou de verbo intransitivo (S) e, eventualmente, podem ser usados como objeto (O) de verbos transitivos, especialmente o pronome de 3ª. pessoa. Podem receber marcação casual, caso ergativo com a posposição **–te**, ou ênfase, com a partícula **–hə̃** e, assim como nomes, podem receber marcação de número não singular (dual ou plural), com o sufixo pluralizador **-nõrĩ**.

São basicamente três as formas pronominais livres usadas para expressar os argumentos sujeitos em Xerente:

wa - 1ª. pessoa singular ‘eu’
ka - 2ª. pessoa do singular ‘você, tu’
ta - 3ª. pessoa do singular ‘ele’

Os exemplos abaixo ilustram o uso dos pronomes pessoais livres:

(139) wa waza ĩ-mõrĩ n-rõwa-ku
Eu 1FUT.IMP.IRRE 1-ir R3-casa-ILAT
‘Eu vou para minha casa’.

(140) ka tɛt ø-kwakre
você 2PROG.IMP.REAL 3-cavar
‘Você está cavando (algo)’.

(141) ta ø-za ø-sa
Ele 3-HAB.IMP.IRRE 3-arrastar
'Ele arrasta (algo)'.

(142) wa wato tahə̃ s-aihɨ
eu 1PAS.PERF.REAL.Ev ele R2-chamar
'Eu o chamei'. (*lit.:* 'Eu chamei ele'.)

A estas três formas, é acrescido o morfema –**nõrĩ**, como já foi dito anteriormente, para a pluralização dos pronomes ou para a marcação do não-singular. Com o acréscimo desse morfema aos pronomes, temos as formas pronominais do dual e/ou plural. Os números diferentes do singular são reforçados pelos sufixos número-pessoal, **-ni**, para a primeira pessoa do dual/plural e **–kwa** ou **–kba** para a segunda pessoa do dual/plural. A terceira pessoa (a não pessoa) não apresenta sufixo número-pessoal ou marca esse sufixo com zero **-ø**. O sufixo número-pessoal **–kwa** é usada imediatamente após o pronome livre e após o tema verbal e o **-ni** é usado somente após o tema verbal, sendo assim, a marcação de número-pessoal parte de elemento pronominal descontínuo. Exemplos:

wanõrĩ - 1ª. pessoa do dual/plural 'nós' (wa = 1ps + nõrĩ = NSG ou dual/plural)

kanõrĩ - 2ª. pessoa do dual/plural 'vocês, vós' (ka = 2ps + nõrĩ = NSG ou dual/plural)

tanõrĩ - 3ª. pessoa do dual/plural 'eles' (ta = 3 ps + nõrĩ = NSG ou dual/plural)

Os exemplos abaixo demonstram o uso dos pronomes que expressam o dual ou plural:

(143) wa-nõrĩ waza wa-nẽm-nĩ
1-NSG 1FUT.IMP.IRRE 1NSG-ir (DU)-1NSG
'Nós (eu e você) vamos andar'.

(144) wa-nõrĩ wat wa kmədɨkɨ-nĩ
1-NSG 1PROG.IMP.REAL papagaio ver -1NSG
'Nós estamos vendo o papagaio'.

(145) ka-nõrĩ kwa tɛ-za ai-nẽm-kwa
2-NSG 2NSG 2-FUT.IMP.IRRE 2-ir (DU)-2NSG
‘Vocês (os dois) vão andar’.

(146) kuburɛ ka-nõrĩ-kwa tɛza ø-kadur-kwa
todos 2-NSG-2NSG 2FUT.IMP.IRRE 3-pegar(PL)-2NSG
‘Todos vocês vão pegar (algo)’.

(147) ka-nõrĩ kwa ĩ-kmə̃-stɔmbɔ-kba kõdi
2-NSG 2NSG 1-CAUS-experimentar(SG)-2NSG.ERG NEG
‘Vocês não me experimentaram’.

(148) ka-nõrĩ kwa to wawẽ
2-NSG 2NSG COP velho
‘Vocês são velhos’.

(149) wa-nõrĩ to akwẽ
1-NSG COP Xerente
‘Nós somos Xerente’.

(150) ta-nõrĩ to rɔwahtukwa
3-NSG COP professor
‘Eles são professores’.

(151) ta-nõrĩ ø-za ti-nẽmə̃
3-NSG 3-FUT.IMP.IRRE 3-andar (DU)
‘Eles (os dois) vão andar’.

(152) ta-nõrĩ mə̃to kupa kwasa
3-NSG 3PAS.PERF.REAL.Ev mandioca carregar
‘Eles carregaram mandioca’.

A não ser nas seções em que o sufixo marcador de pluralidade ou número não-singular, -nõrĩ, por motivos de descrição da configuração morfológica dos pronomes, como demonstramos anteriormente, não especificamos a pessoa e o não singular - NSG (X + -nõrĩ) no restante do texto, mas consideramos a composição, como wanõrĩ ‘nós’, uma vez que a marcação de não-singular é um formativo dependente do item ao qual se liga. Segue o quadro com o resultado da descrição e análise dos pronomes livres Xerente.

Quadro n. 3 - Pronomes pessoais livres

wa	1ª. pessoa do singular
ka	2ª. pessoa do singular
ta	3ª. pessoa do singular
wanõrĩ....nĩ	1ª. pessoa do NSG (dual/plural)
kanõrĩ.....kwa....kwa	2ª. pessoa do NSG (dual/plural)
tanõrĩ	3ª. pessoa do NSG (dual/plural)

O morfema citacional **to**- associa-se as segundas e terceiras pessoas do singular ou plural, ocorrendo antes do pronome propriamente dito. O morfema enfático **–hə̃** pode se associar aos pronomes livres para indicar ênfase ou destaque:

toka - 2ª. pessoa do singular ‘você, tu’

ka**hə̃** - 2ª. pessoa do singular ‘você, tu’ (enfática)

tokanõrĩ...kwa - 2ª. pessoa do plural ‘vocês, vós’

ta**hə̃** - 3ª. pessoa do singular ‘ele’ (enfática ou não)

ta**hə̃**nõrĩ - 3ª. pessoa do plural ‘eles’ (enfática ou não)

tota**hə̃** - 3ª. pessoa do singular ‘ele/ela’ (enfática ou não)

totanõrĩ - 3ª. pessoa do plural ‘eles’

wa**hə̃** - 1ª. pessoa do singular (enfática)

Exemplos:

(153) wa-**hə̃** rɔwakrɔ-ktabi-di saktẽawrɛ

eu-ENF calor-INT-PRED muito

‘Eu (eu, mesmo) estou com muito calor’.

(154) **to**ka kə̃to wa

você CONJ eu

‘Você e eu’.

(155) **to**kanõrĩ kwa tɛza ai-waptə̃k-kwa

vocês 2NSG 2HAB.IMP.IRRE 2-cair-2NSG

‘Vocês caem’.

(156) ta**hə̃** ø-za ø-n-õtõ

ele 3HAB.IMP.IRRE 3-R3-dormir

‘Ele dorme’.

(157) **to**-ta**hə̃** hɨ-i-di

CIT-ele frio-VL-PRED

‘Ele está com frio’.

(158) **to**-ta**hə̃** ø-za pawi kmẽ kɨ

CIT-ela 3-FUT.IMP.IRRE cachimbo PARTT pegar (comprar)

‘Ela vai comprar cachimbo’.

(159) **to**-tanõrĩ snə̃ ø-te kwapse sĩpse pibumə̃

CIT-eles INC 3-ERG adornar festa PROPS

‘Eles estão se preparando para a festa’.

(160) kahə̃ to wawẽ
você COP velho
‘Você é velho’.

A forma **toka**, para 2ª. pessoa, singular ou plural, parece estar se cristalizando como forma pronominal, uma vez que seu uso entre a geração dos jovens e dos mais ou menos jovens é visivelmente maior do que o uso da forma **ka**, de uso preferencial da geração dos mais velhos. Similarmente, a forma **tahə̃** parece assumir o uso mais generalizado para o pronome de terceira pessoa, singular e plural, sendo a forma **ta** mais usada pela geração mais idosa.

Há uma coincidência ou aproximação entre os pronomes pessoais para as segundas e terceiras pessoas e os pronomes demonstrativos, como ilustram os exemplos abaixo:

(161) kahə̃ to simkɛmre
isto COP faca
‘Isto é faca’.

(162) kahə̃ to wawẽ
você COP velho
‘Você é velho’.

(163) waza simiku tahə̃
1FUT.IMP.IRRE esconder aquilo
‘Eu vou esconder aquilo’.

(164) tahə̃ ø-za ø-mõ
ele 3HAB.IMP.IRRE 3-andar
‘Ele anda’.

Essa coincidência de forma ou aproximação de função ocorre por causa do caráter dêitico da classe dos pronomes. Segundo Lyons (1979, p. 291), "a categoria de terceira pessoa pode combinar-se com noções diversas, como 'definido' e 'próximo' ou 'remoto', sendo a categoria de proximidade determinada por referência aos participantes". Entendemos que em Xerente, tanto os pronomes pessoais livres quanto os demonstrativos se estruturam sob a condição de proximidade ao falante. Assim, a segunda pessoa é mais próxima do falante do que a terceira pessoa. Adiante, na seção 3.2.1.5, vê-se como os pronomes demonstrativos se distinguem com referência à categoria de 'proximidade'.

3.2.1.1 Prefixos pessoais

Os prefixos pessoais são pronomes e ocorrem prefixados a um núcleo lexical (nome, verbo e posposição). Quando ocorrem prefixados a nomes exercem a função de pronomes possessivos ou sujeito de predicado nominal (S). Quando estão prefixados a verbos, indicam o sujeito de verbos intransitivos (S) ou o objeto de verbos transitivos (O) e junto às posposições são objetos.

ĩ- = primeira pessoa do singular 'meu', 'minha', 'eu' 'me' e 'mim'.

ai- = segunda pessoa do singular 'teu', 'tua', 'tu', 'você', 'te' e 'ti'.

ø- ~ ti- ~ t-~ ə̃- ~ ĩ- = terceira pessoa do singular 'dele', 'dela', 'ele', 'ela', 'o', 'a', 'lhe', 'se' e 'si'.

wa-..... –ni = primeira pessoa do dual/plural 'nosso', 'nossa', 'nós' e 'nos'.

ai-...-kwa ~ kba....-kwa ~kba = segunda pessoa do dual/plural 'teus', 'tuas', 'vós', 'vocês' e 'vos'.

ø- ~ t- ~ ti- = terceira pessoa do dual/plural 'deles', 'delas', 'eles', 'elas', 'os', 'as', 'lhes', 'se' e 'si'.

(165) ĩ-n-ĩsizɛ

1-R3-nome

‘Meu nome’.

(166) ai-bdu

2-pescoço

‘Teu pescoço’.

(167) ĩ-n-kre

3-R3-nariz

‘Nariz dele’.

(168) *Moisés* ə̃-ptɔkwa

N.Pes. 3-pai

‘Moisés, o pai dele’ (o pai de Moisés).

(169) wa wat ĩ-sa

eu 1PROG.IMP.REAL 1-comer

‘Eu estou comendo’.

(170) toka tɛt ai-sa

você 2PROG.IMP.REAL 2-comer

‘Você está comendo’.

(171) tahə̃ mə̃t ø-mõ

ele 3PAS.PERF.REAL 3-ir

‘Ele foi embora’.

(172) wanõrĩ wat wa-sa-i-nĩ

nós 1PROG.IMP.REAL 1NSG-comer-VL-1NSG

‘Nós estamos comendo’.

(173) tahə̃ ø-za azanə̃ ø-wara
ele 3HAB.IMP.IRRE depressa 3-correr
‘Ele corre depressa’.

(174) tahə̃ ambɨ tɛt ti-sa
ele homem 3PROG.IMP.REAL 3-comer
‘Ele está comendo’.

(175) tanõr̃i mə̃t ø-wahud(u)
eles 3PAS.PERF.REAL 3-ir (PL)
‘Eles foram embora’.

(176) ambɨ-nõr̃i ø-za t-sihɨzu
homem-NSG 3-FUT.IMP.IRRE 3-dançar
‘Os homens vão dançar’.

(177) tahə̃nõr̃i mãt t-krə̃ipusi
eles 3PAS.PERF.REAL 3-aparecer (DU)
‘Eles (dois) apareceram’.

(178) tahə̃ ø-za t-wwa
ele 3HAB.IMP.IRRE 3-chorar (SG)
‘Ele chora’.

(179) tanõr̃i ø-za t-krɨkrɨ
eles 3-HAB.IMP.IRRE 3-chorar(PL)
‘Eles choram’.

(180) tokanõr̃i kwa tɛza ai-krɨkrɨ-kwa
vocês 2NSG 2HAB.IMP.IRRE 2-chorar(PL)-2NSG
‘Vocês choram’.

(181) tanõrĩ ø-za ti-nẽm(ə̃)
eles 3-FUT.IMP.IRRE 3-ir(DU)
'Eles vão embora'.

(182) wanõrĩ wat wa-nẽm-nĩ
nós 1PAS.PERF.REAL 1NSG-ir (DU)-1NSG
'Nós (dois) fomos'.

(183) wa tɛt wa-kmə̃dɨk
papagaio 3PROG.IMP.REAL 1NSG-ver
'O papagaio está nos vendo'.

(184) wa tɛt ĩ-kmə̃dɨk
papagaio 3PROG.IMP.REAL 1-ver
'O papagaio está me vendo'.

(185) wa tɛt ai-kmə̃dɨk
Papagaio 3PROG.IMP.REAL 2-ver
'O papagaio está vendo você'.

(186) wa tɛt ø-kmə̃dɨk
papagaio 3PROG.IMP.REAL 3-ver
'O papagaio está vendo ele'.

(187) wa wat ai-s-mrõ-i-kw(a)
eu 1PAS.PERF.REAL 2-R2-matar(PL)-VL-2NSG
'Eu matei vocês'.

(188) tokanõrĩ kbare karɔ-snə̃ kahur-kba kõdi
vocês pequi arroz-COM comer(PL)-2.ERG não
'Vocês não comem arroz com pequi'.

(189) sikuza tahə̃ ə̃mbɨ ĩ-m-sõmrĩ he-wẽ-ki
roupa aquele homem 1-DAT-dar CLAS-bonito-PRED
'O vestido que ele me deu é bonito'.

3.2.1.2 Marcadores específicos de 3ª. pessoas

Há, na língua, marcadores específicos para a 3ª. pessoa humana e genérica e 3ª. pessoa não-humana: **da-** e **rɔm-** ~ **rɔ-**, respectivamente. Assim, **da-** é um prefixo usado para indeterminar os nomes com traço [+humano] bivalentes, isto é, funciona com um pronome pessoal indeterminado (exemplos 184 e 185) e **rɔm-** ~ **rɔ-** também tem a função de indeterminar um nome [-humano] ou de identificar os nomes [-animado]:

(190) to-tahə̃ mə̃t da-sihɨzu kmə̃dɨk
CIT-ela 3PAS.PERF.REAL 3-festa ver
'Ela viu a festa'.

(191) da-mrõ
3-cônjuge
'Esposo/a'.

(191) a) ĩ-mrõ
1-cõnjuge
'Minha esposa'.

(192) wa waza rɔm-nirnə̃ kmə̃dkɨ
Eu 1FUT.IMP.IRRE 3-flor ver
'Eu vou ver uma flor'.

(193) a) rɔm-kmə̃dkɨwẽ mə̃to ø-krə̃itɔbrɔ
3-felicidade 3PAS.PERF.REAL.Ev 3-surgir
'A felicidade chegou'.

(193) b) rɔ-wakrɔ kõdi za-hə̃
3-quente NEG FUT-ENF
'Não vai ficar quente'.

Em situações formais, o prefixo pessoal **da-** é usado para expressar noções honoríficas:

(194) nmə̃-nõrĩ da-kmə̃dkɨkwa mə̃p t-sinə̃
Qual-NSG 3HON-chefe 3PAS.INT 3-chegar
'Quais chefes chegaram?'.

(195) mə̃rĩ-p da-ptɔkwazawrɛ kai-mə̃
quem-INT 3-HON-Deus 2-DAT
'Quem é o senhor Deus para você?'.

3.2.1.3 Marcadores pessoa-aspectuais

Em Xerente, os marcadores pessoais estão relacionados às pessoas do discurso (ou da gramática) e aos aspectos perfectivo e imperfectivo. Os marcadores pessoais se distribuem da seguinte forma. Os marcadores **wa-** "1ps sg/DU/PL", **bɨ-** "2ps sg/DU/PL" e ø- ~ **mə̃- ~ nə̃-** "3ps sg/DU/PL" indicam o aspecto perfectivo. Já os marcadores pessoais **wa-** "1ps sg/DU/PL", **tɛ-** "2ps sg/DU/PL" e **ø- ~ tɛ-** "3ps sg/DU/PL" são usados para indicar o aspecto imperfectivo. Exemplos:

(196) wa wat ĩ-mõrĩ
eu 1PAS.PERF.REAL 1-ir, andar (movimentar-se)
'Eu andei'.

(197)	toka	bɨt	ai-mõr(ĩ)
	você	2PAS.PERF.REAL	2-andar
	‘Você andou’.		

(198)	tanõrĩ	mə̃t	ø-wahudu
	eles	3PAS.PERF.REAL	3-andar(PL)
	‘Eles andaram’.		

(199)	tahə̃	nə̃t	ø-mõ(rĩ)
	ele	3PAS.PERF.REAL	3-andar
	‘Ele andou’.		
(200)	wa	waza	ĩ-mõrĩ
	eu	1FUT.IMP.IRRE	1-andar
	‘Eu vou andar’.		

(201)	toka	tɛza	ai-mõrĩ
	você	2FUT.IMP.IRRE	2-andar
	‘Você vai andar’.		

(202)	tahə̃	ø-za	ø-mõ(rĩ)
	ele	3FUT.IMP.REAL	3-andar
	‘Ele vai andar’.		

Os usos desses marcadores pessoais são detalhados na seção 3.1- a expressão TAMP em Akwẽ-Xerente.

Tanto os prefixos pessoais quanto os marcadores pessoais são usados com o propósito de indicar ou identificar as pessoas envolvidas nos eventos de fala. Assim, há duas séries de marcadores pessoais em Xerente, como mostramos anteriormente. Nomeamos de série A os morfemas marcadores pessoais e de série B os prefixos pessoais:

Quadro n. 4 - Marcadores e prefixos pessoais

	Série A	Série B
1ª. pessoa do singular	wa-	ĩ-
2ª. pessoas sg/DU/PL	bɨ ~ tɛ	ai-
3ª. pessoas sg/DU/PL	ø ~ mə̃ ~ tɛ	ø-~ ə̃- ~ ĩ- ~ ti- ~ t-
1ª. pessoa do plural	wa-	wa-

Os marcadores da série B correspondem a referentes singulares, duais ou plurais (exs. 203, 204 e 205). Essas formas ocorrem como possuidor (exs. 206 e 207), objeto de posposição (ex. 208), objeto direto (ex. 209), sujeito de sentença não-verbal (ex. 210), assim como de verbos intransitivos de orações modificadas por uma expressão adverbial (ex. 211). A ocorrência desses marcadores nessas funções caracteriza-os como marcadores pessoais **absolutivos**.

(203) toka tɛza ai-s-õmrõ
vocês 2HAB.IMP.IRRE 2-R2-deitar(SG)
'Você deita'.

(204) tokanõrĩ kwa bɨt ai-s-aikwar-kwa
vocês 2NSG 2PAS.PERF.REAL 2-R2-deitar(PL)-2NSG
'Vocês deitaram'.

(205) tokanõri kwa tɛza ai-zas(i)-kwa
vocês 2NSG 2FUT.IMP.IRRE 2-entrar (DU)-2NSG
'Vocês (os dois) vão entrar'.

(206) ai-s-dawa
2-R2-boca
'Sua boca (de você)'.

(207) wa-n-ĩnpkra
1NSG-R3-mão
'Nossa mão'.

(208)	tokanõrĩ	kwa	bɨt	ĩ-mẽ	tmə̃	ĩ-mõr-kwa	wa-z-akrui-i-ku
	vocês	2NSG	2PAS.PERF. REAL	1-COM	DAT	1-ir-2NSG	1NSG-R3-aldeia-VL-ALA
	‘Vocês foram comigo pra nossa aldeia’.						

(209)	tahə̃	ø-za	wa-prɛkɛ
	ele	3HAB.IMP.IRRE	1NSG-bater
	‘Ele bate em nós’.		

(210)	ai-waka-di
	2-preguiça-PRED
	‘Você está com preguiça’.

(211)	ø-wra	kõdi
	3 – correr	não
	‘Ele não corre’.	

Os marcadores da série A ocorrem como sujeito de verbos transitivos e intransitivos quando estes não são modificados por expressão adverbial (exs. 212 e 213), e são, portanto, marcadores pessoais **nominativos**. Normalmente, ocorrem como pronomes enfáticos, em coocorrência com os pronomes pessoais (ex. 214) ou com os da série B (ex. 215).

(212)	waza	kuzapɔ	sinə̃
	1FUT.IMP.IRRE	abóbora	colher
	‘Eu vou colher abóbora’.		

(213)	bɨt	pɔ	wĩrĩ
	2PAS.PERF.REAL	veado	matar
	‘Você matou o veado’.		

(214)	wanõrĩ	wat	kɨ	z-ekrẽ-n(ĩ)

nós 1PAS.PERF.REAL água R1-beber-1NSG
'Nós bebemos água'.

(215) wat ĩ-sa
1PROG.IMP.REAL 1-comer
'Estou comendo'.

3.2.1.4 Akwẽ-Xerente: língua pro-drop

A língua Xerente apresenta categorias vazias na posição de Sujeito (S ou A). No quadro da Teoria da Regência e da Ligação (TRL) – a teoria dominante nos anos 80 em Gramática Gerativa – (Chomsky, 1986 e Raposo, 1992), as noções de categorias vazias mantêm uma certa importância. Há uma relação entre as categorias vazias e alguns postulados da gramática tradicional (estrutural). Esse traço comum às duas vertentes teóricas pode ser visto, por exemplo, na noção da gramática clássica sobre o vazio elíptico e as categorias vazias da gramática gerativa. O que as duas trazem em comum é a idéia de que na medida em que se assumem elementos zero como fazendo parte ativa da gramática das línguas naturais, deve-se também assumir a capacidade do locutor em saber distinguir e posicionar esses elementos nas representações que constrói, isto é, em dispor de princípios e parâmetros para legitimá-los e identificá-los. De modo geral, Chomsky (1986) qualifica as categorias vazias de *assunção* e as provas da sua existência de *evidência.*

Até o momento, observamos como categorias vazias mais salientes do Xerente as posições de argumentos externos e internos (sujeito, objeto direto e indireto), as quais podem ser apagadas. Esse traço nos permite caracterizar a língua Akwẽ como língua com características *pro-drop*:

(216) wanõrĩ wat kɨwawẽ-ku # (wanõrĩ) wat (kɨ) kahur-nĩ

nós 1PAS.PERF. REAL rio-ALA # (nós) 1PAS.PERF. REAL (água) beber (PL)-1NSG

'Nós fomos ao rio, nós bebemos água'.

(217) …(pikõ) mə̃t ø-wi
...(mulher) 3PAS.PERF.REAL 3-chegar
'...ela (a mulher) chegou'.

(218) tokanõrĩ kwa bɨt smĩsi (kukrẽre) ĩ-m-sõ
vocês 2NSG 2PAS.PERF.REAL um (coisa) 1-DAT-dar
'Vocês me deram uma (coisa)'.

3.2.1.5 Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos indicam a posição de seres ou objetos em relação com as pessoas gramaticais ou discursivas, ou seja, apontam para as noções dêiticas espaciais. Os pronomes demonstrativos em Xerente, quando funcionam como adnominais, expressam noções de distância em três graus: próximo, não muito distante e distante. Os exemplos abaixo ilustram o uso dos demonstrativos:

(219) kahə̃ ambɨ ø-za ø-wapa
este homem 3-HAB.IMP.IRRE 3-ouvir
'Este homem ouve'.

(220) tahə̃ ambɨ ø-za ø-wapa
esse homem 3-HAB.IMP.IRRE 3-ouvir
'Esse homem ouve'.

(221) kũhə̃ ambɨ ø-za ø-wapa

aquele homem 3-HAB.IMP.IRRE 3-ouvir
‘Aquele homem ouve’.

(222) nõkwa-p kəhə ambɨ
Quem-INT este homem
‘Quem é este homem?’.

Quadro n. 5 - Pronomes demonstrativos em Xerente

kahə ~ kəhə ‘este, aqui’
tahə ‘aquele, ali’
kũhə ‘aquele distante, lá’

3.2.1.6 Pronomes reflexivos

Há em Xerente, um pronome reflexivo **{si}** que ocorre como co-referencial a outro nominal (nome ou pronome) da sentença na qual ele ocorre. Esse pronome não apresenta marca de pessoa ou de concordância, a forma {si} é invariável:

(223) wa wat ĩ̃-si-shɨri
eu 1PAS.PERF.REAL 1-REF-cortar
‘Eu me cortei’.

(224) toka bɨt ai-si-shɨri
você 2PAS.PERF.REAL 2-REF-cortar
‘Você se cortou’.

(225) tahə mə̃t t-si-shɨri
ele 3PAS.PERF.REAL 3-REF-cortar
‘Ele se cortou’.

(226) wanõrĩ wat wa-si-shɨr-nĩ

nós 1PAS.PERF.REAL 1NSG-REF-cortar-1NSG
‘Nós nos cortamos’.

(227) kanõr̃i bɨt ai-si-shɨr-kwa
vocês 2PAS.PERF.REAL 2-REF-cortar-2NSG
‘Vocês se cortaram’.

(228) tanõr̃i mə̃t t-si-shɨri
eles 3PAS.PERF.REAL 3-REF-cortar
‘Eles se cortaram’.

3.2.1.7 Pronome recíproco

O pronome {zus} indica que a ação é mútua entre dois indivíduos, sendo o pronome, então recíproco.

(229) ambɨ t-si-mə̃t t-mẽrɨmẽ-zus
homens 3-REF(?)PAS.PERF.REAL 3-falar (PL)-REC
“Os homens conversavam (uns com os outros)’.

(230) tɛt mẽmẽ-zus zaku ø-te ø-sasar
3PROG.IMP.REAL dizer-REC após 3-ERG 3-caçar (PL)
‘Eles disseram (um ao outro) que vão caçar (algo)’.

3.2.1.8 Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos são pronomes que se referem a pessoas, coisas ou lugares de modo vago, não determinado. Classificam-se, normalmente, em indefinidos propriamente ditos (alguém, ninguém), quantificadores (todos, muitos, poucos, etc.) e numerais (um, dois etc.):

(231) ĩdu prə̃ire-ki
piolho pouco-PRED
'Tem poucos piolhos/ Há poucos piolhos'.

(232) ĩdu saktẽ-z-awrɛ
piolho muito-R1-muito
'Muitos piolhos'.

(233) kburɛ wasi
toda/tudo estrela
'Todas as estrelas'.

(234) wa wat kburɛ wasi sə̃
eu 1PAS.PERF.REAL toda estrela ver
'Eu vi todas as estrelas'.

(235) nõkwa mə̃t kuba kmə̃nə̃
alguém 3PAS.PERF.REAL canoa fazer
'Alguém fez a canoa'.

(236) nõkwa kuba ø-te kmə̃nə̃r kõdi
ninguém canoa 3-ERG fazer não
'Ninguém fez a canoa.' (*lit.:* 'Ninguém fez canoa, eles não a fizeram').

(237) (nõkwa) mə̃to kuba kmə̃nə̃r

(alguém) 3PAS.PERF.REAL.Ev canoa fazer
‘Fizeram a canoa.’(*lit.:* ‘Alguém fez canoa, eles a fizeram’).

(238) mərĩ mə-p waptər
algo 3PAS.INT cair
‘Algo caiu?’.

(239) kuburɛ wat wanõrĩ hesukanmẽzɛ kɨr-nĩ
todos 1PAS.PERF.REAL nós pasta pegar-1NSG
‘Nós todos pegamos pastas’.

(240) wato dasa srure snə̃ kmẽsi
1PAS.PERF.REAL.Ev comida pouco PARTT comer
‘Eu comi pouca comida’.

3.2.1.9 Pronomes interrogativos

São palavras usadas para efetuar uma interrogação:

(241) nõkwa-p mɲĩ mõ
quem-INT DIR ir
‘Quem está vindo?’.

(242) nanẽ ai-s-isizɛ
qual 2-R2-nome
‘Qual é seu nome?’.

(243) nhanẽ tɛ-b-za tokanõrĩ-kwa sapku-kw(a)
como 2IMP-INT-HAB vocês-2NSG costurar-2NSG
‘Como vocês costuram?’.

(244) nmənə̃ tɛ-b-za ai-sa

quando 2IMP-INT-FUT 2-ficar.em.pé
‘Quando vai ficar em pé?’.

(245) nmə̃zi-p aiktɛnõrĩ t-sihɨzu
onde-INT crianças 3-brincar (PL)
‘Onde as crianças estão brincando?’.

(246) ♂ mə̃rĩ-p totahə̃ tmə̃ waikud
que-INT ele DAT saber
‘O que ele sabe?’.

(247) ♀ taha-p totahə̃ ambɨ waikud
que-INT ele homem saber
‘O que ele sabe?’.

(248) nməhə̃ dakmə̃dkɨkwa mə̃-p wi
qual chefe 3.PERF-INT chegar
‘Qual dos chefes chegaram?’.

(249) ♂ mə̃rwa mə̃-p wde to tazi sakra
por que 3.PERF-INT madeira CIT lá colocar
‘Por que ele colocou a madeira lá?’.

(250) ♀ tahaiwa mə̃-p wde to tazi sakra
por que 3.PERF-INT madeira CIT lá colocar
‘Por que ele colocou a madeira lá?’.

(251) nmə̃-hawi tɛ-p we toka ai-mõr
onde-ELA 2IMP-INT DIR você 2- ir
‘De onde você vem?’.

(252) nmõ-mõ tɛ-b-za toka ai-mõr

onde-ir 2IMP-INT-FUT você 2-ir
‘Para onde você vai?’.

(253) mə̃da ktadi
onde N.Pes
‘Onde está Ktadi?’.

Nos exemplos acima, todos os pronomes interrogativos ocorrem no início da sentença. Para Greenberg (1963), as línguas com ordem SVO tendem a deslocar as formas interrogativas para o início da sentença, o que não ocorreria com línguas como a Xerente, isto é, não ocorreria com línguas de ordem SOV. Entretanto, em Xerente, as palavras interrogativas são usadas no início da sentença, o que contraria os universais de ordem dos constituintes propostos por Greenberg. Na próxima seção, analisamos a classe dos verbos da língua Akwẽ-Xerente.

3.3 O Verbo em Xerente – Considerações Preliminares

> O princípio salutar de classificação é o de que uma forma lingüística tem necessariamente várias aplicações lingüísticas. É certo que também é muito pouco aconselhável minimizar algumas delas em proveito de uma dada (CÂMARA JR., 1959, p. 12).

Em nossa proposta para classe dos verbos Xerente, observamos as propriedades morfossintáticas distribucionais e estruturais dos elementos que constituem a sentença. Em se tratando do verbo, há de se considerar que essas propriedades estão intimamente relacionadas e não há como propor limites específicos entre os elementos que distribuem ou estruturam funções verbais em sintagmas ou sentenças/orações, ou seja, os elementos que caracterizam a classe dos verbos ocorrem ao longo da sentença e compõem um conjunto indissociável. Assim, as categorias de modo, tempo, aspecto e pessoa são dadas na oração como um todo. Da mesma forma, a concordância numérica e demais relações morfossintáticas ou semânticas entre verbo e outros constituintes são apreendidos dentro de um contexto maior do que a palavra, isto é, somente é possível verificar relações de verbos com outros elementos dentro da sentença. Parece ser esse um traço fundamental da língua Xerente.

Os critérios que usamos para identificar a classe dos verbos em Xerente são, basicamente, os de ordem morfológica:

i) uso de diferentes séries de marcadores pessoais (pronomes, clíticos e prefixos);
ii) presença das categorias pessoa, tempo, aspecto, modo e evidência (TAMP);
iii) morfologia derivacional; e
iv) negação.

Já os critérios de ordem sintática são:

a) função assumida pela palavra dentro da sentença (argumento - predicado);
b) posição dentro da sentença (1ª., 2ª. ou 3ª. posições, deslocamento à esquerda ou à direita) e dentro dos sintagmas (pré/pós núcleo); e
c) co-ocorrência (ou restrições de seleção).

Em Xerente, uma forma verbal simples consta de um tema, formado por um núcleo, a raiz verbal, que pode ser antecedido ou seguido de morfemas, marcadores pessoais, prefixos pessoais e sufixos número-pessoal. Os prefixos que antecedem o tema marcam, via de regra,

- a concordância (prefixos pessoais, vistos em 3.2.1.1);
- aspecto (prefixo aspectual: **kr ~ k**); e
- a voz reflexiva (morfema de voz: **si**).

Já os sufixos marcam

- a concordância (sufixo número-pessoal: **-ni ~ ñi** para 1ª. ps DU/PL **-kwa**, 2ª. ps DU/PL e **–ø** para 3 ps DU/PL, em declarativas);
- a negação (feita a partir da forma: **kõdi**, a qual se realiza mediante a justaposição do advérbio de negação: **kõ** e o morfema predicativo **-di**); e
- a intensidade (com a forma livre: **wawẽ** e com o clítico dependente **-rɛ**);

O tema é em grande parte variável, como se vê adiante, e também em alguns verbos se mantém invariável. As demais divisões de tempo, modo e aspecto são codificadas por marcadores (morfemas) que ocupam determinadas posições na sentença em relação à forma ou ao constituinte verbal.

Há, em Akwẽ-Xerente, um bom número de partículas, as quais vemos em 3.7. Em se tratando dos sintagmas verbais, as partículas **aipị, we** e **mnĩ** podem ocorrer na sentença

e se referir à forma verbal para expressar direção.

Em Xerente, algumas formas verbais contam com formas supletivas ou temas múltiplos. Segundo Croft (1990, p. 75), "a supleção ocorre quando não há relação entre duas formas listadas em um paradigma morfológico". O exemplo (254) ilustra o verbo 'ir' na forma singular, o (255) no dual e (256) no plural (tratamos da supleção verbal na seção 4.4.1, adiante):

(254) wa waza ĩ-mõr
eu 1HAB.IMP.IRRE 1-ir (SG)
'Eu ando'.

(255) wanõrĩ waza hɨrɛ waza *Miracema*-ku wa-nẽm-nĩ
nós 1FUT. IMP.IRRE amanhã 1FUT. IMP.IRRE Miracema-ALA 1NSG-ir (DU)-1NSG
'Nós (eu e você) vamos para Miracema'.

(256) wanõrĩ wat wa-wahdu-nĩ
nós 1PAS.PERF.REAL 1NSG-andar(PL)-1NSG
'Nós (eu e outros) andamos'.

No que se refere a propriedades sintáticas, temos em Xerente, dependendo do número de argumentos que admitem, verbos transitivos e intransitivos, os quais funcionam essencialmente como predicado (detalhes de predicados na seção 4.2.1). Se intransitivos admitem apenas um argumento nominal (S) e, obrigatoriamente, são indicados pelos marcadores pessoais, que, nesse contexto, acentuam a intransitividade do verbo e o caso em que ocorrem (ver sistema de casos em 4.6.4, próximo capítulo):

(257) tɨkanə̃ wat ĩ-n-ĩpi
hoje 1PAS.PERF.REAL 1-R3-trabalhar
'Hoje eu trabalhei'.

(258) toka tɛza ai-s-õmrõ

	você	2HAB.IMP.IRRE	2-R2-deitar
	‘Você deita’.		

(259)

tahə̃	ø-za	t-wwa
ele	3-HAB.IMP.IRRE	3-chorar (SG)
‘Ele chora’.		

(260)

btɨbɨ	tahə̃	ø-za	t-wwa
cotidianamente	ele	3-HAB.IMP.IRRE	3-chorar
‘Todos os dias, ele chora’.			

(261)

wanõrĩ	wat	wa-z-ibrɛ-nĩ
nós	1PAS.PERF.REAL	1NSG-R3-entrar-1NSG
‘Nós entramos’.		

(262)

tokanõrĩ	kwa	tɛza	ai-krɨkrɨ-kwa
vocês	2NSG	2HAB.IMP.IRRE	2-chorar(PL)-2NSG
‘Vocês choram’.			

(263)

tanõrĩ	ø-za	ti-nẽm(ə̃)
eles	3FUT.IMP.IRRE	3-ir(DU)
‘Eles vão embora’.		

Se os verbos forem transitivos admitem mais de um argumento nominal, um em função de sujeito (A) e outro(s) na função de objeto (O), conforme ilustrado abaixo:

(264)

tahə̃	mə̃t	kdɨ	kə̃to	kwihɨ	kmẽ	pə̃ (ri)
ele	3PAS.PERF. REAL	anta	CONJ	jacaré	PARTT	matar(DU)-NSG
ARG1		**ARG2**		**ARG2**		**V**
‘Ele matou antas e jacarés’.						

(265)

dakmədkɨkwa	mə̃t	sadu	ĩ-m-kamõ

chefe	3PAS.PERF.REAL	cocar	1-DAT-dar	
ARG1		**ARG2**	**ARG3**	**V**

‘O chefe me deu o cocar’.

Seki (2000b) afirma que os verbos que funcionam como elemento de ligação entre dois nomes e, em alguns casos, como locativo ou auxiliar pertencem à classe de verbo cópula. Em português, os verbos *ser, estar* e *ficar* desempenham as funções de verbo cópula. Não há verbo cópula em Xerente, as orações eqüativas consistem de dois nominais, sendo o primeiro deles o sujeito. Nesses contextos, as construções que exprimem identidade ou papel são realizadas através do morfema cópula **to**, posposto ao nome ou pronome sujeito, como em (266), (267) e (268):

(266)	wa	to	wawẽ	
	eu	COP	velho	
	‘Eu sou velho’.			
(267)	tahə̃	ambɨ	to	mmẽtõ
	aquele	homem	COP	mudo
	‘Aquele homem é mudo/ Ele é mudo’.			

(268)	*Vilma*	kə̃to	samũru	to	damrõwahtukwa
	N.Pes	CONJ	N.Pes	COP	ensinador
	‘Vilma e Samũru são ensinadores (professores)’.				

Por fim, há o uso dos prefixos relacionais com verbo, sendo que esses prefixos são basicamente os mesmos que são usados com o nome, os quais são detalhados em 4.5.1, adiante. Os exemplos seguintes ilustram o uso dos prefixos relacionais em construções verbais:

(269)	tɨkanə̃	wat	ĩ-n-ĩpi
	hoje	1PAS.PERF.REAL	1-R3-trabalhar

‘Hoje eu trabalhei’.

(270) tɨkanə̃ toka ai-s-ɨ̃pi kõdi
hoje você 2-R2-trabalhar não
‘Hoje você não trabalhou’.

(271) wato ɨ̃-z-ɛbrɛ
1PAS.PERF.REAL.Ev 1-R1-entrar
‘Eu entrei’.

(272) tokanõrĩ kwa tɛza ai-s-brɛ-kw(a)
vocês 2NSG 1HAB.IMP.IRRE 2-R2-entrar-2NSG
‘Vocês entram’.

(273) tahə̃ mə̃toza ø-n-õt(õ)
ele 3FUT-I-Ev.IMP.IRRE 3-R3-dormir
‘Ele agora vai dormir’.

Há, também, construções seriais, as quais são constituídas por mais de um verbo, como ilustra o exemplo abaixo:

(274) toka tɛza nõzɨ ø-kadur(i)-kazum(ə̃)-pibumə̃
você 2FUT.IMP.IRRE milho 2-pegar-socar-PRPS
‘Você vai pegar milho para socar’.

Dada às suas complexidades, as construções seriais serão objetos de estudos futuros.

3.3.1 A expressão de TAMP em Akwẽ

Em trabalhos de descrição lingüística, sagrou-se a forma TAM para abreviação das três categorias que, via de regra, são usadas na caracterização do verbo. As três categorias, TEMPO, ASPECTO e MODO são usadas ou expressas nas línguas naturais de variadas formas. Estudiosos como Comrie (1985) declaram que as referidas categorias são altamente dêiticas. O tempo, entretanto, parece ganhar lugar de destaque no campo da dêixis. Conseqüentemente, é possível postular que "o tempo é uma categoria dêitica que representa a gramaticalização de uma posição (espaço) em tempo" (COMRIE, 1985, p. 315). Também, uma noção parecida pode ser encontrada em Pontes (1992) que afirma ser as categorias de tempo e espaço indissociáveis.

Assim, separar espaço de tempo pode trazer prejuízos para análises lingüísticas. Também, a forma TAM abarca mais do que três categorias, dependendo para a sua exata caracterização das associações que cada comunidade de fala opera entre tempo, aspecto, modo e outras categorias, por exemplo, espaço, para materializar um evento comunicativo. Para Pontes (1992, p. 72), "concebemos o tempo como uma linha, na qual o momento em que falamos é um ponto, a partir do qual projetamos o futuro à nossa frente e o passado às nossas costas". Essa parece ser uma noção válida para lidar com a dimensão temporal da língua Xerente. Quando algo aconteceu, os Xerente dizem que aconteceu pertinho de agora, "bem atrás do que eu te contei" e quando algo está para acontecer dizem que vai acontecer pertinho de agora, "vai acontecer assim que acabar de falar". Se algo aconteceu no passado distante, dizem que aconteceu perto dos antigos, no tempo em que os antigos tinham peles, existências. Assim, a noção de tempo está imbricada à noção de distância espacial, física.

Além da noção de espaço, também não podemos separar tempo de modo em Akwẽ. Nessa língua, o tempo está intimamente relacionado ao modo. O modo é marcado em Xerente por morfemas que ocupam determinadas posições na sentença em relação à forma ou ao constituinte verbal. A categoria de modo é orientada para o falante, sendo, portanto, uma categoria que 'determina' o Xerente como uma língua que traz o modo orientado pelo falante, *speaker-oriented* nos termos de Hopper (1979). Dessa forma, é o falante quem escolhe em que medida deseja asseverar ou não a verdade da proposição no que se refere ao que é fato ou não-fato, isto é, a escolha do modo não depende do valor de verdade da proposição em si, mas é dado pelo domínio da asserção e não-asserção. Em Xerente, distinguem-se formalmente os modos *realis* e *irrealis*, o imperativo, o interrogativo e o particípio. Tratamos nesta seção dos modos *realis* e *irrealis*.

O modo *realis* é marcado pelos morfemas **{t}** para os verbos transitivos e intransitivos. Já o modo *irrealis* é marcado pelo morfema {**za}**, tanto em verbos transitivos quanto em intransitivos.

Nessa língua, a interação entre modo e tempo, como afirmamos, é um traço dominante. No modo *realis*, que indica eventos reais que ocorreram ou ocorrem no mundo, encontram-se os tempos passado e o presente progressivo. No modo *irrealis*, usado para indicar eventos "não realizados" (ou não acabados), estão os tempos presente habitual e o futuro.

De acordo com Comrie (1985), línguas que fazem distinções entre modo *realis* e *irrealis* tratam o presente habitual de formas diferentes. Algumas, como Dyirbal e Yidiñ, o tratam como *irrealis* e outras como Burmese e Catalão o tratam como *realis*.

Segundo Chung e Timberlake (1985), a língua Dyirbal apresenta uma distinção temporal em que o contraste entre futuro e não-futuro serve de base para a distribuição dos tempos em que os eventos ocorrem. Assim, pertencem ao não-futuro os tempos passado e presente e ao futuro o tempo do futuro propriamente dito e o presente habitual. A língua Yidiñ, por outro lado, afirmam Chung e Timberlake, distingue passado de não-passado. Nessa língua, o passado é usado para eventos que ocorrem antes do momento da fala ou os que estão em progresso e o não-passado assinala os eventos presente e futuro.

Em se trantando de línguas do tronco Macro-Jê, observa-se que as línguas Ofayé-Xavante (Macro-Jê) e Suyá (Jê) distribuem os tempos e aspectos nos modos *realis* e *irrealis* de forma similar ao Xerente (Jê). Em Ofayé, o morfema {**t}** é descrito por Gudschinsky (1974) como marcador do tempo passado e do aspecto completivo, o qual está situado no modo *realis*, e o morfema {**h}** indica o tempo futuro e o aspecto incompletivo que se localizam no modo *irrealis*.

Na língua Suyá (Jê), de acordo com Santos (1997), os morfemas {ˈ**hɛ̃n}** e {ˈ**mã}** são usados para marcar os modos *realis* e *irrealis* respectivamente. O morfema {ˈ**hɛ̃n}** é usado nos tempos presente progressivo (ou contínuo) e passado e {ˈ**mã}** é usado no presente habitual e no futuro.

Em decorrência do exposto, afirmamos que a língua Xerente aproxima-se das línguas Yindiñ, Ofayé e Suyá no que diz respeito à distribuição de modo e tempo, isto é, todas essas línguas apresentam no modo *realis* os tempos passado (remoto, distante,

próximo, contínuo) e presente progressivo e no modo *irrealis* estão alinhados os tempos presente habitual e futuro.

Parece-nos difícil traduzir qualquer sentença que seja do presente habitual Xerente para a língua portuguesa que, segundo Pontes (1992), também possui um presente habitual marcado, sistematicamente, por advérbios ou outras noções temporais. Todavia, traduzimos tais sentenças para o português usando o presente do indicativo da língua luso-brasileira.

3.3.1.1 O modo *realis* em Xerente

Em se tratando do modo *realis* da língua Akwẽ-Xerente, pode-se observar a diferença entre passado e presente progressivo ou contínuo pelo emprego de morfemas similares aos que encontramos em Xokleng (Jê), chamados por Urban (1985, p. 167) de "marcadores pessoais" ou aos encontrados em Xikrín (Jê) nomeados por Cabral et alli (2004, p. 24)[18] de "marcadores enfáticos".

Esses morfemas Xerente, chamados de pessoais da série A, relacionam-se às pessoas do discurso (ou da gramática) e aos aspectos perfectivo e imperfectivo. Os marcadores pessoais Xerente se distribuem da seguinte forma:

a) os marcadores **wa-** "1ps sg/DU/pl", **bɨ-** "2ps sg/DU/pl" e **mə̃- ~ nə̃-**" 3ps sg/DU/pl" indicam o aspecto perfectivo e se associam, via de regra, aos tempos do passado e ao modo *realis*. Podem ocorrer também no modo *irrealis*, associados a um tipo específico de futuro. b) os marcadores pessoais **wa-** "1ps sg/DU/pl", **tɛ-** "2ps sg/DU/pl" e **ø- ~ tɛ-** "3ps sg/DU/pl" são usados para indicar o aspecto imperfectivo e se associam aos tempos do presente progressivo-contínuo, presente habitual e futuro. Ocorrem no modo *realis* associados ao presente progressivo e no *irrealis*, ao habitual e futuro.

O marcador pessoal **wa-** serve para indicar tanto o aspecto perfectivo quanto o imperfectivo, isto é, ele ocorre em todos os aspectos e, conseqüentemente, em todos os

[18] Na língua Xokleng, descrita e analisada por Urban (1985), os marcadores pessoais nũ, nã, mã e wũ acumulam a função de indicar a pessoa e o tempo da ação efetuada e esses marcadores só são dispensados diante da marcação do caso ergativo, realizado em Xokelng pela posposição tɔ̃. Em Xikrín, descrita e analisada por Cabral et alli (2004), os pronomes enfáticos ba, gu, ga também se associam a pessoas e tempos dos eventos e, como em Xokleng, só são dispensados quando ocorre o caso ergativo. Nas duas línguas, esses morfemas acumulam, como se pode inferir, a função de marcação do caso nominativo. A língua Xerente usa um processo similar para expressar os casos sintáticos e suas cisões, como se vê adiante.

tempos. Assim sendo, no momento, fica-nos difícil explicar seu uso e ocorrência. Pretendemos em estudos futuros verificar melhor essa questão.

3.3.1.2 O morfema *realis* {t} e as distinções tempo-aspectuais Xerente

O passado é marcado pelo morfema ou clítico de tempo e modo (TM, de agora em diante) {**t}**, o qual é antecedido pelos marcadores pessoais (série A):

(275) wanõrĩ wat wa-n-õkre-nĩ
nós 1PAS.PERF.REAL 1NSG-R3-cantar-1NSG
'Nós cantamos'.

(276) wanõrĩ wat wde kɾə̃mĩ-nĩ
nós 1PAS.PERF.REAL pau queimar-1NSG
'Nós queimamos o pau'.

(277) toka bɨt he-hawi ai-waptə̃k
você 2PAS.PERF.REAL cima-ABLA 2-cair
'Você caiu de cima'.

(278) tahə̃ mə̃t kdɨ kmẽ wĩ
ele 3PAS.PERF.REAL anta PARTT matar
'Ele matou antas (poucas antas)'.

(279) tahə̃ mə̃t ø-kmẽ wĩ
ele 3PAS.PERF.REAL 3-PARTT matar
'Ele matou (algo)'.

(280) tanõrĩ mə̃t wahud
eles 3PAS.PERF.REAL partir (PL)
'Eles foram embora'.

O clítico {t} pode ser seguido pelo morfema {o}. Este clítico confere à

informação dada características evidenciais, ou seja, ele é responsável pela codificação lingüística da epistemologia (cf. Chafe, 1986). Aikhenvald (2003) afirma que a evidencialidade declara a existência de uma fonte de evidência para as informações dadas. Normalmente, essa fonte pode ser agrupada em três tipos de eventos: os que aconteceram (fontes auditivas e visuais), aos que estão acontecendo (auditivas e visuais) e que vão acontecer (asseverativas – opinativas), ou seja, a fonte da informação é sempre sensorial.

Assim, na junção de {t} com {o}, {to}, podemos ter os tempos passado, presente progressivo (no modo *realis*) e futuro (*irrealis*) em Xerente, os quais chamamos de passado evidencial, presente progressivo evidencial e futuro evidencial, respectivamente. Os exemplos abaixo ilustram o passado evidencial:

(281) wanõrĩ wato ø-kmədɨk(ɨ)
nós 1PAS.PERF.REAL.Ev 3-ver
'Nós o vimos'. (mesmo, verdadeiramente...podemos provar)

(282) tokanõrĩ bɨto dazakru-i-ku pikõ saprõn-kw(a)
vocês 2PAS.PERF. REAL.Ev aldeia-VL-ALA mulher levar(DU)-2 NSG
'Vocês levaram a mulher para a aldeia'.

(283) *Bonfim* mə̃to ø-mõ
Bonfim 3PAS.PERF.REAL.Ev 3-ir
'Bonfim foi embora'.

(284) tahə̃ mə̃to amkɛ wĩ
ele 3PAS.PERF.REAL.Ev cobra matar
'Ele matou a cobra'.

(285) nə̃to ksihɨ -wawẽ
3PAS.PERF.REAL.Ev divertir -INTENS
'(Por toda a temporada de praia) ela se divertiu muito'.

(286) pikõnõrĩ nə̃to smĩkezɛ-nə̃ pɔnẽ shɨ

mulher-NSG 3PAS.PERF.REAL.Ev facão-INST veado cortar
‘As mulheres cortaram o veado com facão’.

(287) wa wato krẽre kɨr(i)
eu 1PAS.PERF.REAL.Ev cesta pegar
‘Eu peguei a cesta’.

3.3.1.3 O presente progressivo neutro e o evidencial

Os marcadores pessoais usados no presente progressivo são os seguintes: **wa-** para a 1ª. ps sg/DU/pl e para as outras pessoas (pessoas diferentes da primeira) **tɛ- ~ ø-.** Os referidos marcadores se juntam ao clítico {t} que marca o modo *realis*. Os exemplos seguintes ilustram o presente progressivo propriamente dito ou o presente progressivo neutro:

(288) wanõrĩ tɛt wa kmədɨk
nós 1.PROG.IMP.REAL papagaio ver
‘Nós (eu e ele) estamos vendo o papagaio’.

(289) rɔwakku tɛt waipə̃(rĩ)
vento 3PROG.IMP.REAL soprar
‘O vento está soprando’.

(290) tahə̃ ambɨ tɛt kuzɨ saku
aquele homem 3PROG.IMP.REAL fogo soprar
‘Ele está soprando o fogo’.

(291) tahə̃ ambɨ tɛt knẽ mẽ
aquele homem 3PROG.IMP.REAL pedra jogar

‘Ele está jogando pedras’.

(292) wa wat ø-kmə̃dɨk
eu 1PROG.IMP.REAL 3-ver
‘Eu estou vendo (algo)’.

(293) wa wat wa kmə̃dɨk
eu 1PROG.IMP.REAL papagaio ver
‘Eu estou vendo o papagaio’.

(294) toka tɛt ø-kmə̃dɨk
você 2PROG.IMP.REAL 3-ver
‘Você está vendo (algo)’.

(295) toka tɛt akwẽ-n-õkrezɛ wapar
você 2PROG.IMP.REAL xerente-R3-música ouvir
‘Você está ouvindo música Xerente’.

(296) tahə̃ ø-t sikakre waĩbu
ele 3PROG.IMP.REAL ovo contar
‘Ele está contando os ovos’.

O presente progressivo evidencial, expresso a partir da sufixação do clítico evidencial {o} ao clítico {t} do modo *realis*, é pouco produtivo na língua:

(297) wa tɛto ĩ-kmə̃dkɨ

papagaio 3PROG.IMP.REAL.Ev 1-ver

'O papagaio está me vendo'. (eu vejo que ele está a me ver.....etc.)

(298) tanõrĩ tɛto n-õprɛ kuba-zo

Eles 3PROG.IMP.REAL.Ev R3-procurar canoa-CAUSA

'Eles estão à procura de canoa' (*lit.:* 'Eles estão procurando por canoa').

(299) tahə̃ tɛto krehɨ snã kwakre

ele 3PROG.IMP.REAL.Ev fundo PARTT cavar

'Ele está cavando fundo'.

Os exemplos anteriores atestam que tanto os clíticos de tempo-modo quanto os marcadores pessoais desempenham papéis cumulativos quando se trata das categorias TAM – tempo, aspecto e modo ou TAMPE – tempo, aspecto, modo, pessoa e evidencialidade em Xerente. Para Bybee (1985), essa é uma característica comum em diversas línguas, o que torna a delimitação de fronteiras para separar essas categorias muito difícil. Bybee denomina de *portemanteau* o morfema que acumula as funções de indicar mais de uma categoria gramatical. Para ela, os morfemas dessa natureza trazem características mistas. Os marcadores de pessoa da língua Xerente estão associados às pessoas e aos aspectos dos eventos de fala, os clíticos marcadores de tempo estão associados aos modos e evidencialidade dos eventos, sendo assim, também trazem características mistas, cumulativas. Uma vez que os tempos estão condicionados aos modos ou vice-versa, os marcadores pessoais também se associam a essas categorias e sinalizam a marcação de caso Xerente. Os referidos marcadores (série A) são usados no caso nominativo-absolutivo, sendo que na cisão de casos em ergativo-absolutivo os prefixos pessoais (marcadores da sérieB) são acionados, como se vê adiante em 4.6.5.

3.3.1.4 O modo *irrealis* em Xerente

O modo *irrealis* em Xerente marca eventos habituais ou futuros, isto é, ações potenciais. Essas ações não possuem o mesmo teor situacional que os eventos do modo *realis*. Uma ação habitual pode deixar de ser realizada e uma ação futura pode não se realizar. São ações estruturadas na eminência de ocorrer no fazer do indivíduo Akwẽ. Inclui-se nesse modo as formas verbais marcadas pelo futuro e presente habitual. Tanto o futuro quanto o presente habitual são indicados pelo clítico de modo *irrealis* **{za}**.

Nesse modo, alguns tempos são marcados com o mesmo padrão TAMP:

a) presente habitual e futuro neutro: marcadores pessoais imperfectivos: **wa-** "1ps sg/DU/pl" e **ø- ~ tɛ-** "2 e 3ps sg/DU/pl" prefixados ao clítico {za}: (waza e outros);

Outros têm marcação de TAMP diferente:

a) futuro imediato ou evidencial: é indicado pelos marcadores pessoais perfectivos **wa** '1ª. ps sg/DU/pl', **bi**, '2ª. ps sg/DU/pl' e **mə̃** '3ª. ps sg/DU/pl', os quais são seguidos pelos clíticos TM *realis*, {**t**} {**o**}, e do clítico de TM *irrealis*, {**za**}: (watoza e outros).
b) futuro enfático: **wa-** "1ps sg/DU/pl" e **ø- ~ tɛ-** "2 e 3ps sg/DU/pl" prefixados pelo clítico **za**, aos quais é acrescentado os clíticos **t** e **o**: (tɛzato e outros).

O aspecto mais marcado nesse nesse modo é o imperfectivo, sendo que o aspecto perfectivo só é usado no futuro imediato ou evidencial, como se vê adiante. Quando se trata de comparar futuro neutro e presente habitual, somente o contexto em que se dá a comunicação pode nos indicar se a oração se refere ao tempo futuro neutro ou ao presente habitual. Parece-nos que a idéia dominante para caracterizar esses dois tempos num mesmo nível é a do espaço por vir ou da capacidade de poder fazer a ação, de tender a efetuar uma atividade qualquer.

Os exemplos a seguir ilustram o tempo futuro neutro:

(300) wa waza ĩ̃-sa

eu 1FUT.IMP.IRRE 1-comer
‘Eu vou comer / eu comerei’.

(301) wa waza krɔwazuĩtrɔ zakrui-ku ĩ-mõrĩ
eu 1FUT.IMP.IRRE karajá aldeia-ALA 1-ir
‘Eu vou para a aldeia dos Karajá / irei pra aldeia dos Karajá’.

(302) *Sinval* tɛza t-sa
N.Pes 3FUT.IMP.IRRE 3-comer
‘Sinval vai comer / Sinval comerá’.

(303) rɔwahtukwa-i-nõrĩ ø-za ĩ-m-rɔwaht
professor-VL-NSG 3FUT.IMP.IRRE 1-BEN-ensinar
‘Os professores vão me ensinar / Os professores me ensinarão’.

(304) toka tɛza aitemə̃ snə̃ ai-war(a)
você 2FUT.IMP.IRRE devagar INCOA 2-correr
‘Você vai correr devagar / você correrá devagar’.

Afirmamos anteriormente que é difícil traduzir as sentenças do presente habitual Xerente para a língua portuguesa, exatamente porque o tempo presente habitual daquela parece não ser equivalente ao desta. O habitual em Xerente é um tempo mais próximo do futuro porque ele sinaliza a ação que se realizará constantemente, que tem potencial para se realizar sempre, e não se refere à que se realiza constantemente e nem à que já se realizou. É o tempo do possível de se repetir e não o tempo do que se repete. Assim sendo, traduzimos as sentenças usando o presente do indicativo da língua portuguesa.

Os exemplos seguintes ilustram o presente habitual:

(305) a) wa waza ĩ-waptə̃k
eu 1HAB.IMP.IRRE 1-cair
‘Eu caio’.

(305) b) waza ĩ-waptə̃k nẽsi
1HAB.IMP.IRRE 1-cair REPET
'Eu caio sempre'.

(305) c) btɨbɨ waza nẽs ĩ-waptə̃k
cotidianamente 1HAB.IMP.IRRE REPET 1-cair
'Todos os dias, eu vivo caindo'. (*lit.:* 'todos os dias eu sempre caio')

(306) wa waza toka ai-prɛk(ɛ)
eu 1HAB.IMP.IRRE você 2-bater
'Eu bato em você'.

(307) tahə̃ ambɨ ø-za kupa kɨ(ri)
aquele homem 3-HAB.IMP.IRRE mandioca apanhar
'Ele apanha mandioca'.

(308) tahə̃ ø-za ø-kukri
ele 3.HAB.IMP.IRRE 3-raspar
'Ele raspa (algo)'.

(309) pikõ-nõrĩ ø-za kmə̃nə̃ (ri) sĩktõ-re
mulher-NSG 3-HAB.IMP.IRRE Fazer cofo-DIM
'As mulheres fazem cofinho (tipo de cesta/bolsa)'.

(310) toka tɛza ø-kupsõ
você 2HAB.IMP.IRRE 3-lavar
'Você lava (algo)'.

(311) toka tɛza ĩ-prɛkɛ
você 2HAB.IMP.IRRE 1-bater
'Você bate em mim'.

(312) bti-bɨ tɛza toka kbare kmẽsi kə̃to tbe
dia-todo 2HAB.IMP.IRRE você pequi comer CONJ peixe
'Todos os dias você come pequi e peixe'.

O futuro imediato evidencial, ao imbricar os marcadores pessoais perfectivos, **wa-, bɨ-** e **mə̃-,** com três clíticos marcadores TM, **t**, **o** e **za** (**watoza, bɨtoza** e **mãtoza**), sugere que uma ação está pronta para acontecer e sua realização é evidente ou evidencializada. É uma ação iminente e seu acontecimento é provalvelmente certo, é como se o falante dissesse "eu sei que vai acontecer/garanto que pode acontecer", como ilustram os exemplos:

(313) wa watoza ø-kwakre-nĩ
nós 1FUT-I-Ev-IRRE 3-cavar-1NSG
'Nós vamos cavar (algo)'. (*lit.:* 'Já estamos prontos pra ir cavar').

(314) toka bɨtoza ø-kwakre
você 2FUT-I-Ev-IRRE 3-cavar
'Você vai cavar (algo)'. (*lit.:* 'Você já vai cavar (garanto)/Ele já está pronto pra cavar').

(315) wa watoza ĩ̃-n-õt(õ)
eu 1FUT-I-Ev-IRRE 1-R3-dormir
'Eu vou dormir' (*lit.:* 'Eu já estou pronto pra ir dormir, estou indo dormir').

(316) tahə̃ mə̃toza ø-n-õt(õ)
ele 3FUT-I-Ev-IRRE 3-R3-dormir
'Ele vai dormir' (*lit.:* 'Ele já está pronto pra ir dormir, ele está indo dormir').

(317) tanõrĩ mə̃toza ø-kwakre
eles 3FUT-I-Ev-IRRE 3-cavar
'Eles vão cavar (algo)'. (*lit.:* 'Eles já estão prontos pra ir cavar, eles já vão cavar').

(318) tokanõrĩkwa bɨtoza ø-kwakre-ĩ̃-kw(a)

vocês 2FUT-I-Ev-IRRE 3-cavar-VL-2NSG

‘Vocês vão cavar (algo)’. *lit.:* ‘Vocês já estão porntos pra ir cavar, vocês já vão cavar’.

O fututo enfático evidencial se diferencia dos futuros neutro e imediato. O futuro enfático é formado pelos marcadores pessoais imperfectivos e pelo clítico TM **za**, aos quais é acrescentado os clíticos **t** e **o**, *realis* e evidencial. Como o próprio nome indica, o futuro enfático evidencial é o tempo em que se afirma categoricamente que uma ação irá acontecer no futuro, é um compromisso assumido, do qual não se quer deixar dúvidas quanto à sua realização. São exemplos de futuro enfático:

(319) wa wazato ĩ-n-õt(õ)

eu 1FUT-E-Ev-IRRE 1-R3-dormir

‘Eu vou dormir’ *lit.:* ‘Eu vou dormir mesmo’

(320) wa wazato ø-kwakre

eu 1FUT-E-Ev-IRRE 3-cavar

‘Eu vou cavar (algo)’. *lit.:* ‘Eu vou cavar mesmo’.

(321) wa wazato ø-kwakre-nĩ

nós 1FUT.E.Ev.IRRE 3-cavar-1NSG

‘Nós vamos cavar (algo)’. *lit.:* ‘Nós vamos cavar mesmo’.

(322) toka tɛzato ai-s-õt(õ)

você 2FUT.E.Ev.IRRE 2-R2-dormir

‘Você vai dormir’ *lit.:* ‘Você vai dormir mesmo’.

(323) tahə̃ tɛzato ø-kwakre

ele 3FUT.E.Ev.IRRE 3-cavar

‘Ele vai cavar (algo)’. *lit.:* ‘Ele vai cavar mesmo’.

(324) tokanõrĩ̃ kwa tɛzato ø-kwakre-ĩ-kwa
vocês 2NSG 2FUT.E.Ev.IRRE 3-cavar-VL– 2NSG
'Você vão cavar (algo)'. *lit.:* 'Vocês vão cavar mesmo'.

(325) tanõrĩ tɛzato ø-n-õt(õ)-ø
eles 3FUT.E.Ev.IRRE 3-R3-dormir
'Eles vão dormir' *lit.:* 'Eles vão dormir mesmo'.

O uso do futuro imediato e do futuro enfático tem baixa ocorrência em nossos dados. Uma possível explicação seria o reconhecimento tardio de nossa parte desses dois tempos. Por outro lado, esses tempos também não aparecem nos diversos textos que coletamos, uma vez que na maioria desses textos o que temos são ações que ocorreram ou que estão acontencendo e não ações que podem vir a ocorrer.

Dessa forma, afirmamos que a noção TAMPE em Xerente é realizada mediante o uso de uma seqüência de clíticos que cria um complexo singular (especial) para expressar informações preciosas aos usuários da língua Akwẽ-Xerente (Jê).

Podemos sintetizar os modos *realis* e *irrealis* da referida língua no seguinte quadro:

Quadro n. 6 - Expressão TAMP em Akwẽ-Xerente (Jê)

Modo *Realis*	Modo *Irrealis*
Tempo Passado próximo: marcadores perfectivos mais {t}	**Tempo** Presente habitual: marcadores imperfectivos mais {za}
Passado evidencial: marcadores perfectivos mais {t} e {o}	Futuro neutro: marcadores imperfectivos mais {za}
Presente progressivo: marcadores imperfectivos mais {t}	Futuro imediato: marcadores perfectivos mais *{t} {o} e {za}*
Presente progressivo evidencial: marcadores imperfectivos mais {t} e {o}	Futuro enfático: marcadores imperfectivos mais*{za}, {t} e {o}*
Aspecto Perfectivo: *wa-, bi-, mã- ~ nã-* Imperfectivo: *wa-, tɛ- ~ ø-*	**Aspecto** Perfectivo: *wa-, bi-, mã- ~ nã-* Imperfectivo: *wa-, tɛ- ~ ø-*

Há também outras indicações de tempos na língua feitos por meio de clíticos diferentes dos que classificamos no complexo TAMP. Esses clíticos podem ou não se associar aos tempos marcados pelos do complexo TAMP. São eles: o passado remoto (exemplos 326 e 327), o passado distante (exemplos 328) e o passado evidencialmente acabado (exemplo 329). Os tempos passado remoto e passado distante ocorrem mais em sentenças nominais e podem co-ocorrer (exemplo 328):

(326) akwẽ **airɛ** sakte͂-z-awrɛ

Xerente PAS.REM PARTT-R1-muito

'Os Xerente eram muitos'.

(327) sinmə̃si z-awrɛ **airɛ** sahĩ z-awrɛ-di **airɛ** t-kre-kmẽsi

ciumento R1-muito PAS. REM bravo R1-muito-PRED PAS.REM 3-CONT-comer

'(Era) muito ciumento, o muito bravo (que) comia'.

(328) ĩ-z-ɛparkwa mə̃t dɨr **kba** ĩ-z-rure-**rɛ**

1-R1- mãe 3PAS.PERF. REAL morrer PAS.DIST 1-pequeno-PAS.REM

'Minha mãe morreu, quando eu era pequeno'.

(329) toka ai-sa-**nə̃** ĩ-wanə̃

você 2-comer-PAS.AC.Ev 1-primerio

'Você comeu primeiro'. *lit.:* 'Você comeu antes de mim'.

3.3.1.5 O modo Imperativo

O modo imperativo em Xerente, como ocorre com os modos *realis* e *irrealis*, revela a atitude do falante com relação à proposição formulada, isto é, o valor dado à proposição é escolhido pelo falante. No imperativo, as formas verbais podem exprimir uma ordem ou um desejo, uma advertência ou uma vontade que deve ser assimilada pelo ouvinte. Assim, pode-se caracterizar o imperativo como o modo que realiza comandos. Como acontece em muitas línguas, também em Xerente o imperativo é

orientado para o ouvinte e não apresenta distinções temporais. Há, contudo, as formas afirmativas e negativas. O afirmativo é feito pelo acréscimo ao tema verbal do morfema **–nə̃** e o negativo, pelo morfema **-knə̃** (possivelmente essa forma vem do advérbio de negação **kõ** 'não' que se juntou ao morfema do imperativo afirmativo **–nə̃**). Há, ainda, a forma do imperativo realizado com o morfema **–wa** que exprime advertências. Também é possível dispensar o uso dos morfemas, usando somente o verbo marcado pela segunda pessoa (ou infinitivo verbal). Os exemplos ilustram as possibilidades de uso do imperativo Xerente:

(330) ĩ-d-atkɨ ai-wa-i-knə̃[19]
1-R4-mãe(VOC) 2-chorar-VL-IPTVO.NEG
'Mamãe, não chora!'.

(331) ĩ̃-n-ĩ kmẽsi-knə̃
3-R3-carne comer-IPTVO.NEG
'Não coma carne!'.

(332) kunmẽ sə̃mr-nə̃
lá sentar-IPTVO
'Senta lá!'.

(333) ai-mrmẽ-knə̃
2-falar-IPTVO.NEG
'Não fale!'.

(334) pɔnẽ kmẽ wĩrĩ
veado PARTT matar
'Mate o veado!'.

[19] A entoação na realização do imperativo Xerente, tema de estudos sobre prosódia, auxilia no comando expresso pelas formas usadas nesse modo. Maiores detalhes sobre o assunto podem ser vistos em Braggio (2005).

(335) pɔnẽ kmẽ wr̃i-knə̃
veado PARTT matar-IPTVO.NEG
‘Não mate o veado!’.

(336) kbadikre kɨri
rede pegar, buscar
‘Vá buscar a rede!’.

(337) sire wr̃i
passarinho matar
‘Mate o passarinho!’.

(338) we ai-mõr̃i arɛ ai-s-ɛbrɛ
DIR 2-ir CONJ 2-R2-entrar
‘Vem pra cá e entra!’.

(339) ai-s-õkre – knə̃
2-R2-cantar- IPTVO.NEG
‘Para de cantar!’. *lit.:* ‘Não cante!’.

(340) tahə̃ ĩ-m-sõmr̃i
aquilo 1-DAT-dar
‘Me dá aquilo!’.

(341) ai-si-kutõr-wa
2-REF-perder- IPTVO.ADT
‘Não vá se perder!’.

(342) kmə̃dkɨ-wa
ver- IPTVO.ADT
‘Não vá olhar!’.

Por fim, há o imperativo feito com os advérbios de negação ĩba e ə̃rɛ, os quais, nessa situação, ocupam a primeira posição da sentença:

(343) ĩba kɨ zeknẽ-knə̃
não água beber- IPTVO.NEG
'Não beba água!'.

(344) ĩba akɛ dur-knə̃
não colar levar- IPTVO.NEG
'Não leve o colar!'.

(345) ĩba ai-kra kazɨr-knə̃
não 2-filho bater- IPTVO.NEG
'Não bata no seu filho!'.

(346) ə̃rɛ ai-s-tõ-wa
não 2-R2-dormir- IPTVO.ADT
'Não vá dormir!'.

(347) ə̃rɛ ai-sa-ĩ-wa
não 2-comer-VL- IPTVO.ADT
'Não vá comer!'.

(348) ə̃rɛ wapsə̃ wr̃ĩ-knə̃
não cachorro matar-IPTVO.NEG
'Não mate o cachorro!'.

(349) ə̃rɛ wapsə̃ wr̃ĩ-wa
não cachorro matar-IPTVO.ADT
'Não vá matar o cachorro!'.

(350) ə̃rɛ simkɛmre-nə̃ ai-si-shɨr-wa
não faca-INST 2-REF-cortar-IPTVO.ADT
'Não vá se cortar com a faca!'.

3.3.1.6 O exortativo

O Exortativo é feito basicamente pela formúla descontínua: are.....kwaba:

(351) are wa-n-õkre kwaba
EXORT 1NSG-R3-cantar EXORT
'Vamos cantar!'.

(352) are kmẽsi kwaba
EXORT comer EXORT
'Vamos comer!'.

3.3.1.7 O particípio

O particípio em Xerente, realizado mediante o uso da posposição da partícula participial –di, atribui ao verbo uma função nominal, como em português. O exemplo em (353) ilustra o particípio em Akwẽ:

(353) a) *Ivo* mə̃t tmõ krepuku
N.Pes. 3PAS.PERF.REAL olho furar
'O Ivo furou o olho'.

(353) b) *Ivo* tmõ krepku-di[20]
N.Pes. olho furar-PART
'O Ivo está com o olho furado'.

Os verbos Xerente normalmente não são usados no particípio. Todavia, contamos com os verbos **krepuku** 'furar', **waihuku** 'saber, conhecer' e **kmə̃nə̃ri** 'fazer' em sentenças participiais:

(354) wa waihku-di
eu conhecer-PART
'Eu tenho conhecimento'.

(355) tahə̃ kmə̃nə̃r-di
ele fazer-PART
'Ele está feito'.

Estudos futuros poderão esclarecer se de fato os exemplos com os verbos furar, saber e fazer são particípios verbais ou nominzalizações realizadas mediante o uso da partícula predicativa-estativizadora, –di.

3.3.1.8 O gerúndio

A partícula **kr ~ k** indica o gerúndio em Xerente. Ao que tudo indica, o verbo passa por um processo de nominalização através do prefixo {**kr ~ k**}, o que torna a sentença diferente daquela em que há o emprego do presente progressivo. No presente progressivo, o verbo mantem sua transitividade (cf. seção 3.3.1.3). Segundo alguns xerente, o gerúndio sinaliza um evento que termina rapidamente e o presente progressivo, um evento mais duradouro e possível de reptição. Há mudanças na constituição da sentença, embora as traduções das sentenças em Xerente (do particípio ou presente progressivo) para a língua portuguesa sejam idênticas . O fato merece estudos mais aprofundados para uma descrição

[20] Há, em Xerente, um fenômeno de apagamento de vogais e/ou consoantes sempre que ocorre um acréscimo de elementos à direita de uma palavra. No exemplo 353b, ocorre o apagamento da penúltima vogal /u/ do verbo **krepuku**. Detalhes sobre o fenômeno podem ser obtidos em Braggio (2005).

mais detalhada. Os exemplos em a) ilustram o gerúndio e em b), o presente progressivo neutro:

(356)a) tahə̃-t bdɨdi-nə̃ ø-kr-mõ
ele-PROG.IMP.REAL caminho-INES 3-GER-ir (SG)
'Ele está andando no caminho'.

(356)b) tahã tɛt bdɨdi-nə̃ ø-mõ
Ele 3PROG.IMP.REAL caminho-INES 3-ir (SG)
'Ele está andando no caminho'.

(357)a) tahə̃-t ø-kr-mõ
ele-PROG.IMP.REAL 3-GER-ir (SG)
'Ele está andando'.

(357)b) tahã tɛt ø-mõ
ele 3PROG.IMP.REAL 3-ir (SG)
'Ele está andando'.

(358)a) ambɨ-t ø-k-zɨri
homem-PROG.IMP.REAL 3-GER-nadar (SG)
'O homem está nadando'.

(358) b) ambɨ tɛt ø-zɨri
homem 3PROG.IMP.REAL 3-nadar (SG)
'Ele está andando'.

3.4 Advérbios

O advérbio tem sido definido pela Gramática Tradicional como uma palavra que acompanha um verbo, um adjetivo ou um outro advérbio, a fim de modificar ou dar mais precisão ao seu sentido. Câmara Jr. (1986, p. 75) incrementa esta definição afirmando que os advérbios funcionam como "complementos circunstanciais que ampliam a comunicação feita pelo verbo indicando variadas circunstâncias (lugar, tempo, modo) de ocorrência". Schachter (1985) afirma que a classe dos advérbios é formada por um grupo heterogêneo de elementos cuja função mais freqüente é especificar o modo de ação do verbo ou de toda uma sentença.

De acordo com as definições apontadas anteriormente, vê-se que a classe dos advérbios é formada por palavras que apresentam características que os remete ao que Givón (1984) chama de classe lexical mista morfológica, sintática e semanticamente, ou seja, pela heterogeneidade das palavras que compõem a classe, pode-se dizer que qualquer palavra com conteúdo semântico que não seja um nome, um verbo ou um adjetivo, é geralmente colocada na classe dos advérbios.

Em vista do que foi dito, os advérbios são aqui identificados em termos de sua distribuição, como elementos de conteúdo semântico que tem a função de modificar nomes, pronomes e verbos nas sentenças da língua Xerente. Percebemos que os advérbios são bastante móveis nas sentenças da referida língua e, que, portanto, eles podem ser deslocados para atender a um estilo que se quer usar ou por motivos outros (como topicalização, entoação, aspectos discursivos) que ainda não nos foi possível analisar.

3.4.1 Tipos de advérbios em Xerente

Os tipos de advérbios que ocorrem em Xerente são: de modo, lugar, tempo, de afirmação ou negação e maneira ou intensidade. Nossa intenção é propor uma classificação que sirva a estudos futuros dos tipos de predicados compostos por advérbios e outros temas concernentes aos advérbios.

3.4.1.2 Advérbios de modo

Os advérbios de modo, de acordo com Givón (1984), normalmente tem escopo sobre o verbo e tendem a modificar o significado da ação expressa pelo verbo. Os advébios de modo em Xerente parecem desempenhar as funções listados por Givón. São exemplos desse tipo de advérbio: **azanə̃** ‘depressa’, **ĩkwaĩba** ‘certo’, **krɛhɨ** ‘fundo’, **aitemə̃** ‘devagar’ **pra** ‘atrás’

(359)	to-tahə̃	mə̃t	azanə̃	t-mrmẽ	ø-waihuk
	CIT-ele	3PAS.PERF.REAL	depressa	3-falar	3-saber
	‘Ele aprendeu a falar depressa’.				

(360)	ĩ-ptɔkwa	mə̃to	azanə̃	tbe	kmẽ	wakrɛ
	1-pai	3PAS.PERF. REAL.Ev	depressa	peixe	PARTT	flechar
	‘Meu pai flechou o peixe rapidamente’.					

(361)	arɛ	smĩsi	da-m-n-õkre	to	ĩkwaĩmba-ktabi
	CONJ	um	3-DAT-R3-cantar	CIT	certo-EVID
	‘Aí, um cantou certo’.				

(362)	tahə̃	mə̃to	krɛhɨ	snə̃	kwakre
	ele	3PAS.PERF.REAL.Ev	fundo	PARTT	cavar
	‘Ele cavou fundo’.				

(363)	toka	tɛza	aitɛmə̃	ai-war(a)
	você	2FUT.IMP.IRRE	devagar	2-correr
	‘Você vai correr devagar’.			

(364)	nə̃to	pikõ	pra	ø-war
	3PAS.PERF.REAL	fêmea	atrás	3-correr
	‘Ela (onça-fêmea) correu atrás dele (do menino)’.			

3.4.1.3 Advérbios de lugar

Os advérbios de lugar são utilizados para fazer referência ao lugar, isto é, visam especificar o local da ação verbal. São advébios de lugar: **kta** ‘perto’, **krewire** ‘perto’, **tonmẽ ~ kə̃nmẽ** ‘aqui’ e **tazi** ‘ali’, **kunmẽ ~ kũwa** ‘lá’.

(365) kə̃nmẽ wat patrɔ kɨ (ri)
aqui 1PAS.PERF.REAL capanga pegar
‘Eu peguei a capanga aqui’.

(366) nrõzawi to kriprɛ kta
aldeia porteira COP aldeia salto perto
‘A aldeia Nrõzawi (Porteira) fica perto da aldeia Kripre (Salto)’.

(367) sakrepra krewire krɨkahɨ-tmẽ
aldeia funil perto cidade-ABES
‘A aldeia do Funil fica perto da cidade’.

(368) tahə̃ ambɨ tɛt kuzɨ kta nə̃mr(ə̃)
aquele homem 3PROG.IMP.REAL fogo perto sentar
‘Ele está sentado perto do fogo’.

(369) nõkwa-p tonmẽ
quem-INT aqui
‘Quem está aqui?’.

(370) warĩ kanmẽ
fumo aqui
‘O fumo está aqui’.

(371) simkɛmre kanmẽ
faca aqui
‘A faca está aqui’.

(372) *Maria* tonmẽ
N.Pes aqui
‘Maria está aqui’.

(373) *Maria* tazi *Ana* n-rõwa-wa nəmrə
N.Pes ali N.Pes R3-casa -INES sentar
‘Maria está sentada ali na casa da Ana’.

(374) kunmẽ bɨt patrɔ kɨri
lá 2.PASS.PERF.REAL capanga pegar
‘Você pegou a capanga lá’.

(375) kũwa wa-n-rõwa-ku
lá 1NSG-R3-casa-ALA
‘Lá para nossa casa’.

3.4.1.4 Advérbios de tempo

Os advérbios de tempo são utilizados quando é necessário fazer uma referência mais precisa de quando se passou o acontecimento ou evento de fala. São advérbios de tempo em Xerente: **tɨkanə̃** ‘hoje’, **hewahɨ** ‘ontem’, **hɨrɛ** ‘amanhã’ **nmə̃nə̃** ‘nunca’, **nĩwa** ‘nunca’, **nẽsi** ‘sempre’, **zaku** ‘depois, após’ etc.

(376) tɛt mrmẽ-zus zaku ø-te ø-sasar
3PROG.IMP.REAL dizer-REC depois 3-ERG 3-caçar
‘Eles disseram uns aos outros que vão caçar depois’.

(377) tɨkanə̃ wat pikõ waihuku hewahɨ ĩ-mẽ wasku
hoje 1PAS.PERF.REAL mulher conhecer ontem 1-COM contar
'Hoje eu conheci a mulher sobre quem você me falou ontem'.

(378) toka tɛ-b-za tɨramrmẽ-wa ai-mrẽm nõkwa-i-mə̃ tɨkə̃nə̃ tanẽkõa hɨrɛ
você 2IMP.INT-FUT.IRRE rádio-INES 2-falar alguém-VL-COM hoje CONJ amanhã
'Você vai falar no rádio (com alguém) hoje ou amanhã?'.

(379) wa waza nmə̃nə̃ we krkɔre ĩ-t ø-kmẽ dur kõdi *Miracema*-ku
eu 1FUT.IMP. IRRE nunca DIR macaco 1-ERG 3-PARTT trazer NEG N.Pes - ALA
'Eu nunca vou poder trazer macaco para Miracema'.

(380) tahə̃ nĩwa ø-sa-ĩ-kõdi
ele nunca 3-comer-VL-não
'Ele não come nunca'.

(381) tahə̃ ø-za nẽsi tbe kmẽ wĩ
ele 3HAB.IMP.IRRE sempre peixe PARTT matar
'Ele sempre mata peixe'.

3.4.1.5 Advérbios de negação

Como o prórpio nome diz, esses advérbios efetuam a negação de itens, sintagmas e sentenças. São eles: **ə̃rɛ** 'não', **kõ** 'não' e **ĩba** 'não'.

(382) ə̃rɛ *Jazõm* *Palmas*-ku ø-mõr kõdi
não N.Pes N.Pes -ALA 3- ir não
'Jazom não viajou para Palmas'.

(383) mərwa toka tmə̃ ai-mrmẽ kõdi mnĩ ø-mõr-kõ-pibumə̃
por que você DAT 2-dizer não DIR 3-ir- não-CAUSA
'Por que você não disse a ele para não vir?'.

(384) ĩba# arɛ kə̃to sipahtu n-õku
não# aí CONJ urubu R3-caldo
'Não, aí é caldo do urubu'.

3.4.1.6 Advérbio de dúvida

Expressa caráter de incerteza ação verbal: **ə̃mptpẽkõrɛ** 'talvez' e **kə̃te** 'talvez'.

(385) ə̃mptpẽkõrɛ waza ktkaikrɛ-ku ĩ-mõr
talvez 1FUT.IMP.IRRE praia-ALA 1-ir
'Talvez eu vá para a praia'.

(386) mərĩ kə̃te
coisa talvez
'Talvez alguma coisa'(fez mal para o estômago).

(387) ai-sa-i-mə̃ rɔm pibui-kõnmẽ kə̃te
2-comer-VL-COM coisa prestar.atenção talvez
'Talvez, você não presta atenção pra comer'.

3.4.1.7 Advérbios de intensidade

Esse tipo de advérbio, como o próprio nome da categoria indica, intensifica ação verbal ou a circunstância expressa numa sentença por outro advérbio, ou seja, os advérbios de intensidade atuam sobre o sintagma verbal ou o sintagma adverbial. Consta em nossos dados o advérbio de intensidade: **wawẽ** ‘muito’.

(388) sika-te kũmdɨ kahɨr-wawẽ
galinha-ERG capivara bater -muito
‘A galinha bicou a capivara.’ *lit.:* ‘A galinha bateu muito na capivara’.

3.4.1.8 Advérbios de afirmação: ehe ‘sim’ e ĩhi ‘sim’.

(389) supra za kuiwa-ku sire-zo ai-rĩtĩ mõnõ # ehe ehe ehe
tombador 3.FUT.IMP.IRRE lado-ALA pássaro-CAUSA 2-procurar INDEF # sim sim sim
‘Um tombador vai procurar um pássaro noutro lado até achar, sim sim sim’.

(390) ĩhi # kə̃wa wazato tmẽ wa-mõr-nĩ
sim# pra cá 1FUT-I.Ev.IMP.IRRE ELA 1NSG-ir-1NSG
‘Sim, nós vamos pra cá’.

3.4.1.9 Locuções adverbiais: **he-hawi** ‘de cima’ **akwẽsto** ‘de repente’, **papra** ‘embaixo’ **nsĩm** ‘em cima’ e **sĩwi** ‘em cima’:

(391)	toka	bɨt	he-hawi	ai-waptɔ̃k
	você	2PAS.PERF.REAL	cima-ILA	2-cair

‘Você caiu de cima’.

(392)[21]	akwẽsto	ĩ-ptɔkwa	kãto	ĩ-s-ɛparkwa	nɔ̃t	si-wamnɔ̃r
	de repente	3-pai	CONJ	3-R2-mãe	3PAS.PERF.REAL	Pr.-bicho

‘De repente, o pai e a mãe deles se transformaram em bichos’.

(393)	to	ĩ-papra	hemba	ø-wi	nɔ̃t	huku	mnĩ	ø-zawe
	CIT	3-embaixo	EXIST	3-chegar	3PAS.IMP.REAL	onça	DIR	3.olhar.para.cima

‘A onça chegou embaixo (da caverna) e olhou para cima’.

(394)	arɛ	huku	sɔ̃	kwatbremĩ	ĩ-s-akɔ	kurbɛ-nsĩm-hɔ̃
	CONJ	onça	ver	menino	3-R2-pendurar	caverna-em cima-ENF

‘Aí, a onça viu o menino pendurado em cima da caverna’.

(395)	arɛ	sĩwi	ø-sasõ	arɛ	ø-du	s-rõwa-ku
	CONJ	em cima	3-colocar	CONJ	3-levar	R2-casa-ELA

‘Aí, a onça o colocou (o menino) em cima (dela) e o levou para casa (dele)’.

Tratamos nesta seção de aspectos que dizem respeito aos advérbios da língua. Sabemos que há muito a ser feito para descrever e analisar a contento essa classe, todavia, apresentamos um início do que pode vir a ser tema de estudos futuros dos advérbios Xerente. Na seção seguinte, tratamos de modo geral das conjunções da língua.

[21] Os exemplos de 392 a 395 são trechos da narrativa Kunmã Krẽwatbrɔzɛ Waskuzɛ ‘A história do aparecimento do fogo’ (anexo I).

3.5 Conjunção

Segundo Câmara Jr. (1986, p. 81), "conjunções são vocábulos gramaticais que, como conectivos, estabelecem – (a) uma coordenação entre duas palavras ou duas orações, b) uma subordinação entre orações". Crystal (2000, p. 61) oferece a mesma definição de Câmara Jr. e acresce que "existe uma subclassificação convencional destes itens 'conectivos' distinguindo as conjunções COORDENATIVAS (e, ou, mas, etc.) das conjunções SUBORDINATIVAS (porque, quando, embora, etc.)".

Estamos considerando em nossa análise da língua somente as sentenças simples. Nesse sentido, a classe de conjunção figura neste trabalho apenas nesta seção e tem, assim como os advérbios, o objetivo de servir a estudos futuros.

Em Xerente há distinção entre a conjunção que conecta sintagmas nominais e as conjunções que conectam sentenças complexas[22], como se vê nos exemplos seguintes:

(396)	*Vilma*	**kə̃to**	samũru	to	damrɔwahtukwa
	N.Pes	CONJ	N.Pes	COP	professor(a)

'Vilma e Samũru são professores'.

(397)	akwẽsto	ĩ-ptɔkwa	**kə̃to**	ĩ-s-ɛparkwa	nə̃t	si-wamnə̃r
	de repente	3-pai	CONJ	3-R2-mãe	3PAS.PERF.REAL	Pr-bicho

'De repente, o pai e a mãe (deles) se transformaram em bichos'.

(398)	samũru	s-rõwa-di	kõdi	**arɛ**	*Ana*	s-rõwa-di
	N.Pes	R2-casa-PRED	não	CONJ	N.Pes	R2-casa-PRED

'Samũru não tem casa, mas Ana tem'.

(399)	*Pastor*	ø-za	*Alemanha*-ku	ø-mõ	**arɛ**	ø-za	mnĩ	ø-krẽwa
	N.Pes	3FUT.IMP. IRRE	N.Pes-ALA	3-ir	CONJ	3FUT.IMP. IRRE	DIR	3-voltar

'Krieger (Pastor) vai para Alemanha mas vai voltar'.

[22] As sentenças complexas equivalem às sentenças coordenadas e subordinadas, isto é, as complexas ocorrem quando há no período duas orações de funções sintáticas equivalentes ou hierarquizadas (ver Lyons, 1979).

(400) to-tɨkanə̃ mə̃t titak **tanẽnmẽ** wat ø-watɔbrɔ kõdi
CIT-hoje 3.PAS.PERF. REAL chover CONJ 1.PAS.PERF. REAL 1-sair não
'Hoje choveu, por isso não saí'.

(401) **tanẽwa** tɛza tanõr̃i kburɛ moikotɔrə̃nnə̃kre-zo wahudu
CONJ 3FUT.IMP.IRRE eles todos castanha.de.caju-CAUSA ir (PL)
'Assim todos vão pegar castanha de caju'.

(402) tahə̃ ə̃-m-kɨ-di ø-zɨrbi **nmẽ**
ele 3-?-água-PRED 3-nadar CONJ
'Ele está molhado porque nadou'.

(403) tokanõri bɨp we ai-pkẽzɛ-kba-**wa** tmə̃ ai-mõr
vocês 2PERF.INT DIR 2-saudade-P. REM.-CONJ DAT 2-ir
'Vocês vieram nos ver porque estavam com saudades?'.

(404) to-tahə̃ mə̃t ø-d-ɛbrɛ tə̃ptka-**wa**
CIT-ele 3PAS.PERF.REAL 3-R4-entrar chover-CONJ
'Ele entrou porque choveu'.

(405) tahə̃ mə̃t ar ø-dɨrɨ ø-waptə̃ **nmẽ**
ele 3PAS.PERF.REAL EVD 3-morrer 3-cair CONJ
'Ele está morrendo porque caiu'.

(406) tɨkə̃nə̃ ø-za dasihɨzum tə̃ptka **nə̃rɛ**
hoje 3FUT.IMP.IRRE festa chover CONJ
'Hoje vai ter festa mesmo que chova'.

(407) ture mə̃t rɔ tmə̃ to aipɨ dakunmõkwa ø-mrmẽ **prabɨ**

menino 3PAS.PERF. REAL saudável DAT CIT DIR médico 3-falar CONJ

‘O menino melhorou conforme o doutor falou’.

*lit.: ‘*O menino ficou com saúde novamente, conforme o médico falou’.

(408) toka ai-s-ĩprɔ kuba **wa** iw̃si-wa ai-s-akuikru

você 2-R2-cansar barco CONJ chegar-ABLA 2-R2-aldeia

‘Você estava cansado, quando chegou na aldeia’.

(409) wa ĩ-w̃si-**wa** waza pikõi-mẽ ĩ-n-õtõ

eu 1-chegar-CONJ 1FUT.IMP.IRRE mulher-COM 1-R3-dormir

‘Quando eu chegar vou dormir com a mulher’.

(410) ĩ-n-õtõ **pari** waza ĩ-n-ĩpi

1-R3-dormir CONJ 1FUT.IMP.IRRE 1-R3-trabalhar

‘Depois que eu dormir, eu vou trabalhar’.

(411) **tanẽsnə̃** mə̃toza wawẽ tsi-wamnə̃r

CONJ 3FUT-I.Ev.PERF.IRRE velha Pr.-bicho

‘Enquanto (comia) a velha ia se transformando em bicho’.

(412) toka bɨt ĩ-kmə̃dɨk **arɛ** wa ĩ-mõrĩ

você 2PAS.IMP.REAL 1-ver CONJ eu 1-ir

‘Você me viu e eu fui embora’.

(413) toka tɛ-b-za ai-s-ĩpi **tanẽkõa** dasa ka hiri

você 2IMP-INT-FUT 2-R2-trabalhar CONJ comida PARTT cozinhar

‘Você vai trabalhar ou vai fazer comida?’.

(414) toka **bɨ** *Darcy* mə-p kuzɨ sarõ
você CONJ N.PES 3PERF-INT fogo acender
'Foi você ou o Darcy quem acendeu (o fogo)?'.

(415) **twa** waza ĩ-mrmẽ
CONJ 1FUT.IMP.IRRE 1-falar
'Conseqüentemente, eu vou falar'.

Quadro n. 7 - Conjunções Xerente

Tipo de conjunção	Conjunção	significado
Aditiva (em sintagmas nominais)	kə̃to	'e'
Aditiva (em sentenças complexas)	arɛ	'e'
Adversativa	arɛ	'mas'
Conclusiva	tanẽnmẽ tanẽwa twa	'por isso' 'assim' 'consequentemente, assim'
Explicativa	nmẽ, wa	'porque'
Concessiva	nə̃rɛ	'embora, mesmo que'
Conformativa	prabɨ	'conforme'
Temporal	wa pari tanẽsnə̃	'quando' 'depois que' 'enquanto'
Alternativa (em sintagmas nominais)	bɨ	'ou'
Alternativa (em sentenças complexas)	tanẽkõa	'ou'

3.6 Posposições

Em Xerente, posposições são palavras usadas para relacionar nomes e suas funções nos sintagmas nominais, verbais e mesmo posposicionais, formando, então, com os nomes uma unidade de acento. Na unidade de acento, a posposição rege o nome que a antecede. Segundo Lyons (1979), não há diferença de função entre preposição e posposição, só há diferença da posição que ocupam no nome, pois a preposição está colocada antes do nome que rege (PREP + N) e posposição após (N + POSP). Para Lyons, a função da posposição é ligar um constituinte da sentença a outro constituinte ou a toda sentença, indicando casos gramaticais ou locativos (vistos adiante em 4.5.4).

As posposições Xerente indicam tempo, razão, destino, lugar, procedência etc.. Podem ser classificadas em duas classes morfológicas: as que admitem flexão (classe 1) e as que não admitem (classe 2).

As posposições da classe 1 podem ocorrer com pronome e com nomes:

(416) ai-te ti
2-POSP flecha
'Tua flecha'.

(416) b) –te 'de alguém, possessivo'.

(417) ahɨmre-hə̃ akwẽ wdepa tmə̃ s-eĩ-di
antigos-POSP índios raiz DAT R2-gosto-PRED
'Os índios de antigamente (eles mesmo) gostavam de (comer) raiz'.

(417) b) –hə̃ 'indica ênfase'.

(418) kri-tmẽ ø-za ø-mõ
casa-POSP 3-FUT.IMP.IRRE 3-ir
'Ele vai a casa'.

(418) b) -tmẽ 'para, ao, a'.

(419)	toka	bɨt	ponẽ-kmə̃	wĩ	arɛ	ø-kmə̃	kor
	você	2PAS.PERF. REAL	veado-POSP	matar (com flecha)	CONJ	3-POSP	acertar

‘Você atirou no veado e acertou’.

(419) b) -kmə̃ ‘sobre, em, onde (locativo)’.

(420)	wat	kmə̃dɨk	aiktɛnõrĩ	toka-i-mẽ
	1PAS.PERF.REAL	ver	crianças	você-VL-POSP

‘Eu vi as crianças com você’.

(420) b) - mẽ ‘com, juntos’.

(421)	smĩsi	mə̃t	wawẽ	ø-mõ	sirsdu-mẽ	aikuwa	mi-zo	ø-mõ
	um	3PAS.PERF. REAL	velho	3-ir	neto-POSP	mato	lenha-POSP	3-ir

‘Uma velha foi com o neto buscar lenha no mato’.

(421) b) –zo ‘para, a procura de, a espera de (busca desejada), propósito’.

(422)	dakɨmə̃dkɨkwa	mə̃t	sadu	saktẽarɛ	ĩ-m-sõ
	chefe	3PAS.PERF.REAL	colar	muitos	1-POSP-dar

‘O chefe me deu muitos cocares’.

(422)	b) *Fabiana*-mə̃	wat	aipɨ	ĩ-sihɨrãzɛ	aipɨ	ø-tmə̃	sõ
	N.Pes-POSP	1PAS.PERF. REAL	DIR	3-sabão	DIR	3-POSP	dar

‘Eu dei a Fabiana o sabão dela’.

(422) c) tmə̃ ~ –mə̃ ~ -m- ‘para, ao, a (dativo, benefactivo)’.

As posposições da Classe 2 não correm com pronomes ou prefixos pessoais, isto é, não correm com marcadores de pessoas. Ocorrem apenas com nomes:

(423) tanõrĩ mət t-si-s-õkrə tpehi-nə
eles 3PAS.PERF.REAL 3-Ref-R2- engasgar espinho-INST
'Eles se engasgaram com espinho de peixe'.

423) b) –nə 'com, por meio de (instrumento)'.

(424) *Goiânia*-hawi mət mnĩ mõ
N.Pes.-POSP 3PAS.PERF.REAL DIR 3-ir
'(Alguém) veio de Goiânia'.

(424) b) –hawi 'de, direção de vinda (procedência)'.

(425) tahə kɨ-mba
ele rio-POSP
'Ele está no rio'.

(425) b) –mba 'em, no, dentro'.

(426) nməzi-p kupa
onde-INT mandica
'Onde está a mandioca?'.

(426) b) to kburu-wa
CIT roça-POSP
'Na roça'.

(426) c) -wa 'em, no, em cima'.

(427) nmə̃zi-p kupa
onde-INT mandica
‘Onde está a mandioca?’.

(427) b) kri-pra-kre
casa-embaixo-POSP
‘Está dentro da casa’.

(427) c) –kre ‘em, no, no interior de’.

(428) ambɨ nə̃t ambɨnõra-i-wi tpenõzɛ kɨ
ele 3PAS.PERF.REAL homens-VL-MAL anzol pegar
‘Ele pegou o anzol (sem o consentimento) dos homens’.

(428) b) -wi ‘de, sem o consentimento’.

(429) wa wat *Palmas*-ku ĩ-mõrĩ
Eu 1PAS.PERF.REAL N.Pes-POSP 1-ir
‘Eu fui a Palmas’.

(429) b) –ku ‘para, ao, a (direção do movimento)’.

Quadro n. 8 - Posposições da língua Akwẽ

Classe 1		Classe 2	
POSPOSIÇÃO	GLOSA	POSPOSIÇÃO	GLOSA
–hə̃	‘ indica ênfase’	– hawi	‘de, direção de vinda (procedência)’
-kmə̃	‘sobre, em, onde (locativo)’	–kre	‘em, no, no interior de’
-tmə̃ ~ –mə̃~ -m-	‘para, ao, a (dativo, benefactivo)’	–ku	‘para, ao, a (direção do movimento)’
-mẽ	‘com, juntos’	–mba	‘em, no, dentro’
–te	‘de alguém, possessivo’	–nã	‘com, por meio de (instrumento)’
-tmẽ	‘para, ao, à’	-wa	‘em, no, em cima’
–zo	‘para, a procura de, propósito’	-wi	‘de, sem o consentimento’

3.7 Partículas

De acordo com Seki (2000b, p. 82), "partículas constituem uma classe fechada de elementos não flexionáveis que se distinguem por não ocorrerem como predicado (=propriedades)", isto é, as partículas não são palavras, pois ao contrário das palavras, elas não podem ocorrer isoladamente no discurso. Normalmente, as partículas se distinguem de clíticos porque são acentuadas e os clíticos não, contudo, as partículas podem se cliticizar. Para Seki, as partículas são operadores dêiticos, modalizadores, quantificadores e atitudinais, o que corresponde mais ou menos à distinção entre categorias lexicais e funcionais. Quando atuam como categoria funcional (ou gramatical) têm um escopo de abrangência menor do que quando estão atuando como categoria lexical. Ainda de acordo com Seki (2000b), as partículas têm, em geral, uma posição fixa na oração, precedendo ou seguindo palavras de diferentes categorias morfossintáticas.

Existe em Xerente um número reduzido de palavras que consideramos como partículas, uma vez que tais palavras demonstram comportamento similar aos que Seki (2000b) usa para classificar as partículas na língua Kamaiurá (Tupi-Guarani).

Em Akwẽ-Xerente, podem ser vistos exemplos de uso das partículas, como o seguinte:

(430)	suprawẽkõ	mə̃t	tonmẽ	da-wanə̃	mnĩ	wi
	N.Pes	3PAS.PERF.REAL	aqui	3-primeiro	DIR	chegar

'Suprawẽkõ chegou na frente aqui (chegou primeiro)'.

A partícula mnĩ indica qual deve ser a direção tomada e a partícula -wanə̃ assinala ordem ou ordenação. A seguir, classificamos as partículas da língua Akwẽ e propomos uma descrição para o uso das mesmas.

3.7.1 Subgrupos de partículas

Em Xerente, podemos agrupar as partículas a partir das posições que ocupam na sentença:

Partículas intra-sentenciais:

partículas flutuantes

partículas que precedem verbos e nomes

partículas de primeira posição

partículas de segunda (terceira) posição

partículas finais

Partículas extra-sentenciais:

partículas interjeitivas

3.7.1.1 Partículas flutuantes

As partículas flutuantes podem ser agrupadas no tipo de partículas funcionais, pois são claramente elementos gramaticais e possuem escopo definido sobre determinados constituintes da sentença.

A partícula **to,** homófona ao morfema de cópula e ao marcador do modo *realis*-evidencial, antecede ou segue os nomes para indicar citação. Também é homófona à junção dos clíticos {t} e {o} que seguem o complexo TAM para indicar o futuro evidencial enfático:

(431) **to**-tahə̃ hɨ-i-di
CIT-ele frio-VL-PRED
'Ele está com frio'.

(432) tahə̃-**to** ĩ-kwaĩmba ø-za ø-mrẽ
ele-CIT 3-certo 3-HAB.IMP.IRRE 3-falar
'Ele fala certo'.

(433) tanõñi tɛza**to** ø-n-õt(õ)
eles 3FUT.E.IRRE.Ev 3-R3-dormir
'Eles vão dormir mesmo'.

A partícula **ku**, homônima à posposição diretiva ku, indica uma citação. Normalmente ocorre em sentenças usadas no passado:

(434) wawẽ mə̃to **ku** t-sĩ-wamnə̃r padi
velha 3PAS.PERF.REAL.Ev CIT 3-Pr.-bicho tamanduá
'Diz que A velha se transformou no bicho tamanduá'.

(435) tɛto **ku** wanẽku kɨ-mba nõmr
3PROG.IMP.REAL.Ev CIT sucuri rio-INES deitar
'Diz que a sucuri estava no rio'. *lit.:* 'É, ela, a sucuri, estava deitada no rio'.

A partícula **ktabi** indica intensificação quando tem incidência em nomes e de evidenciador em advérbios. Nos advérbios, seu valor se aproxima de 'verdadeiramente':

(436) karɔ sku-**ktabi** wat kmẽsi
arroz cru-INTS 1PAS.PERF.REAL comer
'Eu comi arroz bem cru'.

(437) pikõ pse-**ktabi**-di
mulher bonita-INTS-PRED
'A mulher ficou bem bonita'.

(438) arɛ smĩsi damnõkre-to ĩkwaĩmba-**ktabi**
CONJ um canto-CIT certo-EVID
'Aí, um cantou certo (verdadeiramente)'.

As partículas interrogativas **p ~ b** ocorrem em sentenças interrogativas do tipo sim/não em várias posições na sentença. O aspecto condiciona o uso de p ou b. Se o aspecto da sentença é perfectivo, usa-se p e se imperfectivo, b:

(439) mãrĩ tɛ-**b**-za kmãkwamã krikahɨr-wa
que 2IMP-INT-FUT.IRRE fazer cidade-ABES
'O que você vai fazer lá na cidade?'.

(440) tɛ-**b**-za kri sabu
2.IMP-INT-HAB.IRRE casa construir
'Você constrói casa?'.

(441) nõkwa-**p** tonmẽ
quem-INT aqui
'Quem está aqui?'.

(442) nmãzi bɨ-**p** ai-waptãk
onde 2PERF-INT 2-nascer
'Onde você nasceu?'.

3.7.1.2 Partículas que precedem nomes

A partícula {**si}** se associa diretamente ao seu constituinte sintagmático e indica que ocorreu uma transformação no sujeito:

(443) wawẽ mãto ku t-**si**-wamnãr padi
velha 3PAS.PERF.REAL.Ev CIT 3-Pr.-bicho tamanduá
'A velha se transformou no bicho tamanduá'.

(444) ambɨ mãt t-**si**-huku
homem 3PAS.PERF.REAL 3-Pr.-onça
'O homem virou onça'. *lit*.: 'O homem transformou-se em onça'.

3.7.1.3 Partículas de primeira posição

Ocorem em primeira posição as partículas **bɨ**, interrogativa, e **to**, citacional:

(445) **bɨ** dasa mə̃-p kwaz ĩ-m-kunẽ-wawẽ
INT comida 3PERF-INT DUBID 3-DAT-ruim-INTS
'Será que a comida quase te fez mal?'.

(446) **to** tahə̃ mə̃t ə̃-mrẽ nõkwa kuba-kre ĩ-wsimẽ
CIT ele 3PAS.PERF.REAL 3-falar quem barco-INES 3-chegar
'Ele falou com quem chegou de barco'.

3.7.1.4 Partículas de segunda (terceira) posição

Se considerarmos que a língua opera com sistema pro-drop, as partículas desse grupo podem ser consideradas como de segunda posição. No entranto, quando o sujeito estiver expresso, encabeçando a sentença, a partícula toma a terceira posição. Importante notar que ela ocorre após o complexo TAMP, isto é, tem uma posição fixa na sentença.

A partícula **ar** é usada para expressar sentido de frustração ou de contrariedade em relação à expectativa apresentada na sentença ou proposição:

(447) wa wat **ar** ĩ-dkɨ
eu 1PAS.PERF.REAL FRUST 1-morrer
'Eu quase morri'.

(448) wa wat **ar** ø-kmẽ kre
eu 1PAS.PERF.REAL FRUST 3-PARTT plantar
'Eu quase plantei (algo)'.

A partícula **arknẽ** possui dois papéis. Ela expressa o dubidativo e o subjuntivo:

(449)	wa	waza	toka-i-mẽ	**arknẽ**	ĩ-mõr
	eu	1FUT.IMP.IRRE	você-VL-COM	DUBID	1-ir

‘Talvez eu vá com você’.

(450)	wahə̃	wa	**arknẽ**	ĩ-n-õkre
	eu-ENF	eu	SUBJTV	1-R3-cantar

‘Se fosse eu cantaria (uma música)’.

A partícula **nẽsi ~nẽs** indica que o evento ocorre repetidamente:

(451)	tahə̃	kwatbrɛmĩ-rɛ	ø-za	**nẽsi**	tbe	kmẽ	wĩ
	ele	menino-P.REM	3HAB.IMP.IRRE	REPTI	peixe	PARTT	matar

‘Ele sempre matava peixe quando era menino’.

(452)	*Carlos*	ø-za	**nẽs**	sikakre	ĩ-m-kamõ
	N.Pes.	3HAB.IMP.IRRE	REPTI	ovo	1-DAT-dar

‘Carlos sempre dava ovos para mim’.

(453)	kɨwapu	wat	**nẽsi**	zekrẽ
	pinga	1PAS.PERF.REAL	REPTI	beber

‘Eu sempre bebo pinga’.

A partícula **kwazɛ ~ kwaz** indica dúvida, falta de conhecimento direto:

(454)	nõkwa	mə̃-p	**kwazɛ**	ti	wẽkẽ
	quem	3PERF.INT	DUBT	flecha	quebrar

‘Quem será que quebrou as flechas?’.

(455) bɨ dasa mə̃-p **kwaz** ĩ-m-kunẽ-wawẽ
INT comida 3PERF-INT DUBT 3-DAT-ruim-INTS
'Será que a comida te fez muito mal?'.

A partícula **rɔ**, homófona ao termo de classe rɔ 'coisa', indica a recuperação da energia vital, da boa energia:

(456) bɨ-p-to **rɔ** aimtkɨ wapu
2PERF-INT-PAS.REAL energia estar(?) animar
'Você está melhor?'.

(457) ture mə̃t **rɔ** tmə̃ to aipɨ dakunmõkwa mrmẽ prabɨ
menino 3PAS.PERF. REAL energia DAT CIT DIR médico falar conforme
'O menino melhorou conforme o doutor falou'.
lit.: 'O menino ficou com saúde novamente, conforme o médico falou.

A partícula **knə̃** marca desprovimento de coisa ou de ação, é semelhante ao morfema que marca o imperativo negativo:

(458) dasazɛ nĩpkrahi **knə̃** mə̃t kmẽsi
comida garfo DESPR 3PAS.PERF.REAL comer
'Ele comeu sem garfo'.

(459) tahə̃ pikõ wi kɨ saikwar-**knə̃** ø-ka du
aquela mulher chegar água derramar-DESPR 3-PARTT carregar
'Ela carregou água sem derramar'.

As partículas **mnĩ**, **aipɨ**, **we** e **mnə̃** são partículas direcionais que ocorrem em posição fixa, seguindo o complexo TAMP.

a) **aipɨ** - indica uma trajetória de movimento, de saída e de retorno a um centro dêitico:

(460) *Fabiana*-mə wat **aipɨ** ĩ-sihɨrə̃zɛ **aipɨ** tmə̃ sõ
N.Pes-BEN 1PAS.PERF.REAL DIR 3-sabão DIR DAT dar
'Eu dei a Fabiana o sabão dela'.
lit.: 'Para Fabiana eu de novo o sabão dela dei de novo pra ela'.

ou ação repetida do verbo:

(461) wato **aipɨ** amnõ kmẽ kre
1PAS.PERF.REAL.Ev DIR planta PARTT plantar
'Eu plantei a planta de novo'.

b) **we** e **mnĩ** - indicam apenas uma trajetória de movimento em direção a um centro dêitico representado pelo sujeito referente.

(462) tokanõri bɨ-p **we** ai-pkẽzɛ-kba-wa tmə̃ ai-mõr
vocês 2PERF-INT DIR 2-saudade-P. REM.-COM DAT 2-ir
'Vocês vieram nos ver por que estavam com saudades?'.

(463) wakrɔwde-z-awrɛ **we** ĩ-m-duri
arco-R1-grande DIR 1-DAT-carregar
'Traga o arco grande!'
lit.: O arco grande, carregue pra cá, pra minha direção (pra mim).

(464) kubazawrɛ mə̃t **mnĩ** akwẽ sõrɛ
barco 3PAS.PERF.REAL DIR xerente trazer
'O barco trouxe os Xerente'.

(465) nməhawi mã-p wdekrə totanõrĩ **mnĩ** kwasa
de onde 3PAS-INT jenipapo elas DIR carregar
'De onde elas trouxeram jenipapo?'.

A partícula **mnə̃**, tendo como referente o falante, indica uma trajetória para fora:

(466) nmõinĩ bɨ-p **mnə̃** ai-mõrĩ
por onde 2PERF-INT DIR 2-ir
'Por onde você passou?'.

3.7.1.5 Partículas finais

As partículas de posição final ocorrem como último constituinte da sentença e têm escopo de incidência sobre toda sentença.

A partícula **–di ~-ti ~ -ki** transforma seqüências ou sintagmas nominais em sentenças nominais, assim, sua função é a predicação ou a construção de sentenças nominais:

(467) wa mrə̃-m-**di**
Eu fome-CL-PRED
'Eu estou com fome'.

(468) tahə̃ kɨ-i-**ti**
ele água-VL-PRED
'Ele está molhado'. *lit.:* 'Ele está com água'.

(469) da-bdu pa-**ki**
3-pescoço comprido-PRED
'O pescoço é comprido'

A partícula **kateza** é usada para expressar sentido de frustração ou de contrariedade em relação à expectativa apresentada na sentença:

(470) wa ĩ-mõr **kateza**
eu 1-ir FRUST
'Eu não fui'. *lit.:* 'Minha ida foi frustrada'.

A partícula **pari ~ par ~pa** atribui à sentença a idéia de conclusão, evidencia que ação foi completada:

(471) wa wat ĩ-sa-ĩ-**par**
eu 1PAS.PERF.REAL 1-comer-VL-CONCL
'Eu comi'. *lit.:* 'Eu terminei de comer'.

(472) bɨ-p-to ai-wisi **pari**
2.PERF-INT-PAS.REAL.Ev 2-chegar CONCL
'Você acabou de chegar?'.

(473) *Maria* mə̃to kmẽsi **pa**
N.Pes 3PAS.PERF.REAL.Ev comer CONCL
'Maria comeu'. *lit.:* 'Maria terminou de comer'.

A partícula **-da** 'para, a propósito de, com a finalidade de', indica propósito (PRPS):

(474) pikõĩnõrĩ mə̃t tmə̃ ø-mõ kɨzawrɛ-ku sõ-**da**
mulheres 3PAS.PERF.REAL DAT 3-ir rio-ILA banhar-PRPS
'As mulheres foram para o rio banhar-se'.

A partícula **-da** ocorre em comutação com a palavra **pibumã** e ambas ocorrem sempre após o verbo, como se vê nos exemplos abaixo:

(475) a) tahə̃ mə̃t ø-nõmrõ ø-s(õ)tõ-**pibumə̃**
ele 3PAS.PERF.REAL 3-deitar 3-dormir-PRPS
'Ele (se) deitou para dormir'.

(476) b) tahə̃ mə̃t ø-nõmrõ ø-s(õ)tõ-**da**
ele 3PAS.PERF.REAL 3-deitar 3-dormir-PRPS
'Ele (se) deitou para dormir'.

(477) toka tɛza nõzɨ ka dur-kazum(ə̃)-**pibumã**
você 2FUT.IMP.IRRE milho PARTT pegar-socar -PRPS
'Você vai pegar milho para socar'.

A partícula –**nẽ** evidencia uma ação que incide sobre o sujeito (EVID):

(478) to-tahə̃ to sĩprɔ-**nẽ**
CIT-ele COP cansado-EVID
'Ele parece cansado'.

A partícula **hɨ** forma o hortativo, o que faz com que a sentença seja subordinada:

(479) ĩ-mõr **hɨ**
1-ir HORT
'Para que eu possa ir'.

3.7.1.6 Partículas interjeitivas

Como a interjeição, as partículas interjeitivas traduzem, de um modo vivo, os estados d'alma. Elas se distinguem das exclamações, vocábulos soltos, emitidos no tom exclamativo. Encontramos em nossos dados, as seguintes partículas interjeitivas:

No exemplo seguinte (480), Saptê, 46 anos, cacique da Aldeia Boa Fé, dá o nome Wrewẽ /wrɛwẽ/ a Sousa Filho e declara que, a partir da nomeação, Sousa Filho será considerado como parte do clã Kbazi e irmão mais novo de Saptê. Wakrtadi, esposa de Saptê, confirma a declaração do marido usando a partícula interjeitiva **ĩtehe**:

(480) tɔktɔ toka to ĩ-pnə̃
agora você COP 1-irmão mais novo
'Agora, você é meu irmão'. (Saptê diz a Sousa Filho)
ĩtehe
PARTC INTERJ
'É mesmo!'. (confirma Wakrtadi)

Em (481), Sizdazê assusta-se com o toque do aparelho telefônico:

(481) bɨt **kə̃ː** durɛ
2PAS.PERF.REAL PARTC INTERJ de novo
'Ele 'kãã' (susto) de novo!!!!(o celular tocou)'.

No exemplo seguinte, a partícula **tambɨ** é usada para encerrar a narração de um mito Padi Waskuze – História do Tamanduá Bandeira[23]:

(482) padi waskuzɛ
tamanduá história
'História do Tamanduá Bandeira'.

[23] Conferir uma versão do mito no anexo II.

smĩsi-ku	wawẽ	tmə̃	mĩ	kadur	seĩ-ktab-di
um-CIT	velha	DAT	lenha	carregar	gostar-INTENS-PART

‘Era uma vez uma velha que gostava de carregar (apanhar) lenha’.

(...)

tambɨ

PARTC INTERJ

‘Acabou!’

Além das partículas listadas acima, em usos específicos, contamos ainda com as seguintes:

(483) ampka ~ ka ‘Que nada!’

(484) mẽ ‘não é (equivocou-se)!’

(485) rowedi ‘espanto, supresa!’

(486) tɨkə̃si ~ tokə̃si ‘Basta, só isso!’

Apresentamos neste capítulo uma breve caracterização dos aspectos mais salientes da Morfologia Xerente. No próximo capítulo, apresentamos algumas reflexões sobre a Sintaxe Akwẽ.

CAPÍTULO 4

ASPECTOS DA SINTAXE

CAPÍTULO 4 - ASPECTOS DA SINTAXE

Tratamos neste capítulo de aspectos que dizem respeito à sintaxe. É sabido que a definição do campo da sintaxe ou de qualquer outra parte da gramática, como a morfologia, por exemplo, não é tranqüila. Assim, a função de delimitar áreas da gramática é puramente didática e procura servir à descrição e análises que empreendemos. Nesse sentido, compreendemos ser a definição de sintaxe feita por Câmara Jr. (1972) adequada ao nosso estudo. Para ele, a sintaxe é "a parte da gramática que estuda as seqüências frasais, isto é, aquelas em que um valor lingüístico associativo não interfere e não entra em conflito com o valor sintagmático que a sucessão das formas determina" (CÂMARA JR., 1972, p. 14). Conseqüentemente, a sintaxe descreve as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frases.

Neste capítulo, abordamos como são constuídos os sintagmas da língua Xerente, os nominais, os verbais, os adverbiais e os posposicionais (seções 4.1.1, 4.1.2, 4.1.3 e 4.1.4). No trato dos sintagmas nominais, salientamos as nuances da valência nominal (Seção 4.1.1). Em seguida aos sintagmas, descrevemos e analisamos predicados nominais e verbais da língua (seções 4.2.1 e 4.2.2), centrando-nos somente nos predicados independentes ou simples. Nos predicados verbais, destacamos as formas verbais supletivas (seção 4.4).

No que diz respeito às sentenças, descrevemos e analisamos aspectos referentes aos prefixos relacionais (seção 4.5.1), ao sistema de marcação de casos (seção 4.6) e à ordem dos constituintes das sentenças simples (seção 4.7). Mais uma vez, frisamos que, por motivos vários, focamos nesta tese apenas as sentenças simples e ainda não esgotamos os temas a que nos propomos descrever e analisar. Assim, muito ainda fica para estudos futuros.

4.1 Sintagmas da língua Akwẽ

Nosso objetivo nesta seção é descrever os sintagmas da língua Xerente. De acordo com Benveniste (1989), o sintagma é cada porção que existe em uma sentença, isto é, são conjuntos ou subconjuntos de elementos que fazem parte de uma estutura maior, a sentença (enunciado, frase ou oração). Vale mencionar que o conceito de sintagma usado por Benveniste tem origem nos estudos de Saussure (1986). Para este, a noção de sintagma deve ser construída a partir da dicotomia entre as duas espécies de relação que existe entre as unidades em um sistema lingüístico. Estas relações são de dois tipos: paradigmáticas e sintagmáticas. As relações sintagmáticas são definidas pela relação que uma unidade contrai em razão da sua combinação com outras unidades do mesmo nível. Essa combinação é chamada de sintagma ou construção. As relações paradgmáticas são as que se dão entre uma unidade particular num dado sintagma e outras unidades que lhe são substituíveis nesse sintagma.

Neste sentido, pode-se dizer que o sintagma, como todos os demais componentes de uma língua, apresenta uma função semântica (ou paradigmática) e outra sintática (ou sintagmática). Conseqüentemente, é possível identificar as unidades de uma língua de acordo com suas possibilidades de ocorrência em determinados sintagmas. Assim, procuramos descrever e analisar quais são os elementos que podem co-ocorrer nos sintagmas nominal, verbal, adverbial e posposicional que a língua Xerente apresenta.

4.1.1 Sintagmas nominais

O sintagma nominal – SN (ou NP (*noun phrase*) – frase nominal (Harris e Campbell, 1995) ou LN – locução nominal (Ferreira, 2003)) diz respeito às combinações que os nomes podem fazer entre si para constituir uma porção ou bloco sintático, para fazer parte de uma construção sintática que é parte de uma sentença. Em Xerente, o sintagma nominal pode ser constituído de um núcleo nominal (nome ou pronome) obrigatório e de elementos periféricos opcionais.

Os exemplos seguintes ilustram sintagmas nominais (SN) formados por um só elemento (nome ou pronome):

(487)	[wanẽku]	mə̃t	mə̃ɾ̃i	kmẽ	krẽ
	sucuri	3PAS.PERF.REAL	bicho	PARTT	comer
	SN (N)				
	‘A sucuri come bichos (poucos)’.				

(488)	[wa]	waza	ĩ-sa
	Eu	1FUT.IMP.IRRE	1-comer
	SN (Pro)		
	‘Eu vou comer’.		

Os sintagmas nominais compostos por dois elementos nominais são ilustrados abaixo:

(489)	[krkɔ-bɨ]
	macaco-rabo
	SN (N+N)
	‘O rabo do macaco’.

(490)	[arbɔ skupri]
	morcego fogo intenso
	SN (N + N)
	‘Morcego queimado’.

(491)	wanõr-te	to	[tahə̃	kupazu]
	nós-PP	COP	Pro Dem	farinha
			SN (Pro + N)	
	‘Aquela é a nossa farinha’.			

Em sentenças declarativas do sistema nominativo-absolutivo da língua Akwẽ, quando os sintagmas nominais complexos – compostos por dois ou mais elementos - são argumentos internos de um sintagma verbal (vistos em 4.1.2, adiante) eles podem gravitar ao redor do verbo, sendo que um dos nomes (N) encabeça a posição canônica de objeto da língua (S(O)V) e os demais podem aparecer após o verbo (S(O)V(O)), exemplo 492. Também, os sintagmas nominais complexo em função de objeto podem ocorrer na sentença na posição canônica de objeto (S(O)V), exemplo 493 e 494:

(492) btɨbɨ tokanõrĩkwa tɛza [karɔ kahur-kwa kə̃to wazumzɨ]
todos.os.dias vocês 2HAB.IMP.IRRE arroz comer(PL)-2NSG CONJ feijão
SN (N - SV - CONJ - N)
'Todos os dias vocês comem arroz e feijão'.

(493) btɨbɨ tokanõrĩkwa tɛza [karɔ kə̃to wazumzɨ] kahur-kwa
todos.os.dias vocês 2HAB.IMP.IRRE arroz CONJ feijão comer(PL)-2NSG
SN (N - CONJ – N - SV)
'Todos os dias vocês comem arroz e feijão'.

(494) tahə̃ ø-za [karɔ kə̃to kbare] kmẽsi
ele 3-HAB.IMP.IRRE arroz CONJ pequi comer
SN (N CONJ N)
'Ele come arroz e pequi'.

Já nas sentenças do sistema ergativo-absolutivo, os SN's complexos em função de objeto ocorrem na primeira posição da sentença após o pronome enfático (OSV):

(495) wa [kbare karɔ-snə̃] ĩ-t krenẽ kõdi
eu pequi arroz-COM 1-ERG comer NEG
SN (N - N)
'Eu não como arroz com pequi'.

Se os SN's complexos forem argumentos externos do verbo, isto é, forem o sujeito da oração, ocorrem na posição de S na ordem SOV:

(496) [*Vilma* kə̃to samũru] to damrõwahtukwa
N.Pes CONJ N.Pes COP ensinador
SN (N CONJ N)
'Vilma e Samũru são ensinadores (professores)'.

Os sintagmas formados por três elementos nominais podem ser exemplificados em (497) e (498), abaixo:

(497) [kə̃hə̃ siktõ krta]
Pro Dem cesta velha
SN (Pro + N+ N)
'Esta cesta velha'.

(498) [tanõrĩ ponkwanẽ ambɨ] mə̃t kuw̃ide kmẽ shɨ
aqueles dois homem 3PAS.PERF.REAL buriti PARTT cortar
SN (Pro Dem + N + N)
'Aqueles dois homens cortaram buriti'.

Nos sintamas nominais, vistos acima, podemos ver que há nomes que possuem características diferenciadas. São essas diferenças que facilitam a composição ou junção de dois ou mais nomes em um sintagma, em um conjunto. Um dos traços responsáveis por essas diferenças, certamente, é valência que cada nome possui e traz para dentro dos sintagmas. Esse assunto, importante para a compreensão dos sintagmas nominais da língua Xerente, é o que focamos a seguir.

4.1.1.1 Valência no sintagma nominal possessivo

Segundo Busse e Vilela (1986), alguns lexemas são visivelmente relacionais, isto é, incluem no seu significado uma estrutura de relação. Há, implicitamente, nos lexemas o que é chamado de lugar vazio ou argumento. O número de lugares vazios previstos e implicados pelo significado do lexema é chamado de valência. De acordo com Busse e Vilela (1986, p. 13), "são precisamente os verbos que apresentam de modo mais evidente estruturas relacionais do tipo valencial". Não raro, outras classes de palavras lexicais também apresentam valências. Desta forma, sabe-se que valência refere-se ao número e ao tipo de laços que podem existir entre os elementos sintáticos e semânticos, ou seja, são as combinações efetivas entre os eixos sintagmáticos e paradigmáticos. Na língua portuguesa, o verbo "dar", por exemplo, apresenta uma estrutura relacional com três lugares vazios, referidos ao DADOR, ao DADO e ao RECEBEDOR. "Estes lugares vazios pertencem ao significado próprio de *dar*, pois sem eles a classe de ação definida pelo verbo não seria a mesma" (BUSSE E VILELA, 1986, p. 13).

Na teoria de valência, os argumentos têm o mesmo valor, ou seja, são tratados como portadores de uma mesma natureza, a de ser argumento. A valência varia de acordo com os contextos, o que garante que um determinado elemento possa ter diferentes valências, condicionadas pelo uso contextualizado. Os termos lexicais como substantivo, adjetivo, verbo e, eventualmente, advérbio apresentam estruturas relacionais e, portanto, podem ser considerados como qualitativamente valenciais.

A relação de posse pode ser expressa por meio de sintagmas nominais e sentenças possessivas portadoras de valências diversas. Para Aikhenvald (2000), numa relação genitiva, nomes ligam-se a outros nomes por meio de uma locução genitiva, a qual é constituída de dois nomes: o núcleo (o nome possuído) e o modificador (o nome possuidor). Normalmente, a categoria de posse dos sintagmas nominais tem sido definida em função da distinção semântica entre posse alienável, posse inalienável e nomes não possuíveis; essas distinções revelam um quadro valencial expresso por nomes. Queixalós (2005) propõe uma reformulação de natureza sintática da referida definição tradicional por uma teoria da valência dos sintagmas nominais possessivos. Acreditamos ser tal reformulação válida e a adotamos neste trabalho.

4.1.1.2 O nome nas construções possessivas da língua Xerente

O caso genitivo típico exprime relações gramaticais por meio de flexões, as quais designam, por vezes, uma relação de posse. Esta é, em Xerente, prefixal. Referindo-se ao caso genitivo, Givón (1984) afirma que as línguas relacionam um nome ao outro sobretudo para indicar: (i) posse estrita; (ii) relações de partes de um todo e (iii) relações de parentesco. Nessas relações, segundo Queixalós (2005, p. 178),

> a idéia de que os nomes são predicados por natureza, como os verbos, procede da lógica e apresenta duas vertentes. Uma é de que os nomes devem ser vistos como vindo do léxico já providos de valência. (...) A outra (...), os nomes, além de serem elementos que precisam ser saturados, não têm vocação para desempenhar funções outras senão predicativas. Sua ocorrência nessas outras funções é derivada da sua função primária, predicativa.

Assim sendo, admitimos que os nomes em Xerente podem ser vistos a partir de sua valência. Assim como ocorre em Katukina (Queixalós, 2005), os nomes em Akwẽ podem ser o núcleo de um predicado e a ordem não marcada é predicado-argumento:

(499) kə̃hə̃ rõmnĩɾnə̃
esta flor
'Esta flor'.

De acordo com Queixalós (2005), os nomes podem instituir valência 1 ou 2. Os predicados com nomes de valência 1 são chamados de monovalentes e os de valência 2, bivalentes. Os nomes bivalentes efetuam a posse diretamente, requerem um único argumento com o qual se combina diretamente que pode ser representado pelos prefixos pessoais. Os monovalentes (que correspodem aos alienáveis) precisam aumentar sua valência para a realização da posse. Para o aumento de valência, aos nomes monovalentes é acrescido um nome genérico, o NGR – Nome Genérico Relacional. Este tem a função de aumentar a valência do nome que refere o elemento possuído e, conseqüentemente, efetuar a intermediação entre o nome do possuidor e o nome do possuído, isto é, aumentar a valência da construção. Nas palavras de Queixalós (2005, p. 187):

> Um NGR (...) é um elemento altamente relacional. Sua natureza relacional e seu conteúdo semântico vazio são aproveitados de duas maneiras: 1) para constituir, junto com a marca de pessoa, uma forma equivalente aos pronomes possessivos e 2) para permitir a um nome menos relacional adquirir propriedades relacionais de um nome "inalienável".

4.1.1.3 Nomes bivalentes

Os nomes bivalentes em Xerente se combinam diretamente com seu argumento interno, que pode ser representado por nomes ou pelos prefixos pessoais:

(500)	krkrɔ-	bɨ	
	macaco	rabo	
	'Rabo do macaco'.		

(501)	ĩ-	n-	ĩsizɛ
	1-	R3-	nome
	'Meu nome'.		

(502)	ai-	s-	õknõ
	2-	R2-	peito
	'Teu peito'.		

4.1.1.4 Nomes monovalentes

Os nomes monovalentes em Xerente não podem ser possuídos diretamente. Eles requerem, como outras línguas do tronco Macro-Jê (cf. Ribeiro, 2002), a intermediação de um nome genérico que torna a relação de posse possível. Segundo Ribeiro (2002, p. 32-33) na maioria das descrições e análise de línguas, o nome genérico requerido é "traduzível como 'coisa'" e vem sendo chamado por pesquisadores como "morfema alienador". De acordo com Queixalós (2005), este nome pode ser interpretado como um relacional que aumenta a valência do nome monovalente, sendo chamado, então, de NGR – nome genérico relacional. Até o momento, observamos a ocorrência do morfema **-ĩm** exercendo

essa função em Xerente:

(503)	ĩ-	n-ĩm-	kuba
	1-	R3-NGR-	canoa
	‘Minha canoa’.		

(504)	tahə̃	n-ĩm-	sika
	ele	R3-NGR-	galinha
	‘Galinha dele’.		

(505)	ai-	s-ĩm-	tbe
	2-	R2-NGR	peixe
	‘Teu peixe/ seu peixe (de você)’.		

(506)	ai-	s-ĩm-	tka
	2-	R2-NGR	terra
	‘Tua terra’.		

4.1.1.5 Posposição possessiva em Xerente

Há ainda em Xerente o padrão possessivo realizado através da posposição possessiva **–te**. Há duas formas de realização do caso genitivo: a forma valencial examinada anteriormente, a qual se dá mediante o uso de dois nomes (ou pronome e nome) ligados por um prefixo relacional e/ou por um Nome Genérico Relacional e a estrutura com posposição **-te**. As duas formas são excludentes, isto é, o uso de uma anula a outra. O uso da posposição anula a diferença valencial entre os nomes monovalentes e bivalentes, isto porque na sentença com sintagma posposicional há um quadro valencial regido pela posposição em uso e não mais pelos nomes da sentença. Abaixo, há o uso de –te para realização do caso possessivo ou genitivo:

(507) tə̃ -te da-n-nə̃
3- PP 3-R3-fezes
‘Fezes dele’.

(508) toka-i-te wakrowde
você-VL- PP arco
‘Teu arco’.

(509) wa-ĩ-te kri
1-1- PP casa
‘Minha casa’.

(510) ai-te ti
2-PP flecha
‘Tua flecha’.

4.1.1.6 Nomes que expressam Conceitos de Propriedade (Sintagmas com N-cp)

Apontamos anteriormente (na seção 3.1.11) que há na língua Xerente nomes com características diferenciadas. Tais características nos permitem classificar os nomes da língua em dois blocos ou subclasses, os nomes da série I, ou nomes propriamente ditos (N), e os nomes da série II, ou nomes que expressam conceitos de propriedade (N-cp).

Os nomes da série I são usados, via de regra, como argumentos das sentenças em que ocorrem (exemplo 511). Já os nomes da série II, que codificam os conceitos de propriedade ou noções adjetivas (Dixon, 2004 e Palancar, 2006), podem funcionar como argumento, modificador e predicado (exemplos 512, 513 e 514):

(511) wawẽ mə̃to ku t-si-wamnə̃r padi
N (nome da série I)
velha 3PAS.PERF.REAL.Ev CIT 3-Pr.-bicho tamanduá
‘A velha se transformou no bicho tamanduá’.

(512) ĩ-mrõ mə̃to ø-mõ

N-cp (nome da série II)

1-cônjuge 3PAS.PERF.REAL.Ev 3-ir

‘Minha esposa foi embora’.

(513) tahə̃ kri kuzerə̃ tɛm-di

N **N-cp** **N-cp**

aquela casa azul novo(a) – PRED

‘Aquela casa azul é/está nova’.

(514) toka mrõ-di

N-cp

você cônjuge-PRED

‘Você é/está casado’ ou ‘Você tem esposa’.

Maiores detalhes sobre os N-cp são vistos na seção 4.2.1.5, adiante.

4.1.2 Sintagmas verbais

O sintagma verbal (SV) é uma porção formada pelo verbo e seus complementos. Uma vez que o verbo institui valência, ele admite um grupo sintático que pode ser constituído por elementos de classes diferentes. Conseqüentemente, os sintagmas verbais são formados pelo verbo e também pelo verbo antecedido pelo seu complemento que é pronominal ou nominal e diz respeito às funções de sujeito, objeto direto ou objeto indireto. O verbo intransitivo ou transitivo é o núcleo do sintagma verbal.

O sintagma verbal intransitivo é formado pelo verbo intransitivo que é sempre antecedido por um marcador pessoal da série B e pode, em casos determinados, ser antecedido ou seguido por um advérbio ou locução adverbial. Assim, as fórmulas dos sintagmas verbais intransitivos são (SV = SN+V); (SV= SADV + SN + V); e (SV = SN + V + SADV):

(515) wdekrə̃ĩkuzɛkrə̃ mə̃t [ø-waptə̃r]
laranja 3PAS.PERF.REAL 3-cair
(SV = SN+V)
'A laranja caiu'.

(516) toka bit [he-hawi ai-waptə̃k]
você 2PAS.PERF.REAL cima-ABLA 2-cair
(SV = SADV + SN + V)
'Você caiu de cima'.

(517) wanõrĩ [wa-z-brɛ kõdi]
nós 1NSG-R1-entrar (DU) NEG
(SV = SN+V+SADV)
'Nós não entramos'.

Já o sintagma verbal transitivo, que tem por núcleo um verbo transitivo pode apresentar composições como (SV = SN + V); (SV = SN + SPOSP + V); (SV = SADV +SN + V); (SV = SN + V + SADV):

(518) rɔwakku mə̃t [kri kmə̃ rɔ̃wĩ(rĩ)]
vento 3PAS.PERF.REAL casa ? derrubar
(SV = SN + V)
'O vento derrubou a casa'.

(519) nĩwa mə̃-p [tbe ai-m-kamõ]
quando 3PAS.PERF.INT peixe 2-DAT-dar
(SV = SN + SPOSP + V)
'Quando ele deu peixe para você?'.

(520) ĩ̃-ptɔkwa mə̃to [azanə̃ tbe kmẽ wakrɛ]
1-pai 3PAS.PERF.REAL.Ev rapido peixe PARTT flechar
(SV = SADV + SN + V)
'Meu pai flechou o peixe rapidamente'.

(521) ambɨnõrĩ mə̃t [ponkwanẽ kuihɨ pə̃n kɨzawrɛ-wa]
homens 3PAS.PERF.REAL dois jacaré matar (DU) rio-INES
(SV = SN + V + SADV)
'Os homens mataram dois jacarés dentro do rio'.

Os exemplos acima ilustram os sintagmas mais usados na língua. Isso não exclui a possibilidade de serem encontradas outras formas, como, por exemplo, sintagmas compostos por mais de um verbo, mas para o momento nos limitaremos a dar esses exemplos, voltando a abordar os sintagmas no estudo da marcação de casos (seção 4.6) e da ordem dos constituintes (seção 4.7), adiante.

4.1.3 Sintagmas adverbiais

Os sintagmas adverbiais (SADV) da língua Xerente têm número bastante reduzido, isto porque os advérbios, vistos na seção 3.4, anteriormente, funcionam, via de regra, como modificadores dos sintagmas verbais ou de sentenças da língua. São exemplos de sintagmas adverbiais em Xerente:

(522) nõkwa-p [tonmẽ]
quem-Int aqui
(SADV = ADV)
'Quem está aqui?'.

(523) sakrepra [krewire] krikahɨ-ku
N Pes perto cidade-ALA
(SADV = ADV)
'A aldeia do Funil fica perto da cidade'.

(524) [tɨkanẽ] wa-n-ĩm-romkamãdkɨ
assim 1NSG-R3-NGR-cultura
(SADV = ADV)
'É assim a nossa cultura'.

(525) mə̃rĩ [kə̃te]
coisa talvez
(SADV = ADV)
'Talvez alguma coisa'.

4.1.4 Sintagmas posposicionais

O sintagma posposicional (SPOSP) em Xerente ocorre quando uma posposição rege um sintagma nominal, o qual é composto por pronome ou nome. Os sintagmas posposicionais fazem parte dos modos de realização dos casos gramaticais vistos em 4.6. É importante, no entanto, considerar que as posposições flexionáveis podem ter como objeto tanto nomes como pronomes e as não flexionáveis só têm nomes como objeto. Os exemplos abaixo ilustram os sintagmas posposicionais:

(526) tanõrĩ mə̃t t-si-s-õkrə̃ [tpehi-nə̃]
eles 3PAS.PERF.REAL 3-Ref-R2- engasgar espinho-INST
(SPOSP = N + POSP)
'Eles se engasgaram com espinha de peixe'.

(527) ĩ-n-ĩpkra wa wato [simkɛmre-nə̃] t-shir
1-R3- mão eu 1PAS.PERF.REAL.Ev faca-INST 3-cortar
(SPOSP = N + POSP)
'Minha mão, eu a cortei com a faca'.

(528) wat kmə̃dɨk aiktɛnõrĩ [toka-i-mẽ]
1PAS.PERF.REAL ver crianças você-VL-COM
(SPOSP = N + POSP)
'Eu vi as crianças com você'.

(529) [ai-te] ti
2-PP flecha
(SPOSP = N + POSP)
'Tua flecha'.

Vimos nesta seção algumas características dos sintagmas da língua Xerente. Na próxima seção analisamos os predicados da referida língua.

4.2 Predicados em Xerente

Nesta seção, tratamos dos predicados em Xerente. Para entender o conceito de predicado é importante ter claras as definições de sintagmas e de orações ou sentenças. Tratamos dos sintagmas da língua Xerente anteriormente. Segundo Lyons (1979), na tradição dos estudos lingüísticos ou gramaticais, é comum intercambiar os termos frase, oração e sentença, como se estes termos fossem equivalentes sintática e semanticamente. Procuramos ater-nos no que há em comum nas definições dadas por Câmara Jr. (1959), Lobato (1977) e Lyons (1979 e 1987) para caracterizar o predicado em Xerente. Para esses três autores, o predicado constitui-se do elemento que desempenha função de determinante em uma frase, sentença ou oração, ou seja, o predicado é um conjunto formado por uma das duas partes de uma sentença.

Seguindo a tradição gramatical, Câmara Jr. (1959) usa o termo frase para se referir à noção de oração ou sentença, isto é, "a frase da língua é uma unidade de comunicação" (CÂMARA JR. 1959, p. 197) constituída por porções de elementos lingüísticos. Dessa maneira, falar em constituintes da frase na visão de Câmara Jr. é o mesmo que se referir aos elementos constitutivos de uma oração ou sentença. Para o autor (1959, p. 209), "há em cada frase duas partes conhecidas pelo nome de SUJEITO e PREDICADO. Elas não supõem, entretanto, o aparecimento de dois vocábulos, obrigatoriamente". Todavia, "a relação que existe entre sujeito e predicado é um caso especial da relação DETERMINADO – DETERMINANTE" (CÂMARA JR. 1959, p. 211) que pode ser encontrada tanto em sintagmas quanto na frase. Assim, na estrutura de uma frase o sujeito é o determinado e o predicado, o determinante.

Quanto ao valor significativo da frase, afirma Câmara Jr. (1959, p. 208), "há para levar em conta a distinção entre FRASES NOMINAIS e FRASES VERBAIS".

Na frase nominal, de acordo com o autor, atribui-se um nome ao outro, dando à frase uma visão estática do que é objetivado. Para que os dois nomes não sejam considerados como mera seqüência de elementos, as línguas organizam estratégias para a

composição das frases nominais. Dentre as estratégias, Câmara Jr. (1959, p. 209) cita as seguintes:

a) entoação frasal;
b) partícula própria para formular a frase nominal (preposição, pronome ou cópula); e
c) verbos desprovidos de transitividade, por exemplo, o verbo "ser" da língua portuguesa.

A frase verbal, por outro lado, é composta por um "verbo que indica [à unidade frasal] uma 'força' (gr. *dúnamis*) ou processo". (CÂMARA JR. 1959, p. 209). A frase verbal, então, não precisa utilizar estratégias outras senão o uso de um verbo para se realizar.

Podemos dizer, assim, que "por predicado entende-se um termo que é usado em combinação com um nome [ou SN] a fim de fornecer uma determinada informação acerca do indivíduo a que o nome se refere; i. e., a fim de lhe atribuir uma propriedade" (LYONS, 1987, p. 116). Se a sentença for nominal, o nome determinante, que atribui a propriedade, pode ser um nome, um adjetivo ou um advérbio. Se verbal, o determinante será o verbo.

4.2.1 Predicado nominal da língua Xerente

Há cinco tipos de predicados nominais na língua Xerente: eqüativos, atributivos, existenciais, locativos e possessivos. Alguns podem ser expressos pela justaposição dos nomes (argumento e predicado ou determinado e derteminante), outros exigem o elemento de cópula interveniente e outros exigem morfemas próprios para a realização do predicado ou da sentença nominal.

Em decorrência de alguns predicados nominais não se realizarem fora da sentença, tratamos também nesta seção das sentenças nominais da língua. Abaixo, estão descritos os tipos de predicados nominais.

4.2.1.1 Predicados eqüativos

No predicado produzido, se for do tipo equativo, usa-se o morfema cópula *to* entre os dois nomes (ou pronome e nome), sendo o primeiro deles o argumento (ou determinado) e o segundo o predicado propriamente dito (ou o determinante). No uso eqüativo da cópula, há a identificação de uma entidade à outra (a=b):

(530) *Sinval* to rɔwahtukwa
N.Pes COP professor
'Sinval é professor'.

(531) rɔwahtukwa to *Sinval*
professor COP N.Pes
'O professor é o Sinval'.

(532) wa to wawẽ
eu COP velho
'Eu sou velho'.

(533) toka to dakmə̃dkɨkwa
você COP chefe
'Você é o chefe'.

(534) ai-ptɔkwa to sekwa
2-pai COP pajé
'Seu pai é pajé'.

O uso do elemento cópula pode ser considerado ainda como forma de indicar a) pertença a uma classe (a ϵ b), exemplo (535) ou b) inclusão numa classe (a ℂ b), exemplos (536) e (537):

(535)	*João*	to	ambɨ	-pkẽpse
	N. Pes	COP	homem	-coração.bom

‘João é bondoso’. *lit.:* ‘João é homem de bom coração’.

(536)	samũru	to	akwẽ
	N. Pes	COP	Xerente

‘Samũru é Xerente’.

(537)	ĩ-ptɔkwa	ĩ-s-ɛparkwa	kə̃to	ĩ-kra	to	simĩstu
	3-pai	3-R2-mãe	CONJ	3-filho	COP	família

‘O pai, a mãe e o filho são da mesma família’

Os exemplos anteriores nos dão mostras de sentenças eqüativas, isto é, as sentenças realizadas com o morfema cópula *to* alinham dois elementos que partilham propriedades similares para produzir sentenças nominais ou não verbais. Assim, nos referidos enunciados o primeiro nome funciona como argumento nuclear e o segundo como predicativo deste, mediante a operação do morfema cópula. Tal fato nos permite dizer que os elementos constitutivos das sentenças nominais Xerente são: o argumento (determinado) e o predicativo (o determinante).

4.2.1.2 Predicados existenciais

Como o próprio nome sugere, os predicados existenciais compõem sentenças que asseveram a existência de alguma entidade. Essas construções tipicamente requerem uma posposição locativa (exemplo 538) ou morfema predicativo –di (exemplo 539) e podem, ainda, ter como núcleo do predicado um quantificador (exemplos 540 e 541):

(538) kburu-wa kupa
roça-ADES mandioca
'Tem mandioca na roça'.

(539) kri-nsĩ-wa si-re z-asi-di
casa-cima-ADES pássaro-DIM R1-ninho-PRED
'Tem ninho de passarinho em cima da casa'.

(540) ktɨwankõ z-awrɛ-di
homem.branco R1-muito-PRED
'Tem muito branco'.

(541) dasa srure-di
comida pouco-PRED
'Tem pouca comida'.

Os predicados possessivos podem, a partir do morfema –di ~-ti ~ -ki, indicar a existência de seres animados ou não:

(542) tonmẽ wapsə̃-di
aqui cachorro-PRED
'Aqui tem cachorro'.

(543) kri-wa wapsə̃-di
casa-INES cachorro-PRED
‘Tem cachorro na casa’.

(544) kɨ-mba kuba-di
rio-INES canoa-PRED
‘Tem canoa no rio’.

(545) dahi-wa duptɔ-i-ti
perna-ADES inchaço-VL-PRED
‘Tem inchaço na perna’.

Nos predicados existenciais, assim como nos predicados verbais, ocorre os clíticos marcadores de TAMP da língua Akwẽ:

(546) kri-wa airɛ wapsə̃-di
casa-INES PAS.IMP. cachorro-PRED
‘Na casa tinha cachorro’.

(547) kri-wa za wapsə̃-di
casa-INES FUT.IMP.IRRE cachorro-PRED
‘Na casa vai ter cachorro’.

4.2.1.3 Predicados possessivos

Os predicados possessivos dependem da valência dos nomes para se caracterizarem (cf. seção 4.1.1.1). Além dos mecanismos usados nos sintagmas genitivos e possessivos – prefixos pessoais possessivos, R e NGR – em alguns predicados possessivos o morfema predicativo -di ~ -ki pode ocorrer:

(548) toka ai-s-ĩm-sikuza
você 2-R2-NGR-vestido
'O vestido é teu'.

(549) ĩ̃-n-ĩm-kupakubure-ki
1-R3-NGR-biscoito-PRED
'Eu tenho biscoito'.

(550) *Maria Helena* s-rõwa-di
N. Pes R2-casa-PRED
'Maria Helena tem casa'.

4.2.1.4 Predicados locativos

Os predicados locativos, que situam o argumento em um lugar, têm por núcleo do predicado um sintagma posposicional ou um advérbio locativo:

(551) da-z-dawa-wa da-n-õĩtɔ-hə̃
PIH-R1-boca-INES PIH-R3-língua-ENF
'A língua está na boca'.

(552) pawi kə̃nmẽ
cachimbo aqui
'O cachimbo está aqui'.

4.2.1.5 Predicados atributivos ou predicativos (estativo – predicativo)

Estamos nomeando de predicados atributivos e/ou predicativos os que fazem a atribuição ou realizam a oração intransitiva nominal. Esses predicados formam sentenças nominais feitas a partir de dois nomes, sendo que o primeiro nome serve de argumento da sentença (N ou nome da série I) e o segundo (N-cp ou nome da série II) serve de predicado, este sempre aparece com o morfema predicativo –di~ -ti ~ -ki. Ainda não conseguimos propor uma análise satisfatória para explicar a variação do morfema. Os exemplos abaixo ilustram predicados intrasitivos ou atributivos que não necessitam do uso dos prefixos pessoais da série B. Os nomes usados nesses predicados exigem apenas um argumento para satisfazer a sua valência:

(553) wa mrə̃-m-di
Eu fome-CL-PRED
‘Eu estou com fome’.

(554) tahə̃ pse-di
ela bonita-PRED
‘Ela é/está bonita’ / ‘Ela tem beleza’/’Há beleza nela’.

(555) wa pse-di
eu bonito-PRED
‘Eu sou bonito’/ ‘Estou bonito’/ ‘Tenho beleza’/’Há beleza em mim’.

(556) da-bdu pa-ki
3-pescoço comprido-PRED
‘O pescoço é comprido’.

(557) pikõ wawi-di
mulher pintura-PRED
‘A mulher está pintada’.

(558) tahə̃ kɨ-i-ti
ele água-VL-PRED
‘Ele está molhado’/ ‘Tem água nele’.

(559) toka kɨ-i-ti
você molhado-VL-PRED
‘Você está molhado’.

Os exemplos seguintes, ilustram prefixos absolutivos nos nomes predicativos ou nomes de conceitos de propriedade (N-cp). Esses nomes normalmente exigem um argumento externo e um interno:

(560) wa ĩ-kbudum-di
Eu 1-sujo-PRED
‘Eu estou sujo’.

(561) toka ai-kbudum-di
você 2-sujo-PRED
‘Você está sujo’.

(562) wa ĩ-pkẽ-pse-di
eu 1-coração-bom-PRED
‘Eu sou bom’. *lit.:* ‘ Eu tenho bom coração’.

(563) toka ai-prɛ-di
você 2-vermelho-PRED
‘Você está vermelho’.

Os N-cp em função de predicado podem vir codificados pela noção temporal expressa por TAMP, como ocorre com os verbos transitivos ou intransitivos da língua Xerente. Todavia, há uma restrição de ocorrência do tempo presente progressivo nas sentenças nominais e o tempo passado perfectivo é realizado pelo morfema temporal **kbɨ ~ kba**, isto é, não há o uso dos marcadores nominativos-aspectuais (TAMP) – utilizados para

marcar o passado das sentenças verbais- nas sentenças nominais. Assim, podemos afirmar que as sentenças nominais não ocorrem no modo *realis* da língua Xerente, o que nos possibilita melhor compreender porque o presente habitual faz parte do modo *irrealis* da língua Akwẽ, uma vez que as sentenças nominais dizem respeito a um estado e não a uma ação.

Os exemplos seguintes ilustram o uso de TAMP nas sentenças nominais:

(564) wa ĩ-pkẽtɔ-i-ti
eu 1-alegre-VL-PRED
'Eu estou alegre'.

*(565) toka tɛt ai-pkẽtɔ-i-ti
você 2PROG.IMP.REAL 2-alegre-VL-PRED
'Você está alegre'. [[Elicitação com exemplo hipotético, agramatical]]

(566) toka ai-mrõ kbɨ pse-di
você 2-casamento PAS.PERF bonito-PRED
'Teu casamento foi bom'.

*(567) toka ai-mrõ bɨto pse-di
você 2-casamento 2PAS.PERF.REAL.Ev bonito-PRED
'Teu casamento foi bom'. [[Elicitação com exemplo hipotético, agramatical]]

(568) wa waza ĩ-pkẽtɔ-i-ti
Eu 1FUT.IMP.IRRE 1-alegre-VL-PRED
'Eu vou ficar alegre'.

(569) wa waza nẽsi ĩ-pkẽtɔ-i-ti
Eu 1HAB.IMP.IRRE sempre 1-alegre-VL-PRED
'Eu sou sempre alegre'/'Estou sempre alegre'/'Sou alegre, sempre'.

(570) wa airɛ ĩ-pkẽtɔ-i-ti
Eu PAS.IMP 1-alegre-VL-PRED
'Eu estava alegre'.

(571) wa ø-zato dakɔtɔ
lua 3-FUT.IMP.IRRE redonda
'A lua vai ficar redonda'.

Como afirmamos em 3.1.11, a língua Xerente não tem uma classe distinta para os adjetivos. As funções adjetivais, ou conceitos de propriedade (Dixon, 2004), são realizadas pelos nomes da língua, especialmente pelos nomes da série II (N-cp), os quais são mais utilizados em função de predicado. Dessa forma, a língua Akwẽ tem uma categoria nominal predicativa que expressa conceitos básicos de propriedades que cobrem os seguintes campos semânticos dos 'adjetivos' (cf. Dixon, 1982):

a) Idade:
(572) waptɛ 'jovem, novo'
(573) wawẽ 'idoso, velho'

b) Dimensão
(574) s-awrɛ 'R2-grande'
(575) srure 'pequeno'
(576) dum 'alto'
(577) kture 'baixo'

c) Valor
(578) -pkẽpse 'bom'
(579) -kunẽ 'mau'

d) Cor
(580) rə̃ 'branco'
(581) ptɛ 'amarelo'

e) Propriedade física (582) wakrɔ ‘quente’

(583) hɨ ‘frio’

f) Propensão humana (584) -tɔ ‘alegre’

(585) -wadkɨ ‘triste’

g) Forma (586) -s-apɔtɔ ‘R2-redondo’

(587) hire ‘fino’ [-humano]

(588) warɛre ‘fino’ [-humano]

(589) wamhuite ‘fino’ [+humano]

(590) saktõ ‘grosso’ [-humano]

(591) -hɨiptɔ ‘grosso’ [+humano]

(592) parɛ ~ pa ‘comprido’

Esses nomes diferenciam-se dos verbos da língua. Verbos não podem ser núcleo de argumentos sentenciais, haja vista que essa função é específica dos nomes. Quando intransitivos, os verbos exigem o uso de prefixos pessoais, já nas sentenças nominais intransitivas, vistas anteriormente, nem todos os N-cp requerem o uso de prefixos pessoais. Também, os verbos não apresentam restrições de uso quanto à categoria modo (*realis*/*irrealis*) e muito menos se utilizam da forma **kbɨ ~ kba** para expressar o tempo passado. Conseqüentemente, os marcadores pessoais nominativos (série A) dos tempos presente progressivo e passado perfectivo diferenciam N-cp ou nomes da série II de verbos e os marcadores pessoais absolutivos (série B) são elementos de uso comum entre alguns predicados nominais e verbais, assim como os marcadores nominativos do modo *irrealis* também são usados tanto por sentenças nominais quanto verbais.

Os exemplos seguintes ilustram as diferenças entre sentenças nominais feitas com o uso de N-cp e sentenças verbais:

(593) wa ĩ-pkẽtɔ-i-ti

eu 1-alegre-VL-PRED

‘Eu estou alegre’.

(594) ka tɛt ø-kwakre
vocês 2.PROG.IMP.REAL 3-cavar
'Vocês estão cavando (algo)'.

(595) da-tɔ mə̃to ø-wi
3-alegria 3PAS.PERF.REAL.Ev 3-chegar
'A alegria chegou'.

(596) toka ai-mrõ kbɨ pse-di
vocês 2-casamento PAS.PERF bonito-PRED
'Teu casamento foi bom'.

(597) toka bɨt wakrɛ totahə̃
vocês 2PAS.PERF.REAL furar aquele
'Vocês furou aquele (alguém de quem falavam)'.

(598) wa mrə̃-m-di
eu fome-CL-PRED
'Eu estou com fome/tenho fome'.

(599) wa waza ĩ̃-mõrĩ
eu 1FUT.IMP.IRRE 1-ir
'Eu vou embora'.

Quanto à estratégia utilizada para a realização de sentenças nominais Xerente, é preciso considerar o que dizem Câmara Jr. (1959) e Beneveniste (1991) para explicação de fenômenos similares em outras línguas. Ambos autores afirmam que a definição lingüística para os verbos "ser", "estar" e "ter" em várias línguas do mundo é uma tarefa que ainda não encontrou uma resolução satisfatória. Em se tratando do verbo "ser", a situação é tão cheia de controvérsias que faz Benveniste (1991, p. 204) declarar que "todo o problema

está, ainda, tão pobremente elaborado que não se encontra nada em que seja possível apoiar-se".

O fato é que as questões em torno do verbo "ser" vão desde o questionamento de seu *status* verbal e sua característica mista ('verbo-substantivo', BENVENISTE, 1991, p. 204) até sua ausência, que caracteriza sentenças nominais.

Diante da problemática, tanto Câmara Jr. quanto Benveniste propõem dois termos distintos para as funções gramaticais do verbo "ser" (uma vez que há línguas onde existe um verbo "ser" lexical): a cópula ou morfema predicativo equivalente ao verbo "ser", que marca a identidade e a predicação existencial e atributiva, e o verbo "ser" com *status* de verbo pleno. Os dois termos são responsáveis por duas construções, eles têm funções distintas.

Neste sentido, os autores supracitados verificam, a partir das análises de muitas línguas do mundo, as estratégias utilizadas para o uso gramatica-sentencial equivalente às noções expressas pelo verbo ser. Abaixo listamos algumas delas:

a) Em Aramaico, que não possui verbo 'ser', é suficiente justapor os termos nominais do enunciado para se obter uma frase nominal, "com um traço suplementar, provável, mas desprovido de expressão gráfica que é a pausa entre os termos" (BENVENISTE, 1991, p. 206). A essa pausa é dado o valor de "signo da predicação".

Exemplos:

i) malk̲ūteh malk̲ūt 'ālam 'a sua realeza (é) uma realeza eterna'.

ii) ʼarhat̲eh din 'os seus caminhos (são) a justiça'.

(Exemplos em Benveniste, 1991, p. 206).

b) Em Semítico, o pronome pessoal exerce a função de cópula ou ligação verbal, sendo considerado, assim, como "verbos despojados de todo sentido concreto, e feitos aptos a exprimir uma relação lógica (como em português o verbo *ser*)" (CÂMARA JR. 1959, p. 209).

Exemplo:

i) /ʔe̥ sma?ana he-r?ana/ 'porque eu bom eu', isto é, 'porque eu (sou) bom'.

(Exemplo em Câmara Jr. 1959, p. 209).

c) Em determinado dialeto do Aramaíco, o pronome de 3ª. pessoa do singular é um morfema predicativo (pronome cópula-predicativo) "usado para construir predicados nominais em qualquer pessoa gramatical" (BENVENISTE, 1991, p. 206).

Exemplo:

i) ʾelāhk̲ōn hū ʾelāh ʾelāhin 'O vosso deus ele (=é) o deus dos deuses'.

(Exemplo em Benveniste, 1991, p. 206).

d) Nas línguas turcas, são os pronomes pessoais ou demonstrativos que exercem a função predicativa (Benveniste, 1991).

Exemplo:

i) män yaš män 'Eu sou jovem'. (*lit.:* 'Eu jovem eu').

ii) sän yaš sän 'Tu és jovem'. (*lit.:* 'Tu jovem tu').

(Exemplos em Benveniste, 1991, p. 207).

e) Na língua Sogdiana, o artigo **yw** 'o' cumpre a função de cópula e/ou predicativo quando usado em fim de frase (Benveniste, 1991).

Exemplo:

i) ywyz'kw nyy '**yw** ' (a lei) é extremamente profunda'.

(Exemplo em Benveniste, 1991, p. 208).

f) "Em georgiano, a predicação equivalente a 'ser' e 'ter' pode ser feita com os mesmos morfemas que efetuam os casos dativo e genitivo" (Benveniste, 1991, p. 213).

Exemplo:

i) ara ars čuen tana uprojs xut xueza puri 'Não temos mais de cinco pães'

(*lit.:* 'Não há nós-com (čuen tana) mais de cinco pães').

(Exemplo em Benveniste, 1991, p. 208).

Ainda não temos, como dissemos, uma análise satisfatória para o morfema –di e suas variações. Entretanto, com base nos exemplos teóricos arrolados (de *a* a *f*), supomos que esse morfema possa ser um artigo ou uma posposição que se especializou na função de morfema predicativo.

Os exemplos abaixo ilustram usos do morfema –di em situação diferente das apresentadas na caracterização das sentenças nominais (seções anteriores):

(600)	*Diana*-di	mə̃t	themba	mə̃t	simə̃r
	N.PEs-?	3PAS.PERF.REAL	foto	3PAS.PERF.REAL	perder
	‘Diana perdeu as fotos’.				

(601)	Supra-di	rɛ	sikakre	ĩ-kamõ
	N.Pes-?	PAS.REM	ovo	1-dar
	‘Supra dava ovos para mim’.			

É importante frisar que as questões relacionadas ao morfema –di ficam em aberto, mas o pouco já estudado nos ajuda caracterizar a sentença nominal, uma vez que esse morfema somente ocorre em sentenças verbais para tornar o verbo um nome, para efetuar o particípio (cf. seção 3.3.1.7). Dessa forma, sabemos que o morfema –di é o responsável pela predicação das sentenças nominais e é a essa função específica que nos referimos quando da descrição do morfema ou partícula –di nesta tese.

Também, iniciamos uma reflexão sobre os nomes que expressam conceitos de propriedade em Xerente (N-cp ou nomes da série II) e afirmamos, de antemão, que o assunto merece maior atenção e aprofundamento. Contudo, vimos na seção 4.1.16 a diferença entre os nomes da série I (N) e os nomes da série II (N-cp). Notamos que os (N) são comumente usados como núcleo dos sintagmas nominais, isto é, como argumentos e que os (N-cp) são usados, via de regra, como modificadores de núcleo ou como predicados. Salientamos, na referida seção, o fato dos N-cp serem responsávei pelos conceitos de propriedade existentes (cf. Dixon, 2004 e Palancar, 2006) na língua Akwẽ. Ainda, na construção das sentenças nominais, os N-cp são mais usados como determinantes ou predicados da unidade sentencial. Por fim, assinalamos que os N-cp não são adjetivos porque, mesmo quando são usados como modificadores, eles precisam estar

marcados morfossintaticamente com o morfema predicativo –di:

(602)	akɛ	prɛ-di	arɛ	srure-ki	kunẽ-z-awrɛ-di
	colar	vermelho-PRED	CONJ	pequeno-PRED	feio-R1-INTS-PRED

‘O colar vermelho é pequeno e muito feio’.

(603)	kwatbrɛmĩ	heptɔ-z-awrɛ-di	sahĩ-ktabi-di	arɛ	akwẽ-ktabi
	menino	forte-R1-INTS-PRED	valente-EVID-PRED	CONJ	índio-EVID

‘O menino muito forte e valente (de verdade) é índio (de verdade, mesmo)’.

Retomando o que já foi dito, os N-cp se diferenciam dos verbos porque

i) não exibem as flexões verbais, a codificação de TAM;
ii) podem ser argumentos ou núcleo de sintagmas nominais;
iii) podem ser usados em algumas sentenças intransitivas sem o emprego dos prefixos pessoais absolutivos.
iv) são usados para modificar N ou SN.

Todas as funções de i) a iv) não podem, em Xerente, ser preenchidas por verbos. É possível, por outro lado, nominalizar os verbos para que eles preencham tais funções. Vimos na seção 3.1.5.1 como se dão as nominalizações em Xerente.

Quanto ao que diferenciam N-cp de N, podemos dizer, por ora, que os N (ou nomes da série I) não podem preencher a função de predicado, reservada somente aos N-cp.

Enfim, o assunto é muito complexo e intrigante. Há caminhos a serem trilhados para que haja uma análise mais abragente do que a apresentada nesta tese. Vale ressaltar, entretanto, que não é possível categorizar a subclasse dos nomes, os N-cp, sem uma descrição e análise minuciosas da sintaxe da língua. Acreditamos que esse seja um dos motivos de não termos chegado a um ‘retrato’ dos N-cp que nos agradasse muito, isto é, não adentramos o quanto pretendíamos (e sabemos da necessidade de ir além) nos complexos arranjos sintáticos da língua.

Na próxima seção, tratamos dos predicados verbais da língua Xerente.

4.2.2 Predicados verbais

Uma vez que se apresentam sempre com marcadores de concordância pessoal, sobretudo para as pessoas não-singulares, os predicados verbais diferem dos nominais. Na marcação da pessoa verbal, os sufixos **-nĩ**, 1ª. pessoa não-singular (dual ou plural), e –**kwa ~ kba**, 2ª. pessoa não-singular, são obrigatórios. Os verbos intransitivos sempre exigem o uso dos prefixos pessoais absolutivos, os quais não são exigidos por alguns nomes. Outra diferença entre os núcleos dos predicados verbais e nominais Xerente está no uso de TAMP: não há restrição verbal para o uso de TAMP para o presente progressivo e nem para o passado perfectivo como ocorre nos predicados nominais. Também, os núcleos de predicados verbais não podem ser usados como núcleo de argumentos, função exercida somente por nomes. Ainda, os predicados verbais não necessitam do morfema predicativo –di para efetuar a predicação. Há poucos verbos que aceitam ser nominalizados na função de predicado a partir do uso de –di (cf. seção 3.3.1.7).

Os predicados verbais podem ter um, dois ou três argumentos; podem co-ocorrer com outros verbos em construções seriais; podem incorporar posposições; podem ser precedidos por direcionais ou modificados por advérbios ou locuções adverbiais. De acordo com o número e o papel temático dos argumentos, podemos classificar os predicados verbais em quatro tipos:

1) Predicados intransitivos - são constituídos por um argumento e pelo núcleo do predicado (verbo) que concorda com seu sujeito duplamente, pela série de marcadores pessoais da série A – nominativos (ou TAMP) – e por marcadores pessoais da série B (absolutivos) ou concorda apenas com os prefixos pessoais absolutivos, dependendo dos padrões nominativos-absolutivo ou ergativo-absolutivo:

(604) wdekrə̃ĩkuzɛkrə̃ mə̃t ø-waptə̃r
laranja 3PAS.PERF.REAL 3-cair
‘A laranja caiu’.

(605) toka bɨt he-hawi ai-waptə̃k
você 2PAS.PERF.REAL cima-ABLA 2-cair
‘Você caiu de cima’.

(606) wa waza ĩ-mõr kɨwawẽ-ku
eu 1FUT.IMP.IRRE 1-ir rio-ALA
'Eu vou pro rio'.

(607) wanõrĩ waza wa-sa-kahur-nĩ
nós 1FUT.IMP.IRRE 1NSG-comer(SG)- comer(PL)-1NSG
'Nós vamos comer'.

(608) tokanõrĩ kwa bɨt ai-s-aikwar-kwa
vocês 2NSG 2PAS.PERF.REAL 2-R2-deitar(PL)-2NSG
'Vocês deitaram'.

(609) toka tɛza ai-s-õkre
Você 2HAB.IMP.IRRE 2-R2-cantar
'Você canta'.

(610) ai-s-õkre kõdi
2-R2-cantar não
'Você não canta'.

Os predicados intransitivos podem ter por núcleo itens lexicais diferentes de verbos:

(611) nome: wa to wawẽ
N
Eu COP velho
'Eu sou velho'.

(612) nome/classificador: nõzɨ adu kwa-rə̃-di
CLAS-N
milho ainda CLAS-branco-PRED
'O milho está de vez'.
(*lit.:* " Milho ainda está com grão-branco").

(613) pronome: akwẽ airɛ saktẽ-z-awrɛ
Pro
xerente PAS.REM muitos-R1-INTS
'Os Xerente eram muitos'.

2) Predicados intransitivos estendidos com dois argumentos. O verbo concorda duplamente com o sujeito absolutivos e com o objeto de posposições comitativas, locativas e instrumentais:

(614) toka tɛza wa-i-mẽ za ai-mõr
você 2FUT.IMP.IRRE eu-VL-COM FUT 2-ir
'Você irá comigo'.

(615) kubazawrɛ mə̃t mnĩ akwẽ ø-s-õrɛ
barco 3PAS.PERF.REAL DIR Xerente 3-R2-trazer
'O barco trouxe os Xerente'.

3) Predicados transitivos com dois argumentos podem ocorrer ou com objeto direto ou com sintagma posposicional, objeto indireto. As posposições passíveis de ocorrer como núcleo desses sintagmas argumentais são: a instrumental e a comitativa. O verbo concorda com o sujeito mediante o uso dos marcadores da série A e com o objeto a partir dos marcadores da série B no padrão nominativo-absolutivo e no ergativo-absolutivo, a concordância tanto com o sujeito quanto com o objeto se dá através do uso dos marcadores da série B:

(616) ambɨnõrĩ mə̃t ponkwanẽ kuihɨ pə̃r-kwa
homem 3PAS.PERF.REAL dois jacaré matar (DU)-2NSG
'Os homens (eles dois) mataram dois jacarés'.

(617) toka tɛza ĩ-prɛkɛ
você 2HAB.IMP.IRRE 1-bater
'Você bate em mim'.

(618) toka bɨt aiktɛ-mẽ ai-sihɨ
você 2PAS.PERF.REAL criança-COM 2-brincar
'Você brincou com as crianças'.

(619) ø-te wa-sə̃-m-kõdi
3-ERG 1NSG-ver-CL-NEG
'Ele não nos viu'.

4) Predicados transitivos estendidos com três argumentos ocorrem com objeto direto e com objeto indireto. As posposições que regem o objeto indireto são dativas, ou seja, podem ser benefactiva e malefactiva:

(620) ambɨ nə̃t ambɨnõrai-wi tpenõzɛ kɨ
ele 3PAS.PERF.REAL homens-MAL anzol pegar
'Ele pegou o anzol (sem o consentimento) dos homens'.

(621) dakmə̃dkɨkwa mə̃t sadu saktẽarɛ ĩ-m-sõ(mrĩ)
chefe 3PAS.PERF.REAL colar muitos 1-BEN-dar
'O chefe me deu muitos cocares'.

4.3 Voz gramatical

Há em Xerente quatro vozes gramaticais: ativa, reflexiva, recíproca e média. Segundo Câmara Jr. (1959), a categoria gramatical chamada de voz expressa a relação entre sujeito e objeto de um verbo, sem mudar a significação da sentença. As duas vozes mais encontradas nas línguas conhecidas são a ativa e a passiva. Na ativa, o sujeito do verbo é o agente de uma ação que se exerce sobre um objeto, o que permite denominar de sentença ou oração ativa o contexto em que se expressa uma ação ativa. Na voz passiva, temos o oposto do que ocorre na ativa, isto é, o verbo controla a ação, sendo o sujeito 'afetado'(ou paciente/passivo) e recebe o mesmo tratamento dado ao objeto da voz ativa.

A categoria de voz está, portanto, ligada à classe dos verbos e ao comportamento destes na sentença. A sentença prototípica na língua Akwẽ é da voz ativa. Entretanto, os verbos podem ocorrer em construções nas vozes reflexiva, recíproca e média. Essas construções estão bem próximas das ativas: a reflexiva e a recíproca estão próximas das transitivas e a média situa-se próxima da intransitiva.

Não há na língua o uso da voz passiva. Ao elicitarmos dados para verificar um possível uso de passivas, encontramos sentenças como as que descrevemos abaixo:

(622)	kri	to	wa	wato	ø-kmanə̃
	casa	CIT	eu	1PAS.PERF.REAL.Ev	3-fazer

'A casa foi feita por mim'. *lit.: '*A casa, eu a fiz (posso provar)'.

(623)	kdɨ	to	toka	bɨto	kmẽ	kɨ
	anta	CIT	você	2PAS.PERF.REAL.Ev	PARTT	pegar

'A anta foi pega por você'. *lit.:* 'A anta, você a pegou (eu vi)'.

A voz ativa, na qual o sujeito demonstra volição ou controle sobre a ação, ocorre nas sentenças abaixo:

(624) tahə̃ tɛt ø-n-õkre
ele 3PROG.IMP.REAL 3-R3-cantar
'Ele está cantando'.

(625) kdɨ wato kmẽ kɨ
anta 1PAS.PERF.REAL PARTT pegar
'Eu peguei a anta'.

4.3.1 A voz reflexiva

Tradicionalmente, tem-se definido uma sentença reflexiva como aquela em que o sujeito age sobre si mesmo, isto é, considerando suas funções semânticas, os sujeitos e objetos de um evento ou de um estado são co-referentes (Givón, 2001).

Em Xerente, o reflexivo é marcado pelo pronome reflexivo **{si}** que ocorre como co-referencial a outro nominal (nome ou pronome) da sentença na qual é usado. Conseqüentemente, esse pronome não apresenta marca de pessoa ou de concordância, uma vez que a forma {si} é invariável. Os exemplos, a seguir, dão mostras do reflexivo objeto direto:

(626) tanõrĩ ponkwanẽ ambɨ mə̃t kuw̃ĩde kmẽ shɨ
aqueles dois homem 3PAS.PERF.REAL buriti PARTT cortar
'Aqueles dois homens cortaram buriti'.

(627) tanõrĩ mə̃t t-si-shɨri
eles 3PAS.PERF.REAL 3-REF-cortar
'Eles se cortaram'.

(628) ambɨ mə̃t pɔnẽ kmẽ wĩ
homem 3PAS.PERF.REAL veado PARTT
matar
‘O homem matou o veado’.

(629) ambɨ mə̃t t-si-wĩr
homem 3.PAS.PERF.REAL 3-REF-matar
‘O homem se matou’.

(630) pikõ mə̃t wdenrõ shɨr
mulher 3PAS.PERF.REAL corda cortar
‘A mulher cortou a corda’.

(631) pikõ mə̃t t-si-shɨr
mulher 3PAS.PERF.REAL 3-REF-cortar
‘A mulher se cortou’.

O Reflexivo benefactivo ocorre com o uso da posposição benefactiva –mã e a valência da sentença se mantém. No exemplo (632), o beneficiário é o próprio sujeito e no (633) o beneficiário inclui o sujeito:

(632) wa wat sikuza ĩ-si-mə̃ kmẽ kɨ
eu 1PAS.PERF.REAL vestido 1-REF-DAT PARTT comprar
‘Eu comprei o vestido para mim mesma’.

(633) wa wat rɔ wa-si-mə̃ ka du
eu 1PAS.PERF.REAL coisa 1NSG-REF-DAT PARTT comprar(PL)
‘Eu comprei coisas para nós’.

No reflexivo comitativo também não há redução de valência. Ele é efetuado mediante a posposição comitativa -mẽ:

(634)	*Sinval*	mə̃t	*Lara*	ø-si-mẽ	saprõ	wa-z-akru-i-ku
	N.Pes	3PAS.PERF. REAL	N.Pes	3-REF-COM	levar	1NSG-R3-aldeia-VL- ALA

‘Sinval levou Lara consigo para nossa aldeia’.

(635)	wa	waza	ai-s-aprõ	ĩ-si-mẽ	krirə̃-ku
	eu	1FUT.IMP.IRRE	2R2-levar	1-REF-COM	Palmas-ALA

‘Eu vou levar você comigo para Palmas’.

4.3.2 Voz recíproca

O pronome **{zus}** indica que a ação é mútua entre dois indivíduos, isto é, indica a voz recíproca, caracterizada por possuir dois eventos que têm como sujeito do primeiro o objeto do segundo ou a direção inversa, um agindo sobre o outro:

(636)	ambɨ	t-si-mə̃t	t-mẽrɨmẽ-zus
	homens	3-REF-PAS.PERF.REAL	3-falar-REC

‘Os homens conversavam (uns com os outros)’.

(637)	tɛt	mẽmẽ-zus	zaku	ø-te	ø-sasar
	3PROG.IMP.REAL	dizer-REC	após	3-ERG	3-caçar

‘Eles disseram (um ao outro) que vão caçar (algo)’.

4.3.3 Voz média

Segundo Lyons (1979), a voz média é aquela em que o sujeito da frase é ao mesmo tempo o objeto da ação indicada pelo verbo, ou seja, o argumento da sentença é ao mesmo tempo sujeito e objeto, quer este sujeito seja ou não o agente da sentença. Nesse sentido, afirma Lyons, a voz média aproxima-se da voz passiva, na qual o sujeito sofre a ação do verbo mas não pratica a ação.

A voz média é representada em Xerente mediante construções reflexivas, as quais necessitam maior atenção e estudos futuros. Os exemplos abaixo ilustram o uso da medialidade:

(638) kuba mə̃t ø-sĩ-pru
barco 3PAS.PERF.REAL 3-MED-quebrar
'O barco quebrou-se'.

(639) kbadikre-z-awrɛ mə̃t t-si-wazu
rede-R1-grande 3PAS.PERF.REAL 3-MED-rasgar
'A rede grande rasgou-se'.

4.4 Condicionamento sintático de formas verbais

Há em Xerente três formas de apresentação de temas verbais: tema invariável, tema com duas formas e temas com três formas. Uma possível explicação para que as formas sofram variação em formas longas e breves ou supletivas pode advir do movimento sintático das sentenças. De acordo Cavalcante (1987), a supleção é um processo de pluralização verbal que se caracteriza pela alteração total da forma do verbo, não suscetível a reduzir-se a nenhuma regra fonológica, ou em que a alteração parcial observável é única na língua. Já para os verbos de duas formas, de acordo com Dourado (2001), a forma longa do verbo é que apresenta sufixos nos temas verbais, tais como –ri, -ni, -ti, etc.. Esses afixos são acrescidos aos verbos em determinadas situações de uso da língua em que ocorrem. A forma longa é, assim, a forma que contem afixos e a forma curta a que é desprovida desses afixos. A seguir, tratamos dos

temas verbais variáveis da língua Xerente.

4.4.1 Formas supletivas

A língua Xerente apresenta temas verbais alternados para expressar noções diversas. Segundo Croft (1990, p. 75), "a supleção ocorre quando não há relação entre duas formas listadas em um paradigma morfológico". Cavalcante (1987) afirma ser a supleção um fenômeno gramatical em que os temas verbais sofrem variação morfofonológica mas mantém significados semelhantes para as noções expressadas, isto é, o significado da ação verbal é praticamente o mesmo para todas as variações temáticas (ou para as formas variadas de entradas lexicais) do verbo.

Entendemos que há dois caminhos para explicar o fenômeno da supletividade verbal da língua Xerente. A primeira possibilidade aponta uma proximidade de análise do fenômeno na língua Xerente (Jê) com a análise feita para a língua Kaingang (Jê). Nesta, o fenômeno da supletividade verbal se manifesta a partir de ações únicas ou plurais. De acordo com D'Angelis (2004, p. 80),

> o que se marca no verbo é a multiplicidade da **ação** e não a pluralidade de Sujeitos ou Objetos (sejam eles, seres animados ou inanimados). Pluralidade é expressa de outro modo, no próprio SN e estes, por sua vez, também podem registrar a *multiplicidade* ou *repetições de ações*.

D'Angelis chega a essa conclusão, principalmente, levando em consideração a noção de concordância. Para ele, "não existe concordância no Kaingáng, mas sim a expressão da noção semântica da ação múltipla (repetida ou recorrente) *versus* ação única" (D'ANGELIS, 2004, p. 72).

A segunda possibilidade de análise indica que o fenômeno é resultado da concordância do verbo com seus argumentos. Conseqüentemente, o verbo alterna suas raízes para concordar com seus argumentos, apresentando, assim, três números: singular, dual e plural. Acreditamos ser essa a via mais adequada para a análise do fenômeno da supletividade Xerente, haja vista que, nas sentenças dessa língua, só podemos saber se o argumento verbal é singular, dual ou plural pela forma do verbo, isto é, pela concordância disparada pelo argumento e materializada na forma supletiva (no processo de supleção).

Os exemplos seguintes dão mostras da concordância dos verbos transitivos com seus argumentos (objeto direto):

(640) kɨ̃ bɨt zekrenẽ
água 2PAS.PERF.REAL beber (SG)
(O) (A) (V) – SG
‘Você bebeu a água’.

(641) tokanõrĩkwa tɛza kɨ̃ zekrẽnẽ-kwa
vocês 2HAB.IMP.IRRE água beber(SG)-2NSG
(A) (A) (O) (V) - SG
‘Vocês bebem a água’.

(642) toka tɛza saktẽarɛ kɨ̃-i-kahuri
você 2HAB.IMP.IRRE muito água-VL-beber
(A) (A) PARTT (O) - (V)-PL
‘Você bebe muita água’.

(643) tokanõrĩkwa tɛza saktẽarɛ kɨ̃-i-kahur-kwa
vocês 2HAB.IMP.IRRE muito água-VL-beber(PL)-2NSG
(A) (A) PARTT (O) - (V) - PL
‘Vocês bebem muita água’.

(644) wanõrĩ wat kɨ̃ zekrenẽ-ni
nós 1PAS.PERF.REAL água beber(SG)-1NSG
(A) (A) (O) (V) - SG
‘Nós bebemos a água’.

(645) wanõrĩ wat saktẽarɛ kɨ̃-i-kahur-nĩ
nós 1PAS.PERF.REAL muito água-VL- beber-PL-1NSG
(A) (A) PARTT (O) -(V) - PL
‘Nós bebemos muita água’.

Nos exemplos (641) e (644), citados anteriormente, vemos ações múltiplas acontecendo, mas o verbo concorda com o argumento interno que é marcado pelo número singular. Já nos exemplos (642) e (645), o objeto é plural, o que leva a ação a ser múltipla e, também, faz o verbo se apresentar na sua forma plural. Nos exemplos seguintes, podemos ver como se apresentam as formas singulares, duais e plurais:

(646) wa waza ø- mẽ
eu 1HAB.IMP.IRRE 3- jogar
(A) (A) (O) - (V)-SG
'Eu jogo (algo)'.

(647) wanõrĩ waza smĩsi knẽ mẽ-nĩ
nós 1HAB.IMP.IRRE um pedra jogar (SG)-1NSG
(A) (A) PARTT (O) (V)-SG
'Nós jogamos uma pedra'.

(648) waza pɔnkwanẽ knẽ wamzu
1HAB.IMP.IRRE dois pedra jogar(DU)
(A) PARTT (O) (V)-DU
'Eu jogo duas pedras'.

(649) wa waza saktẽarɛ knẽ sə̃mrə̃
eu 1HAB.IMP.IRRE muito pedra jogar (PL)
(A) PARTT (O) (V) -PL
'Eu jogo muitas pedras'.

(650) wanõri pɔnkwanẽ waza knẽ wamzur-nĩ
nós dois 1HAB.IMP.IRRE pedra jogar(DU)-1NSG
(A) PARTT (A) (O) (V)-DU
'Nós jogamos duas pedras'.

(651) wanõrĩ waza saktẽarɛ knẽ smrə̃-nĩ
nós 1HAB.IMP.IRRE muito pedra jogar(PL)-1NSG
(A) (A) PARTT (O) (V)-PL
‘Nós jogamos muitas pedras’.

Há, nos exemplos acima, a clara indicação de que a noção de número está relacionada com o objeto. Assim, nesses exemplos é o objeto que expressa o número singular, dual ou plural. Outro fato evidente nas referidas sentenças é o predomínio do caso nominativo-partitivo. O estudo desse caso gramatical pode trazer mais esclarecimentos ao fenônemo da supletividade verbal. Pretendemos desenvolver estudos sobre o caso partitivo em nossas próximas incursões sobre a língua Xerente.

Os exemplos abaixo ilustram o uso da supletividade em sentenças intransitivas. Nestas sentenças, a concordância se dá com o sujeito ou argumento intransitivo:

(652) wa waza ĩ-mõrĩ
eu 1FUT.IMP.IRRE 1-andar
(S) (S) (S)-SG – (V)-SG
‘Eu vou andar’.

(653) wanõrĩ waza wa-nẽm-nĩ
nós 1FUT.IMP.IRRE 1NSG-andar(DU)-1NSG
(S) (S) (S)-DU (V)-DU
‘Nós dois vamos andar’.

(654) wanõrĩ waza tmõ-wa-mõr-nĩ
nós 1FUT.IMP.IRRE mover-se (PL)-1NSG-andar (SG)-1NSG
(S) (S) (V)-PL (S)-NSG (V)-SG
‘Nós vamos andar’.

(655) tokanõrĩ tɛza tmõ-ai-mõr-kwa
vocês 2FUT.IMP.IRRE mover-se (PL)- 2NSG- andar (SG) -2NSG
(S) (S) (V)-PL (S)-NSG (V)-SG
‘Vocês vão andar’.

(656)	wa	wat	ĩ-krə̃iwatɔbrɔ
	eu	PAS.PERF.REAL	1-aparecer (SG)
	(S)	(S)	(S)-SG – (V)-SG
	‘Eu apareci’.		

(657)	wanõri	wat	wa-krə̃iwarbɛ-nĩ
	nós	1PAS.PERF.REAL	1NSG-aparecer (PL)-1NSG
	(S)	(S)	(V)-PL (S)-NSG (V)-SG
	‘Nós aparecemos’.		

(658)	wanõrĩ	wat	wa-krə̃ipusi-nĩ
	nós	1PAS.PERF.REAL	1NSG-aparecer(DU)-1NSG
	(S)	(S)	(S)-DU (V)-DU
	‘Nós dois aparecemos’.		

Se considerarmos, de fato, que as formas supletivas obedecem ao sujeito do verbo intransitivo ou ao objeto do verbo transitivo temos uma cisão semântica no sistema. Esse traço faz com que (S) se comporte em um campo morfo-sintático-semântico como (O), o que os torna diferente de (A) que não rege a mudança de forma da classe dos verbos de temas múltiplos. Necessário também é notar que só aparecem junto aos verbos transitivos para indicar (O) as mesmas formas que indicam (S) nos verbos intransitivos, sendo que (A) não aparece em verbos transitivos como correferente de seus objetos, uma vez que já estão marcados pelos pronomes livres e por marcadores pessoais da série A. Esse traço, como já observamos, torna o sitema da língua nominativo-absolutivo.

Segundo Dixon (1979), as diferenças de tratamento entre (A), (S) e (O) não constituem um fenômeno superficial, restrito ao plano morfológico, mas se estendem por toda a estrutura sintático-semântica das línguas. Considerando essa afirmação, parece-nos possível propor que o Xerente é uma língua que opera com o padrão nominativo-absolutivo no campo morfológico e um padrão ergativo-absolutivo nos níveis sintático e semântico, os quais acarretam alterações no padrão morfológico. Assim sendo, afirmamos que essa língua possui um sistema misto (*split*) que reúne características dos sistemas nominativo-absolutivo e ergativo-absolutivo. A explicação que Dixon (1979 e 1994) dá

para ocorrência de fenômenos como os que propomos ao Xerente é que há, nas línguas com *split*, três fatores que condicionam as cisões, a saber: i) o conteúdo semântico do verbo; ii) o conteúdo semântico de S, A e O; e iii) e o tempo ou aspecto da sentença. Vemos que, no caso dos verbos supletivos Xerente, o conteúdo semântico de S ou O desencadeia uma cisão que pode ser nomeada de ergativa.

Assim, a hipótese de concordância nos permite admitir que há uma forma de "ergatividade semântica" expressa pelas formas supletivas verbais, uma vez que elas alinham S e O e diferenciam A. Por outro lado, se levarmos em conta a multiplicidade de ações, é plausível afirmar que há um só padrão, o qual "superficialmente faz variar a concordância ora com sujeito (S), ora com objeto direto (O)" (D'ANGELIS, 2004, p. 75). A questão é complexa e merece ser aprofundada, o que pretendemos fazer em estudos futuros.

4.4.2 Verbos com duas formas

Entre outros aspectos em comum, as análises de algumas línguas da família Jê (Dourado, 2001, Ferreira, 2003 e Alves, 2004), de modo geral, apresentam uma classe de verbos que possuem dois temas: um com forma breve e outro com forma longa. Na formação do tema longo, são acrescidos à raiz verbal formas lingüísticas variadas, das quais **-ri** consta em quase todas as línguas. Assim, em Xerente, por exemplo, temos as formas breve e longa, respectivamente, do verbo ir: **mõ** e **mõrĩ.**

A explicação mais usada para analisar o fenômeno se baseia na oposição temporal: passado x não-passado ou aspectual: perfectivo x imperfectivo. Para Dourado (2001, p. 30) "na forma longa do verbo, os sufixos **–ri ~ -ni ~ -ti**, ou a **reduplicação** da última sílaba codificam o aspecto perfectivo, e na forma breve, o morfema **zero** codifica o modo imperfectivo para uma classe de verbos em Panará (Jê)". De acordo com Ferreira (2003, p. 86), em Parkatejê (Jê), "formas longas ocorrem em orações de tempo passado e aspecto perfectivo, enquanto as formas curtas ocorrem com os demais tempos e aspectos". E segundo Alves (2004, p. 150), em Apãniekrá (Jê), a forma não-finita (longa) do verbo "ocorre nas sentenças independentes que expressam o tempo passado simples (ou passado 'vivido')".

Em Xerente, tanto no passado quanto em outros tempos – ou tanto no perfectivo quanto em outros aspectos –, as formas verbais usadas para expressar ações de argumentos singulares aparecem ora na forma longa, ora na forma breve, como se pode ver nos exemplos abaixo:

(659) tahə̃ mə̃t ø-mõ
ele 3PAS.PERF.REAL 3-ir
'Ele foi'.

(660) tahə̃ ø-za ø- mõr̃i
ele 3-FUT.IMP.IRRE 3-ir
'Ele irá'.

(661) tahə̃ mə̃t kɨwawẽ-ku ø-mõ
ele 3PAS.PERF.REAL rio-ALA 3-ir
'Ele foi para o rio'.

(662) tahə̃ mə̃t kɨwawẽ-ku ø- mõr̃i
ele 3PAS.PERF.REAL rio-ALA 3-ir
'Ele foi para o rio'.

(663) wa waza kɨwawẽ-ku ĩ-mõr̃i
eu 1FUT.IMP.IRRE rio-ALA 1-ir
'Eu vou para o rio'.

(664) wa wat kɨwawẽ-ku ĩ-mõr̃i
eu 1PAS.PERF.REAL rio-ALA 1-ir
'Eu fui para o rio'.

(665) wa wat wa-si-mə̃ rɔ ka du (ri)
eu 1PAS.PERF.REAL 1NSG-REF-BEN coisa PARTT comprar
'Eu comprei coisas para nós'.

(666) toka bɨp tɨkə̃hə̃ kmə̃nə̃rĩ
vocês 2PAS.INT isto fazer
'Foi você quem fez isto?'.

(667) toka tɛza kuba kmə̃nə̃rĩ
você 2HAB.IMP.IRRE canoa fazer
'Você faz canoa'.

(668) ambɨ mə̃t t-si-wĩr
homem 3PAS.PERF.REAL 3-REF-matar
'O homem se matou'.

(669) mə̃rĩ mə̃-p waptə̃r
que 3PERF-INT cair
'Algo caiu?'.

Estatisticamante, porém, há uma constância no emprego das formas longas para as sentenças declarativas que possuem argumentos no dual ou no plural, independente do tempo, do aspecto ou do modo em que se encontram tais sentenças. Os exemplos abaixo ilustram o uso generalizado de formas longas para o dual ou plural:

(670) wanõrĩ waza wa-sa-kahur-nĩ
nós 1FUT.IMP.IRRE 1NSG-comer(SG)-comer (PL)-1NSG
'Nós vamos comer'.

(671) kuburɛ wat wanõrĩ hesukanmẽzɛ kɨr-nĩ
todos 1PAS.PERF.REAL nós pasta pegar(SG)-1NSG
'Nós todos pegamos uma pasta'.

(672) kuzɨ rɔkɔ waza ø-kahir-ñĩ
fogo acender 1FUT.IMP.IRRE 3-cozinhar-1NSG
‘Faça fogo que nós vamos cozinhar (algo)’.

(673) wanõrĩ wat ø-sakur-ñĩ
Nós 1PAS.PERF.REAL 3-soprar
‘Nós sopramos (algo)’.

(674) wanõrĩ wat wa-si-shɨri-ñĩ
Nós 1PAS.PERF.REAL 1NSG-REF-cortar-1NSG
‘Nós nos cortamos’.

(675) kanõrĩ kwa tɛza ai-waptkə̃-kwa
vocês 2NSG 2HAB.IMP.IRRE 2-cair-2NSG
‘Vocês caem (sempre)’.

(676) tanõrĩ ø-za ø-waptə̃r
Eles 3-HAB.IMP.IRRE 3-cair
‘Eles caem (sempre)’.

(677) kanõrĩ kwa tɛt ai-simə̃sar-kwa
vocês 2NSG 2PROG.IMP.REAL 2-estar.em.pé-2NSG
‘Vocês estão em pé’.

(678) tanõrĩ tɛt ø-simə̃sa (ri)
eles 2PROG.IMP.REAL 3-estar.em.pé
‘Eles estão em pé’.

Ao que tudo indica, o fato de o verbo apresentar um tema com forma longa ou curta marca uma concordância entre verbo e argumento, isto é, marca-se a correspondência entre argumento e predicado. Os exemplos acima atestam a concordância verbal a partir da “desinência” -ri e suas variantes.

Pela nossa observação, o mais comum é que o argumento de terceira pessoa venha marcado pela ausência da desinência –ri. Todavia, há casos em que a primeira pessoa também recebe verbo sem a referida desinência. Só não encontramos a segunda pessoa sem a desinência. Assim, um trabalho quantitativo poderá dizer se de fato nas pessoas singulares a desinência marca concordância com a primeira ou segunda pessoa. Por ora, acreditamos que ela marca a concordância com a segunda pessoa singular e com as demais pessoas plurais. Contudo, não podemos afirmar categoricamente tal fato, uma vez que não fizemos ainda uma análise quantitativa das sentenças que apresentam verbos que possuem forma longa e forma curta.

4.5 Aspectos morfossintáticos e semânticos – estrutura da sentença

Nesta seção, focamos elementos importantes na composição da sentença. São elementos formalmente distintos, marcados morfossintaticamente e com papéis semânticos (ou temáticos) definidos. Fazem parte desses elementos o prefixo relacional (R) e as posposições usadas para marcar casos gramaticais e locativos.

4.5.1 Prefixos relacionais da língua Akwẽ-Xerente (Jê)

Há na língua Akwẽ um processo morfossintático de marcação de dependência de um determinante em relação ao núcleo de uma construção sintática. Esse processo é realizado mediante o uso de prefixos flexionais acrescentados ao núcleo sintático. Rodrigues (2001) denomina essas pró-formas de *prefixos relacionais.* Objetivamos apresentar nesta seção como os prefixos relacionais ocorrem na língua para compreensão do fenômeno ainda não estudado na referida língua.

A construção sintática configura-se do sintagma a sentenças simples e complexas, ou seja, uma construção sintática pode formar os sintagmas ou as sentenças de uma língua. Apontamos anteriormente que os sintagmas são porções existentes em uma sentença. Já as sentenças são porções que se encaixam nos parágrafos e estes se encaixam nos textos produzidos numa determinada comunidade de fala (obedecendo à competência comunicativa, a qual dita variedades a ser usadas, turnos de conversação etc.). Desta forma, podemos dizer que há construções sintáticas menores que se encaixam nas maiores

e juntas formam os eixos sintagmático e paradigmático do sistema lingüístico (cf. seção 4.1). Assim, os prefixos relacionais podem atuar no âmbito dos sintagmas, das sentenças, do parágrafo e do texto. E, com isso, apresentam uma abragência dinâmica, a qual confere ao prefixo relacional um escopo flexível que depende das regras paradigmáticas e sintagmáticas do sistema lingüístico em que são usados para serem mapeados.

Segundo Cabral e Costa (2004), os prefixos relacionais ficaram conhecidos na literatura sobre línguas indígenas como morfemas relacionais a partir dos primeiros trabalhos de Rodrigues, os quais datam de 1952 (Rodrigues, 1952, apud Cabral e Costa (2004)). Rodrigues (2001) afirma que os prefixos relacionais têm basicamente as seguintes funções:

a) relacionar um núcleo (verbo, nome e posposição) a um argumento para estabelecer relações de dependência entre o núcleo (ou elemento determinado) e o argumento (o determinante ou dependente), marcando noções de contigüidade ou não contigüidade entre o núcleo e seu argumento;
b) indicar que o determinante não contíguo é correferente do sujeito da oração em que se acha o sintagma de dependência; e
c) indicar que o determinante não está contíguo e não é correferente do sujeito da oração, mas é, além disso, um ser humano indeterminado.

De acordo com Grannier (2005, p. 139), a denominação relacional dada aos prefixos, sobretudo aos do Guarani Antigo estudados pela autora, se justifica porque "os prefixos assinalam relações entre os núcleos e seus argumentos", marcando, inclusive funções argumentais, e também porque ao "remeter a um constituinte sentencial que pode ser ou não ser argumento do núcleo do predicado ao qual se liga, o prefixo relacional aponta para a *função* desse constituinte que, por sua vez, permite identificar o antecedente".

Já para Duarte (2005), os prefixos relacionais da língua Tenetehara denotam noções discursivas como topicalização ou focalização, marcando morfossintaticamente noções de adjacência ou não adjacência (contigüidade ou não contigüidade) do argumento em relação ao seu núcleo e o movimento do objeto (argumento verbal) para posição de foco especificado.

Vê-se que há, portanto, um conjunto complexo de indicações das relações entre núcleos e argumentos que é realizado pelos prefixos relacionais de várias línguas, especialmente das que estão filiadas aos troncos Tupi, Karíb e Macro-Jê (cf. Rodrigues, 2001). São essas relações que nos interessam descrever e analisar para entender os prefixos relacionais da língua Akwẽ-Xerente (Jê).

4.5.1.1 Funções desempenhadas pelos prefixos relacionais da língua Akwẽ

Em Akwẽ, os prefixos relacionais ocorrem em núcleos nominais e verbais que são iniciados por vogal. Nos núcleos iniciados por consoantes não há ocorrência de prefixos relacionais.

São dois os prefixos relacionais que indicam relações entre núcleos e argumentos da língua Xerente: {z} e {s}. Para fins de identificação, denominamos tais prefixos de R1= z, R2= s, para os quais descrevemos, abaixo, os contextos em que são usados.

4.5.1.2 O uso dos prefixos relacionais nos sintagmas e predicados nominais

Os sintagmas nominais em Xerente são constituídos de um núcleo nominal (nome ou pronome) obrigatório e de elementos periféricos opcionais. Os elementos periféricos são nominais possuidores, nominais modificadores (N-cp atributivos) e pronomes adnominais. Na modificação do núcleo, os elementos periféricos podem assumir diferentes ordens. Os pronomes adnominais e os nominais possuidores precedem os nomes (exemplos 679 e 680) e os nomes modificadores o seguem (exemplo 681):

(679)	kə̃hə̃	soĩtɛ	waptɛ
	esta	arara	nova
	‘Esta arara nova’.		

(680) ĩ-n-ĩm-wakrowde
1-R1-NGR-arco
‘Meu arco’.

(681) kri rə̃
casa branca
‘Casa branca’.

4.5.1.3 Prefixos relacionais nos sintagmas nominais possessivos

Nos sintagmas nominais possessivos ou genitivos formados a partir dos nominais possuidores e o núcleo, o relacional s- assinala a posse da 2ª. pessoa do singular ou não-singular e o relacional z- das 1as. pessoas, 3as. pessoas definidas e 3as. pessoas indefinidas.

Assim, os relacionais indicam o possuidor:

(682) ai- s- akrui
2- R2- aldeia
‘Tua aldeia (aldeia de você)’.

(683) ai-s-ɛparkwa-i-kwa
2-R2-mãe-VL-2NSG
‘Mãe de vocês’.

(684) ai-s-ĩm-sika
2-R2-NGR-galinha
‘Tua galinha’.

(685) da- z- akrui
PIH- R1- aldeia
‘A aldeia/ aldeia de alguém’.

(686) da-z-ɛparkwa

PIH-R1-mãe

‘A mãe/mãe de alguém’.

(687) ĩ-z-akrui

1-R1-aldeia

‘Minha aldeia’.

(688) ĩ-z-ɛparkwa

1-R1-mãe

‘Minha mãe’.

(689) ambɨ-z-akrui

3 (homem)-R1-aldeia

‘Aldeia dele’.

(690) pikõ-z-ɛparkwa

3 (mulher)-R1- mãe

‘Mãe dela’.

(691) ĩ-z-ahi

1-R1-cabelo

‘Meu cabelo’.

(692) wa – z- ahi

1NSG-R1-cabelo

‘Nossos cabelos’.

(693) da- z-ahi

PIH-R1- cabelo

‘Cabelo de alguém’.

(694) ai –s – ahi
2-R2-cabelo
‘Teu cabelo’.

(695) tahə̃ z-ahi
ele R2-cabelo
‘Cabelo dele’.

4.5.1.4 Atribuição e prefixos

Os nomes que são usados em função atributiva (nomes da série II ou N-cp) do núcleo de um sintagma nominal requerem exclusivamente o uso do relacional R1 ou z-:

(696) kuba z-awrɛ
barco R1-grande
‘Barco grande’.

(697) dakrə̃ z-aptɔ
cabeça R1-redonda
‘Cabeça redonda’.

4.5.1.5 Predicados nominais com prefixo relacional

O predicados nominais declarativos são identificados pelo uso do sufixo de predicação (ou estativização) –di~ -ki~ -ti, o qual pode tornar os predicados nominais em existenciais ou possessivos. Nestes, o prefixo relacional z- ocorre para indicar 1ª. pessoas, 3ª. pessoa correferente e pessoa indefinida e o relacional s- para 2ª.pessoa ou 3ª. não-correferente após sintagma nominal:

(698) wa ĩ-z-awrɛ-di
eu 1-R1-grande-PRED
‘Eu sou grande’.

(699) wanõrĩ wa-z-awrɛ-di
nós 1NSG-R1-grande-PRED
‘Nós somos grandes’.

(700) wa ĩ-z-ɛparukwa-i-di
Eu 1-R1-mãe-VL-PRED
‘Eu tenho mãe’.

(701) wa ĩ-z-ɛ-ki
Eu 1-R1-dor-PRED
‘Eu tenho dor’ ou ‘Eu estou com dor’.

(702) ai-s-ĩm-sikuza-di
2-R2-NGR-vestido-PRED
‘Você tem vestido’ ou ‘O vestido é teu’.

(703) ka ai-s-awrɛ-di
você 2-R2-grandeza-PRED
‘Você tem grandeza’ ou você é grande’.

(704) ka ai-s-awrɛ-di
você 2-R2-grande-PRED
‘Você é grande’.

(705) srenõmrĩ s-ĩm-bru-di
N.Pes R2-roça-PRED
‘Srênõmrĩ tem roça’ou ‘A roça é do Srênõmrĩ’.

(706) tahə̃ s-awɾɛ-di
ele R2-grande-PRED
‘Ele é grande’.

(707) wa s-aptɔdi
lua R2-redonda-PRED
‘A lua é redonda’.

Se os predicados especificados forem negativos, o prefixo relacional z- indica a 1ª. pessoa e o s- as demais pessoas, ou seja, não há correferência entre 1ª. e 3ª. se a sentença for negativa:

(708) wa ĩ-z-ɛ kõdi
Eu 1-R1-dor NEG
‘Eu não tenho dor’ ou ‘Eu não estou com dor’.

(709) ĩ- z-ɛparkwa-i-kõdi
1-R1-mãe-VL-NEG
‘Eu não tenho mãe’.

(710) ai-s-ĩm-sikuza kõdi
2-R2-NGR-vestido NEG
‘Você não tem vestido’.

(711) ai –s-õitɔ kõdi
2-R2-língua NEG
‘Você não tem língua’.

(712) samũru s-rõwa kõdi
N.Pes R2-casa NEG
‘Samũru não tem casa’.

(713) tahə̃ s-tikru-i-kõdi

Ele R2-raiva-VL-NEG

‘Ele não tem raiva’ ou ‘ele não está com raiva’.

Dados os exemplos em seus contextos de usos, podemos sintetizar a relação estabelecida entre os nomes e o uso do prefixo relacional no seguinte quadro:

Quadro n. 9 - Prefixos Relacionais usados nos nomes

Contexto de uso	Função dos Prefixos Relacionais	
	z-	s-
Sintagma nominal possessivo	-2ª.ps	+2ª. ps
Sintagma nominal atributivo	+	-
Predicado nominal	+1ª.ps e + 3ª.ps cor.	+ 2ª. ps e + 3ª. ps n-cor.
Predicados nominais negativos	+1ª. ps	-1ª.ps

4.5.2 Predicados verbais e o uso de prefixos relacionais

A seguir, apresentamos o quadro-síntese de ocorrência dos prefixos relacionais nos predicados verbais.

Quadro n. 10 - Predicados verbais e o uso de Prefixos Relacionais

Contexto de uso	Função dos Prefixos Relacionais	
	z-	s-
Predicado Intransitivo	-2ª.ps	+2ª. ps
Predicado Transitivo	+1ª.ps	-1ª.ps

Nos predicados verbais intransitivos declarativos ou negativos, entre o prefixo de concordância do núcleo verbal com o sujeito e o próprio núcleo, ocorre um prefixo que relaciona o verbo intransitivo ao seu argumento, isto é, o prefixo relacional indica o sujeito do verbo intransitivo, s- indica o sujeito de 2ª. pessoa e z- indicam pessoas diferentes da 2ª.:

(714) toka bɨt ai-s-ɛbrɛ
você 2PAS.PERF.REAL 2-R2-entrar (SG)
‘Você entrou’.

(715) tanõrĩ mə̃t ø-z-asi
Eles 3PAS.PERF.REAL 3-R1-entrar (DU)
‘Eles (os dois) entraram’.

(716) wa wat ĩ-z-a
Eu 1PROG.PERF.REAL 1-R1-estar.em.pé
‘Eu estou em pé’.

(717) tɛza ai-s-õkre
2FUT.IMP.IRRE 2-R2-cantar
‘Você vai cantar’.

(718) wanõrĩ wa-z-brɛ kõdi
nós 1NSG-R1-entrar NEG
‘Nós não entramos’.

Nos predicados transitivos, os prefixos relacionais indicam o objeto direto. O prefixo z- indica objeto de 1ª. pessoa contígua ou não contígua e s- indica objeto de 2ª. e 3ª. pessoas adjacentes ou não adjacentes:

(719) wa wato ai-s-aihɨ
eu 1PAS.PERF.REAL.Ev 2-R2-chamar
‘Eu chamei você’.

(720) toka bito ĩ-z-aihɨr
você 2PAS.PERF.REAL.Ev 1-R1-chamar
‘Você me chamou’.

(721) wa wato tahə̃ s-aihɨ
Eu 1 PAS.PERF.REAL.Ev ele R2-chamar
'Eu chamei ele'.

(722) wanõrĩ wato ai-s-ĩktɔ-nĩ
nós 1PAS.PERF.REAL.Ev. 2-R2-entortar-1NSG
'Nós entortamos vocês'.

(723) tokanõrĩ kwa bɨto pikõ-ĩ-nõri s-ĩkɔtɔ-kwa
vocês 2NSG 2 PAS.PERF.REAL.Ev mulher-VL-NSG R2-entortar-2NSG
'Vocês entortaram as mulheres'.

(724) wanõrĩ toka wa-t ai-s-tɔkrə̃m kõdi
nós você 1NSG-ERG 2-R2-enganar NEG
'Nós não enganamos você'.

(725) wa ĩ-t ø-s-tɔkrə̃m kõdi
eu 1-ERG 3-R2-enganar NEG
'Eu não o enganei'.

4.5. 3 Alomorfia do prefixo relacional

Os prefixos relacionais sofrem variação dependendo do contexto fonológico em que ocorrem. O prefixo {z} varia com {d} e {n} e o prefixo {s} se mantêm em uma forma fixa. Denominamos de R3= n e R4= d para fins de identificação do contexto fonólogico em que ocorrem tais prefixos relacionais. As alternâncias fonológicas nas margens das palavras núcleos dos sintagmas em que os prefixos ocorrem obedecem aos padrões:

i) {n} ocorre antes de vogais nasais;
ii) {d} e {z} são usados antes de vogais orais

iii) {s} é usado tanto diante de vogais orais quanto de nasais, sendo seu uso condicionado pela função assumida no sintagma de dependência em que ocorre.

Conseqüentemente, podemos estabelecer o seguinte quadro para a alomorfia dos prefixos relacionais em Xerente:

Quadro n. 11 - Alomorfia do Prefixo Relacional z-

Contexto de uso	z-	n-	d-
Vogal oral	+	-	+
Vogal nasal	-	+	-

Exemplos de variação de /z-/ ~ /n-/ nos sintagmas e predicados nominais afirmativos:

(726) da-z-ɛparkwa
PIH-R1-mãe
'A mãe/mãe de alguém'.

(727) ĩ-z-akrui
1-R1-aldeia
'Minha aldeia'.

(728) da- n- õĩtɔ
PIH- R3- língua
'A língua/ a língua de alguém'.

(729) kdɨ-n-õitɔ
anta-R3-língua
'Língua da anta'.

(730) ĩ-n-isizɛ

1-R3-nome

‘Meu nome’.

(731) da-n-ĩsizɛ

PIH-R3-nome

‘Nome de alguém’.

(732) ambɨ n-ĩsizɛ

homem R3-nome

‘Nome do homem’.

(733) wa-n-ĩsizɛ

1NSG-R3-nome

‘Nossos nomes’.

(734) ĩ-n-õitɔ

1-R3-língua

‘Minha língua’.

(735) i-n-ĩm-wakrowde

1-R3-NGR-arco

‘Meu arco’.

(736) wa ĩ-n-ĩtikrui-ti

eu 1-R3-raiva-VL-PRED

‘Eu tenho raiva’ ou ‘Eu estou com raiva’.

Exemplos da alomorfia em predicados nominais negativos:

(737) ĩ- z-ɛparkwa-i-kõdi
1-R1-mãe-VL-NEG
‘Eu não tenho mãe’.

(738) wa ĩ-n-ĩm-soitɛ kõdi
Eu 1-R3-NGR-arara NEG
‘Eu não tenho arara’.

(739) wa-n-rõwa kõdi
1NSG-R3-casa NEG
‘Não temos casa’.

(740) wa ĩ-n-ĩtikrui kõdi
eu 1-R3-raiva NEG
‘Eu não estou com raiva’.

Exemplos de alomorfia z- ~ n- ~ d- em predicados verbais:

(741) wa wat ĩ-z-a
Eu 1 PROG.PERF.REAL 1-R1-estar.em.pé
‘Eu estou em pé’.

(742) wanõrĩ wa-z-brɛ kõdi
nós 1NSG-entrar(DU) NEG
‘Nós não entramos’.

(743) tahə̃ krɔ mə̃t tkai-ku ø-d-arõt(õ)
aquele macaco 3 PAS.PERFF.REAL terra-DIR 3-R4-pular
‘Aquele macaco pulou no chão’.

(744) tɛza ø-n-õ-kre
3FUT.IMP.IRRE 3-R1-cantar
‘Ele vai cantar’.

(745) tahə̃ mə̃t srutkire ø-d-ɛbrɛ kɨ-mba
ele 3 PAS.PERF.REAL pouco 3-R3-entrar rio-INES
‘Ele entrou um pouco no rio’.

(746) waza ĩ-n-õkre
1FUT.IMP.IRRE 1-R1-cantar
‘Eu vou cantar’.

(747) toka bɨto ĩ-z-aihɨr
você 2PAS.PERF.REAL.Ev. 1-R1-chamar
‘Você me chamou’.

(748) toka wanõrĩ ø wa-n-tɔkrə̃m kõdi
Você nós 2ERG 1NSG-R1-enganar NEG
‘Você não nos enganou’.

(749) pikõ-ĩ-nõrĩ mə̃to wa-n-ĩkɔtɔ
mulher-VL-NSG 3PAS.PERF.REAL.Ev 1NSG-R1-entortar
‘As mulheres nos entortaram’.

4.5.4 Indícios históricos da morfologia flexional

Como afirmamos anteriormente, os prefixos relacionais ocorrem diante de palavras iniciadas por vogais. Todavia, encontramos alguns casos em que um alomorfe consonantal se liga a palavras iniciadas por consoante. São eles:

(750) wa- n- pɔkre
1NSG- R1- orelha
'Nossa orelha'.

(751) ai- s- pɔkre
2- R2- orelha
'Tua orelha'.

(752) da- n- kre
3- R1- nariz
'O nariz / nariz de alguém'.

(753) ai- s- kre
2- R2- nariz
'Teu nariz'.

(754) da- n- se
3- R1- ombro
'O ombro/ ombro de alguém'.

(755) to tahə̃ ø-n-se mə̃t d-ɛpuku
CIT ele 3-R1-ombro 3PAS.PERFF.REAL R4-ferir
'Ele feriu o próprio ombro'.

(756) ĩ- z- dawa
1- R1- boca
'Minha boca'.

(757) ai- s- dawa
2- R2- boca
'Tua boca'.

Mantemos, entretanto, a nossa análise, porque, embora sincronicamente, essas palavras se apresentem com consoantes iniciais, podemos identificar através da ocorrência dos alomorfes consonânticos dos prefixos relacionais, um vestígio vocálico de uma situação anterior, como demonstram os exemplos de Martius (1867), em Maybury-Lewis (1965/66, p. 281, 286), em que essas palavras realizam-se como: **da-nĩpɔre** 'orelha', **da-nescri** 'nariz', **da-nichai** "ombro" e **da-gedoa** "boca".

Acreditamos também que de fato o mecanismo da relação sintática que os prefixos relacionais expressam está preservado no sistema da língua, fato que reforça nossa descrição, uma vez que mediante os exemplos de 682 a 757 percebe-se que os prefixos são, antes de mais nada, estruturas que marcam uma relação morfossintática e não apenas uma 'conformação' fonológica apresentada por algumas palavras da língua.

4.5.5 Funções desempenhadas pelos prefixos relacionais

Importa notar que na língua Xerente a existência de alomorfes é condicionada por fonemas vizinhos (condicionamento fonológico) e também que esse é um campo perceptível para a mudança lingüística, haja vista os exemplos dados com base em pesquisa de Martius realizada entre 1817 e 1820 (cf. Maybury-Lewis, 1965/66).

Levando em consideração o que foi exposto nas seções anteriores, podemos propor uma generalização para a ocorrência de prefixos relacionais em Xerente. Eles ocorrem somente diante de palavras iniciadas por vogais. Essa classe de palavras conta com um número bem reduzido na referida língua. Os alomorfes **n-, d-** e **z-** estão em distribuição complementar, sendo que **n-** aparece diante de vogais nasais e **d- ~ z-** diante das orais, **s-** ocorre diante de qualquer vogal.

Rodrigues (2001) demonstra situação semelhante para a língua Xavante. Em Xavante, ocorrem os prefixos **ts-** e **dz-** diante das vogais orais e **ts-** e **n-** diante das nasais, sendo que **dz-** e **n-** estão em distribuição complementar. Essa situação permite que Rodrigues afirme que, num estágio anterior, o Xavante tivesse ***j** como prefixo relacional

de contigüidade e ***ts** como prefixo relacional de não-contigüidade. Nessa direção, podemos propor que os prefixos da língua Xavante **dz-**, **ts-** e **n-** correspondem, respectivamente, aos prefixos **d-** ~ **z-**, **s-** e **n-** da língua Xerente e que o caso estudado traz mais elementos para a sustentação da hipótese de Rodrigues quanto aos prefixos relacionais em Macro-Jê. Entretanto, não nos é possível afirmar que há a divisão entre prefixos relacionais de contigüidade de um lado e de não contigüidade do outro, pois essa função não é realizada pelos prefixos relacionais da língua Akwẽ atual. Pode até ser que no passado os prefixos relacionais Xerente pudessem ser divididos nos pólos da contigüidade ou não-contgüidade, situação que pode ser desvendada a partir dos estudos histórico-comparativos que Braggio está desenvolvendo (Braggio, 2005).

O uso dos prefixos e suas respectivas funções no sistema da língua dependem das construções sintáticas, como demonstramos na descrição dos dados. Nos exemplos das seções anteriores identificam-se as seguintes funções dos argumentos vinculados por prefixos relacionais:

a) Possuidor (sintagma nominal) (exemplos 682 a 695)
b) O tipo do elemento modificador do nome no sintagma nominal (exemplos 696 e 697)
c) O sujeito ou possuidor de predicados nominais (exemplos 698 a 707)
d) O sujeito de predicados com verbos intransitivos (exemplos 714 a 718)
e) Objeto direto de predicados de verbos transitivos (exemplos 719 a 725)

Estudando o fenômeno da morfologia flexional relacional, Rodrigues (2001) acentua que das duas línguas que compõem o Jê Central atual, Xavante e Xerente, só a primeira tem estudos acerca do assunto. Segundo Rodrigues (2001), na língua Xavante (Jê central), os prefixos relacionais apresentam fenômenos análogos aos da flexão relacional do tronco Tupi, isto é, os nomes e os verbos da língua se distribuem em duas classes paradigmáticas, I e II, segundo os alomorfes dos prefixos da flexão relacional. Assim,

> os nomes com raízes da classe minoritária [classe II] alternam os fonemas *ts* [*tʃ, ts, s*] e *dz* [*dʃ, dz, z*] ou *ts* e *n* segundo os determinantes que os precedem: o fonema surdo *ts* ocorre somente após os marcadores de segunda e terceira (não correferente) pessoas, ao passo que os sonoros *dz* e *n* aparecem depois dos marcadores de primeira pessoa (singular e não singular), de terceira pessoa correferente do sujeito da oração e de possuidor humano indefinido, assim como depois de sintagmas nominais (RODRIGUES, 2001, p. 4).

Entendemos que na língua Xerente, ocorrem fenômenos similares aos da língua Xavante. Podemos agrupar as ocorrências dos prefixos em três tipos: a) ocorrem como possuidor; b) como sujeito de predicados nominais ou de orações intransitivas; e c) como objetos diretos. Dessa forma, admitimos que o prefixo relacional estabelece vínculos entre um núcleo e seu determinante (cf. Rodrigues, 2001) e que eles são responsáveis pela referência cruzada de pessoas da língua Xerente (cross-reference), fenômeno que não estudamos ainda.

Há, como podemos ver, uma gama de possibilidades de conceituações para prefixos relacionais. O traço em comum das definições apresentadas (cf. Cabral e Costa, 2004, Grannier, 2005 e Rodrigues, 2001) é a natureza estritamente relacional dos prefixos, isto é, que eles só relacionam termos sintaticamente, sem especificar ou não informar distinções pessoais. Duarte (2005) considera que pode haver uma carga denotacional nos prefixos relacionais, a qual pode ser expressa pela noção de tópico e foco da língua Tenetehara. Acreditamos que em Xerente há um certo grau de referência expressa pelos prefixos relacionais, ou seja, em Xerente, até certo ponto, nos parece possível perceber a informação da pessoa gramatical ou discursiva, uma vez que a 2ª. pessoa será sempre s-, a 1ª. e a 3ª. pessoas só poderão ser z- ~ n- ~d-, ou ainda, se a 1ª. pessoa só pode ser z-, a 2ª. e 3ª. pessoas poderão ser s-. Com isso, entendemos que os traços pessoais que marcam o discurso, a 1ª. e 2ª. pessoas (cf. Benveniste, 1989) estão bem delimitados e que a não-pessoa, ou 3ª., oscila entre os dois pólos da enunciação Xerente.

Acreditamos que estudos sobre cross-reference e tópico-foco podem elucidar essa questão que pretendemos desenvolver em estudos futuros. Por ora, cremos que o estudo traz elementos suficientes para caracterizar os prefixos relacionais em Xerente e compreender seu uso e aplicação na comunicação entre os indígenas Akwẽ.

Na próxima seção, apresentamos os sistemas de caso da língua Xerente.

4.6 Sistema de casos da língua

A língua Xerente apresenta grande parte das suas categorias gramaticais através de casos variados, isto é, a língua traz um rol de distinções no nível sintático-semântico. Em decorrência desse traço da língua, apresentamos nesta seção o sistema de casos da língua Akwẽ.

Para os falantes de português, o primeiro passo para a compreensão da acepção gramatical de caso está na comparação dos termos *caso* e caso. Tomamos *caso* como o termo usado ordinariamente (no cotidiano) para se referir aos fatos que acontecem conosco no 'mundo real' e entendemos caso como uma categoria gramatical técnica, isto é, delimitada a partir de parâmetros de descrição e análise lingüísticas, especificamente a partir dos eixos sintagmáticos e paradigmáticos que estruturam um sistema lingüístico.

Os conceitos dos dicionários podem nos guiar em nossas primeiras incursões comparativas dos termos em questão:

> **caso,** s.m. Acontecimento; narração; fato. (BUENO, 1987, p. 136)
> **ca.so** s.m. (o) **1**. Fato; acontecimento; ocorrido. **2**. Eventualidade; hipótese. **3**. Aventura amorosa. **4**. Estória; conto; "causo". (...) **8**. Designação de desinência variável dos nomes em algumas línguas declináveis (o latim, p. ex.).//*conj*. **9.** Se (com uso diferente do tempo verbal). (SACCONI, 1996, p. 144)
> **caso** – *Caso* é uma categoria gramatical associada ao sintagma nominal, cuja função sintática na frase ele traduz. (...) Os casos são expressos nas línguas (1) pela posição dos sintagmas relativamente ao verbo; (2) por preposições e (3) por afixos nominais que variam com os nomes. É a esses afixos, cujo conjunto forma a *flexão nominal* ou a *declinação dos nomes*, que geralmente se reserva a denominação de caso. (...) A classificação nominal é feita de acordo com critérios diferentes, conforme as línguas; a classificação casual é tão variada quanto as classes existentes de nomes, e interfere nas classificações por gênero e nos afixos de nome. (DUBOIS ET ALLI. 1997, p. 99-101)
> **casos** – Formas distintas que podem apresentar em muitas línguas um nome ou um pronome segundo a sus função sintática. (...) Os casos dividem-se em primariamente: 1) num caso reto, ou nominativo, para sujeito; 2) em casos oblíquos, para adjuntos ou complementos (acusativo, dativo, genitivo, ablativo). (CÂMARA JR., 1988, p. 69)

De acordo com as definições listadas, podemos dizer que o termo **caso** em sua acepção geral diz respeito a um estado de coisas. Assim, tanto *caso* quanto caso dizem respeito a uma referência assinalada, a um nome marcado morfossintática e semanticamente por meio das estratégias de marcação que as línguas estabelecem: ordem de elementos ou elementos formalmente identificáveis, como preposições ou posposições.

Tradicionalmente, afirma-se que o caso está relacionado a funções sintático-

semânticas que sintagmas nominais (pronomes, nomes e adjetivos) podem exercer como elementos de construções sintáticas. Para Lyons (1979), as funções casuais (gramaticais ou locativas) podem realizar-se numa mesma língua, em parte pelas flexões dos casos que ocorrem na palavra por meio de sufixos ou prefixos – como o caso do genitivo Xerente, prefixal, visto em 4.6.1, adiante, ou por outros meios, mais comumente pelas posposições (ou preposições) ou pela ordem das palavras. Desta feita, o conceito de caso é mais sintático do que semântico. Afirma Lyons (1979, p. 305), ao tratar das classificações da gramática tradicional, que "a categoria do caso era, de qualquer forma, a mais peculiarmente gramatical de todas as categorias de flexão".

Para Katamba (1994), o caso gramatical é usado para marcar a função do nome (precisamente de um sintagma nominal), isto é, se o nome é sujeito ou objeto, dependendo de sua posição em relação ao verbo da sentença. Já o caso oblíquo "não marca função sintática do nome mas sua função semântica. Tipicamente, casos oblíquos marcam local ou direção" (KATAMBA, 1994, p. 238).

Em Xerente ocorrem as seguintes funções casuais: nominativo, absolutivo, partitivo, ergativo, dativo, vocativo, comitativo, instrumental, ablativo, elativo, alativo, ilativo, inessivo, abessivo, adessivo, malefactivo e benefactivo (17 casos ao todo), os quais procuramos, de modo geral, demonstrar nas seções seguintes.

4.6.1 O nome no caso genitivo-possessivo

"O genitivo é o caso da 'posse'" (LYONS, 1979, p. 305) ou o caso do nome adjunto (Câmara Jr. 1959). Como afirmamos anteriormente, com base em Lyons (1979), a noção preponderante na definição de um caso é o seu traço sintático. Tratamos do caso genitivo Xerente a partir de características morfossintáticas e semânticas e admitimos, por ora, que o genitivo engloba tanto a posse quanto a adjunção. Entretanto, há uma forte tendência na Lingüística recente à definição do caso genitivo em termos semânticos. Para a referida tendência, o que caracteriza o genitivo é o traço de distinção semanticamente relevante que polariza a relação em posse alienável e posse inalienável.

De acordo com Queixalós (2005), considerar somente a noção semântica para atribuição da função dos nomes no caso genitivo é desconsiderar o grau de predicatividade que o nome apresenta. Sendo assim, teríamos de concordar que não há paralelos entre a

estrutura de uma sentença e a de um sintagma nominal.

Em Xerente, o sintagma nominal apresenta correlações estruturais com a sentença, especialmente quando se trata dos traços valenciais. Sabe-se que valência refere-se ao número e ao tipo de laços que podem existir entre os elementos sintáticos e semânticos (cf. seção 4.1.1.1). Também é sabido que os argumentos, na teoria de valência, têm o mesmo valor, ou seja, são tratados como portadores de uma mesma natureza, a de ser argumento. A valência varia de acordo com os contextos, o que garante que um determinado elemento possa ter diferentes valências, condicionadas pelo uso contextualizado. Assim, é necessário refletir como a valência nominal pode ser um traço que caracteriza os nomes.

A relação de posse pode ser expressa por meio de sintagmas nominais e sentenças possessivas portadoras de valências diversas. Para Aikhenvald (2000), numa relação genitiva, nomes ligam-se a outros nomes por meio de uma locução genitiva, a qual é constituída de dois nomes: o núcleo (o nome possuído) e o modificador (o nome possuidor). Como dissemos, normalmente, a categoria de posse dos sintagmas nominais tem sido definida em função da distinção semântica entre posse alienável, posse inalienável e nomes não possuíveis, essas distinções revelam um quadro valencial expresso por nomes. Queixalós (2005) propõe uma reformulação de natureza sintática da referida definição tradicional por uma teoria da valência dos sintagmas nominais possessivos. Acreditamos ser tal reformulação válida e, por isso, a adotamos neste trabalho.

Os nomes, a partir do caso genitivo, podem ser caracterizados como monovalentes ou bivalentes. Os nomes bivalentes em Xerente se combinam diretamente com seu argumento interno, isto porque os nomes bivalentes são altamente relacionais, como os verbos intransitivos, ou seja, eles precisam ser preenchidos diretamente com um argumento para o qual há uma ‘vaga’ prevista:

(758) krkɔ- bɨ
macaco rabo
‘Rabo do macaco’.

(759) ai-ptu z-awrɛ
2-pescoço R1-grande
‘O teu pescoço é grande’.

Já os nomes monovalentes Xerente necessitam que o argumento interno seja representado por dois nomes ou prefixos pessoais e nome, isto é, precisam aumentar a valência e requerem argumentos que preencham a valência. Há, então, duas vagas a serem preenchidas nos nomes monovalentes, como acontece com os verbos transitivos.

Dizendo de outra forma, nomes monovalentes em Xerente não podem ser possuídos diretamente. Eles requerem, como outras línguas do tronco Macro-Jê (cf. Ribeiro, 2002), a intermediação de um nome genérico que torna a relação de posse possível, isto é, eles precisam aumentar a valência para efetuar a predicação possessiva:

(760)	ĩ-	n-ĩm-	kuba
	1-	R3-NGR-	canoa
	‘Minha canoa’.		

(761)	tahə̃	n-ĩm-	sika
	ele	R3-NGR-	galinha
	‘Galinha dele’.		

4.6.2 O caso genitivo ou possessivo realizado pela posposição possessiva *te*

Conforme analisamos na seção 4.1.1.5, há ainda em Xerente o caso genitivo ou padrão possessivo realizado através da posposição possessiva **–te**:

(762)	tə̃ -te	da-n-nə̃
	3- PP	3-R1-fezes
	‘Fezes dele’.	

(763)	toka-i-te	wakrowde
	você- VL - PP	arco
	‘Teu arco’.	

(764) wa-ĩ-te kri
eu-VL-PP casa
‘Minha casa’.

(765) ai-te ti
2-PP flecha
‘Tua flecha’.

4.6.3 Predicados nominais e os casos da língua

Há na língua Xerente um bom número de nomes, monovalentes e bivalentes, que podem ser núcleos de predicados possessivos (exemplo 766). Também, há os nomes da série II (N-cp) que designam qualidades ou estado, tais como tɔ ‘alegria’, ɛ ‘dor’, prɛ ‘vermelhidão’, pese ‘beleza’ etc. Estes apresentam o mesmo comportamento gramatical que os predicados que têm por núcleos os verbos intransitivos, como se pode ver nos exemplos (767) e (768):

(766) wanõrĩ wa-n-ĩm-sikuza
1NSG 1NSG-R3-NGR-vestido
‘Nosso vestido’.

(767) pikõ pse-di
mulher beleza-PRED
‘A mulher é bonita’.

(768) wa waza ĩ-n-ĩpi
Eu 1FUT.IMP.IRRE 1-R3-trabalhar
‘Vou trabalhar’.

Os nomes que designam qualidades ou estado desempenham funções similares as que os adjetivos em português expressam, ou seja, são nomes que expressam conceitos de propriedades.

4.6.4 Casos e posposições

A preposição ou posposição é, segundo Lyons (1979), o lugar de uma palavra que antecede (ou segue) outra com a qual forma uma unidade de acento. Conseqüentemente, a preposição ou posposição se define mediante o caso em que ela se insere ou explicita. Nota-se que tanto o caso como a preposição ou posposição estão relacionados a funções sintático-semânticas que os nomes podem exercer como elementos de construções sintáticas. Para Lyons, as funções casuais (gramaticais ou locativas) podem realizar-se numa mesma língua, em parte pelas flexões dos casos que ocorrem na palavra por meio de sufixos ou prefixos – como o caso do genitivo Xerente, prefixal – ou por outros meios, mais comumente pelas posposições (ou preposições, para Lyons a diferença entre as duas é uma mera questão terminológica), ou pela ordem das palavras. Tratamos aqui de posposições tão somente, uma vez que em Xerente não há preposições.

Podemos listar como casos gramaticais Xerente a função do sujeito – *nominativo* ou *ergativo* – e do objeto direto – o *absolutivo* ou *partitivo* – os quais podem ou não ser posposicionados. Tratamos desses casos na seção 4.6.5, a seguir. Já o *dativo* é um caso, por excelência, marcado por posposições, haja vista que ele se forma a partir de um sintagma posposicionado atributivo de um verbo que também tem um sintagma nominal complemento (exemplos do caso dativo em Xerente podem ser vistos em 769 e 770, abaixo). Se o caso tiver a função apelativa, será o *vocativo* (exemplo 771, adiante). Neste não há o uso da posposição para assinalar o caso que vem marcado pela posição do nome na sentença e pela entoação utilizada pelo falante para marcar o vocativo.

Se o sintagma posposicional for atributivo de um verbo intransitivo ou um complemento circunstancial ele será *comitativo*, o caso do acompanhamento (em 772 e 773); ou *instrumental*, complemento de meio ou de instrumento (em 774 e 775). Não há passivas em Xerente, por isso não tratamos do caso *agentivo*, complemento agente nas sentenças passivas.

Os casos locais repousam sobre a oposição entre movimento (a direção), em que se dão os casos *direcionais*, e o não-movimento, os *locativos* propriamente ditos. Ambos se dividem de acordo com o interior ou exterior da localização espacial ou temporal que os nomes referenciam.

Assim, para os *direcionais* temos as seguintes subdivisões:

a) o *ablativo* indica o movimento vindo do exterior do lugar ou a origem do

movimento, de fora para dentro (em 776 e 777);

b) o *elativo* é usado para expressar um movimento que vem do interior do lugar, isto é, do interior de um lugar para fora (em 778 e 779);
c) o *alativo* traduz um movimento para o exterior do lugar, em direção a, ou seja, o objetivo do movimento (em 780, 781 e 782); e
d) *ilativo* o movimento que vai para o interior de um lugar ou acontece dentro de um local (em 783 e 784).

Já o *locativo* pode ser dividido em:

a) *inessivo* que expressa o interior de um lugar ou algo dentro de um local (exemplos em 785, 786 e 787);
b) o *abessivo* que traduz o que está perto de um lugar ou o que está fora de um lugar (em 788, 789 e 790); e
c) o *adessivo* que traduz o que está perto de um lugar ou sobre um local (em 791).

Citamos ainda o caso genitivo, o qual tratamos na seção 4.6.1, anteriormente. Para Lyons (1979), enquanto o ergativo, o nominativo, o partitivo, o absolutivo e o vocativo são casos *gramaticais*, os complementos circunstanciais (e atributivos de verbos intransitivos) são *casos concretos.* Ainda, que o nominativo, o ergativo, o partitivo e o absolutivo são chamados de casos diretos e os demais de casos oblíquos.

Para exprimir os casos, as posposições Xerente, com os objetos que regem, formam sintagmas que podem constituir um argumento nuclear do verbo (objeto indireto – caso *dativo),* ou um adjunto adverbial de vários tipos (direcionais e locativos). Podem ocorrer depois do nome ou do verbo, inclusive podem ser incorporadas ao verbo nessa posição. Há casos em que as posposições que antecedem os verbos também são a eles incorporadas. Posposições homônimas podem ter diferentes funções, como se poderá visualizar nos exemplos seguintes.

O caso **dativo**, que se forma a partir de um sintagma posposicionado atributivo de um verbo que também tem um sintagma nominal complemento, é realizado em Xerente pela posposição **-tmə̃ ~ -m-:**

(769) dakmə̃dkɨkwa mə̃t sadu saktɛ̃arɛ ĩ-m-sõ
chefe 3PAS.PERF.REAL colar muitos 1-DAT-dar
'O chefe me deu muitos cocares'.

(770) *Fabiana*-mə̃ wat aipɨ ĩ-sihɨrə̃zɛ aipɨ tmə̃ sõ
N.Pes-BEN 1PAS.PERF.REAL DIR 3-sabão DIR DAT dar
'Eu dei a Fabiana o sabão dela'.

O Exemplo (771) ilustra o **vocativo** que o caso apelativo:

(771) ĩ-n-õre # are wa-watɔbr
1-R3-irmão # EXORT 1NSG-sair
'Meu irmão (mais novo), vamos sair!'.

A posposição **-mẽ** (em 772 e 773, abaixo) realiza o caso do acompanhamento ou o **comitativo**:

(772) tokanõrĩ bɨt ĩ-mẽ tmə̃ ĩ-mõr-kwa wazakru-i-ku
vocês 2PAS.PERF.REAL 1-COM ALA 1-ir-2NSG aldeia-VL-ALA
'Vocês foram comigo para a aldeia'.

(773) wat kmə̃dɨk aiktɛnõrĩ toka-i-mẽ
1PAS.PERF.REAL ver crianças você-VL-COM
'Eu vi as crianças com você.'

O comitativo **instrumental** pode ocorrer com a posposição **-nə̃**, como ilustram os exemplos (774) e (775):

(774)	tanõrĩ	mə̃t	t-si-s-õkrə̃	tpehi-nə̃
	Eles	3PAS.PERF.REAL	3-Ref-R2- engasgar	espinho-INST
	‘Eles se engasgaram com espinho de peixe’.			

(775)	ĩ-n-ĩpkra	wa	wato	simkɛmre-nə̃	t-shɨr
	1-R3- mão	eu	1PAS.PERF.REAL.Ev	faca-INST	3-cortar
	‘Minha mão, eu a cortei com a faca’.				

A posposição **-hawi** realiza o **ablativo** (movimento vindo do exterior do lugar), como demonstram os exemplos (776) e (777), abaixo:

(776)	hewansĩ-hawi	nə̃t	mnĩ	kɨ	kaka
	cima-ABLA	3PAS.PERF.REAL	DIR	água	pingar
	‘Veio de cima a água limpa’.				

(777)	*Goiânia*-hawi	mə̃t	mnĩ	mõ
	N.Pes-ABLA 3	PAS.PERF.REAL	DIR	3-ir
	‘(Alguém) veio de Goiânia’.			

Também o caso **elativo**, que se caracteriza por expressar um movimento que vem do interior do lugar, é realizado mediante o uso da posposição **-hawi**:

(778)	toka	airɛ	ai-pkẽwakdɨ	wa	akwẽ̃z-akrui-hawi	ĩ-siwi
	você	P.REM	2-triste	CONJ	índio-R1-aldeia-ELA	1-chegar
	‘Você estava triste quando eu cheguei da aldeia’.					

(779)	ambɨnõrĩ	mə̃t	aikuwa-hawi	mnĩ	aipɨ	ø-krẽkẽ
	homens	3PAS.PERF. REAL	mato-ELA	DIR	DIR	3- voltar(PL)

‘Os homens voltaram do mato’.

Já o caso **alativo** (movimento para o exterior do lugar) é realizado com o uso das posposições **tmə̃ ~ tmẽ** e **-ku**, como ilustram os exemplos seguintes:

(780)	wa	wat	bru-tmẽ	ĩ-mõr
	eu	1PAS.PERF.REAL	roça-ALA	1-ir

‘Eu fui para a roça’.

(781)	toka	ai-srure-rɛ	bɨt	ai-mõr	*Goiânia*-ku
	você	2-pequeno-P.REM	2.PAS-P.PERF.REAL	2-ir	N.Pes.-ALA

‘Quando você era pequeno, você foi para Goiânia’.

(782)	wazakru-i-ku	bɨt	tmə̃	ai-mõr
	aldeia-VL -ALA	2PAS.PERF.REAL	ALA	2-ir

‘Vocês foram para a aldeia’.

O caso que expressa um movimento que vai para o interior de um lugar, **ilativo**, é realizado mediante o uso das posposições **-ku e -wa**:

(783)	sõprɛ	mə̃t	s-õrõwa-ku	ø-d-ɛbr
	N.Pes	3PAS.PERF.REAL	R2-casa-ILA	3-R4-entrar

‘Sõprɛ entrou na casa que é dele’.

(784)	*José*	kri-wa	nə̃t	ø-d-ɛbrɛ
	N.Pes	casa-ILA	3PAS.PERF.REAL	3-R4-entrar

‘José entrou na casa’.

As posposições **-nə̃**, **-mba**, **-wa** e **-kre** formam o caso **inessivo** (que expressa o interior de um lugar), como ilustram os exemplos abaixo:

(785) ainə̃ka hewa-nə̃
nuvem céu-INES
'A nuvem está no céu'.

(786) tahə̃ kɨ-mba
ele rio-INES
'Ele está no rio'.

(787) a) nmə̃zi-p kupa
onde-INT mandica
'Onde está a mandioca'.
b) to kburu-wa
CIT roça-INES
'Na roça'.
c) kri-pra-kre
casa-embaixo-INES
'Está dentro da casa'.

O **abessivo**, o qual traduz o que está perto de um lugar, fora, é formado pelas posposições **tmẽ** e **-hawi**, como demonstram os exemplos em (788) e (789):

(788) kri-rɔwĩm-hawi
casa-fora-ABES
'Está fora da casa'.

(789) sakrepra krewire krikahɨ-tmẽ
aldeia funil perto cidade-ABES
'A aldeia do Funil fica perto da cidade'.

Por fim, a expressão do que está perto de um lugar, no lugar, o caso **adessivo** é realizado mediante o uso da posposição **-nã**, conforme o exemplo abaixo:

(790) wdeza-krta-nə̃
jirau-perto-ADES
'Está no jirau'.

Levando em conta o estudo de Seki (2000b), englobamos no rol de posposições, além das citadas nas composições casuais gramaticais e locativas, as seguintes:

a) **-zo** 'por, em busca de', que indica causa (CAUSA):

(791) pikõinõrĩ mə̃to wrə̃ku-**zo** kr-ø-n-mõmr
mulheres 3PAS.PERF.REAL.Ev tatu-CAUSA CONT.-3-R1- ir
'As mulheres caçaram tatu'.
lit.: 'As mulheres andaram continuadamente por (em busca de) tatu'.

(792) smĩsi mə̃t wawẽ ø-mõ sirsdu-mẽ aikuwa mĩ-**zo** mõ
um 3PAS.PERF. REAL velha 3-ir neto-COM mato lenha-CAUSA ir
'Uma velha foi com o neto buscar lenha no mato'.

(793) arɛ aikdɛ-**zo** ø-n-mĩpar waka arɛ aipɨ ø-satõr
CONJ criança-CAUSA 3-R3- esperar preguiça CONJ DIR 3- mandar
'Aí, o menino ficou cansado por (de) esperar e ordenou a avó:- vamos voltar'.

Já em consonância com o estudo de Dourado (2001), também colocamos na classe das posposições **-wi** 'de, de alguém', que tem a função de marcar o dativo-malefactivo (conforme exemplo (794), adiante) e **-mã~ -m-**, para o dativo-benefactivo (como em (795) e (796) abaixo). Segundo Dourado (2001, p. 105) em "predicados transitivos estendidos [que se realizam] com três argumentos (trivalentes) [estes] ocorrem com objeto direto e com objeto indireto. As posposições que regem o objeto indireto são: benefactiva e malefactiva". Os exemplos abaixo ilustram os casos malefactivos e benefactivos em

Xerente:

(794) ambɨ nət ambɨnõra-i-wi tpenõzɛ kɨ
ele 3PAS.PERF.REAL homens-VL-MAL anzol pegar
'Ele pegou o anzol (sem o consentimento) dos homens'.

(795) dakmədkɨkwa mət sadu saktẽarɛ ĩ-m-sõ(mrĩ)
chefe 3PAS.PERF.REAL colar muitos 1-BEN-dar
'O chefe me deu muitos cocares'.

(796) Fabiana-mə wat aipɨ ĩ-sihɨrãzɛ aipɨ tmə sõ
N.Pes-BEN 1PAS.PERF.REAL DIR 3-sabão DIR DAT dar
'Eu dei a Fabiana o sabão dela'.

4.6.5 Casos Gramaticais: *nominativo/ergativo/partitivo e absolutivo* – casos do sujeito e do objeto

Para compreender os casos gramaticais que dizem respeito aos argumentos sintáticos da língua Xerente é imprescindível conhecer seu sistema pronominal, sobretudo dos pronomes que desempenham as funções de sujeito e de objeto. Pronomes pessoais livres desempenham quase sempre a função de sujeito da sentença e eventualmente ocorrem como objeto de verbos transitivos. Detalhamos os usos dos pronomes na seção 3.2, anteriormente. Nesta seção, repetimos, entretanto, os quadros-síntese dos subsistemas pronomionais:

Quadro n. 12 - Pronomes Pessoais Livres

wa ~wahã	1ª. pessoa do singular
ka ~ kahã ~ toka	2ª. pessoa do singular
ta ~ tahã ~ totahã	3ª. pessoa do singular
wanõrĩ....nĩ	1ª. NSG (dual/plural)
kanõrĩ.....kwa....kwa ~ tokanõrĩ.....kwa....kwa	2ª. NSG (dual/plural)
tanõrĩ ~ totanõrĩ ~ tahãnõrĩ ~ totahãnõrĩ	3ª. NSG (dual/plural)

Os prefixos pessoais ocorrem como objeto direto de verbos transitivos e como sujeitos de predicados intransitivos (nominais ou verbais) em sentenças não modificadas por advérbios ou por palavras ou por orações modificadoras. Nas sentenças modificadas circunstancialmente, os prefixos pessoais ocorrem como sujeito e objetos de verbos transitivos.

Quadro n. 13 - Prefixos Pessoais (marcadores absolutivos)

	Prefixos
1ª. pessoa do singular	ĩ-
2ª.pessoas SG/DU/PL	ai-
3ª. pessoas SG/DU/PL	ø-~ ə̃- ~ ĩ- ~ ti- ~ t-
1ª. NSG (dual/plural)	wa-

Os marcadores de modo, tempo, aspecto e pessoa ocorrem em sentenças não modificadas por advérbios e acentuam o argumento que serve de sujeito aos verbos transitivos e intransitivos, sendo, portanto, marcadores do caso nominativo.

Quadro n. 14 - Marcadores TAMP ou marcadores pessoais nominativos

	Marcadores TAMP
1ª. pessoa do singular	wa-
2ª.pessoas SG/DU/PL	bɨ ~ tɛ
3ª. pessoas SG/DU/PL	ø ~ mə̃ ~ tɛ
1ª. NSG (dual/plural)	wa-

Lembramos que nomeamos de série A os morfemas marcadores pessoais e de série B os prefixos pessoais. Os marcadores da série B correspondem a referentes singulares, duais ou plurais (exs. 797, 798 e 799). Essas formas ocorrem como possuidor (exs. 800 e 801), objeto de posposição (ex. 802), objeto direto (ex. 803), sujeito de predicados nominais (ex. 804), assim como de verbos intransitivos de orações modificadas por uma expressão adverbial (ex. 805). A ocorrência desses marcadores nessas funções os caracteriza como marcadores pessoais **absolutivos.**

(797) toka tɛza ai-n-õmrõ
você 2HAB.IMP.IRRE 2-R3-deitar
'Você deita'.

(798) tokanõrĩ kwa bɨt ai-s-aikwar-kwa
vocês 2NSG 2PAS.PERF.REAL 2-R2-deitar(PL)-2NSG
‘Vocês deitaram’.

(799) tokanõri kwa tɛza ai-s-as(i)-kwa
vocês 2NSG 2FUT.IMP.IRRE 2-R2-entrar-2NSG
‘Vocês vão entrar’.

(800) ai-s-dawa
2-R2-boca
‘Tua boca (de você)’.

(801) wa-n-ĩpkra
1NSG-R1-mão
‘Nossa mão’.

(802) tokanõrĩ kwa bɨt ĩ-mẽ tmə̃ ĩ-mõr-kwa wa-z-akrui-i-ku
vocês 2NSG 2PAS.PERF.REAL 1-COM DAT 1-ir-2NSG 1NSG-R1-aldeia-VL-ALA
‘Vocês foram comigo pra nossa aldeia’.

(803) tahə̃ ø-za wa-prɛkɛ
ele 3HAB.IMP.IRRE 1NSG-bater
‘Ele bate em nós’.

(804) ai-waka-di
2-preguiça-PRED
‘Você está com preguiça’.

(805) ø-wra kõdi
3 – correr não
‘Ele não corre’.

Os marcadores da série A ocorrem como sujeito de verbos transitivos e intransitivos quando estes não são modificados por expressão adverbial (exs. 806 e 807), e são portanto marcadores pessoais **nominativos**. Normalmente, ocorrem como pronomes enfáticos, em coocorrência como os pronomes pessoais (ex. 808) ou com os da série B (ex. 809):

(806) waza kuzapɔ sinə̃
1FUT.IMP.IRRE abóbora colher
‘Eu vou colher abóbora’.

(807) bɨt pɔ wĩrĩ
2PAS.PERF.REAL veado matar
‘Você matou o veado’.

(808) wanõrĩ wat kɨ z-ekrẽ-n(ĩ)
nós 1PAS.PERF.REAL água R1-beber-1NSG
‘Nós bebemos água’.

(809) wat ĩ-sa
1PROG.IMP.REAL 1-comer
‘Estou comendo’.

O caso nominativo pode ser caracterizado como primeiro caso ou caso reto. De acordo com Katamba (1994), o nominativo é um caso gramatical que equivale ao sujeito e ao predicativo do sujeito. A língua Xerente opera com dois padrões de casos gramaticais: o nominativo-absolutivo e o ergativo-absolutivo. Dissemos que os marcadores da série A realizam o padrão nominativo da língua na atualidade. Todavia, os pronomes pessoais também são usados nas construções nominativas-absolutivas. Parece-nos que ocorrem

como pronomes topicalizadores do sujeito, isto é, eles fazem coincidir as categorias de tópico e sujeito, mais ou menos como em português. Alguns pronomes pessoais aparecem na maioria das vezes marcados pela posposição –hə̃, a qual, como afirmamos na seção 4.1, é responsável por marcar uma ênfase no sujeito da sentença, no agente. Parece-nos que o referido morfema pode ser analisado também como marcador do caso nominativo, como se pode comprovar nos exemplos seguintes:

(810) wa-hə̃ waza ai-mẽ ĩ-mõrĩ
eu-ENF/NOM 1FUT.IMP.IRRE 2-COM 1-ir
'Eu vou contigo'. (*lit.:* 'Eu mesmo, eu vou contigo').

(811) ta-hə̃ mə̃t n-ĩ kmẽsi
ele-ENF/NOM 3PAS.PERF.REAL R3-carne comer
'Ele comeu carne'. (*lit.:* 'Ele mesmo, ele comeu carne').

(812) ka-hə̃ to wawẽ
você-ENF/NOM COP velho
'Você é velho' (*lit.:* 'Você mesmo é velho').

A incidência de –hə̃ não se restringe aos pronomes, mas também a nomes agentivos:

(813) ahɨmre-hə̃ akwẽ wdepa tmə̃ kmẽsi
antigamente-ENF/NOM índios raiz DAT comer
'Antigamente (sim antigamente), os índios gostavam de (comer) raiz'.

(814) dazdawa-wa danõĩtɔ-hə̃
boca-INES língua-ENF/NOM
'A língua está na boca'.

A questão merece maior atenção, o que pretendemos fazer em estudos futuros.

Estamos considerando que o caso nominativo é assinalado pelos marcadores da

série A e pelos marcadores da série B ao mesmo tempo, isto é, quando os sujeitos de verbos intransitivos são marcados pleonasticamente, por um marcador pessoal e por um prefixo, ou seja, quando estão alinhados duplamente, por um lado como sujeito de verbos transitivos – marcador pessoal da série A – e, por outro, como objetos de verbos transitivos -prefixo pessoal ou marcadores pessoais da série B- a língua opera com o sistema nominativo-absolutivo. Para Dixon (1994), se A e S são marcados e O não marcado (sendo a forma de citação), "não podemos falar em termos de 'nominativo', 'acusativo', 'absolutivo' ou 'ergativo', uma vez que eles não são adequados para esta terceira possibilidade" (DIXON, 1994, p. 66). Nesse caso, adverte Dixon, o mais apropriado é falar de 'nominativo marcado'.

Por outro lado, Dixon (1994) observa que no Proto-Australiano é comum o uso de uma raiz sem marcas assinalando o caso absolutivo, marcação em zero, ø, para as funções de S e O. Para ele, esse caso ilustra o que pode ser chamado de 'O caso marcado' ou absolutivo marcado (DIXON, 1994, p. 67).

Levando em conta situações similares ao padrão Xerente, as quais são encontradas nas línguas Apãniekrá-Jê (Alves, 2004), Xikrín-Jê (Cabral et alli, 2004) e Guarani Antigo – Tupi (Grannier, 2002), adotamos a denominação nominativo-absolutivo para o padrão da Língua Akwẽ. Esse padrão pode ser comparado com os demais mediante o esquema abaixo:

A [O]	[A] O
S	S
Padrão nominativo-acusativo	Padrão ergativo-absolutivo

(Valin Jr., 2001, p. 36)

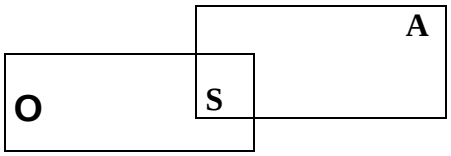
Para Dixon (1994) e Valin Jr (2001), o nominativo-acusativo é o padrão que se caracteriza por marcar S=A # O e o padrão ergativo-absolutivo, A#S=O. De acordo com Grannier (2002), o nominativo-absolutivo marca S=A e S=O, sendo que A#O. Para tanto, propomos o esquema seguinte:

[A] [O]

[[S]]

Padrão nominativo-absolutivo

Ou:



Padrão nominativo-absolutivo

Nesse esquema, o sujeito intransitivo é o elemento marcado diferente dos demais porque recebe duas marcações. Ao mesmo tempo, o sujeito de predicados verbais intransitivos recebe os marcadores pessoais da série A, os quais alinham o sujeito intransitivo ao sujeito dos verbos transitivos (padrão nominativo) e os prefixos da série B, que marcam igualmente o sujeito intransitivo e o objeto do verbo transitivo (padrão absolutivo). Conseqüentemente, o sujeito intransitivo partilha, simultaneamente, propriedades do sujeito transitivo e do objeto direto.

Assim, em Xerente, o nominativo-absolutivo se caracteriza pelo comportamento do sujeito dos verbos intransitivos. Com predicados nominais, os sujeitos intransitivos podem ser marcados apenas pelos prefixos pessoais (ex. 815) ou por prefixos da série A e B (ex. 816), os marcadores da série B ocorrem em verbos transitivos marcando objeto direto (ex. 817) e em construções genitivas indicando o possuidor (ex. 818).

(815) ai –waka –di
2- preguiça-PRED
‘Você está com preguiça’.

(816) wa waza ĩ-waka-di
eu 1FUT.IMP.IRRE 1-preguiça-PRED
‘Eu vou ficar com preguiça’.

(817) wapsə̃ mə̃t ai-sa
cachorro 3PAS.PERF.REAL 2-mordeu
‘O cachorro mordeu a você (o cachorro te mordeu)’.

(818) ai-kra
2-filho
‘Teu filho (de você)’.

Já em predicados verbais, os sujeitos dos verbos intransitivos são marcados duplamente, pelos marcadores pessoais da série A (vistos em 3.2.1.3) e pelos prefixos pessoais- Série B (tratados em 3.2.1.1), alinhando-se assim, em parte, ao sujeito de verbo transitivo que é marcado em sentenças sem expressão adverbial pelos marcadores da série A e ao mesmo tempo alinhando-se ao objeto direto de verbos transitivos, marcados pelos prefixos da série B. O prefixo pessoal em sentenças intransitivas serve como marcador de concordância, juntamente com os sufixos número-pessoal, como se vê na seção 4.4.2. O exemplo (819) ilustra S e (820), A.

(819)	toka	tɛza	ai-hɨrɨ
	você	2HAB.IMP.IRRE	2-gritar
	‘Você grita’.		

(820)	wa	tɛt	ai-kmə̃dɨk
	papagaio	3PROG.IMP.REAL	2- ver
	‘O papagaio está vendo você’.		

Nas sentenças transitivas, o nominativo-absolutivo ocorre quando não há palavras adverbiais:

(821)	tanõrĩ	mə̃t	pikõ	prɛkɛ
	eles	3PAS.PERF.REAL	mulher	bater
	‘Eles bateram na mulher’.			

(822)	(wa)	waza	ai-kahɨɾ-kwa
	(Eu)	1FUT.IMP.IRRE	2-bater(PL)-2NSG
	‘Eu baterei em vocês’.		

Similarmente ao que acontece em Xikrín, há uma cisão do caso nominativo-absolutivo Xerente desencadeado por uma mudança circunstancial na sentença, isto é, quando o verbo é modificado por advérbios ou por palavras ou por orações modificadoras, o alinhamento ergativo-absolutivo é acionado. O sujeito de verbos transitivos é expresso então pelos prefixos pessoais – Série B – regidos pela posposição **–-te ~ -t** do caso ergativo, enquanto o objeto é expresso pelos prefixos dessa mesma série contíguo ao verbo. Exemplos:

(823) ĩ-t ø-kmə̃dkɨ kõdi
1-ERG 3-ver NEG
'Eu não o vi'.

(824) sika-te kũmdɨ kahɨr-wawẽ
galinha-ERG capivara bater -INTENS
'A galinha bicou a capivara'. *lit.:* 'A galinha bateu muito na capivara'.

(825) *Sinval*-te wa-kmə̃dɨk kõdi
N. Pes-ERG 1NSG-ver NEG
'Sinval não nos viu'.

(826) tahə̃ mə̃ku ø-te wrĩ kõdi
ele pato 3.ERG matar NEG
'Ele não mata pato'.

(827) wahum-nə̃ mə̃ku ø-te kmẽ wrĩ kõdi
verão-POSP pato 3-ERG PARTT matar NEG
'Ele não mata pato no verão'.

(828) waizaptɔ-nə̃ mə̃ku ø-te kmẽ wrĩ kõdi
lua.cheia-POSP pato 3-ERG PARTT matar NEG
'Na lua cheia, ele não mata pato'.

(829) wanõrĩ məku mərə̃-nə̃ wa-t kmẽ wrĩ kõdi
nós pato noite-POSP 1NSG-ERG PARTT matar NEG
‘Nós não matamos pato à noite’.

(830) wanõrĩ mə̃ku wa-t wrĩ kõdi
nós pato 1NSG-ERG matar NEG
‘Nós não matamos pato’.

A ergatividade é marcada na segunda pessoa pela falta de marcadores da classe A e B. Em orações adverbiais, faltam para a 2ª. pessoa do singular tanto os prefixos pessoais quanto os marcadores pessoais para expressar a ergatividade. No lugar dos prefixos ou marcadores, e também no lugar da posposição ergativa, usa-se ø:

(831) (toka) ø mə̃ku wrĩ kõdi
(você) 2-ERG pato matar NEG
‘Você não mata pato’. (ERG-ABS)

(832) toka tɛza mə̃ku wĩrĩ
você 2 HAB.IMP.IRRE pato matar
‘Você mata pato’. (NOM-ABS)

(833) waitɛm-nə̃ toka ø mə̃ku kmẽ wrĩ kõdi
lua.nova-POSP você 2-ERG pato PARTT matar NEG
‘Você não mata pato na lua nova’.

(834) toka ø kɨ zɛkrẽnẽ kõdi
você 2-ERG água beber NEG
‘Você não bebe água’.

(835) toka tɛza kɨ zɛkrẽnẽ
você 2HAB.IMP.IRRE água beber
'Você bebe água'.

(836) toka tɛza ĩ-prɛkɛ
você 2FUT.IMP.IRRE 1-bater
'Você baterá em mim / Você vai me bater.'

Já para a segunda pessoa do plural, quando numa sentença em que ocorrem palavras adverbiais, o morfema de número –kwa passa a ø e kba:

(837) tokanõrĩ ø kbare karɔ-s-nã kahur-kba kõdi
vocês ERG pequi arroz-CL-COM comer-2NSG-ERG NEG
'Vocês não comem arroz com pequi'.

(838) btɨbɨ tɛza tokanõrĩ-kwa karɔ kahur-kwa kãto wazumzɨ
Todos os dias 2HAB.IMP. IRRE vocês-2NSG arroz comer-2NSG CONJ feijão
'Todos os dias vocês comem arroz e feijão'.

4.6.6 O ergativo-absolutivo e os predicados intransitivos

Em Xerente, assim como em Xikrín (Cabral et alli, 2004), os verbos intransitivos quando modificados por palavra adverbial passam a marcar o sujeito com os prefixos pessoais – marcadores da série B -, conseqüentemente, apresentando-se sem os marcadores nominativos. O *status* do argumento muda de nominativo-absolutivo para absolutivo somente, eliminando as diferenças entre sentenças verbais e não-verbais:

(839)a) wa waza ĩ-n-õkre
Eu 1HAB.IMP.IRRE 1-R3-cantar
'Eu canto'.

(839)b) (wa) ĩ-n-õkre kõdi
(eu) 1-R3-cantar não
'Eu não canto'.

(840) ai-s-õkre kõdi
2-R2-cantar não
'Você não canta'.

(841) ø-wra kõdi
3-correr não
'Ele não corre'.

(842) wa-sakre-ĩ-kõdi
1NSG-correr (PL)-VL- não
'Nós não corremos'.

(843) ĩ-pahi-di
1-medo-PRED
'(Eu) estou com medo'.

(844) ai-pahi-di
2-medo-PRED
‘Você está com medo’.

(845) ø-pahi-di
3-medo-PRED
‘Ele está com medo’.

(846) wa-pahi-kõ-di
1NSG-medo-não-PRED
‘Nós não estamos com medo’.

4.6.6.1 Ergatividade e tempos verbais (contexto de ocorrência)

Em Xerente, a mudança de tempo, aspecto ou modo não interfere na marcação do caso ergativo, como podemos ver nos exemplos a seguir:

Passado

(847) tahə̃ mə̃ku ø-te ø-wr̃i kõdi
ele pato 3-ERG 3-matar NEG
‘Ele não matou o pato’.

(848) ø-te wa-sə̃-m-kõdi
3-ERG 1NSG-ver-CL-NEG
‘Ele não nos viu’.

(849) sika-te kũmdɨ kahɨr-wawẽ
galinha-ERG capivara bater -INTS
‘A galinha bicou muito na capivara’.

Ou :

(850) sika mə̃t kũmdɨ ø-te ø-kahɨr

wawẽ

galinha 3PAS.PERF.REAL capivara 3-ERG 3-bater muito

‘A galinha bicou muito na capivara’.

(*lit.:* No passado galinha e capivara....Ela a bicou muito).

(851) wanõrĩ wat *Sinval* kmədɨk-di arɛ *Sinval*-**te** wa-kmədɨk kõdi

nós 1PAS.PERF.REAL N.Pes ver -PART CONJ N. Pes-ERG 1NSG-ver NEG

‘Todos tínhamos visto o Sinval, mas ele não nos viu’.

(852) nĩwa krɔ ĩ-t ø-dur kõdi

Nunca macaco 1-ERG 3-trazer NEG

‘Eu nunca trouxe macaco’.

Futuro

(853) tahə̃ ø-za məku ø-te ø-wrĩ kõdi

ele 3.FUT.IMP.IRRE pato 3-ERG 3-matar NEG

‘Ele não vai matar pato’. (*lit.:* ‘No futuro ele...ele não matar(á) pato’).

(854) tahə̃ ø-za ø-te wa-sə̃-m-kõdi

ele 3.FUT.IMP.IRRE 3-ERG 1NSG-ver-CL-NEG

‘Ele não vai nos ver’. (*lit.:* ‘No futuro ele...ele não nos ver(á)’).

(855) wa waza wa-t ø-sə̃-m-kõdi

eu 1FUT.IMP.IRRE 1NSG-ERG 3-ver-CL-NEG

‘Nós não vamos vê-lo.’ (*lit.:* ‘No futuro eu, eu não te ver(ei)’).

(856) wa ĩ-t ai-sahɨr kõdi

Eu 1-ERG 2-chamar NEG

‘Eu não vou chamar você’. (*lit.:* ‘Eu...eu não te chamar(ei)’).

(857)	aipɨ	durɛ	ø-te	ø-kre	kõdi
	DIR	novamente	3-ERG	3-plantar	não

‘Ele não vai plantar (algo) de novo’.

Progressivo

(858)	tahə̃	məku	ø-te	ø-wr̃i	kõdi
	ele	pato	3-ERG	3-matar	NEG

‘Ele não está matando pato’.

(859)	məku	ĩ-t	ø-wr̃i	kõdi
	pato	1-ERG	3-matar	NEG

‘Eu não estou matando pato’.

Reflexivo

O marcador de reflexividade *si* pode desaparecer ou não nas sentenças ergativas:

(860)	wa	wato	ĩ-si-nə̃mrə̃
	Eu	1PAS.PERF.REAL.Ev	1-REF-sentar

‘Eu me sentei’.

(861)	wa	ĩ̃-nə̃mrə̃	kõdi
	Eu	1-sentar	NEG

‘Eu não me sentei’.

(862)	wa	wat	ĩ̃-si-shɨri
	Eu	1PAS.PERF.REAL	1-REF-cortar

‘Eu me cortei.’

(863)	wa	ĩ-si-shɨr	kõdi
	Eu	1-REF-cortar	NEG

‘Eu não me cortei’.

Como vemos, nos exemplos anteriores, a ergatividade tem um status MODO-TEMPORAL próprio. Não se aplica a noção de TAMP como ocorre com o padrão nominativo-absolutivo. É como se a ergatividade fosse uma oração encaixada na moldura do nominativo-absolutivo que é o padrão predominante no sistema da língua.

4.6.6.2 Posposição *te*: casos ergativo e genitivo

Como foi dito, a posposição ***te*** é usada também para indicar a função de genitivo (ver seção 4.6.1). O genitivo se caracteriza pela relação estabelecida entre nomes. Um nome será núcleo da construção, enquanto outro será o modificador desse núcleo, obtendo-se, dessa forma, a relação determinante-determinado. Assim, encontramos em Xerente exemplos de construções genitivas:

(864) tə̃-te da-n-nə̃
3-PP PIH-R3-fezes
‘Fezes dele’.

(865) wanõr-te kri
1NSG-PP casa
‘Nossa casa’.

(866) wa-ĩ-te wapsə̃
1-VL-PP cahorro
‘Meu cachorro’ ou ‘O cachorro é meu’.

(867) ai-te ti
2-PP flecha
‘Tua flecha’ ou ‘A flecha é de você’.

Vistos os casos gramaticais, nominativo-absolutivo e ergativo-absolutivo podemos sintetizá-los na tabela a seguir.

Quadro n. 15 - Casos gramaticais da língua Xerente

Termo	Nominativo-absolutivo	Ergativo-absolutivo
Sujeito de verbo transitivo - **A**	Nominativo	Ergativo
Sujeito de verbo intransitivo - **S**	Nominativo	Absolutivo
Objeto direto de verbo transitivo - **O**	Absolutivo	Absolutivo

4.6.7 O caso partitivo – princípios de análise

A língua Xerente não apresenta uma classe para os numerais. Tanto as quantidades quanto as grandezas são expressa por partículas ou pronomes quantificadores, como: ka ‘plural indefinido, quantidade grande’, kmẽ ‘singular indefindo, quantidade pequena’, nha ‘alguns’, prə̃ ‘poucos’ e saktẽ awrɛ ‘grande quantidade’ etc.

Há, contudo, quatro nomes usados como números: smĩsi ‘um, aquele que é só’; ponkwanẽ ‘dois, feito rastro de veado’; mrẽpranẽ ‘três, semelhante ao rasto da ema’; e sikwaĩpse ‘quatro, algo que completa a outra metade, dois pares de dois’. De acordo com Ferrreira (2005), o significado dos nomes usados para expressar noções de numerais deixa transparecer a riqueza do dualismo presente na vida dos Akwẽ. Quanto as demais expressões numéricas, Ferreira afirma que

> os números maiores do que quatro (até o número vinte), os quais não possuem uma denominação própria, são integralmente compreendidos por meio da sensibilidade visual. Além disso, se um determinado número não pode ser dividido em uma quantidade exata de pares, então ele não representa algo completo. (FERREIRA, 2005, p. 224).

Para Belletti (1988), o partitivo é o caso que exprime a parte de um todo. De acordo com Kriger e Kriger (1994), a partícula *kmẽ* da língua Xerente indica uma parte do todo, ela é uma ‘partícula seletiva’ (KRIEGER E KRIGER, 1994, p. 17). Assim, podemos supor que o caso partitivo é acionado quando junto ao argumento verbal se expressam noções numéricas e quantidades, como ilustram os exemplos abaixo:

(868)	wa	wat	kubɨ	kmẽ	wĩ
	eu	1PAS.PERF.REAL	porco	PARTT	matar

‘Eu matei porco (pequena quantidade dentre os que existem)’.

(869)	tahə̃	mə̃t	nha	rɔmsiwamnə̃rĩ	kmə̃dɨk
	Ele	3PAS.PERF.REAL	PARTT	bicho	ver

‘Ele viu alguns bichos (dentre outros)’.

(870)	*Valdir*	mə̃t	ø-ka	wazɨ
	N. Pes	3PAS.PERF.REAL	3-PARTT	roçar

‘Valdir roçou o pasto (grande quantidade de terra)’.

(871)	wanẽku	mə̃t	saktẽ	z-awrɛ	mə̃rĩ	kahu
	Sucuri	3PAS.PERF.REAL	PARTT	R1-PARTT	bicho	comer (PL)

‘A sucuri comeu muitos bichos’.

(872)	prə̃ire	*Apinajé*	*Krahò*	mə̃t	da-kmə̃spaiĩ
	PARTT	N. Pes	N. Pes	3PAS.PERF.REAL	3-ultrapassar

‘Tem menos Apinajé do que Krahò’.

(*lit.:* ‘O número de krahó ultrapassou o pequeno número de Apinajé’).

Em favor do caso partitivo está o fato de que a língua Xerente não apresenta o caso acusativo, isto é, há na língua a generalização dos padrões nominativo-absolutivo, ergativo-absolutivo e entre eles o partitivo. O fato merece ser mais bem estudado para que as conclusões possam emergir dos dados. Por ora, apontamos a possibilidade do caso partitivo e pretendemos continuar o estudo do assunto futuramente.

Na seção seguinte, demonstramos uma breve discussão acerca dos aspectos mais saliente da organização lingüística da ordem dos constituintes nas sentenças da língua Akwẽ-Xerente.

4.7 Reflexão acerca da ordem dos constituintes em Xerente- aspectos preliminares

Nesta seção, esboçamos uma breve reflexão, em âmbito geral, sobre a funcionalidade da ordem dos constituintes nas línguas naturais e procuramos iniciar uma reflexão sobre a ordem em Xerente.

4.7.1 A ordem das palavras na Gramática Funcional

De acordo com os postulados da Gramática Funcional, as generalizações da natureza sintática decorrem necessariamente de generalizações de natureza semântica e pragmática. E, também, há para as línguas em geral diversas ordens variantes dos constituintes e uma dessas tende a ser predominante. Ao consultarmos a literatura sobre a língua Xerente, encontramos afirmações de que a ordem dos constituintes nessa língua é SOV (Nimuendaju, 1942; Mattos, 1973; Krieger e Krieger, 1994).

Afirmações desse tipo, segundo Dik (1989), mostram-nos a tendência de rotulação que os seguidores de Greenberg possuem. Para ele, o emprego de rótulos como VSO, VOS, SVO, SOV como se fossem nomes de tipos lingüísticos holísticos, supostamente unificados, tende a um reducionismo quanto à explicação do uso funcional da ordenação dos constituintes. Nesse sentido, procuramos analisar como é organizada na língua Xerente a ordenação dos constituintes sem a pretensão de rotulá-la como "filiada" a esse ou aquele tipo, mas para entender a produtividade dessa ordenação nos processos de interação dos Xerente.

Os teóricos que se dedicam a estudar a linguagem a partir de um enfoque funcional têm se dedicado ao estabelecimento de "alguns princípios gerais relacionados ao uso da linguagem; e esta é, talvez, a interpretação mais correta do conceito de abordagem funcional"(HALLIDAY, 1973,p 125). No mesmo texto, Halliday aponta que a relação entre as funções da linguagem e a própria língua compõe uma questão tão significativa quanto a anteriormente citada. Nessa direção, a partir de observação desses dois postulados, podemos compreender como é organizada a ordenação dos constituintes.

Segundo Pezatti e Camacho (1997), as regras de colocação atribuem posições aos constituintes da estrutura subjacente na seqüência linear em que eles são atualizados e, com isso, permitem-nos chegar às expressões lingüísticas. Ao observamos esse princípio, podemos afirmar que "a ordem dos constituintes serve como um dos meios através dos

quais relações e funções da estrutura subjacente podem ser formalmente expressas" (DIK, 1989, p. 21).

Conseqüentemente, de acordo com os autores citados, consideram-se as regras de colocação como um mecanismo de expressão, o que equivale, teoricamente, a funcionalidade da ordenação dos constituintes. E a referida postulação teórica nos mostra ainda que as ordens alternativas podem expressar certas distinções nas estruturas subjacentes. Todavia, a Gramática Funcional evita lidar com "transformações de qualquer tipo, as regras de colocação não movem um constituinte de uma posição a outra" (PEZATTI E CAMACHO, 1997, p. 195). O que temos, em decorrência desse princípio, é a ordenação com base funcional e daí, conseqüentemente, temos todas as diferenças de ordenação "como colocações alternativas que são sensíveis, por sua vez, a diferenças na estrutura subjacente da oração" (PEZATTI E CAMACHO, 1997, p. 195).

Por fim, cabe assinalar que a ordenação de constituintes não é uma propriedade profunda das línguas naturais, mas um mecanismo de expressão superficial. Segundo Pezatti e Camacho (1997, p. 195) esse princípio tem conseqüências relevantes:

> (i). não sendo uma propriedade profunda, as estruturas subjacentes de oração das diferentes línguas não diferem necessariamente na ordenação dos constituintes, o que adiciona uma validade trans-sistêmica para a noção de estrutura subjacente e para a adequação tipológica da teoria;
> (ii). não há razão para postular-se uma única ordem básica para uma determinada língua; o que há é a coexistência de diferentes padrões a serem usados em diferentes condições e para diferentes propósitos;
> (iii). não há uma separação entre línguas de ordem relativamente livre e relativamente fixa: nas chamadas línguas de ordem livre, sob o ponto de vista da GF, as regras de colocação veiculam uma carga funcional menor na expressão das relações subjacentes relevantes.

Dessa maneira, como já afirmamos, não há razões para rotular as línguas como VSO, VOS, SVO ou SOV.

Do conjunto dos princípios citados, percebe-se que há uma teoria de ordenação dos constituintes formulada pela Gramática Funcional. Para Pezatti e Camacho (1997, p. 196), essa teoria resulta de três forças principais que interagem entre si:

> (i) a preferência por manter constituintes com a mesma especificação funcional invariavelmente na mesma posição estrutural;
> (ii) a preferência por atribuir certas posições específicas – particularmente, a posição inicial da oração – a certas categorias gramaticais e a constituintes na função de Tópico ou de Foco; e
> (iii) a preferência por uma ordenação de constituintes da esquerda para a direita conforme o grau crescente de complexidade categorial: a posição mais favorável a um pronome é antes de um SN e a de uma oração subordinada, após quase todos os demais constituintes.

Para dar conta dos itens (i), (ii) e (iii) são acrescidos padrões funcionais que a GF estabelece. Esses podem ser inferidos a partir da idéia básica que subjaz à ordem dos constituintes, expressa pela fórmula por nós adaptada de Pezatti e Camacho (1997):

(1) **P2, P1 (V) S (V) O (V), P3**

- Os parênteses indicam posição variável do constituinte **V.**
- S(V)O e SO(V) são esquemas estruturais que incluem também construções com cópulas.
- **P2** é preenchida por TEMA (theme).
- **P3,** ANTITEMA (tail).
- **, ( ), -** [vírgulas] indicam pausas entoacionais**.**
- **P1 -** certas categorias gramaticais,
  Constituintes na função de TÓPICO OU DE FOCO e
  Pronomes.

- A oração subordinada ocorre após quase todos os demais constituintes da oração "principal" (preferencialmente).
- P2 e P3 não devem ser considerados como partes da predicação propriamente dita, mas como constituintes que precedem ou a seguem, estando com ela conectados por razões pragmáticas.
- P2 – Tema – Apresenta um domínio ou universo discursivo para enunciar a predicação subseqüente (preenchido por SN).
- P3 – Antitema - Apresenta um pensamento ulterior à predicação (para esclarecê-la ou modificá-la, também preenchido por um SN).

Quanto à predicação propriamente dita, são relevantes as duas funções pragmáticas de TÓPICO e FOCO. O tópico apresenta a entidade sobre a qual se faz a predicação e Foco apresenta a informação mais saliente da predicação, com respeito a informação pragmática do Emissor ou do Receptor.

Assim, entre as vírgulas, **P1 (V) S (V) O (V),** se encontram os possíveis padrões para a ORAÇÃO propriamente dita, que constitui uma predicação completa, conforme o esquema:

Tema, Predicação, Antitema

P2,	P1 (V) S (V) O (V),	P3
Tema	Predicação	Antitema

4.7.2 A língua Xerente e a ordem dos constituintes

A língua Xerente tem sido considerada como uma língua SOV, como afirmamos. Em nossa estada com os Xerente (desde 1998), constatamos que o padrão mencionado é o mais produtivo, mas que outros padrões também são usados em algumas situações de fala. Como salientamos, numa abordagem funcionalista, não é possível "atrelar" uma língua a um único padrão de ocorrência. Todavia, cabe afirmar que há, variável no tempo e no espaço, uma certa ordem que predomina. Parece-nos que nesse dado momento, a ordem SOV, realmente, é a mais produtiva em Xerente. Assim, é comum que encontremos enunciados como o que se segue:

(873)	tahə̃	mə̃to	amkɛ	wĩ
	ele	3PAS.PERF.REAL.Ev	cobra	matar
	(S)		(O)	(V)

'Ele matou a cobra'.

Essa situação nos fornece algumas informações importantes sobre essa língua e, conseqüentemente, sobre o povo que a tem como traço forte de identidade.

Há, em Xerente – se considerarmos o que dizem Pezatti e Camacho (1997) sobre a teoria da GF, uma preferência por atribuir certas posições específicas de constituintes - um sujeito ou um SN como constituinte que aparece na posição inicial do enunciado. Essa constatação nos remete a uma similaridade entre as línguas Xerente e portuguesa. Daí, podermos afirmar que temos para essa língua um traço gramatical que a aproxima da língua portuguesa atual. Também, no que diz respeito às funções "extra-gramaticais", tanto em Xerente quanto em Português, em se tratando da função de tópico, temos outra coincidência: é muito produtivo nas duas línguas a função de tópico coincidindo com a função de sujeito do enunciado. Segundo Pezatti e Camacho (1997), essa particularidade,

em se tratando da língua portuguesa, fez com que o padrão SV fosse "enrijecido" e ocasionou a mudança de ordem dessa língua de VSO para SVO.

De acordo com os autores (1997), a existência de ordem com o verbo em posição inicial ou do tipo SOV parece correlacionar–se fortemente com vários outros parâmetros tipológicos de ordem dos constituintes.

> Já a existência da ordem SVO não parece se correlacionar particularmente com nenhum outro. Em outros termos: saber que uma língua é VSO ou VOS permite-nos predizer seu valor em relação a outros parâmetros; saber, por outro lado, que uma língua é SVO não nos permite predizer virtualmente nada (PEZATTI E CAMACHO, 1997, p. 212).

Temos observado, em nosso trabalho com os Xerente, o uso alternado (ou variável) dos tipos SOV e SVO nos enunciados produzidos em todas as faixas etárias, desde os *turê* (menininhos) até aos *wawẽ* (velhos). Como sugerem os exemplos:

(874)	*Aldeli*	mət	ĩ-m-kamõ	məñi
	N. Pés	3PAS.PERF.REAL	1-DAT-dar	coisa
	(S)		(V)	(O)

'Aldeli me deu coisas'.

(875)	tahə̃	ambɨ	tɛt	saku	kuzɨ
	Ele	homem	3PROG.IMP.REAL	soprar	fogo
	(S)			(V)	(O)

'Ele está soprando o fogo'.

(876)	waza	simiku	tahə̃
	1FUT.IMP.IRRE	esconder	aquilo

'Eu vou esconder aquilo'.

Podemos, a partir desses exemplos, propor várias explicações para a ocorrência da ordenação SVO. Todavia, queremos só enfatizar que o padrão ocorre na língua Xerente. E salientar que, de acordo com o estudo focado de Pezzati e Camacho, podemos predizer que a língua Xerente pode, em um certo período do tempo, passar ao uso do padrão SVO. Entretanto, também precisaríamos, para essa atividade de predição, ter uma quantidade de dados que nos mostrasse realmente a possibilidade de mudança de padrão e, daí, a partir de

pistas dos próprios dados explicar por que isso pode vir ou não a ocorrer. Todavia, uma das principais considerações que podemos fazer no momento é que a situação de contato em que se encontram os Xerente pode influenciar nas tomadas de decisões acerca de qual ordem usar mais. Esse povo precisa constantemente fazer uso da língua portuguesa para dar conta de sua sobrevivência. E sofrem, constantemente, com os conflitos gerados pela situação de contato. Dessa maneira, parece-nos plausível acreditar que, dada a situação de diglossia, esse processo de mudança pode ser acelerado, uma vez que nos parece que ele já foi desencadeado.

Contudo, no momento, cabe-nos estar atentos para os padrões de ocorrência dos possíveis ordenamentos e perceber neles a intenção comunicativa que os motiva. E, então, poderemos dizer como e quando ocorre essa ou aquela ordenação dos constituintes na língua Xerente. É o que procuramos fazer adiante.

4.7.3 A ordem SOV em Xerente

Como dissemos, a ordem SOV aparece no Xerente com uma alta freqüência. Assim, em /tahə̃ mə̃to amkɛ wĩ /, o sintagma nominal de sujeito, ‘tahə̃’ ocorre em primeira posição, sendo seguido pelo complexo TAM ‘mə̃to’, que marca Tempo Aspecto, Modo e Pessoa na oração. Após o complexo TAM, temos a presença do objeto ‘amkɛ’ e, logo após, o verbo, ‘wĩ’:

(877)	tahə̃	mə̃to	amkɛ	wĩ
	ele	3PAS.PERF.REAL.Ev	cobra	matar
	(S)		(O)	(V)

‘Ele matou a cobra’.

O mesmo acontece nos exemplos seguintes:

(878)	tahə̃	ø-za	pikõ-i-nõr̃i	prɛkɛ
	ele	3HAB.IMP.IRRE	mulher-VL-NSG	bater

‘Ele bate nas mulheres’.

(879)	wa	wat	sika	kmədɨkɨ
	eu	1PAS.PERF.REAL	galinha	ver
	‘Eu vi a galinha’.			

Afirmamos, com base nos exemplos acima e outros tantos de nosso banco de dados, que a língua Xerente apresenta a ordem SOV predominantemente em orações declarativas simples. Essa tendência de predomínio SOV pode ser comprovada ou reforçada por ter seu uso nos demais padrões de ordem vocabular desta língua. As frases intransitivas, as adposições, as construções genitivas, as modificações do nome e os padrões possessivos apresentam padrões de ordem vocabular de núcleo final.

4.7.3.1 Ordem nas orações intransitivas

Nas sentenças intransitivas, o sujeito precede o verbo. Assim, a ordem SV aparece como a mais usada nesse padrão sentencial:

(880)	tokanõrĩkwa	bɨt	ai-sakwar-kwa
	vocês	2PAS.PERF.REAL	2-deitar (DU)-2NSG
	‘Vocês deitaram’.		

(881)	tahə̃	ø-za	ø-mõ(rĩ)
	Ele	3FUT.IMP.IRRE	3-ir, andar
	‘Ele vai andar’.		

4.7.3.2 Adposição e ordem vocabular

De acordo com Greenberg (1963), línguas com núcleo inicial (V-O) tendem a ser preposicionais e línguas com núcleo final (O-V), posposicionais. As posposições Xerente seguem os nomes aos quais se relacionam, portanto, a língua apresenta na adposição núcleo à direita (N-POSP):

(882)	wa	waza	toka-i-mẽ	ĩ-mõrĩ
	eu	1.FUT.IMP.IRRE	você-VL-COM	1-ir
	‘Eu vou com você’.			

4.7.3.3 Adjetivação e genitivos: modificadores nominais e ordem dos constituintes Xerente

Nas línguas SOV, de acordo com Greenberg (1963) e Lehman (1973), os modificadores nominais normalmente precedem o nome que modificam. Em Xerente, essa tendência se confirma quando se trata dos moficadores gentivos. Nas construções genitivas, o genitivo precede o núcleo (G-N), assim, o núcelo fica à direita (exemplo 875). Todavia, quanto aos nomes de conceitos de propriedade (ou de adjetivação), estes ocorrem pospostos ao nome que modificam (exemplo 876):

(883)	pikõ-pa	
	mulher-fígado	
	‘O fígado da mulher’.	

(884)	romwasku	wẽ	mə̃to	wi
	notícia	beleza	3PAS.PERF.REAL.Ev	chegar
	‘Notícia bonita chegou’.			

Greenberg (1963) afirma que o fato do atributo seguir o nome revela uma característica de línguas (V-O), o que acreditamos não se aplicar ao Xerente, ainda que em seu sistema lingüístico o atributo seja usado após o nome. O que pode ser uma explicação

para que o modificador atributivo ou N-cp siga o nome em função de argumento – N – em Xerente é exatamente o comportamento funcional da categoria morfossintática dos nomes que são usados como predicados em Akwẽ. Nessa língua, há um número considerável de nomes que funcionam, via de regra, como predicados, estando, portanto, à direita do nome. Assim, o fato de núcleo à esquerda (N-N-PRED) não seria um indicador de que a ordem Xerente está mudada (ou mudando), mas sim um indício de que a língua opera com subclasses de nomes distintas para codificar as funções de argumento e predicado nas sentenças nominais. Os exemplos em 885 e 886 ilustram a ordem N-N-PRED e sugerem harmonia dentro da ordenação SOV Xerente, no que se refere a nome de conceito de propriedade ou N-cp:

(885) wa mrə̃-di
eu fome-PRED
'Estou faminto'.

(886) tahə̃ ø-pse-di
ela 3-bonita-PRED
'Ela está bonita'.

4.7.3.4 Modificadores e o núcleo O-V

Em harmonia com o padrão (O-V), os demonstrativos Xerente antecedem o nome, o que proporciona a posição à direita ao núcleo (DEM-N):

(887) kə̃hə̃ siktõ kunẽ-di
esta cesta ruim-PRED
'Esta cesta estragada'.

4.7.3.5 Possessivos na ordem

A língua Xerente opera com o padrão possessivo de duas maneiras, o genitivo propriamente dito, visto na seção 4.1.1.1, e a possessão pelo complexo possessivo formado por prefixos pessoais e a posposição possessiva –te, visto em 4.1.1.5. O padrão é aplicado à direita do nome modificado, mantendo, assim, o padrão previsível para línguas que apresentam preferencialmente a ordem SOV:

(888) ĩ-n-ĩm- wakrowde
1-R3-NGR-arco
'Meu arco'.

(889) kai-te wapsə̃
2-PP cachorro
'Teu cachorro'.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, como objetivo do presente trabalho, uma descrição dos principais aspectos da gramática da língua Akwẽ-Xerente (Jê). Nossa preocupação em dar um tratamento amplo aos dados, contemplando, assim, vários aspectos da gramática, tem como meta, principalmente:

i) fornecer uma visão geral da gramática da língua e, com isto, estabelecer bases mais sólidas para a continuidade da investigação científica;
ii) contribuir para os estudos comparativos das línguas da família Jê;
iii) oferecer uma contribuição de conhecimento lingüístico que possa auxiliar na formação de professores-indígenas das escolas Xerente;
iv) contribuir para os estudos da Lingüística; e
v) contribuir com os estudos das línguas indígenas brasileiras.

Ao contextualizar o quadro em que a língua Akwẽ é falada, deparamo-nos com aspectos que imbricam a língua e a organização social do povo Xerente. Há na língua um quadro conceitual que se apresenta no sistema lingüístico e no extralingüístico, particularmente no que se refere às atividades de categorização e referenciação Xerente. Os nomes pessoais, como demonstramos em 1.3.2, servem como um fio condutor para se estabelecer uma lógica às competências lingüísticas e comunicativas do povo Akwẽ, ou seja, a organização social é materializada no sistema lingüístico e este depende sobremaneira dos acordos sociais estabelecidos no seio da comunidade de fala Akwẽ para continuar sua existência com vigor e vitalidade.

No que se refere aos aspectos gramaticais do sistema lingüístico, embora a descrição e análise apresentadas nesta tese estejam longe de ser completas, acreditamos que podem enriquecer nossa compreensão da tipologia de línguas Jê. Consideramos de interesse especial na língua Xerente:

- Predomínio do padrão SOV em sentenças transitivas declarativas simples ou independentes, sendo que a língua se apresenta como posposicional.
- Língua aglutinante.
- Classes de palavras com 7 conjuntos ou categorias, agrupadas neste trabalho em dois grandes blocos: as classes maiores e menores. Em Xerente, nomes e

verbos são classes maiores, enquanto advérbio, posposição, conjunção, pronomes e partículas são menores.

- Nos nomes e verbos há o uso de prefixos relacionais, os quais servem, entre outras funções, de evidência para a filiação da língua ao tronco Macro-Jê e à família Jê.
- O nome pode ser modificado por nomes e/ou pronomes. Há duas subclasses de nomes, os da série I que são usados como argumento ou núcleo de sintagmas nominais e os da série II que podem ser usados como argumento, modificador e predicado.
- O sistema pronominal é constituído de duas séries de elementos: os pronomes livres e os dependentes, sendo que os dependentes apresentam duas categorias, os nominativos e os absolutivos.
- A distribuição dos verbos em três categorias: verbos de formas supletivas, em que há três raízes verbais que se alternam dependendo de fatores sintático-semânticos que dizem respeito às sentenças em que são usados, verbos de formas curtas e longas, os quais são verbos que possuem duas formas que dependem de fatores internos do sistema lingüístico; e verbos de formas invariáveis.
- O verbo constitui o núcleo da locução verbal e normalmente só não ocupa a posição final da sentença se houver uma modificação circunstancial no enunciado. O verbo pode ser modificado por advérbios, pode ser intensificado por *wawẽ* e pode ser negado por *kõdi*.
- As partículas relacionadas às categorias de tempo, aspecto e modo (TAM) encontram-se ao longo do predicado, não sendo codificadas na raiz verbal.
- Construções sintáticas basicamente do tipo sujeito-predicado, com possibilidade de topicalizar o objeto de uma sentença, levando-se este para a primeira posição na sentença, isto é, alterando-se a ordem canônica dos elementos na oração, a qual é Sujeito-Objeto-Verbo (SOV).
- Dois sistemas ou casos gramaticais: o nominativo-absolutivo e o ergativo-absolutivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAR, M. H. **The professional stranger***:* an informal introduction to ethnography. New York: Academic Press, 1980.

AIKHENVALD, A. Y. **Classifiers**: A typology of noun categorization devices. Oxford: OUP, 2000.

_____ _____. **A Grammar of Tariana**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____ _____. **Nouns Classifiers**. Oxford: OUP, 2004.

ALLAN, Keith. **Classifiers**. Language v. 53, p. 285-311, 1977.

ALVES, F. C. **O timbira falado pelos Canela Apãniekrá**: Uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê. Tese de Doutorado. Campinas-SP: Unicamp, 2004.

ANDERSON, J. M. **A notional theory of syntactic categories.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ANDERSON, S. R. Typological distinctions in word-formation. In: SHOPEN, T. (ed). **Language typology and syntactic description**. Clause structure. v. 1. Cambridge: University Press, 1985, p 3-56.

_____. Morphological theory. In: NEWMEYER, F. J. **Linguistic theory**: foundations linguistics: the Cambridge survey. v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. **A morphus morphology.** (Cambridge Studies in linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ANDERSON, S. R. e KEENAN E. L. Deixis. In: Shopen, T. (ed.) **Language Typology and Syntactic Description**. v. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

ANDREWS, A. The major functions of the noun phrase. In: **Language Typology and Syntactic Description**, v. III: Grammatical Categories and Lexicon, ed. By Timothy Shopen., 62-154. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

ATAÍDES, J. M. de. **Documenta indígena do Brasil Central**. Goiânia: Ed. UCG, 2001.

ARTIAGA, Zoroastro. **Dos Índios do Brasil Central**. Uberaba-MG: Gráfica Triângulo, 1947.

BAKER, M. **Incorporation**. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUER, L. **Introducing Linguistic Morphology.** Edinburgh University Press, 1988.

BELLETTI, A. The case of unaccusatives. **Linguistic Inquiry**, 19, 1988. p 1-34.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral**. v. II.Trad. Eduardo Guimarães et al..São Paulo: Pontes, 1989.

_____. **Problemas de Lingüística Geral**. v. I. Trad. Maria da Glória Nova et al.. São Paulo: Pontes, 1991.

BIGONJAL-BRAGGIO, S. L. Sociedades indígenas: a escrita alfabética e o grafismo. In.: BIGONJAL-BRAGGIO, S. L. (org.) **Contribuições da lingüística para o ensino de línguas**. Goiânia: UFG, 1999.

BOAS, Franz [1940]. **A formação da antropologia americana**: 1883-1911: antologia. Trad. Rosaura Maria C. Lima Eichenberg. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da UFRJ, 2004.

BORGES, M. V**. As falas feminina e masculina no Karajá.** Dissertação de mestrado em Letras e Lingüística. Goiânia: UFG, 1996.

BLOM, J. e GUMPERZ, J. J. O significado social na estrutura lingüística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, B. T. (org.) **Sociolingüística interacional:** antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998.

BLOOMFIELD, L. **Language**. London: Allen & Unwin, 1933.

BRAGGIO, S.L.B. **Aspectos Fonológicos e Morfológicos do Kadiwéu.** Dissertação de Mestrado,UNICAMP:Campinas-SP, 1981.

_____ _____. Situação sociolingüística dos povos indígenas de Goiás e Tocantins: subsídios educacionais. **Revista do Museu Antropológico**, v. 1 n.1. Goiânia: UFG, 1992.

_____ _____. Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. **Boletim da ABRALIN**, n. 20 (volume especial dedicado a Aryon D. Rodrigues e organizado por Adair p. Palácio). Alagoas: UFAL, 1997.

_____ _____. Projeto de Formação dos professores indígenas do Estado do Tocantins. Palmas – TO: **Secretaria de Educação e do Desporto do Estado do Tocantins**, 1998a.

_____ _____. Contato entre línguas: subsídios para educação escolar indígena. **Revista do Museu Antropológico**. Goiânia, v. 2, n.1, 1998b. p. 8-38.

_____ _____. A instauração da Escrita entre os Xerente: conflitos e resistências. V JORNADAS INTERNACIONALES DE LENGUAS Y CULTURAS AMERINDIAS, de 8 a 12 de novembro de 1999, na Universitàt de Valencia, Espanha, 1999.

_____ _____. A Instauração da Escrita Entre os Xerente: Conflitos e Resistências. **Revista do Museu** Antropológico.Goiânia v 3/4, n. 1, 2000. p. 9-45.

_____ _____. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. **Revista do Museu Antropológico**. Goiânia, v. 5/6, 2002. p. 9-54.

_____ _____. **Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção: documentação (descrição e análise) e tipologias sociolingüísticas**. Projeto de Pesquisa CNPq, processo 501337/2003-2. Goiânia: UFG, 2003a.

_____ _____. Políticas e direitos lingüísticos dos povos indígenas brasileiros. **Signótica**. Goiânia, v. 14, n. 1, 2003b. p. 129-146.

_____ _____. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção: documentação, tipologias sociolingüísticas e educação escolar. **Atas do II Encontro nacional do GELCO**. Brasília: UnB. Disponível em www.il.unb.br/gelco. 2003c.

_____ _____ Um estudo tipológico sociolingüístico dos Xerente Akwẽ: questões de vitalização. In: BERGEMANN DE AGUIAR, O. (Org). **Região, nação, identidade**. Goiânia: Agepel, 2005a. p. 165-183.

_____ _____Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwẽ: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866), a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004). **Signótica**. Goiânia, v. 17, n. 2, 2005b. p. 251-274.

BRASIL (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional n. 20, de 15-12-1998. 21ª. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRITO, A. N. de. **Nomes próprios**: semântica e ontologia. Brasília: Unb, 2003.

BUENO, F. S. da. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Ed. Lisa, 1987.

BURLING, R.. **Patterns of language**. Structure and Variation. San Diego: Academic Press, 1992.

BUSSE, W. e VILELA, M. **Gramática de valências**. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

BUSTAMANTE, Lea. **Transformações projetivas**: sistemas projetivos. Rio de Janeiro: Eiditora do autor, 1989.

BYBEE, Joan. **Morphology:** a study of the relations between meaning and form**.** Amsterdam: John Benjamin, 1985.

CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. e COSTA, L. S. Notas sobre a ergatividade em Xíkrin. In: **Liames**, n. 4, v. 1. Campinas-SP: Unicamp, 2004. p.7-20.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Princípios de Lingüística geral**- Como introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa. 3 ed. – Livraria Acadêmica: Rio de Janeiro, 1959.

_____ _____.**Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr**. Seleção e introdução por Carlos E. F. Uchoa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

_____ _____. **Dicionário de lingüística e gramática**: referente à língua portuguesa. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____ _____. **Problemas de lingüística descritiva.** 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAMPÊLO, Zacarias. **O índio é assim...**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1957.

CÂNDIDO, Gláucia V. **Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano).** Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp/IEL, 2004.

CARBONI, F. e MAESTRI, M. **A linguagem escravizada**: língua, história, poder e luta de classes. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

CASTILHO, A. T. Perspectivas de estudos das áreas lingüísticas da América latina. **Revista LIAMES**, v. 1, n. 1. Campinas-SP: Unicamp, 2001.

CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. R. e ALENA, C. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

CAVALCANTE, M. P. **Fonologia e morfologia da língua Kaingang**: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná. Tese de Doutorado. Campinas-SP: Unicamp, 1987.

CHAFE, W. **Evidentiality**: the Linguistic Coding os Epistemology. Norwood, NJ: Ablex, 1986.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT Press, 1986.

CHUNG, S. & TIMBERLAKE, A. Time, aspect, and mood. In: **Language Typology and Syntactic Description**, v. III: Grammatical Categories and Lexicon, ed. By Timothy Shopen. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 202 – 257.

CIMI GO/TO. **Kunmã Krẽwatbroze Waskuze -** A história da origem do fogo. Mito Xerente, v. 1. Goiânia: Cimi, 1991.

_____ _____. **Sruru -** Sete Estrelo. Mito Xerente, v. 2. Goiânia: Cimi, 1992.

_____ _____. **Brupahi -** A história da Andorinha. Mito Xerente, v. 4. Palmas: Cimi, 1994.

_____ _____. **Wake Waskuze -** A história do Wakedi. Mito Xerente, v. 5. Palmas: Cimi, 1995.

COMRIE, B. Some General Properties of Reference-tracking Systems. Doug Arnold et al. (eds.) **Essays on grammatical theory and universal grammar**. Oxford: Clarendon Press, 1989. p. 37-51.

_____ _____. Relative clauses. In: **Language Universals and Linguistic Typology**. Chicago: The Chicago University Press, 1981.

_____ Causative verb formation and other-verb-deriving morphology. In: SHOPEN, T. (ed). **Language typology and syntactic description**. v.3. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 309-348.

_____. The syntax of causative construction. In: SHIBATINI, M. (ed) **The grammar of causative constructions.** Syntax and Semantics. Volume 6. Academic Press; London, 1976.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

CROFT, W. **Syntactic categories and grammatical relations**. Chicago: Chicago University Press, 1990.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Concordância verbal de número em Kaingang: algumas pistas. In: **Revista Liames** – Línguas Indígenas Ameríndias n. 1/2001. Campinas: Unicamp, 2004.

DAVIS, Irvine. Comparative Jê Phonology. **Separata de estudos lingüísticos.** São Paulo, 1966.

DERBYSHIRE, D. C. **Hixkaryana and linguistic typology.** Arlington: SIL/University of Texas Press, 1985.

_____. Carib. In: DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD A. Y. (orgs). **The Amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 23-64.

DIK, C. S. **The Theory of Functional Grammar**. Dorderecht-Holland/Providence RI-EUA: Foris Publications, 1989.

DIXON, R. W.: Where have all the adjectives gone? and other essays in Semantics and Syntax. Berlin: Mouton, 1982.

_____ _____. **Ergativity.** Language, v. 55. London, 1979. p 59-138.

_____ _____. **Ergativity.** Cambridge: University Press, 1994.

_____ _____. Semantic role and syntactic functions: the semantic basis for a typology. CLS35: Chicago, 1999.

_____ _____. Adjective classes in typological perspective. In: DIXON, RM.W. & AIKHENVALD, A. **Adjective classes**: a cross-linguistic typology. Oxford: Oxford University Press, 2004. p 1-62.

DOURADO, Luciana G. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)**. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas-SP, 2001.

DUARTE, F. B. Propriedades denotacionais do prefixo relacional de não contigüidade {i-h-} na língua Tenetehara. In: **Estudos lingüísticos**. V. 1. Campinas: Gel, 2005. p. 1194-1199. Disponível em <http//www.gel.org.br>. Acessado em 02 de outubro de 2006.

DUBOIS, D. e MONDANA, L.. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CIULLA, A., RODRIGUES, B. B. e CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1997.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology**. Cambridge, Cambridge: University Press, 1997.

EDWARDS, J. Sociopolitical aspects of language maintenance and loss: towards a typology of minority language situations. In: FASE, W. JASPAERT, K. e KROON, S. (eds). **Maintenance and loss minority languages**. Amsterdam: Benjamins, 1992. pp. 37-54.

ELSON, Benjamin F.; PICKETT, Velma. **Introdução à morfologia e à sintaxe** – Tentativa e experimento. Trad. Aryon D. Rodrigues (e outros). Petrópolis: Vozes, 1973.

FARIAS, Agenor J. T. p. **Fluxos Sociais Xerente** - organização social e dinâmica entre as aldeias. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1990.

FAUSTO, Carlos. Formas sociais e políticas, ontem e hoje. In **Índios do Brasil** 1 – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância, 1999.

FERREIRA, Marília N. O. **Estudo morfossintático da língua Parkatêjê**. Tese de doutorado em Lingüística. Campinas-SP: Unicamp, 2003.

FERREIRA, Rogério. **Educação Escolar Indígena e Etnomatemática:** A Pluralidade de um encontro na tragédia Pós-Moderna. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2005.

FISHMAN, J. A. The Relationship between micro – and macro – sociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when. In **Journal of social issues** (EUA), v. 23, n. 3, 1968. p. 15-31.

FREGE, G. (1892) **Lógica e filosofia da linguagem**. Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978.

GIVÓN, T. **Syntax:** a functional-typology introduction. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

_____. **Syntax**: a functional-typology introduction. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOFFMAN, Erving "A situação negligenciada" in RIBEIRO, Branca Telles (org.). **Sociolingüística interacional**: Antropologia, Lingüística e Sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998.

GONÇALVES, Marco A. **O significado do Nome** – Cosmologia e Nominação entre os Pirahã. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

GRANNIER, Daniele M. **Aspectos da morfossintaxe do Guarani Antigo**. Tese de Doutorado. Maceió-AL: UFAL, 2002.

_____. A natureza dos prefixos relacionais em Guarani. In: RODRIGUES, A. D. e CABRAL, A. S. A. C. (ORGS). **Novos estudos sobre línguas indígenas**. Brasília: Ed Unb, 2005. p. 129-140.

GREENBERG, J. H. Some universal of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, J. H.(ed). **Universals of language**. Cambridge: MIT Press, 1963. p. 58-90.

GRENOBLE, L. A. e WHALEY, L. J. **Endangered languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**: an introduction to bilingualism. Harvard University Press, 1982.

GUDSCHINSKY, Sarah. Fragmentos de Ofaié: a descrição de uma língua extinta. **Série Lingüística 3**. Brasília: SIL, 1974. p. 177-249.

GUIMARÃES, S. G. **Aquisição da escrita e a diversidade cultural**: a prática do professor Xerente. 1996. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 1996.

GUMPERZ, J. (1968) "The Speech Community", in GIGLIOLI, Pier Paolo. **Language and social context** – 6 ed. Ed. Peguin Books –1979.

_____ _____. **Discourse strategies**. 9. ed. New York: Cambridge University Press, 1994.

HALLIDAY, M. As bases funcionais da linguagem. In DASCAL, M.(org). **Fundamentos metodológicos da Lingüística.** São Paulo: Global Universitária, 1973.

HAMEL, R.H. "La Politica del Lenguaje y el Conflito Interétnico", in **Política lingüística na América Latina**, ORLANDI, E. (org.). São Paulo: Fontes, 1988.

HARRIS, A. C & CAMPBELL, L. **Historical syntax in cross-linguistic perspective**. (Cambridge studies in linguistics n. 74). Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HOPPER, Paul. Aspect and foregrounding in discourse. In GIVÓN, T. (ed) **Syntax and Semantic**. v. XII. New York: Academic Press, 1979. p 213-241.

HOPPER, p. e THOMPSON, S. The discourse basis for lexical categories in universal grammar. In: **language**, n. 60. v. 4. 1984. p 703-52.

HYMES, Dell. **Foundations in sociolinguistics** – an ethnographic approach. 9 ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1994.

IBGE – Censo Demográfico – 2000. www.ibge.com.br. (acesso em 08/11/2006)

KATAMBA, F. **Morphology**. London: The Macmillan Press, 1994.

KIBRIK, A. E. **The methodology of field investigations in Linguistics** – Setting up the Problem. Paris: Mouton, 1977.

KRIEGER, W. B. e KRIEGER, G. C. **Dicionário escolar: Xerente-Português-Xerente**. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

KRIPKE, S. A. Naming and necessity. In: DAVIDSON, S. **Semantics of natural language**. USA: Reidel Publishing Company, 1972.

LACHNITT, G. **Damreme'uwaimramidzé** – Estudos sistemáticos e comparativos de Gramática Xavante. Missão Salesiana de Mato Grosso: Campo Grande-MS, 1988.

LEHMANN, W. p. **Syntactic typology**. Austin: University of Texas Press, 1978.

LOBATO, Lúcia M. P (org.). **A semântica na lingüística moderna**: o léxico. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

LOPES DA SILVA, A e FARIAS, A. T. P. Pintura corporal e sociedade: os "partidos" Xerente. In: VIDAL, Lux (organizadora) **Grafismo Indígenas –** estudos de Antropologia Estética. 2 ed. – São Paulo: Studio Nobel:FAPESP: USP, 2000.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **A pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: E. P. U., 1986.

LUNARDI, Elder Antônio. **O Xerente: direito, vida e resistência**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 1997.

LYONS, J. **Semântica**. v. 1. Trad. Wanda Ramos. Editorial presença/Martins Fontes: Lisboa, 1977.

_____ _____ **Introdução à lingüística teórica**. Trad. Rosa V. Matos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Nacional, Edusp, 1979.

_____ _____. **Língua(gem) e Lingüística** – uma introdução. Trad. Marilda Winker Averburg. Rio de Janeiro: Koogan, 1987.

MATTOS, R. de. Fonêmica Xerente. Brasília: SIL, 1973. (Série Lingüística 1).

MAYBURY-LEWIS, David. Some crucial distinctions in Central Brazilian anthropology. **Anthropos**, 60, 1965. p. 340-358.

_____ _____. On Martius' distinction beteween Shavante and Sherente. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo: USP, v. XVI – nova série, 1965/66. p. 16-43.

_____. **A sociedade Xavante**. Trad. Aracy Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

_____. **O selvagem e o inocente**. Trad. Mariza Côrrea. Campinas-SP: Unicamp, 1990.

MCLAUGHLIN, B. **Second language acquisition in childhood**. New Jersey: Hillsdale, 1978.

MATTHEWS, p. H. **Morphology**. Cambridge University Press, 1974.

MELATTI, J.C. **Índios do Brasil**. Brasília: Ed. de Brasília, 1972.

MESQUITA, R. Índios na cidade: a situação sociolingüística dos Xerente de Tocantínia – TO. In: III CONPEEX – Congresso de Pesquisa, ensino e extensão da UFG. Goiânia, 02 a 05 de outubro de 2006. Goiânia: UFG, 2006.

MITHUN, M. The convergence of noun classification system, in: CRAIG, C. (ed) **Noun classes and categorization.** Amsterdam: John Benjamins, 1986.

MORI, Angel C. A língua indígena na escola indígena: quando, para quê e como? Qual é o ensino bilíngüe que interessa aos povos indígenas do Brasil? In III ENCONTRO SOBRE LEITURA E ESCRITA EM SOCIEDADES INDÍGENAS. 12°. COLE – Congresso de Leitura. Unicamp, 20-23.07.1999.

NETTLE, Daniel & ROMAINE, Suzanne. **Vanishing Voices.** The extinction of the word's language. Oxford: Oxford University Press, 2000.

NICHOLS, J. Head-marking and dependent-marking grammar. **Language** n. 61, 1986. p.462- 66.

NIDA, E. A. **Morphology**. The descriptions analysis of words. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1994.

NIMUENDAJÚ, Curt. **The Xerente**. Los Angeles: L. A. Press, 1942.

PALANCAR, E. L. Property concepts in Otomi: a language with no adjectives. In: **IJAL**, vol. 72, n. 3, july 2006. Chicago: University of Chicago, 2006. p. 325-366.

PAYNE, Doris. Noun classification in Yagua. In CRAIG, C. (ed) **Noun classes and categorization.** Amsterdam: John Bnjamins, 1986.

PAYNE, T. **Describing morphosyntax –** a guide for field linguistic. Cambridge: University Press, 1997.

PEZATTI, Erotilde G. e CAMACHO, Roberto G. Aspectos funcionais da ordem dos constituintes, in: **Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 13, n.2, 1997. São Paulo: Unesp, 1997.

PONTES, Eunice. **Espaço e tempo na língua portuguesa**. Campinas: Pontes, 1992.

QUEIROZ, Maria I. p. de. A noção de arcaísmo e a organização social Xerente. In: SCHADEN, Egon (org) **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976.

QUEIXALÓS, F. Posse em Katukina e valência dos nomes. In: RODRIGUES, A. D. e CABRAL, A. S. A. C. (ORGS). **Novos estudos sobre línguas indígenas**. Brasília: Ed Unb, 2005. p. 177-202.

RAMOS, A. Pintura e adornos corporais. In: RIBEIRO, Berta (coord).**Suma etnológica brasileira**. V. 3.: arte índia. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 119-50.

RAPOSSO, E. **Teoria da gramática**: a faculdade da linguagem. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**: a integração das populações no Brasil moderno. Petrópolis: Vozes, 1982.

RIBEIRO, Eduardo Rivail. **Morfologia do verbo Karajá**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 1996.

_____. O marcador de posse alienável em Karirí: um morfema Macro-Jê revisitado. In: **Revista Liames** n. 2, v. 1. Campinas: Unicamp, 2002.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas Brasileiras** – Para o conhecimento das línguas Indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

_____ "Endangered languages in Brazil". In SYMPOSIUM ON ENDAGERED LANGUAGES OF SOUTH AMERICA, Leiden, 1993.

_____. Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê. In: **Reunião Anual da Abralin**, SBPC, julho de 2001. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/abralin/boletim/boletim25_tema14html>. Acesso em 20 de outubro de 2006.

_____. Sobre a possível diferença fonética entre a fala masculina e feminina em Karajá. In: **Liames**, n. 4, v. 1. Campinas-SP: Unicamp, 2004. pp. 115-122.

ROMAINE, S. **Language in society** – an introduction to sociolinguistics. New York: Oxford University Press, 1994.

_____ _____. **Bilingualism**. Cambridge, Mass. : Blackwell, 1995.

ROSCH, Eleanor. Natural Categories. **Cognitive Psychology, 4.** 1973.

SACCONI, L. A. **Minidicionário Sacconi da língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 1996.

SANTOS, Jayme Célio Furtado dos. Morfologia do Substantivo Xerente. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos. v.7, n.21, 2001. Online. URL: <http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(21)08.htm>.Acesso em 21 de julho de 2004.

SANTOS, L. C. **Descrição de aspectos morfossintáticos da língua Suyá (Kisêdjê) Família Jê**. Tese de doutorado. Florianópolis-SC: UFSC, 1997.

SAPIR, E. **A linguagem**- Introdução ao estudo da fala. Trad. Mattoso Câmara Jr.. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. Trad. Antônio Chelini et al.. São Paulo: Cultrix, 1986.

SCHACHTER, P. Parts-of-speech system. In: SHOPEN, T. (ed.) **Language Typology and Syntactic Description.** Clause Structure. v. I. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SEKI, Lucy. Os Krenak (Botocudo Borum) e sua língua, in: Atas do I Congresso de Lenguas Indígenas de Sudamérica, tomo I. Universidad Ricardo Palma: Lima-Peru, 2000a.

_____. **Gramática do Kamaiurá**- Língua Tupi-guarani do alto Xingu. Editora da Unicamp: Campinas-SP e Imprensa Oficial: São Paulo, 2000b.

SIQUEIRA, Kênia M. de Freitas. **Aspectos do substantivo na língua Xerente**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2003.

_____. Descrição e análise do sistema classificatório lexical da língua Xerente. In: III CONPEEX – Congresso de pesquisa, ensino e extensão da UFG. Goiânia, 02 a 05 de outubro de 2006. Goiânia: UFG, 2006.

SILVA, Samuel M. Morfologia (de)pendência estrutural sistemática. In: MARI, H., DOMINGUES, I. e PINTO, J.. **Estruturalismo** - memória e repercussões. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

SOUSA FILHO, Sinval M. **Aquisição do Português Oral pela Criança Xerente**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2000.

_____. Morfossintaxe da língua Akwẽ-Xerente (Jê). In: BRAGGIO, S. L. B. **Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção: documentação (descrição e análise) e tipologias sociolingüísticas**. Projeto de Pesquissa CNPq, processo 501337/2003-2. Goiânia: UFG, 2003.

_____. Princípios de análise dos classificadores nominais em Xerente. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional do GELCO. Goiânia: UFG, 2003.

_____. Construções possessivas em Akwẽ-Xerente (Jê). Trabalho apresentado no 52º. Seminário do GEL. Campinas-SP: Unicamp, 2004a.

_____. Aspectos morfossintáticos do nome Xerente (Jê). Trabalho apresentado em Colóquios Lingüísticos do Museu Antropológico. Goiânia: UFG, 2004b.

_____. Aspectos morfossintáticos da língua Xerente. **I CONPEEX** - I Congresso Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG. Goiânia: UFG, 2004c.

_____. Categorias morfossintáticas e semânticas do nome xerente: número, gênero e grau. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN** (4.: 2005) / Anais do IV congresso internacional da ABRALIN. -- Brasília: [s.n.], 2005. p. 671-680.

_____. Nome próprio e Referenciação Xerente. In: **Revista todas as letras.** São Paulo: Mackenzie, 2007. (no prelo)

SOUZA, Shelton L. Fonologia Segmental da língua Xerente. In: SIMPÓSIOS INTEGRADOS DE LETRAS – Linguagem: múltiplos olhares. Goiânia, 05 a 07 de outubro de 2005. Goiânia: UFG, 2005.

SPENCER, A. **Morphological Theory**. Basil Blackwell, 1991.

TAYLOR, J. **Linguistic categorization**: prototypes in linguistic theory. Oxford: Claredon Press, 1989.

TOCANTINS, G. E. **Governo do Estado do Tocantins** – On line. In <<http//www.to. gov.br>>, acessado em 13.07.2005.

URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Manuela C. (org) **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras/Fapesp, 1992. p. 87-102.

_____Ergativity and Accusativity in Shokleng (Gê). **IJAL**. v. 51, n. 2. 1985. p. 164-187.

VALIN JR., R. D. Van. **An introduction to syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

VIEIRA, R. P. F. **O papel da língua nativa na aquisição de uma segunda língua escrita na escola indígena Xerente, Waikarnãse**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Araweté** – os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. **Araweté –** o povo do Ipixuna. São Paulo: CEDI, 1992.

WIKIPEDIA, P. T. In: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/ imagem:tocantins_municip_ tocantinia.svg>>, acessado em 09.03.2007.

ZWICKY, Arnold. Clitics and particles. **Language** 61:2, 1985.

ANEXOS

Anexo 1

Trecho da narrativa sobre o surgimento do fogo (1ª. parte)

kunmə̃ krẽwatbrɔzɛ[24]waskuzɛ ‘a história (do aparecimento) do fogo’.

1) ahɨmrɛ-hə̃ akwẽ nə̃t krtakra kmẽ sə̃# kurbɛ kre-wa

antigamente (há muito tempo)-ENF Xerente 3PAS.PERF.REAL arara.vermelha PARTT ver, achar # pedra, caverna buraco-ABES

‘Antigamente, um índio Xerente achou uma (dentre os grupos da espécie) arara vermelha... dentro da pedra’.

2) ø-te ø-kmə̃dkɨ kõdi

Ela-ERG 3-ver NEG.

‘Ela não o viu’.

3) tarɛ nə̃t ø-wapa krda kra-mə̃ ø-te dasa kaire

CONJ 3PAS.PERF.REAL ouvir 3-ouvir arara filho-DAT 3-PP comida alimentar (?)

‘Então, ele ouviu a arara dar a comida de seu filhote’.

4) nə̃t ø-waihuk rdum pse-nə̃# arɛ aipɨ krẽwa kri-tmẽ

3PAS.PERF.REAL 3-ir nascer.penas bonita-EVD# CONJ DIR voltar (SG) casa-ALA

‘Ele foi e viu que estavam nascendo penas bonitas # Aí, ele voltou para casa (casa dele)’.

5) arɛ kə̃rewa so satõ

CONJ cunhado procurar levar

‘Aí, ele levou o cunhado para procurar’.

[24] Ou krə̃iwatɔbrɔzɛ na fala dos mais velhos (é importante registrar a variação para entender a formação da palavra = krə̃= cabeça, i=VL, watɔbrɔ = aparecer, zɛ=nominalizador).

6) arɛ ai-kə̃re krta[25]-zo wa[26]-nẽmə̃.

CONJ 2-cunhado arara-CAUSA 1NSG-ir (DU)

‘Ai, ele e seu cunhado foram em busca da arara’.

7) arɛ ĩ-kə̃rewa saze # are # arɛ so ti-nẽ.

CONJ 3-cunhado ir # ir (DU) # CONJ procurar 3-ir (DU)

‘Aí, os cunhados foram # foram os dois # E os dois foram procurar’.

8) arɛ t-si-mə̃sis kurbɛ-kmə̃ # arɛ wde kmẽ ta kə̃rebba-mə̃ ø-tê kmə̃ saikur-da

CONJ 3-REF (?)pensar caverna-sobre # CONJ pau PARTT arrancar cunhado-DAT 3-ERG CAUS (?) subir-PRPS

‘Aí, pensaram como subir na caverna# e cortaram um pau para o cunhado subir (cunhado marido da irmã # irmão da mulher)’.

9) arɛ tmə̃ ø-sə̃ # arɛ so saiku

CONJ DAT ver # CONJ procurar subir

‘Ai, ele viu o pau e procurou subir’.

10) arɛ nə̃t wde twidu

CONJ 3PAS.PERF.REAL pau tirar

‘Aí, ele tirou o pau’.

11) arɛ kurbɛ bbarə̃-nə̃ ø-sə̃ kə̃rebba-wi

CONJ caverna lado oposto-ABES 3-colocar cunhado-MAL

‘Ai o cunhado, sem consentimento, colocou o pau no outro lado da caverna’.

12) arɛ issakmõ mõ aipɨ kri-tmẽ

CONJ -(?) ir DIR casa-ALA

‘Aí o cunhado voltou pra casa’.

[25] Mantivemos a variação de /t/ e /d/ na palavra krta ~ krda por ainda não conhecer o que motiva tal variação.
[26] Ao usar wa= 1NSG, o narrador se coloca como um dos personagens (ou, outra hipótese seria pensar em hierarquia pessoal (?)).

13) btɨkahawi nə̃t huku ĩkwaĩba ø-mõ

dois.dias.passados 3PAS.PERF.REAL onça certo 3-ir

‘Depois de dois dias, uma onça veio certa na direção dele’.

14) to rɔmhɨrɛ nə̃t kwatbremĩ huku sə̃

CIT de.longe 3PAS.PERF.REAL menino onça ver

‘De longe, o menino viu a onça’.

15) to ĩ-papra hemba wi nə̃t huku nmĩ zawẽ

CIT 3-embaixo vir 3PAS.PERF.REAL inça DIR olhar

‘A onça veio pra baixo da caverna e olhou pra cima’.

16) arɛ ø-sə̃ kwatbrɛmĩ ĩ-sakɔ kurbɛ-nsĩm-hə̃

CONJ 3-ver menino 3-sobre caverna-em.cima-ENF

‘Aí, ela viu que o menino tava bem em cima da caverna (mesmo/ênfase)’.

17) arɛ mə̃to sikra kwatbrɛmĩ

CONJ 3PAS.PERF.REAL.Ev descer menino

‘Aí, ela desceu o menino’.

18) to huku nə̃t wde tmə̃ sə̃ # ø-te kmə̃ sikra-da

CIT onça 3PAS.PERF.REAL pau DAT colocar# 3-ERG CAUS(?) descer-PRPS

‘A onça colocou o pau para ele. Para ele (poder/causa sua?) descer’.

19) arɛ ø-sikra

CONJ 3-descer

‘Aí, ele desceu’.

20) arɛ tmə̃ ø-mrẽ # arektɔ ĩ-n-rõwa-ku

CONJ DAT 3-dizer # vamos 1-R3-casa-ALA

‘Aí, ela lhe disse: ‘Vamos para minha casa’.

Anexo 2

Padi waskuzɛ ‘a história do tamanduá’

A História do Tamanduá Bandeira anexada nesta tese foi gravada em Miracema – TO, no dia 20/04/2004, juntamente com a professora Daniele Grannier. O auxiliar de pesquisa, Sisdazê, 40 anos (*15/08/1965), contou a história que foi gravada. Depois, ele nos auxiliou na transcrição e tradução das sentenças.

Mantivemos toda a tarefa feita a fim de proporcionar uma visão do contexto real em que os dados foram colhidos. Há, em meio à narrativa, um diálogo entre Sisdazê e sua filha.

Plavras-chave:

/ nrõihɨ / ‘fita de tucum’

/ wasari / ‘cocoquinho do tucum’

/ siknõ / ‘cofo’

/ wawẽ / ‘velha’

/ ĩsrdu ~ ishdu / ‘neto/a’

/ pikõ / ‘mulher’

/ tare / ‘menina’

/ krebdu/ ‘menino (rapaz)’

/ baknõ / ‘moça’

/ bakda / ‘moça’

/ kwatbrɛmĩ / / krebdu / ‘menino de 8 a 10 anos’

/ wapsə̃ / ‘cachorro’

/ krsiwamnə̃rĩ / ‘transformou-se em bicho’

1. / waza wasku ai-te padi /
   1FUT.IMP.IRRE contar 2-PP tamanduá
   >>> ‘Eu vou contar (falar) do tamanduá (a história)’.

2. / waza wasku ai-te padi mə̃r-hawi si-wamnə̃rzɛ /
   1FUT.IMP.IRRE contar 2-PP tamanduá aparecer-de Pr-transformar
   >>> ‘Vou contar a história como surgiu a tamanduá’.

3. / smĩsi məˀt wawẽ mõ sirsdu-mẽ aikuwa mi-zo mõ /

uma 3PAS.PERF.REAL velha ir neto-COM mato lenha-CAUSA ir

>>>>’Uma velha foi com o neto buscar lenha no mato’.

4. / mi ø-te ø-kadur pibumə̃ /

lenha 3-ERG 3-carregar PRPS

>>> ‘Foram apanhar lenha (*lit.:* ‘A lenha, eles foram para pega-la’)’.

5. / arɛ ti-nẽm kwatubrɛmĩ-mẽ /

aí 3-ir (DU) criança-COM

>>>‘Foram os dois, ela com o menino’.

6. / arɛ ti-nẽm tinẽm arɛ wawẽ mi tkrekanhɨr /

CONJ 3- ir- DU 3-ir- DU CONJ velha lenha cortar

>>> ‘E foram, foram e aí a velha cortou a lenha’. (iteratividade...)

7. / ø-te ø-kanhɨr ø-te ø-kanhɨr ø-te kanhɨr pari məˀt nrʊ̃ĩhɨ sda tkuihɨ wawẽ /

3-ERG 3-cortar 3-ERG 3-cortar 3-ERG cortar depois 3PAS.PERF.REAL fita INCOA começar velha

‘Cortou-a, cortou-a, cortou-a e depois a fita de buriti começou a aparecer na velha’.

8 / tapari məˀt nrõihɨ t-kre-kawazu t-kre-kawazu t-kre-kawazu /

depois 3PAS.PERF.REAL fita 3-?- tirar 3-?-tirar 3-?-tirar

>>> ‘Depois ela começou tirar a fitra de buriti, tirar, tirar...’.

9. / t-kre-kawazui t-kre-kawazuĩ-rɛ məˀt ĩ-sisdu t-waka /

3-?-tirar 3-?-tirar-enquanto 3PAS.PERF.REAL 3-neto 3-preguiça

>>>‘Tirar, tirar enquanto o neto estava com preguiça (nada fazia)’.

10. / arɛ ĩ-sisdu satõ hĩikda# ĩ̃-nətkɨ, arektɔ aipɨ kri-tmẽ /

CONJ 1-neto ordenar avó avó (VOC), EXORT voltar casa-ALA

>>>‘Aí, o neto ordenou a avó: “vovó vamos voltar pra casa”’.

11. / arɛ wawẽ mrẽ # adu wawasi-re /

CONJ velha falar # espera, daqui.a.pouco-DIM

>>> ‘Aí, a avó falou: “espera, daqui a pouquinho”’.

12. / arɛ kwatbrɛmĩ mrẽ # waza krẽwa-i-nĩ /

CONJ menino falar # 1FUT.IMP.IRRE voltar-VL-1NSG

>>> ‘Aí, o menino falou: “vamos voltar!”’.

13. / arɛ kwatbrɛmĩ ø-nmĩpar /

CONJ menino 3-esperar

>>> ‘Aí, o menino esperou’.

14. / arɛ wawẽ kikde kmə̃ sbirə̃ /

CONJ velho cupim (?) começar

>>>‘Aí, a velha começou no (sobre o capim?) capim’.

15. / tɛt t-kre-kapɔk /

3PROG.PERF.REAL 3-INCOA-despedaçar

>>>‘Começou a tirar pedaços’.

16. / arɛ kɨkte wamhã zɨmhu t-kre-kmẽsi /

CONJ cupim dentro inseto 3-INCOA-comer

>>> ‘Ela começou a comer os insetos que estavam dentro do cupim’.

17. / tanẽsnə̃ mə̃toza wawẽ t-si-wamnə̃r /

CONJ 3PAS.PERF.Ev.FUT velha 3-Pr-transformar

>>>’Enquanto comia (no mesmo instante), a velha se transformava em bicho’.

18. / nrɔihɨsu to ĩ-sahi /

fita.de.tucum rasteiro COP 3-cabelo

>>> ‘A fita é o cabelo dela (da velha)’.

19. / tɔktɔ ø-za ø-si-wamnə̃rzɛ pku mə̃t kwatbrɛmĩ tpahi /

agora 3-FUT.IMP.IRRE 3-Pr-bicho perto 3PAS.PERF.REAL criança 3-medo

>>> ‘Agora, ela se transformando perto da criança e a criança fica com medo’.

20. / arɛ ti-ssusi ø-s-rõwa-ku /

CONJ 3-correr 3-R2-casa-ALA

>>> ‘Aí, ele correu pra casa dele’.

21. / ø-wsi pari mə̃t ĩ-sepakwa –mə̃ ksimə̃za wawẽ mə̃t ø-si-wamnə̃rĩ /

3-chegar depois 3PAS.PERF.REAL 3-mãe-DAT contar velha 3PAS.PERF.REAL 3-Pr.-bicho

>>> ‘Ele chegou e depois contou para a mãe que a velha tinha se transformado em bicho’.

22. / mə̃t k-si-padi /

3PAS.PERF.REAL -?-Pr.-tamamduá

>>> ‘Ela tinha virado tamanduá’.

23. / twa hɨrɛ mə̃t akwẽnõrĩ kr-si-krẽ kõdi /

CONJ amanhã 3AS.PERF.REAL índios INCOA(?)-REF-reunir NEG

>>>’Assim, na manhã do dia seguinte, os índios não se reuniram’.

24. / arɛ hɨrɛ wapsə̃ -te ø-simrõ /

CONJ amanhã cachorro-PP 3-levar

>>> ‘Aí, o cachorro dela levou os índios’.

25. / arɛ wapsə̃nõri padi simə̃ sə̃ /

CONJ cachorros tamanduá - ver

>>>’Aí, os cachorros chegaram nela (na velha) e viram-na’.

26. / arɛ tahə̃ padi wapru mə̃t k-si-wanə̃r k-si-padi pes /

CONJ aquele tamanduá sangue 3PAS.PERF.REAL -Pr.-bicho -Pr.-tamanduá certo

>>> ‘Aí, aquele tamanduá cheio de sangue era o bicho tansformado, era o tamanduá transformado’.

.....

Fala de Sisdazê com uma filha dele, a Brupahi, 09 anos:

/ aisĩmĩpari /

2-esperar

‘Espera um pouco!’.

/ tapari tɛza ø-kmẽsi /

CONJ 3FUT.IMP.IRRE comer

‘Depois você vai comer’.

.....

27. / tahə̃ wat tɔktɔ wat ø-smrõ /

ele 1PAS.PERF.REAL agora 1PAS.PERF.REAL 3-matar (PL)

>>>‘Aquele, agora eu vou matá-lo (o bicho)’.

28. / tambɨ /

PART. CONCL.

‘Acabou!’.